

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

ANDRÉ LUIZ DE CASTRO SILVA NASCENTE

ENUNCIADOS IMAGÉTICOS DE LIDERANÇAS NEOPENTECOSTAIS
BRASILEIRAS NO INSTAGRAM: DISCURSO, POLÍTICA E FÉ

UBERLÂNDIA
2025

ANDRÉ LUIZ DE CASTRO SILVA NASCENTE

ENUNCIADOS IMAGÉTICOS DE LIDERANÇAS NEOPENTECOSTAIS
BRASILEIRAS NO INSTAGRAM: DISCURSO, POLÍTICA E FÉ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos – Curso de Doutorado
em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e
Linguística da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial para obtenção
do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e
Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Linguagem, sujeito e discurso

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne

UBERLÂNDIA

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

N244 Nascente, André Luiz de Castro Silva, 1981-
2025 Enunciados Imagéticos de Lideranças Neopentecostais
Brasileiras no Instagram [recurso eletrônico] : Discurso, Política e
Fé / André Luiz de Castro Silva Nascente. - 2025.

Orientador: Vinícius Durval Dorne.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-
graduação em Estudos Linguísticos.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2025.303>

Inclui bibliografia.

1. Linguística. I. Dorne, Vinícius Durval, 1987-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos
Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Tese de Doutorado - PPGEL				
Data:	Quinze de maio de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:00
Matrícula do Discente:	12113ELI004				
Nome do Discente:	André Luiz de Castro Silva Nascente				
Título do Trabalho:	Enunciados Imagéticos de Lideranças Neopentecostais Brasileiras no Instagram: Discurso, Política e Fé				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, sujeito e discurso				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Identidades em (dis)curso(s): sentidos (im)possíveis para os sujeitos				

Reuniu-se, na sala 209, bloco U, campus Santa Mônica, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta pelos Doutores: Cleudemar Alves Fernandes - UFU; Israel de Sá - UFU; Bruno Franceschini - UFCat; Antônio Fernandes Júnior - UFCat; Vinícius Durval Dorne - UFU, orientador da Tese.

Iniciando os trabalhos, o presidente da mesa, Dr. Vinícius Durval Dorne, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Vinicius Durval Dorne, Professor(a) do Magistério Superior**, em 16/05/2025, às 15:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Franceschini, Usuário Externo**, em 16/05/2025, às 16:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Israel de Sá, Professor(a) do Magistério Superior**, em 16/05/2025, às 16:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cleudemar Alves Fernandes, Professor(a) do Magistério Superior**, em 16/05/2025, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ANTONIO FERNANDES JUNIOR, Usuário Externo**, em 31/05/2025, às 19:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6346604** e o código CRC **CFA32A49**.

AGRADECIMENTOS

Confesso que escrever estas palavras é tão ou até mais desafiador do que ter desenvolvido esta tese. Ao tentar revisitar os anos de doutorado e expressar minha gratidão, é como percorrer as memórias de um período marcado por dores, lutas, superação e edificação profunda em minha vida. Escrevo com lágrimas nos olhos.

DEUS é - e sempre será - o primeiro a receber a minha gratidão, em tudo! A ELE toda a honra, glória, louvor, adoração e total devoção. ELE me tirou do vale da sombra da morte, libertou-me da perdição, orienta-me diariamente, ama-me desde sempre e está comigo em todos os momentos. Palavras não são suficientes para expressar a essência do que sinto. Viver segundo a vontade d'ELE é a decisão que transforma a vida para melhor! Como afirmou o apóstolo Paulo: “viver é Cristo, e morrer é lucro” (Filipenses 1:21).

Além d'ELE, uma pessoa que DEUS colocou em minha vida - imperfeita como eu e como todos nós, mas perfeita aos meus olhos e ao meu coração - merece toda a minha gratidão. A ela também dedico esta conquista: minha esposa, Gercilaine. Ela é o amor da minha vida, a quem amo integralmente; minha melhor amiga, minha parceira, minha confidente. Virtuosa, sábia, fiel, bondosa, piedosa, paciente, diligente, abençoada, temente a DEUS, digna de plena confiança, honrada, uma mãe maravilhosa - uma mulher que verdadeiramente edifica o lar. Há quase vinte anos somos um só, e devo a ela - às suas orações, exortações, conselhos, ao seu amor e cuidado - a alegria e a honra de estar aqui: edificado, amando e sendo amado, na alegria e na dor. Juntamente com os nossos filhos, Ana Clara e Samuel, afirmo: eles são o que verdadeiramente importa na vida. Te amo, meu amor! Amo vocês, meus filhos!

Meu profundo agradecimento ao meu pai, Agentil, e à minha madrasta, Cirley, que sempre acreditaram em mim e caminham ao meu lado. À minha saudosa mãe, Sibeles, que partiu em 2022, mas da qual guardo as mais belas lembranças e o testemunho de um amor incondicional. Aos meus sogros, Oneida e Tabajara, pelo carinho, acolhimento e apoio constante. À Igreja Presbiteriana Central de Uberlândia, especialmente ao pastor Fabrício Baltazar, pelas orientações e pelo zelo espiritual.

Sou grato ao meu orientador, professor Vinícius Dorne, pela sensibilidade, competência e ensinamentos ímpares que me aperfeiçoaram como pesquisador e analista nos Estudos Discursivos Foucaultianos. Você é incrível! Ao PPGEL, aos seus professores e colaboradores, minha gratidão por todo o ensino e suporte ao longo dessa jornada. Aos professores Antônio Fernandes Júnior, Bruno Franceschini, Marcelo Marques, Israel de

Sá e Cleudemar Fernandes, minha sincera gratidão pelo apoio em cada fase da pesquisa - da concepção à conclusão desta tese. Todos vocês são referências acadêmicas que marcaram minha trajetória. Aos colegas do programa e do LEDIF, agradeço pelas trocas, pelos aprendizados e pela convivência fraterna.

Aos colegas e diretores do Cajubá Country Club, em especial ao diretor Fernando Antônio de Freitas - Fernandinho -, minha gratidão pelo apoio e incentivo constantes, que foram fundamentais para que eu pudesse perseverar e chegar até aqui.

A todos que participaram, direta ou indiretamente, desta jornada: muito, muito obrigado!

Finalizo com um trecho do “Hino de Gratidão”:

“Graças, graças, mil graças,

A ti, meu Salvador!

Graças, graças, mil graças,

Por teu precioso amor!”

“A boca fala do que está cheio o coração”
(Mateus 12:34)

RESUMO

A interseção entre religião e política foi reconfigurada na contemporaneidade pelo uso de imagens presentes em *posts* na rede social digital Instagram. Este trabalho, fundamentado teórica e metodologicamente nos Estudos Discursivos Foucaultianos explora as relações entre religião, política e mídia. O objetivo geral é analisar como os enunciados imagéticos presentes em postagens de líderes neopentecostais no Instagram objetivam os sujeitos pastores e os fiéis, especialmente na relação desses com a política, no cenário das eleições presidenciais de 2022. Desta forma, o estudo busca mostrar como se constitui e funciona o enunciado imagético na rede social digital Instagram; historicizar o surgimento e a presença do discurso neopentecostal na sociedade brasileira; levantar as condições de possibilidade – históricas, discursivas e de poder – que implicam a entrada do religioso na mídia digital; discutir as discursividades religiosa, midiática e política a partir de uma arqueologia das imagens, avaliando o aspecto verbal como um elemento de funcionamento, de delimitação de redes de sentido e de práticas de leitura. A pesquisa se concentra em revelar como os sujeitos são objetivados pelas postagens a partir de três trajetos temáticos constituídos ante uma leitura discursiva prévia de mais de 500 postagens feitas pelos líderes no mês de outubro de 2022, se configurando, posteriormente, em 143 postagens publicadas na última semana do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras do mesmo ano: o “Sujeito Espiritual”, o “Sujeito Neoliberal” e o “Sujeito Político”. São analisadas postagens de sete líderes neopentecostais: Edir Macedo, R.R. Soares, Sônia Hernandez, Robson Rodovalho, Valdemiro Santiago, Agenor Duque e Silas Malafaia. As análises revelam que as postagens preconizam a salvação e a bênção divina, atreladas ao espaço público, especificamente, às decisões políticas. As publicações se constituem de imagens, textos verbais e outros elementos visuais que produzem efeitos de verdade, moldam práticas sociais e inferem no governo das condutas dos fiéis, de modo a consolidar os modos de sujeição dos religiosos a posicionar os fiéis a apoiarem o então candidato, Jair Bolsonaro, como representante ideal dos valores defendidos pelos neopentecostais. Constata-se a seguinte tese: ao operar em um campo no qual religião, política e mídia se entrelaçam, os enunciados dos líderes materializam o Discurso Religioso Neopentecostal na Mídia Digital (DIRNEOMID) que reforça preferências políticas, mobiliza afetos, crenças e práticas em torno de um projeto de poder e de governo de condutas. O poder exercido pelos líderes neopentecostais não apenas orienta as decisões de voto, mas também constituem uma subjetividade histórica, política, espiritual e social para os fiéis.

Palavras-chave: Religião. Governamentalidade. Poder. Política. Instagram.

ABSTRACT

The intersection between religion and politics has been reconfigured in contemporary times using images found in posts on the digital social network Instagram. This study, grounded both theoretically and methodologically in Foucaultian Discourse Studies, explores the relationships among religion, politics, and media. The overall objective is to analyze how the imagetic enunciations present in Instagram posts by neopentecostal leaders objectify both the pastors and the faithful, particularly in relation to politics, in the context of the 2022 Brazilian presidential elections. In this way, the study aims to show how the imagetic enunciation operates and is constituted within the digital social network Instagram; to historicize the emergence and presence of neopentecostal discourse in Brazilian society; to identify the conditions of possibility - historical, discursive, and related to power - that enable the entrance of religion into digital media; and to discuss religious, media, and political discursivities through an archaeology of images, evaluating the verbal component as a functional element that delimits networks of meaning and reading practices. The research focuses on revealing how subjects are objectified by the posts through three thematic paths, constituted after a preliminary discursive reading of over 500 posts made by the leaders in October 2022, and later narrowed down to 143 posts published during the final week of the second round of that year's Brazilian presidential elections: the "Spiritual Subject," the "Neoliberal Subject," and the "Political Subject." Posts by seven neopentecostal leaders are analyzed: Edir Macedo, R.R. Soares, Sônia Hernandes, Robson Rodovalho, Valdemiro Santiago, Agenor Duque and Silas Malafaia. The analyses reveal that the posts advocate salvation and divine blessing, tied to the public sphere - specifically to political decisions. The publications consist of images, verbal texts, and other visual elements that produce truth effects, shape social practices, and influence the governance of the faithful's conduct, ultimately consolidating mechanisms of subjection that position believers to support the then-candidate Jair Bolsonaro as the ideal representative of values upheld by neopentecostalism. The thesis established is the following: by operating in a field in which religion, politics, and media are intertwined, the leaders' enunciations materialize the Neopentecostal Religious Discourse in Digital Media (DIRNEOMID), which reinforces political preferences, mobilizes affections, beliefs, and practices around a project of power and conduct governance. The power exercised by neopentecostal leaders not only guides voting decisions but also constitutes a historical, political, spiritual, and social subjectivity for the faithful.

Keywords: Religion. Governmentality. Power. Politics. Instagram.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Advec	Assembleia de Deus Vitória em Cristo
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CP	Confissão Positiva
CSGC	<i>Center for the Study of Global Christianity</i>
DEM-SP	Democratas de São Paulo
DIENEOMID	Discurso Religioso Neopentecostal na Mídia Digital
IAPTD	Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus
IIGD	Igreja Internacional da Graça de Deus
IMPD	Igreja Mundial do Poder de Deus
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
OTEAL	Ordem dos Teólogos Evangélicos da América Latina
PENTHIS	Pentecostalismo Histórico
PFL	Partido da Frente Liberal
PHM	Protestantismo Histórico de Missão
PHMIG	Protestantismo Histórico de Migração
PI	Pentecostalismo Independente
PIR	Pentecostalismo Independente de Renovação
PL	Partido Liberal
PP	Partido Progressista
PR	Protestantismo de Renovação
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB-MG	Partido Trabalhista Brasileiro de Minas Gerais
SNT	Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra
TP	Teologia da Prosperidade
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Conexões históricas entre as denominações neopentecostais lideradas pelos sujeitos de pesquisa	29
Imagem 2 – <i>Print</i> da postagem feita pelo pastor Silas Malafaia em 03 de outubro de 2022	55
Imagem 3 – <i>Print</i> da postagem feita pela bispa Sônia Hernandez em 01 de outubro de 2022	57
Imagem 4 – <i>Print</i> da postagem feita pelo apóstolo Agenor Duque em 31 de outubro de 2022	68
Imagem 5 – Principais motivos para usar a Internet no Brasil	88
Imagem 6 – Plataformas de redes sociais digitais mais usadas no Brasil	89
Imagem 7 – Plataformas de redes sociais digitais favoritas dos brasileiros em janeiro de 2024	90
Imagem 8 – Tempo médio de uso das redes sociais digitais no Brasil	90
Imagem 9 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Valdemiro Santiago em 13 de outubro de 2022	97
Imagem 10 – <i>Print</i> de postagem pela líder Sônia Hernandez em 28 de outubro de 2022	104
Imagem 11 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Agenor Duque em 16 de outubro de 2022	107
Imagem 12 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Silas Malafaia em 13 de outubro de 2022	109
Imagem 13 – <i>Print</i> de postagem pela líder Sônia Hernandez em 26 de outubro de 2022	110
Imagem 14 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Agenor Duque em 01 de outubro de 2022	112
Imagem 15 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Robson Rodovalho em 01 de outubro de 2022	117
Imagem 16 – O Verde-Amarelismo revelado pelos líderes neopentecostais na última semana da campanha eleitoral – 2º turno – das eleições presidenciais em 2022 em postagens publicadas no Instagram	126
Imagem 17 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Edir Macedo em 27 de outubro de 2022	142
Imagem 18 – <i>Print</i> de postagem pelo líder R.R. Soares em 27 de outubro de 2022	146
Imagem 19 – <i>Print</i> de postagem pela líder Sônia Hernandez em 25 de outubro de 2022	149
Imagem 20 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Robson Rodovalho em 30 de outubro de 2022	152

Imagem 21 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Agenor Duque em 30 de outubro de 2022	156
Imagem 22 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Silas Malafaia em 29 de outubro de 2022	159
Imagem 23 – <i>Print</i> de postagem pela líder Sônia Hernandes em 31 de outubro de 2022	164
Imagem 24 – <i>Print</i> de postagem pelo líder R.R. Soares em 26 de outubro de 2022	166
Imagem 25 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Robson Rodovalho em 29 de outubro de 2022	169
Imagem 26 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Valdemiro Santiago em 31 de outubro de 2022	172
Imagem 27 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Agenor Duque em 27 de outubro de 2022	176
Imagem 28 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Silas Malafaia em 30 de outubro de 2022	179
Imagem 29 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Silas Malafaia em 28 de outubro de 2022	185
Imagem 30 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Edir Macedo em 30 de outubro de 2022	188
Imagem 31 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Valdemiro Santiago em 24 de outubro de 2022	190
Imagem 32 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Robson Rodovalho em 30 de outubro de 2022	193
Imagem 33 – <i>Print</i> de postagem pelo líder R.R. Soares em 31 de outubro de 2022	195
Imagem 34 – <i>Print</i> de postagem pela líder Sônia Hernandes em 31 de outubro de 2022	198
Imagem 35 – <i>Print</i> de postagem pelo líder Agenor Duque em 29 de outubro de 2022	200

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Lideranças neopentecostais brasileiras no Instagram	30
Tabela 2 – Denominações comandadas pelos líderes no Instagram	31
Tabela 3 – Número de postagens publicadas pelos líderes neopentecostais no Instagram na última semana do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras em 2022	32
Tabela 4 – Religiões no Brasil	44
Tabela 5 – Postagens feitas na conta oficial dos líderes neopentecostais no Instagram na última semana do segundo turno das eleições presidenciais de 2022	136

SUMÁRIO

1	RELIGIÃO, MÍDIA DIGITAL E POLÍTICA: AS CONDIÇÕES DE EMERGÊNCIA DESTA PESQUISA	16
2	A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO NEOPENTECOSTALISMO	35
2.1	As identidades pré-neopentecostais	37
2.2	O Pentecostalismo e o Neopentecostalismo	43
2.3	A Teologia da Prosperidade: um <i>locus</i> de abundância	53
2.4	As condições de possibilidade para a entrada do neopentecostalismo na mídia digital	61
3	A IMAGEM ENQUANTO INSTRUMENTO DE CONVERSÃO E CONEXÃO	72
3.1	A imagem: linguagem e representação	77
3.2	O Instagram: o consumo e suas verdades	86
4	A RELAÇÃO MÍDIA-POLÍTICA-RELIGIÃO E O NEOLIBERALISMO	101
4.1	O Neoliberalismo, o Neopentecostalismo e o Governo das Condutas	105
4.2	O Governo das Condutas a partir da materialidade discursiva fotográfica	116
4.3	O verde-amarelismo e o neoliberalismo: uma reflexão da divisão social brasileira	121
5	DISCURSIVIDADE VISUAL NA CONEXÃO POLÍTICA, MÍDIA E RELIGIÃO	129
5.1	Líderes religiosos que constituem o <i>corpus</i>	130
5.1.1	<i>Edir Macedo</i>	130
5.1.2	<i>R.R.Soares</i>	130
5.1.3	<i>Sônia Hernandes</i>	131
5.1.4	<i>Robson Rodovalho</i>	132
5.1.5	<i>Valdemiro Santiago</i>	133
5.1.6	<i>Agenor Duque</i>	134
5.1.7	<i>Silas Malafaia</i>	134

5.2	Uma análise discursiva da objetivação dos fiéis	135
5.2.1	<i>Sujeito Espiritual</i>	138
5.2.2	<i>Sujeito Neoliberal</i>	162
5.2.3	<i>Sujeito Político</i>	183
5.3	Algumas considerações	203
6	O DISCURSO RELIGIOSO NEOPENTECOSTAL NA MÍDIA DIGITAL: CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES	205
	REFERÊNCIAS	210
	ANEXOS	220

1- RELIGIÃO, MÍDIA DIGITAL E POLÍTICA: AS CONDIÇÕES DE EMERGÊNCIA DESTA PESQUISA

A interseção entre religião e política tem sido um palco de complexas dinâmicas e intrigantes funcionamentos nos últimos anos. Líderes religiosos e figuras políticas têm se entrelaçado, moldando destinos, crenças das sociedades. Machado (2006) ressalta que a religião e a política seriam campos a se repelirem em razão de suas características. Entretanto, segundo o autor, são estruturas que produzem discursos que orientam as pessoas e suas comunidades, além de colaborarem para com a promoção de mudanças ou continuidades de comportamentos ou práticas sociais.

Nesse batimento histórico envolvendo a religião e a política, há uma ferramenta poderosa que redefiniu a relação entre esses dois pilares da sociedade: a mídia, em especial as imagens nas plataformas digitais. Através da lente da câmera, amplia-se o alcance e o conhecimento do que acontece com igrejas e líderes religiosos. Não raro vemos imagens envolvendo pastores, bispos ou apóstolos ao lado de líderes políticos. São manifestações, dissidências e momentos de resistência, provocando reflexões sobre o equilíbrio delicado entre dogmas espirituais e agendas político-partidários.

Mar Asset (2025) indica que, em 2022, 32,1% da população se identificava como evangélica. Podemos assim supor que de os evangélicos são um grupo coeso, com pensamentos e objetivos uniformes. No entanto, não há homogeneização. Afinal, eles estão divididos em diversas denominações, tornando-se um grupo religioso bastante heterogêneo. O autor ainda aponta estimativas indicando que, até 2026, os evangélicos representarão 36% da população brasileira

Segundo Matos (2006, p.38) a partir das décadas de 1950 e 1960, surgiu uma onda pentecostal, caracterizada por práticas como evitar assistir televisão ou consumir bebidas alcoólicas. No entanto, uma grande transformação ocorreu no final dos anos 1970, com o surgimento dos neopentecostais, que adotaram uma abordagem mais voltada para a prosperidade material. Essa mudança de mentalidade, centrada no sucesso financeiro e no empreendedorismo, atingiu significativamente, à época, as camadas em situações de vulnerabilidade social, que perceberam na igreja uma oportunidade de progresso. Em um momento em que as classes mais baixas estavam ascendendo socialmente no Brasil, esse discurso de prosperidade ressoou fortemente.

Concomitantemente a esse contexto - especialmente nos últimos anos -, tem-se observado uma participação cada vez mais frequente de evangélicos na eleição de pastores para

diversos cargos dos poderes Executivo, Legislativo e, em menor escala, Judiciário. Essa atuação se intensifica ainda mais por meio do engajamento de lideranças de algumas das maiores igrejas neopentecostais brasileiras, particularmente na rede social digital Instagram, com postagens centradas em temas políticos. A presença de líderes evangélicos no Legislativo e no Executivo de diferentes estados e municípios, somada à sua atuação expressiva na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, mostra o poder de mobilização desse grupo entre os brasileiros e consolida sua relevância como um agente político influente na conjuntura atual.

Diante desse cenário e inseridos nos Estudos Discursivos Foucaultianos é que surge o problema que norteia e guia nossas reflexões: “Como os enunciados imagéticos presentes em postagens de líderes neopentecostais na rede social Instagram, discursivamente, objetivam os sujeitos pastores e os fiéis, especialmente na relação desses com a política no período da eleição presidencial de 2022?”. Em decorrência da pergunta decorrem algumas outras. Como as imagens são construídas e funcionam nos posts de redes sociais digitais de líderes neopentecostais? Qual a memória discursiva do ‘ser pastor’ no período pré-instagram? Quais discursos sobre a política e a condução das condutas dos fiéis são construídos a partir das materialidades fotográficas? Como essas imagens produzem efeitos de verdades sobre e para a figura do líder religioso? De que modo acontece a articulação do discurso religioso com o político? Quais as condições de possibilidade para o aparecimento desse tipo de discurso religioso?

Os questionamentos nasceram do interesse em compreendermos a crescente utilização da mídia digital a partir das imagens bem como da relação entre o discurso religioso e a política, recaindo nas condutas de uma significativa parcela de brasileiros nas eleições para a presidência da República Federativa do Brasil em 2022. De acordo com Ebert e Soboll (2009)¹, entre as funções dos pastores, estão a realização de cultos, funerais, casamentos, batismos, incluindo o atendimento, aconselhamento e apoio junto aos seus fiéis nas mais diversas áreas. Segundo Nascimento (2008, s/p), os pastores devem desenvolver funções como a proclamação dos escritos bíblicos (Pregação, Ensino e Aconselhamento), o cuidado espiritual dos fiéis (visitação e oração), administração e liderança da igreja. Essa tese tem como princípio basilar os estudos sobre discurso, religião e mídia, que são caracterizados, sobretudo, como um empreendimento interdisciplinar.

¹ O trabalho pastoral numa análise da psicodinâmica do trabalho. <<
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000200016 >> Acesso em 08.fev.2024.

Este trabalho é fruto de uma percepção no cotidiano pessoal que amplifica a pesquisa que desenvolvemos no Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação pela UFU (SILVA, 2016). À época, analisamos os eixos argumentativos registrados em sequências discursivas com origem nos discursos enunciados por sujeitos pastores da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, doravante SNT, em sermões, pregações, propaganda ou mensagens com a finalidade de entender a produção e a compreensão de sentidos do discurso religioso na mídia radiofônica e televisiva.

Ao acompanharmos esse cenário em que a relação religião-política-mídia segue cada vez mais em evidência, este trabalho surge de uma percepção/incômodo deste pesquisador frente às postagens de conteúdos diversos na rede social digital Instagram de algumas lideranças cristãs evangélicas² neopentecostais brasileiras. As postagens de pastores, bispos e apóstolos são constituídas por fotografias, vídeos e ilustrações acompanhadas de legendas em textos que compartilham temas variados, não exclusivamente de cunho puramente religioso. Os *posts* também contam com abordagens voltadas à formação de lideranças, empreendedorismo, relacionamentos interpessoais, promoção de vendas, merchandising, serviços assistenciais e com uma recorrência elevada de conteúdos relacionados à política, especialmente nas eleições presidenciais no ano de 2022.

Percebem-se as condições históricas de possibilidade, emergência e consolidação da relação entre mídia, religião e política no universo digital, incluindo a crescente e efervescente aproximação entre Estado e religião no Brasil - fenômeno que se intensificou especialmente na última década. Como destaca Mariano (2020), o Brasil se sobressai como um exemplo notável da ascensão política evangélica em toda a América Latina e, possivelmente, em escala global. Esse movimento teve início, de forma mais evidente, no final da década de 1980 e início da década de 1990, quando algumas igrejas pentecostais passaram a se engajar oficialmente na promoção de candidatos, alcançando resultados eleitorais expressivos para seus representantes.

Segundo Casarões (2020), o projeto de poder de alguns grupos evangélicos encontra sua realização na política. Embora o envolvimento dos religiosos na disputa partidária seja antigo – datada da década de 1960 – período em que a denominação pentecostal “O Brasil para Cristo”, fundada pelo pastor Manoel de Mello e Silva, conseguiu eleger um deputado federal e um estadual – foi durante o processo da redemocratização que as igrejas passaram a ocupar os

² O termo evangélico, inserido nesta tese, é uma categoria sociológica que se refere ao “campo religioso formado pelas denominações cristãs nascidas na e descendentes da Reforma Protestante europeia do século XVI. Designa tanto as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista e Batista) como as pentecostais (Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção)”.

espaços legislativos. O autor destaca ainda que, abandonando o isolamento político que caracterizou a evolução do protestantismo no Brasil, as lideranças adotaram o tema “irmão vota em irmão”.

Mariano (2020) enfatiza que os deputados evangélicos, em sua maioria, filiam-se a partidos de orientação política de centro-direita ou direita. Observa-se, cada vez mais, a presença de parlamentares evangélicos que já não se identificam com as tradições do protestantismo histórico, mas sim com o pentecostalismo ou o neopentecostalismo, frequentemente oriundos de grandes igrejas dessas vertentes. A ascensão de líderes evangélicos na política ocorre, em grande medida, a partir de um grupo oriundo das igrejas pentecostais, especialmente do movimento conhecido como neopentecostalismo, surgido no Brasil em meados da década de 1970.

A partir dos apontamentos apresentados acima, exercido em segmentos midiáticos, especialmente das imagens, na relação entre religião e política, mediada pela lente da câmera, continua a desafiar nossa compreensão das relações de forças que atuam sobre a sociedade. Desta forma, nosso trabalho tem como objetivo geral analisar como os enunciados imagéticos presentes em postagens de líderes neopentecostais no Instagram buscam, discursivamente, objetivar os sujeitos pastor e fiéis, especialmente na relação desses com a política, no cenário das eleições presidenciais de 2022.

Quanto aos objetivos específicos, a pesquisa pretende mostrar como se constitui e funciona o enunciado imagético na rede social digital Instagram; historicizar o surgimento e a presença do discurso neopentecostal na sociedade brasileira; levantar as condições de possibilidade³ que implicam a entrada do religioso na mídia digital; discutir as discursividades religiosa, midiática e política a partir de uma arqueologia das imagens, avaliando o aspecto verbal como um elemento de funcionamento, de delimitação de redes de sentido e de práticas de leitura.

Várias pesquisas científicas confirmam que a religião continua a ser um fenômeno experimentado pelo homem em suas diversas culturas e formas sociais, apresentando o dinamismo histórico que o qualifica como referência. As religiões são frequentemente alvo de contestações e acusações de fundamentalismo ou irracionalidade. De acordo com um relatório do *Center for the study of global Christianity*⁴ (CSGC), ligado à Universidade de South

³ Para Florence (2001), corresponde em buscar entender quais as condições históricas, discursivas e de poder que possibilitam a emergência de certos tipos de conhecimentos, sujeitos e objetos.

⁴ Reconhecido como uma das fontes mais definitivas de informação empírica sobre o Cristianismo, o Centro para o Estudo do Cristianismo Global (CSGC) do Seminário Teológico Gordon-Conwell serve como um recurso para

Hamilton, em Massachussets, nos Estados Unidos, em 2013, 88% da população mundial afirmou-se adepta de algum tipo de religião. Para Mariano (2020), a efervescência religiosa, em especial no Brasil, conta com um número cada vez maior de evangélicos e os meios de comunicação estão cada vez mais chegando aos lares das pessoas com mensagens religiosas que trazem esperança, fé, amor, união, sabedoria, confiança e alento.

Um outro dado relevante é o resultado apresentado pelo Instituto Barna⁵ (2017, s/p), que analisou a importância da Internet no trabalho eclesiástico. A mesma pesquisa foi realizada no ano 2000. Na ocasião, 26% dos pastores pesquisados disseram que a igreja precisava estar presente na Internet para manter a sua eficácia. Esse número pulou para 54%. Resultado, entre outras coisas, da frequente popularização das redes sociais digitais e dos *smartphones*. Talvez, por isso, 47% dos pastores concordam, segundo a pesquisa, que a tendência é o crescimento do número de pessoas que vão vivenciar a sua fé exclusivamente por meio da Internet nesta terceira década do novo milênio.

Deste modo, nota-se que o foco desta pesquisa recai sobre a materialidade discursiva imagética presente nas postagens dos líderes neopentecostais na rede social digital Instagram. Por meio de perfis oficiais e contas pessoais, igrejas e líderes religiosos conseguem se conectar diretamente com milhões, transcendendo barreiras geográficas e culturais. O Instagram se tornou um palco para a expressão de opiniões, crenças e agendas, permitindo que líderes religiosos promovam suas mensagens espirituais enquanto políticos expõem suas políticas. Por meio dessa janela visual, os internautas podem testemunhar momentos históricos e refletir sobre as complexidades de diferentes relações, dentre elas, a religiosa e a política.

Em 2023, uma pesquisa⁶ revelou que o Instagram tinha mais de 113,5 milhões de usuários no Brasil até o final de dezembro de 2022, ficando atrás apenas do WhatsApp e do YouTube. A pesquisa também mostrou que os brasileiros passavam em média 3 horas e 46 minutos por dia nas redes sociais. Levando em conta que 22,1% da população brasileira é evangélica, estimamos que pelo menos 25 milhões de brasileiros evangélicos estavam ativos nas redes sociais digitais.

professores, estudantes, ex-alunos, estudiosos de religião visitantes, líderes religiosos, missiólogos e jornalistas. De natureza interdisciplinar, o CSGC integra religião, história, sociologia, antropologia, linguística, missiologia, demografia e outras disciplinas no estudo do Cristianismo global. Fonte: <https://www.gordonconwell.edu/center-for-global-christianity/about/history/>. Acesso em 09.fev.2024.

⁵ É uma empresa de pesquisa focada na interseção fé e cultura. Foi criada em 1984 em Ventura, Califórnia. <<https://www.barna.com/about>> Acesso em 14 ago.2022.

⁶ Disponível em <<https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>> Acesso em 09.fev.2024.

Em sua pesquisa, Gerardi e Mariano (2019) destacam a relevância do ativismo religioso⁷ nas redes sociais digitais, especialmente em sua capacidade de gerar pânico moral, com ênfase na atuação de um dos líderes analisados nesta investigação.

[...] Silas Malafaia, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, apontou seu canhão digital contra o petista. Acusou-o de ser o autor do “Kit Gay”, “essa cartilha do inferno para destruir nossas crianças”, e ao PT “de ser a favor de erotizar as crianças em escolas. (Gerardi e Mariano, 2019, p.69)

A menção feita pelos autores destaca o poder do influenciador evangélico e das redes sociais digitais na vida cotidiana contemporânea. Afinal, o pastor é, conforme argumentam Silva e Tessarolo (2016), uma figura que se sobressai nas redes sociais, sendo capaz de envolver, influenciar e mobilizar muitos seguidores, estabelecendo uma comunicação direta com seu público.

A ascensão dos evangélicos na mídia pode ser compreendida dentro de uma condição histórica de possibilidade, articulada a diversos fatores socioeconômicos, culturais e políticos. No contexto brasileiro, tal ascensão está relacionada a um conjunto de transformações ocorridas ao longo do tempo, como a redemocratização do país, o crescimento das igrejas neopentecostais e a popularização das novas tecnologias de comunicação, especialmente as redes sociais digitais. A migração dos evangélicos para o campo midiático também pode ser interpretada como uma estratégia de ampliação de sua presença social e política, visando à disseminação de crenças, valores e agendas por meio de programas de televisão, rádio, internet e redes sociais. Ademais, a mídia frequentemente se mostrou receptiva aos discursos e interesses dessas lideranças religiosas, contribuindo para a amplificação de suas vozes e para o fortalecimento de sua visibilidade e legitimidade na esfera pública. Entretanto, é necessário reconhecer que essa ascensão também suscita questionamentos acerca do papel da mídia na construção e reprodução de estratégias discursivas religiosas, bem como sobre os limites entre a liberdade religiosa e a laicidade do Estado.

Conforme Mariano e Gerardi (2019), o engajamento político desse segmento religioso tem se ampliado e se tornado mais expressivo nas últimas décadas. Essa dinâmica não se limita ao contexto brasileiro, sendo observada também em outros países da América Latina. De acordo com os autores, em 2018, seis nações latino-americanas (incluindo o Brasil) realizaram eleições

⁷ De acordo com Rogério (2024), o Ativismo Religioso consiste em promover práticas individuais ou de grupos que buscam promover e defender suas crenças religiosas mediante a alguma ação pontual. Pode ser desde campanhas de conscientização até a participação em movimentos diversos, sejam eles sociais, ambientais ou políticos.

presidenciais. Em todas, independentemente dos resultados, foi evidente a participação e o apoio de grupos conservadores evangélicos a determinados candidatos.

Os evangélicos, por princípio religioso, têm como missão a divulgação de sua fé, a ser realizada por qualquer meio de comunicação disponível, o que fomenta uma postura missionária de proselitismo - isto é, a simplificação do enunciado com vistas à conversão de pessoas. Segundo Sousa (2004), algumas condições favoreceram, nos últimos anos, uma maior aproximação entre os evangélicos e a mídia, contribuindo para a consolidação desse cenário. Nesse contexto, destacam-se as igrejas neopentecostais, cuja atuação tem sido especialmente marcante.

Esse grupo religioso tem apresentado imagens com as suas preferências políticas e intervindo no comportamento de uma significativa parcela da população brasileira. Destacamos aqui, especialmente, as denominações que contam com forte presença nos meios de comunicação. Dentre elas estão a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD, 1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD, 1980), a Igreja Renascer em Cristo (1986), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (SNT, 1992), a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD, 1998), a Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (IAPTD, 2006) e a Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC, 2010).

Essas denominações fazem uso sistemático dos meios digitais para disseminar suas mensagens, incluindo suas preferências de cunho político. Seus líderes fundadores assumem a linha de frente na condução e ênfase dessas mensagens, veiculadas não apenas pela mídia eletrônica tradicional, mas, sobretudo, pelas redes sociais digitais. Estas têm se consolidado como espaços privilegiados para a proliferação de conteúdos que transitam do campo religioso ao político-partidário. Fotografias e composições imagéticas estruturadas com elementos verbo-imagéticos de conteúdo político tornaram-se cada vez mais recorrentes, sendo amplamente difundidas por uma parcela significativa de lideranças religiosas que reúnem milhões de fiéis, tanto em templos físicos quanto nos ambientes digitais - especialmente na rede social digital Instagram.

Neste cenário, Hoover (2014, p.48-49) reflete que a mídia opera cada vez mais como um mercado e como há mais e mais demanda por religião e espiritualidade, o suprimento das mídias tem aumentado. Tal aumento significa, para o autor, que a religião e a espiritualidade estão cada vez mais disponíveis fora das fronteiras do tradicionalismo.

Segundo o sociólogo e estudioso das religiões neopentecostais Mariano⁸ (2020), as denominações, além de majoritárias no universo protestante, protagonizam nos meios de comunicação de massa o ativismo político partidário eleitoral e a própria expansão do grupo religioso no Brasil. De acordo com Castro⁹ (2024), o ativismo político promove o engajamento de causas e movimentos que buscam transformar a realidade social e política em que vivemos, desde manifestações pacíficas até o envolvimento em campanhas eleitorais.

Mariano (2020) relata que a acelerada expansão dos neopentecostais se deve ao eficiente e vigoroso proselitismo levado por leigos. Enfatiza que as denominações sucedidas exploram os anseios das camadas mais pobres da população, adaptando o discurso religioso à sua realidade material e cultural, e provendo-lhes sentido e repertórios simbólicos que possibilitam a ressignificação da própria subjetividade. Oferecem, ainda, apoio terapêutico, assistencial e emocional aos fiéis; estabelecem padrões de comportamento e moralidade; prometem bênçãos materiais, libertação do sofrimento e soluções divinas para males psíquicos, afetivos, familiares, de saúde e financeiros - dentre outras questões que serão abordadas ao longo desta pesquisa.

Nesse sentido, Prandi (1999) destaca que estudar a religião é fundamental, uma vez que sua presença pode contribuir significativamente para uma melhor compreensão da sociedade, especialmente diante de suas dificuldades mais profundas. Assim, a presente investigação se volta para as práticas discursivas contemporâneas em ambientes digitais, compreendendo-as como dispositivos que produzem novos modos de territorialização. Nesses processos, as redes digitais não apenas se sobrepõem ao espaço físico, mas também reconfiguram as relações de saber e poder, criando regimes de verdade que (re)constituem o sentido do lugar e do pertencimento.

Vale frisar ainda a importância de uma pesquisa relacionada à religião no âmbito da fotografia e de imagens produzidas digitalmente. Ao longo do século passado, novas instituições, práticas e tecnologias de comunicação alteraram radicalmente nosso mundo, a partir da disseminação e penetração de novos meios de contato, coordenação e intercâmbio entre atores sociais tanto próximos quanto distantes, possibilitando a comunicação de “todos” com “todos”. A rapidez dos acontecimentos e as mudanças em todas as áreas da vida social, inclusive no campo religioso neopentecostal, revelam que as relações face a face com o líder religioso deixaram de ser a única referência.

⁸ Os Evangélicos na sociedade e na política. < https://www.youtube.com/watch?v=CSzupLqu_18 > Acesso em 01.fev.2024

⁹ CASTRO, Felipe. Ativismo político: como se tornar um cidadão mais engajado. **Rabisco da História**. Disponível em: <https://rabiscodahistoria.com/ativismo-politico-como-se-tornar-um-cidadao-mais-engajado>. Acesso em: 02 dez.2024.

De acordo com Mariano (2014), a transição da ditadura para a democracia, a urbanização acelerada e o crescimento das periferias urbanas criaram um cenário de incertezas e instabilidades. Assim, o neopentecostalismo começou a expandir como uma resposta, segundo o autor, às demandas específicas de grupos sociais que buscavam práticas religiosas mais dinâmicas, personalizadas e conectadas com as experiências cotidianas. As relações se realizam atualmente por meio de postagens que contam com enunciado semiológico¹⁰ – vídeos, textos e imagens - nas redes sociais digitais.

Com o advento da era digital, o alcance da imagem atingiu um novo patamar de complexidade, inclusive na relação entre religião e política. Ela alterou fundamentalmente a maneira como interagimos com as informações, incluindo aquelas relacionadas à religião e política. O poder da imagem digital foi ampliado, permitindo que sujeitos, líderes políticos e religiosos compartilhem momentos, discursos e eventos em tempo real, alcançando audiências globais instantaneamente.

Nas últimas duas décadas, as pesquisas envolvendo a religião e a mídia têm reunido vários estudiosos de diversas disciplinas tais como a antropologia, as ciências da religião, a comunicação e os estudos do discurso. Stolorow (2014) reforça que

[...] a primeira coisa que podemos dizer sobre a ascensão da religião e mídia como uma área de pesquisa é o seu pressuposto fundamental de que não pode haver nenhuma maneira de compreender totalmente o reposicionamento atual da religião do mundo moderno sem levar em conta os modos pelas quais as questões religiosas estão sendo reorganizadas e redefinidas pelas práticas, processos e sistemas de mídia moderna. (Stolorow, 2014, p.148).

O autor aponta que tais pesquisas são consequências do que ele chama de “profusão global” de novas técnicas de aquisição do conhecimento do meio realizados em cenas sociais que se encontram fora dos locais institucionais habituais da prática religiosa - a Internet -, além do alcance das autoridades religiosas tradicionais – por meio das redes sociais digitais.

Historicamente, a imagem sempre foi um elemento importante da e na humanidade. Desde as pinturas rupestres pré-históricas até as selfies digitais de hoje em dia, a imagem ou a comunicação visual conforme mencionado há muito tempo por Munari (2008 [1974], p.75), tem sido uma parte integral da experiência humana. Walter Benjamin, em sua obra "A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica" (1935), discute como a reprodução em massa de imagens alterou fundamentalmente a "aura" e o valor da arte original. Segundo Kossoy (2001),

¹⁰ Segundo Chartier (2001), entende-se como a menor parte de uma mensagem que pode ser analisada e interpretada em um contexto específico. Essa unidade pode ser qualquer elemento que transmita uma significação.

a imagem não ultrapassava o limite do olhar do sujeito a partir do seu campo de visão em um dado espaço.

O ato do saber e do conhecer era referenciado em impressões em superfícies pontuais, inacessíveis à maioria dos sujeitos. Ficava limitado a um conjunto de glifos, elevados a textos verticais e estes dominaram por muitos séculos o processo informacional dos fatos sociais. Kossoy (2001) destaca que a prensa de Gutemberg, de 1456, acelerou efetivamente esse processo. Com a revolução industrial, no século XVIII, e o advento da daguerreotipia no século XIX, as imagens começaram a ganhar um caráter mais técnico, ou seja, passaram a ser produzidas por aparelhos. Flusser (2002) afirma que, por ser um instrumento, o aparelho acaba se tornando um prolongamento do corpo do homem. A relação entre o ser humano e o aparelho passou a acontecer.

Sontag (2004 [1977]) argumenta que a imagem materializada pela fotografia assumiu um novo papel como um meio de documentação e de representação da realidade. A fotografia não apenas permitiu que momentos fossem capturados e preservados, mas também moldou a percepção pública de eventos e pessoas, tornando-se uma ferramenta poderosa para a religião e para a política. Posteriormente, com o surgimento da televisão e, depois, da internet, a imagem tornou-se ainda mais predominante.

Nessa tese estabelecemos a relação entre o discurso, a mídia e a religião cristã evangélica neopentecostal ou o que chamamos de Discurso Religioso Midiático Neopentecostal (DIRNEOMID). São poucas as pesquisas desenvolvidas sobre esse campo que está gradativamente sendo estudado por diferentes correntes acadêmicas, dentre eles, a comunicação, a sociologia, a filosofia e as ciências da religião. O escopo desta tese se estende à compreensão aprofundada e desvelamento dos mecanismos de poder e produção de subjetividade presentes nesse campo discursivo.

No cerne desta empreitada está a adoção de uma abordagem metodológica ancorada nos Estudos Discursivos Foucaultianos, cujo arcabouço teórico proporciona a lente conceitual necessária para elucidar os dispositivos de poder, resistência e produção de verdade que permeiam as práticas discursivas dos líderes religiosos. Assim, a pesquisa se propõe a oferecer uma contribuição ao campo acadêmico, promovendo uma reflexão sobre as dinâmicas sociais, políticas e religiosas contemporâneas.

Especificamente, a tese propõe realizar uma análise dos enunciados imagéticos presentes em postagens de líderes neopentecostais brasileiros na rede social digital Instagram como materialidades que objetivam os sujeitos pastores e fiéis, especialmente na relação deles

com a política. Inicialmente, temos algumas hipóteses que nos orientam e direcionam como ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa.

Considerando a crescente força do discurso da liderança neopentecostal na sociedade contemporânea, especialmente nas redes sociais digitais, entende-se que os enunciados imagéticos presentes em suas postagens no Instagram objetivam os grupos de sujeitos, particularmente na esfera política. Supomos que tais enunciados, ao serem analisados em sua constituição e funcionamento na plataforma digital, apresentem regularidades e técnicas específicas do discurso religioso-político.

Ao discutirmos as discursividades religiosa, midiática e política a partir de uma arqueologia das imagens, das postagens, avaliando o aspecto verbal como um elemento de funcionamento, de delimitação de efeitos de verdade e de práticas de leitura, esperamos observar regularidades discursivas nas postagens dos líderes evangélicos neopentecostais no Instagram, nas interseções entre a religião, a mídia e a política na sociedade atual.

Além disso, acreditamos que a análise das práticas discursivas dos líderes evangélicos neopentecostais no Instagram permite observar como são mobilizadas determinadas agendas políticas e práticas sociais, que não obstante podem recair sobre as condutas de fiéis e de seguidores que nem sempre seguem uma religião e que confiam na credibilidade da imagem ou da marca construída pelas lideranças no território brasileiro. A investigação sobre o surgimento e a expansão do discurso neopentecostal na mídia digital, assim, trata dos aspectos da transformação do campo religioso e midiático, incluindo a adaptação de práticas tradicionais às novas tecnologias e formas de comunicação. Por fim, parte-se da hipótese de que as práticas discursivas que atravessam e conectam os domínios da comunicação, da religião e da política configuram dispositivos que moldam regimes de verdade e operam nos processos de subjetivação. Assim, uma abordagem que articule esses campos sob a ótica dos Estudos Discursivos Foucaultianos é essencial para evidenciar as implicações dessas práticas na constituição da sociedade contemporânea.

Inserido nos Estudos Discursivos Foucaultianos, e a partir do que reflete Navarro (2020, p.11), buscamos operacionalizar dois gestos metodológicos: (1) o isolamento da instância do acontecimento para relacioná-lo não à atividade fundadora de um autor, de uma obra, tradição ou espírito da época, mas a outros enunciados; e (2) recortar uma série enunciativa para verificar as relações entre os elementos dessa série e o modo como ela significa, constrói e produz saberes sobre o acontecimento. Tudo com o intuito de responder a seguinte pergunta: Como apareceu determinado discurso e não outro em seu lugar?

Para a realização desta tese, buscamos mobilizar alguns aportes teóricos: Foucault (2008 [1977], 2010 [1982]) que apresenta como o poder é exercido sobre os sujeitos e populações por meio de uma variedade de técnicas, discursos e práticas que buscam regular e controlar comportamentos e corpos - a Governamentalidade; Munari (2006 [1974]) que destaca a importância da simplicidade nas comunicações visuais aos quais toda imagem deve revelar conteúdos fáceis de entender e com eficácia; Dondis (2003) quando trata dos princípios da organização visual que criam composições visualmente harmoniosas e eficazes que ganham a importância do contexto cultural e social na interpretação da linguagem visual; Aumont (2002), que aborda como as imagens são percebidas, interpretadas e usadas em diferentes contextos, desde a arte até a publicidade, passando pelo cinema e mídia digital; Dubois (2020) em sua reflexão sobre a relação entre a fotografia e a verdade, o papel das dimensões social e cultural na produção e recepção das imagens, além da maneira como a fotografia pode ser usada para construir enunciados visuais; Cunha (2004, 2007, 2020) e Mariano (2014, 2022), que abordam a respeito da participação dos evangélicos na política e na sociedade brasileira.

Os estudos sobre política e mídia no Brasil evoluíram gradualmente desde a redemocratização. Destacamos Miguel e Biroli (2010) que revelam dados e algumas reflexões sobre o tema nesse campo. Parte significativa desses estudos foca nas eleições, especialmente nas disputas presidenciais. Exemplos desse modelo de pesquisa incluem especialmente Gerardi e Mariano (2019). Avaliações mais abrangentes sobre os efeitos da extrema direita na política são abordadas por Empoli (2019) e Casarões (2022). Para abordar a evolução política dos evangélicos brasileiros nos remetemos a Freston (1994).

Para esta tese, elencamos as Eleições presidenciais brasileiras de 2022, especialmente o segundo turno do pleito que culminou com a participação dos candidatos Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e do presidente à época, Jair Messias Bolsonaro (PL). Já o conjunto de enunciados ou discursos que estão interligados por características semelhantes em termos de produção, circulação e recepção, são postagens realizadas por líderes neopentecostais brasileiros na rede social digital Instagram.

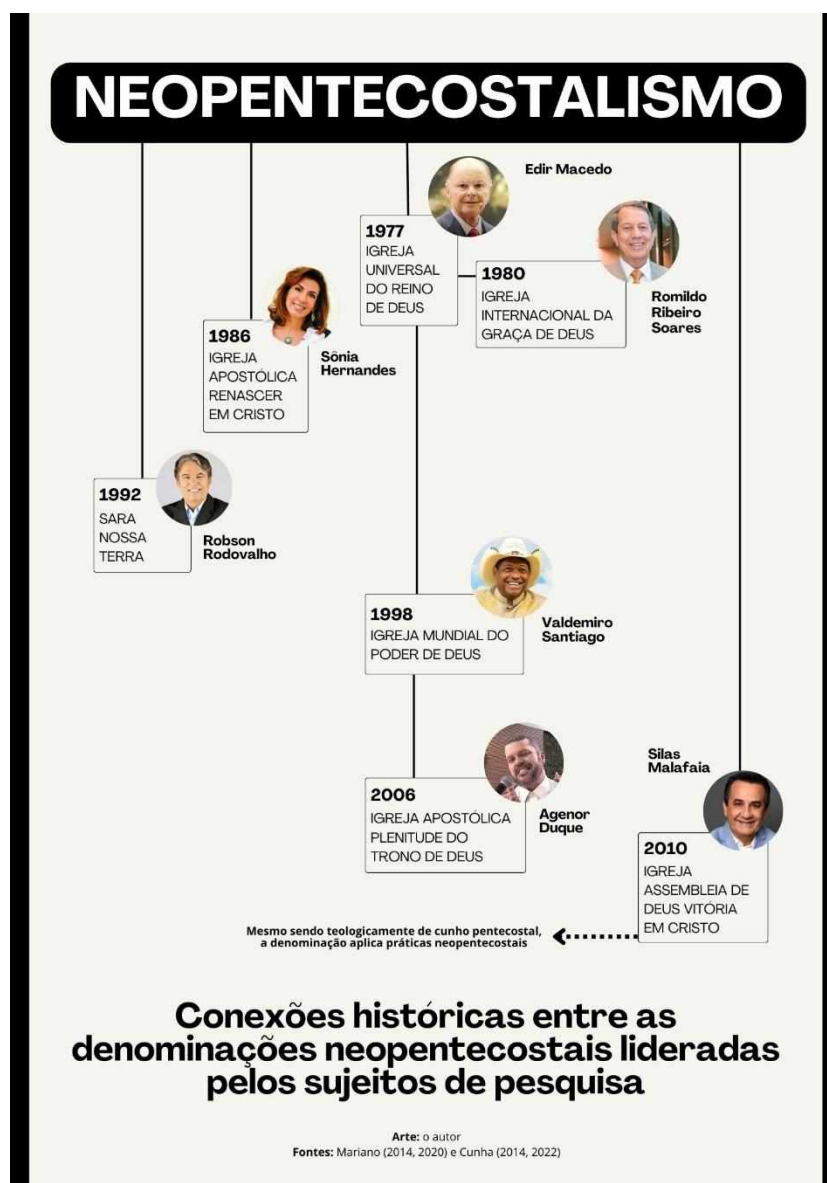
Os líderes evangélicos neopentecostais escolhidos para esta tese são: Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus), R.R. Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus), Sônia Hernandez (Igreja Renascer em Cristo), Robson Rodovalho (Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra), Valdemiro Santiago (Igreja Mundial do Poder de Deus), Agenor Duque (Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus) e Silas Malafaia (Assembleia de Deus Vitória em Cristo).

Essa escolha metodológica de privilegiar os líderes, em vez das igrejas como instituições, decorre de duas razões principais. Em primeiro lugar, dentro da lógica dos Estudos Discursivos Foucaultianos, interessa-nos examinar como os sujeitos-líderes funcionam como pontos de condensação de práticas discursivas e de enunciados que têm efeitos de verdade sobre os fiéis e sobre a sociedade em geral. Os líderes não apenas representam as igrejas, mas atuam como operadores de discursos que objetivam e subjetivam os fiéis, moldando condutas e configurando modos de ser e de crer. Assim, são eles que materializam e fazem circular essas práticas discursivas no espaço digital, tornando-se agentes centrais na construção de regimes de verdade que articulam religião, política e mercado.

Em segundo lugar, no contexto contemporâneo das redes sociais digitais, a figura do líder neopentecostal ganhou maior visibilidade e centralidade em comparação à institucionalidade das igrejas que representam. O carisma e a performance pessoal desses líderes são determinantes para a produção e circulação de enunciados que ressoam com os seguidores, muitas vezes sendo mais influentes do que as próprias diretrizes oficiais das igrejas. Por isso, mesmo que a igreja esteja sempre em cena como pano de fundo e sustentação simbólica, é a voz do líder – e sua performance visual e discursiva – que assume o protagonismo nas redes sociais, em consonância com as exigências do mercado digital e da política contemporânea.

Abaixo ilustramos as conexões históricas entre as denominações neopentecostais lideradas pelos sujeitos de pesquisa.

IMAGEM 1: Conexões históricas entre as denominações neopentecostais lideradas pelos sujeitos de pesquisa



Historicamente, todas as denominações mencionadas possuem teologias e práticas associadas ao neopentecostalismo, com exceção da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, liderada por Silas Malafaia, que adota uma teologia pentecostal, embora incorpore práticas típicas do neopentecostalismo. Todos os líderes considerados nesta pesquisa tiveram participação expressiva, especialmente nas eleições que levaram à vitória do ex-presidente Jair Bolsonaro em 2018 e, posteriormente, em sua campanha pela reeleição em 2022. Juntos, formaram uma frente de apoio ao ex-presidente nas redes sociais digitais, atuando de maneira articulada na promoção de sua candidatura.

A delimitação dos nomes e do recorte temporal adotados nesta pesquisa fundamenta-se em razões específicas. A primeira refere-se ao critério de inclusão dos líderes mencionados:

todos são fundadores das denominações às quais pertencem, as quais possuem sedes fixas e unidades espalhadas por diversas regiões do Brasil e/ou no exterior. Além disso, todos mantêm vínculos históricos com o neopentecostalismo, conforme evidenciado no infográfico elaborado para esta pesquisa.

A segunda razão para a definição do recorte temporal está relacionada ao uso recorrente que esses líderes fazem de suas contas oficiais no Instagram como espaço de comunicação, tanto para a divulgação de mensagens religiosas quanto de conteúdo de cunho político. A tabela a seguir apresenta os dados referentes às contas pessoais/oficiais dos sete líderes selecionados, indicando o número de postagens realizadas por cada um ao longo do ano de 2022 e, mais especificamente, durante o mês do segundo turno das eleições presidenciais daquele ano:

TABELA 1: Lideranças neopentecostais brasileiras no Instagram

LIDERANÇA NEOPENTECOSTAL BRASILEIRA NO INSTAGRAM							
	Nome	Conta no Instagram	Posts até fev.2025	Seguidores fev.2025	Segue fev.2025	Posts em 2022	Posts out.2022
	Apóstolo Agenor Duque	@apostoloagenorduque	17.449	533 mil	544	1.611	162
	Apóstolo Valdemiro Santiago	@apvaldemirooficial	4.317	246 mil	29	137	10
	Bispa Sônia Hernandez	@bispasonia	24.857	1 milhão	1.588	2.386	166
	Bispo Edir Macedo	@bispomacedo	4.242	1.6 milhões	27	416	45
	Bispo Robson Rodovalho	@bprodovalho	9.166	485 mil	635	568	62
	Missionário R.R.Soares	@missionariorrsoares	2.647	591 mil	43	285	40
	Pastor Silas Malafaia	@silasmalafaia	10.702	4,2 milhões	537	603	74

Arte: o autor
Fontes: Redes Sociais dos líderes

A representatividade dos líderes e de suas respectivas denominações, tanto no ambiente digital quanto no presencial, é outro elemento relevante a ser considerado. Juntos, esses líderes somam quase 9 milhões de seguidores no Instagram. Ainda que exista a possibilidade de sobreposição entre os seguidores, trata-se de um número expressivo. Para reforçar essa representatividade no universo digital, também foram incluídos os números de seguidores das contas oficiais das igrejas que cada um lidera na mesma rede social.

Todas as denominações mencionadas possuem sedes distribuídas por diferentes regiões do Brasil e no exterior, além de manterem perfis institucionais no Instagram. Contudo, foram computadas apenas as contas das igrejas-matrizes ou sedes principais das respectivas denominações, cujos dados referem-se ao mês de fevereiro de 2025.

TABELA 2: Denominações comandadas pelos líderes no Instagram

PERFIS DAS IGREJAS COMANDADAS PELOS LÍDERES NO INSTAGRAM					
	Líder	Igreja	Conta no Instagram	Posts até fev.2025	Seguidores fev.2025
	Apóstolo Agenor Duque	Apostólica Plenitude do Trono de Deus	@iapttd	11.409	98.4 mil
	Apóstolo Valdemiro Santiago	Mundial do Poder de Deus	@impd_oficial	3.422	143 mil
	Bispa Sônia Hernandez	Apostólica Renascer em Cristo	@igrejarenasceremcristo	11.466	188 mil
	Bispo Edir Macedo	Universal do Reino de Deus	@igrejauniversal	12.342	1.5 milhões
	Bispo Robson Rodvalho	Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra	@sntoficial	10.482	107 mil
	Missionário R.R. Soares	Internacional da Graça de Deus	@iigdooficial	1.588	59.6 mil
	Pastor Silas Malafaia	Assembleia de Deus Vitória em Cristo	@silasmalafaia	8.556	320 mil

Arte: o autor
Fontes: Redes Sociais das igrejas

As contas oficiais das igrejas somam, juntas, cerca de 2 milhões de seguidores. Quando somamos esse número aos seguidores dos perfis dos líderes elencados - desconsiderando as contas vinculadas a sedes locais, regionais ou estaduais -, observa-se que o total ultrapassa 8 milhões de seguidores no Instagram.

Cabe destacar que é desafiador estabelecer com precisão o número de fiéis sob a liderança direta de cada um desses líderes religiosos, uma vez que esse dado pode variar significativamente em função de fatores como a região geográfica, o período considerado e a metodologia de contagem adotada por cada organização religiosa. No entanto, considerando o alcance nacional e internacional dessas denominações, é possível estimar que o número médio de fiéis vinculados à liderança de cada um desses pastores esteja na casa dos milhões.

Tomamos os líderes religiosos aqui analisados como sujeitos inscritos na lógica do digital, da tecnologia e dessa nova forma de viver e construir o território virtual. Esta pesquisa

baseia-se nas postagens compartilhadas nas contas oficiais desses líderes no Instagram. Em 2022, a partir de uma análise preliminar, verificamos que, ao todo, os líderes publicaram 6.006 postagens, sendo 559 delas apenas no mês de outubro.

Com base nesses dados, optamos por delimitar a análise às postagens realizadas por todos os líderes citados no período compreendido entre os dias 24 e 31 de outubro de 2022, ou seja, na última semana anterior ao pleito do segundo turno das eleições presidenciais, incluindo também o dia seguinte ao resultado, que consagrou a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva para o mandato de 2023 a 2026.

No total, constatamos que, nesse intervalo, os líderes publicaram 143 postagens, organizadas da seguinte maneira:

TABELA 3: número de postagens publicadas pelos líderes neopentecostais no Instagram na última semana do segundo turno para as eleições presidenciais brasileiras em 2022

Líder religioso	Conta Instagram	Quantidade de postagens realizadas entre os dias 24 e 31 de outubro de 2022
Edir Macedo	@bispomacedo	10
R.R. Soares	@missionariorrsoares	10
Sônia Hernandez	@bispasônia	44
Robson Rodovalho	@bprodovalho	22
Valdemiro Santiago	@apvaldemirooficial	03
Agenor Duque	@apostoloagenorduque	22
Silas Malafaia	@silasmalafaia	32

Fonte: Elaborado pelo autor

Com o recorte temporal e da quantidade de postagens das lideranças definidos, e mobilizados pela pergunta discursiva, a leitura discursiva do *corpus* buscou trajetos temáticos que permitissem o empreendimento analítico das imagens. Desta forma, para avaliar a relação dos líderes neopentecostais com a política por meio da imagem na rede social digital Instagram, optamos por analisar as postagens a partir de Trajetos Temáticos. Ainda que as análises incidam na materialidade discursiva dos enunciados, delimitamos três trajetos organizados com o objetivo de apontar o funcionamento das postagens a partir de uma observação detalhada e fundamentada em leituras teóricas sobre o neopentecostalismo e sua relação com a política, a saber: “Sujeito Espiritual”¹¹, “Sujeito Neoliberal” e “Sujeito Político”.

¹¹ A opção pela nomenclatura “Sujeito Espiritual” em vez de “Sujeito Religioso” parte de uma preocupação conceitual e epistemológica própria dos Estudos Discursivos Foucaultianos e da abordagem específica adotada nas análises. O termo “religioso” costuma carregar um sentido mais institucional e normativo, remetendo ao pertencimento a tradições ou instituições religiosas formais (igrejas, doutrinas, ritos, hierarquias clericais). Já o

Esses trajetos foram definidos com base em uma análise que começou pela delimitação do *corpus*. Em outubro de 2022, os líderes neopentecostais analisados publicaram 559 postagens, o que exigiu a redução do volume de conteúdo para viabilizar um estudo mais aprofundado. O recorte temporal escolhido foi a última semana do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras, entre os dias 24 e 31 de outubro de 2022, período marcado por intensificação do engajamento político e religioso no Instagram. Dessa forma, o *corpus* final totalizou 143 postagens.

A observação detalhada focou exclusivamente nos enunciados produzidos pelos líderes, ignorando os comentários dos seguidores, e concentrou-se na análise dos elementos visuais imagéticos e textuais das postagens. A partir dos trajetos temáticos, foram observadas regularidades e estratégias discursivas quanto à espiritualidade, política e valores neoliberais.

O Sujeito Neoliberal refere-se aos enunciados que exaltam o empreendedorismo, a meritocracia e a gestão de si, conectando valores econômicos a princípios conservadores. O Sujeito Espiritual corresponde aos enunciados que priorizam a dimensão da fé, a prosperidade e a centralidade da relação com Deus. Já o Sujeito Político se expressa por meio de postagens que vinculam valores religiosos a agendas políticas, apoiam candidatos específicos ou mobilizam os fiéis em torno de causas sociopolíticas. A partir dessa abordagem metodológica, foi possível compreender como os líderes neopentecostais articulam seus discursos no contexto das redes sociais digitais, especialmente em momentos decisivos, como o segundo turno das eleições presidenciais de 2022.

Na seção “A Genealogia do Neopentecostalismo” são feitos apontamentos sobre o desenvolvimento desse grupo religioso, sua relação com a mídia historicizando o surgimento e a presença do discurso neopentecostal na sociedade brasileira, a teologia da prosperidade, além de tratar das condições de possibilidade que implicam a entrada do religioso na mídia digital.

Na sequência discutimos sobre a materialidade discursiva visual – a fotografia - a partir da rede social digital Instagram; tratamos da imagem enquanto operador de memória a partir dos conceitos de campo associado em Foucault; a relação entre discurso e enunciado e a imagem fotográfica à luz dos elementos da comunicação, composição e das técnicas visuais.

adjetivo “espiritual” enfatiza uma dimensão mais subjetiva e experiencial, que transcende as fronteiras formais das religiões e se refere a práticas, afetos e discursos que reconfiguram as relações de si com o sagrado e com o mundo. No contexto das postagens analisadas, especialmente em lideranças neopentecostais, o discurso se constrói muito mais em torno de experiências individuais de salvação, cura, prosperidade e empoderamento espiritual do que em doutrinas religiosas rígidas. Essa ênfase no “espiritual” traduz melhor a forma como esses discursos interpelam e constituem sujeitos, ou seja, como convidam o fiel a “ser” e “viver” de uma maneira específica que transcende a filiação religiosa propriamente dita.

A seção “A relação política-mídia-religião e o Neoliberalismo” reflete sobre como o neopentecostalismo, com sua ênfase na propriedade individual e uma abordagem de mercado para a religião, se constitui na atualidade a partir de princípios do neoliberalismo, incluindo o governo das condutas enquanto dispositivo de poder. Tratamos sobre a Teologia da Prosperidade e o papel significativo dos neopentecostais na política brasileira a partir da representação direta que têm nos poderes executivo e legislativo, além de ater sobre os impactos do verde-amarelíssimo e dos semióforos que revelam como a força dos símbolos construídos inferem na condução das condutas dos fiéis.

Na seção “A discursividade visual na conexão política-mídia-religião”, está centrado o momento analítico desta tese, em que analisamos as postagens dos líderes neopentecostais que elencamos para essa pesquisa a partir dos trajetos temáticos. Ao final, retomamos os objetivos, levantamos as principais reflexões decorrentes das análises e pontuamos as conclusões a respeito do que foi pesquisado.

2 A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO NEOPENTECOSTALISMO

O cristianismo tem desempenhado um papel crucial na formação da civilização, especialmente no contexto ocidental, estando intimamente ligado à evolução histórica e social das sociedades. A disseminação da doutrina cristã, ao longo de quase 1500 anos, foi conduzida principalmente pela Igreja Católica Apostólica Romana e pela Igreja Ortodoxa, que exerceram modos de sujeição diretos por meio de uma abordagem predominantemente oral e pessoal. Campos (2008) denomina essa primeira etapa de propagação do cristianismo como a "fase da oralidade".

Nos séculos subsequentes, segundo o autor, duas outras fases caracterizaram a disseminação do cristianismo: a "fase da imprensa" e a "fase da mídia eletrodigital". Ambas são compreendidas aqui como acontecimentos discursivos, pois engendram práticas comunicativas próprias e fomentam regimes de dizibilidade específicos. Nessa perspectiva, Foucault (2008 [1972]) entende o acontecimento discursivo como algo que não deve ser reduzido à intenção de um sujeito ou à materialidade de um suporte (livro, jornal, vídeo etc.), mas que constitui um ponto de emergência de práticas discursivas, localizadas em determinados contextos históricos e sociais. Segundo Foucault, “o enunciado, como acontecimento, tem um lugar e um tempo; ocupa um campo de dispersão; faz parte de um domínio de emergência e de coexistência; ele não é o resultado de uma subjetividade que se exprime, mas sim uma função que se exerce” (Foucault, 2008 [1972], p. 31). Assim, ao dizer que essas fases da disseminação do cristianismo são acontecimentos discursivos, estamos compreendendo que elas não são apenas marcos cronológicos ou inovações tecnológicas isoladas, mas processos de produção de saberes e de práticas de poder que reconfiguram as relações de sentido em torno da fé cristã.

O nosso foco recai, exclusivamente, sobre a fase da mídia eletrodigital, por se tratar de um fenômeno marcante - especialmente considerando que, segundo Campos (2008), muitos movimentos conservadores historicamente defendiam o afastamento da sociedade e de seus meios de comunicação. O século XXI teve início há pouco mais de duas décadas. Recuperar a trajetória do protestantismo, desde suas origens até a apropriação da mídia e da imagem digital por essa vertente religiosa, contribui para a compreensão da revolução ocorrida nesse campo - sobretudo quando se considera a mídia como uma extensão do próprio movimento protestante, particularmente a partir da década de 1970, período marcado por transformações significativas nos âmbitos religioso e social.

De acordo com Liberty (2000), o termo “Protestantismo” surgiu a partir de um documento de protesto redigido em 1529, no sul da Alemanha, com a participação de

representantes de 14 cidades, incluindo seis príncipes. O primeiro princípio dessa fé estabelecia que a voz divina deveria prevalecer sobre qualquer autoridade humana. O segundo afirmava que apenas a consciência individual poderia justificar a oposição a determinados decretos eclesiásticos. A disputa entre o monge agostiniano Martinho Lutero, fundador do protestantismo - que divulgou suas 95 teses propondo uma reforma nas práticas da Igreja Católica - e a Igreja de Roma culminou no movimento de protesto que deu origem ao nome da nova vertente religiosa.

[...] duas coisas ocupam o âmago da tradição protestante: uma é a confiança na autoridade da escritura. Este antigo conjunto de escritos esclarece o modo de vivermos o mundo. O segundo do âmago e cerne do movimento protestante tem sido a convicção de que nós somos perdoados embora sejamos imperdoáveis.¹²

Se considerarmos o protesto como uma postura, é possível afirmar que o protestantismo tem suas raízes na Reforma Religiosa - um acontecimento discursivo que provocou uma reordenação das formas de praticar e divulgar a fé, tendo como principal meio de comunicação as Bíblias traduzidas para as línguas vernáculas. Tal reforma esteve profundamente entrelaçada com questões políticas e sociais da época, uma vez que foi iniciada por um monge católico que reagiu contra práticas da Igreja Católica, então considerada corrompida. Martinho Lutero também criticou o poder econômico e político da Igreja, o que resultou em um movimento que não apenas reformulou aspectos da doutrina cristã, mas também desafiou a autoridade política da instituição e contribuiu para a afirmação da soberania dos Estados-nação sobre os assuntos religiosos. Embora tenha começado como um movimento essencialmente religioso, adquiriu dimensões políticas significativas, influenciando a estrutura de poder na Europa e contribuindo para o surgimento do Estado moderno.

Com o surgimento da imprensa alguns anos antes, a Bíblia tornou-se mais acessível ao público, marcando o início da chamada “*fase da imprensa*”. Essa nova acessibilidade permitiu, conforme aponta Mariano (2014), que muitos fiéis passassem a interpretar, por conta própria, o conteúdo e o significado das Escrituras. A primeira geração de protestantes, segundo o autor, não chegou a um consenso teológico absoluto, mas buscava persuadir os seguidores a compartilharem as mesmas crenças fundamentais. Isso incluía, entre outras posturas, a recusa à consagração de objetos materiais - prática comum na tradição da Igreja Católica Romana.

¹² YOUTUBE, A Reforma Protestante | História do Protestantismo | Episódio 4, 2021. Disponível em: < <https://youtu.be/Fx4f1B8kbA0> >. Acesso em: 11 mar. 2024.

A vertente iniciada por Lutero defende o acesso direto de todos a Deus, sem a necessidade de intermediação sacerdotal. Hofstatter (2010) destaca que Lutero proclamou a ideia de que todos os batizados são sacerdotes, o que implicava que cada indivíduo teria a responsabilidade pessoal de discernir o que era correto ou incorreto em termos de fé. Provavelmente influenciado por sua vivência como monge, Lutero demonstrava interesse pela naturalidade da vida religiosa. Segundo Mariano (2014), ele argumentava que qualquer trabalho honesto realizado em serviço a Deus deveria ser considerado uma expressão legítima de vida religiosa - e que todas as vocações eram igualmente dignas aos olhos do Senhor.

Campos (2008) reafirma que a Bíblia foi traduzida para as línguas vernáculas, impressa e amplamente distribuída para leitura e interpretação. O autor destaca que, a partir de Lutero, os seguidores do protestantismo passaram a considerar a Bíblia Sagrada como “fonte e autoridade da fé”, pois ela representava, simultaneamente, o meio pelo qual o povo crente se aproximava da palavra divina e o centro da religiosidade e da adoração a Deus - tanto em práticas individuais quanto coletivas.

Segundo Campos (2008), a maioria dos primeiros protestantes considerava essencial a presença de pastores ou líderes religiosos que atuassem em favor dos fiéis, desempenhando funções de ensino, cuidado espiritual e orientação. Desde então, os pastores se consolidaram como figuras centrais na comunidade protestante. Para esses primeiros crentes, a Bíblia não deveria apenas ser compreendida intelectualmente, mas também vivida e praticada. Tornou-se, portanto, fundamental que os leigos fossem alfabetizados e incentivados a conhecer, ainda que de forma básica, as doutrinas essenciais do cristianismo.

Ao longo da história protestante, especialmente desde o advento da imprensa, as mensagens religiosas passaram a adquirir uma conotação mais marcada de orientação ética e foco no sermão. Inicialmente, essas mensagens foram disseminadas pelas quatro primeiras correntes do protestantismo: Luterana, Reformada, Radical e Anglicana. Com o tempo, essas tradições deram origem a diversas novas vertentes, as quais serão discutidas a seguir.

2.1 As identidades pré-neopentecostais

Campos (2008) e Mariano (2014) relatam que o primeiro dos movimentos protestantes foi o Luterano, iniciado quando o monge Martinho Lutero, em 1517, fixou suas 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg, no interior da Alemanha. Os luteranos fundamentaram-se na experiência particular vivida por Lutero, e foram determinantes para a

formulação de um novo entendimento da fé cristã - até então majoritariamente moldada pelas tradições da Igreja Católica Romana e da Ortodoxia Oriental.

Segundo Mariano (2014), Lutero afirmava que os seres humanos, por sua condição, eram incapazes de alcançar virtudes por si mesmos. Para ele, a integridade vinha exclusivamente de Deus, por meio do perdão dos pecados. Durante os cultos, Lutero preservou mais elementos da missa católica tradicional do que os demais grupos reformadores, optando por uma transição litúrgica mais gradual em relação à estrutura cerimonial da igreja de sua época.

O autor afirma que Martinho Lutero acreditava que alguns rituais eram ultrapassados. Dentre as principais mudanças doutrinárias implementadas pelo monge em relação a Igreja Católica Romana foi o descarte de alguns sacramentos, dentre eles a crisma, a penitência, ordem e matrimônio¹³ e a unção dos enfermos. Para Lutero esses dogmas não possuíam respaldo bíblico. Já as igrejas reformadas aplicavam esse princípio de formas diversas, mas eles eliminaram mais liturgias católicas do que os Luteranos.

[...] A arte era muito importante nas igrejas antes da reforma. Muitas pessoas não sabiam ler. O latim usado nas missas não era compreendido pelas pessoas. Os fiéis se sentavam no santuário sem saber verdadeiramente o que ocorria, não participavam ativamente da missa e a arte que eles podiam observar, lendo as figuras que estavam nos vitrais, nas pinturas ou estátuas se tornou muito importante para eles. Infelizmente para alguns a arte tornou-se mais importante do que aquilo que era representado e isso foi parte da crítica da reforma. Queriam fugir disso, dos que louvavam mais a obra de arte do que o seu tema. Foram destruídas muitas peças incríveis na Reforma. Algumas pessoas assumiram que o único meio de cura estava na destruição de toda a arte e isso foi muito triste. (Mariano, 2014, p.111)

Para os reformadores, não havia um modelo bíblico claramente definido para o governo da igreja. O pastor francês João Calvino, segundo Gaarder (2000), encontrou seu modelo em uma estrutura de ministérios dividida em quatro frentes, que ele afirmava ter sido instituída por Jesus. As quatro ordens eram: Pastor, Doutor (professor), Ancião e Diácono.

De acordo com o autor, muitas divergências teológicas impediram a cooperação entre os luteranos e a comunidade reformada. A principal causa de divisão entre os grupos era a compreensão da Ceia do Senhor (Comunhão). Para Lutero, a comunhão ocupava um lugar

¹³ No que se refere ao matrimônio, Lutero esclarece: “Já que o matrimônio existia desde o início do mundo e continua existindo, também entre os não-crentes, até hoje, não existe motivo de pensar que o matrimônio possa ser chamado de sacramento somente da nova aliança e da Igreja”. IHU – Instituto Humanitas Unisinos. O matrimônio no protestantismo: uma abordagem teológica. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/541078-o-matrimonio-no-protestantismo-uma-abordagem-teologica>. Acesso em: 20 set. 2024.

secundário em relação ao serviço da Palavra, e ele propôs que a celebração da ceia ocorresse apenas a cada três meses. Tal decisão acabou criando uma certa inconsistência com seu próprio desejo de manter os elementos bíblicos e o sacramento unidos no culto diário. Além disso, os reformados adotaram práticas distintas, como a de receber os elementos da ceia assentados, em vez de se dirigirem até a mesa.

Esses movimentos reformados, conforme Cunha (2007), tiveram origem no continente europeu, posteriormente se expandiram para os Estados Unidos e outras regiões do mundo, dando origem ao que a autora denomina Protestantismo Histórico de Migração - ou PHMIG.

A primeira grande divisão dentro do protestantismo surgiu entre os chamados Radicais. Segundo Mariano (2014), havia quatro principais grupos radicais: os Teocratas Revolucionários, os Espiritualistas, os Antitrinitários e os Anabatistas. Os Teocratas e os Espiritualistas emergiram ainda no início da Reforma Alemã.

Os Antitrinitários constituíam um grupo radical que rejeitava a doutrina da Trindade. O representante mais conhecido desse grupo foi o filósofo e médico espanhol Miguel Servet, por volta do século XVII. Conforme relata Mariano (2014), Servet foi preso pelas autoridades civis em Genebra, em 1553, julgado por heresia e condenado à morte.

O termo Anabatista, segundo Campos (2008), foi cunhado por opositores do grupo e significa "rebatizador", sendo utilizado para se referir àqueles que defendiam que o batismo deveria ser reservado apenas a indivíduos que professassem conscientemente sua fé - e não aplicado a crianças. Tal postura é mantida até hoje por diversas denominações, entre elas, muitas igrejas neopentecostais.

Campos (2008) também relata que os anabatistas foram duramente perseguidos ao longo dos séculos XVI e XVII: muitos foram presos, banidos ou executados. As acusações legais mais comuns eram violação da lei civil, rebelião e heresia. A amplitude da perseguição contribuiu para o surgimento de um sentimento coletivo de pertença a uma igreja de mártires. Atualmente, os remanescentes desse movimento são identificados principalmente nos grupos conhecidos como Huteritas, Menonitas e Amishes.

O surgimento da Igreja Anglicana ocorreu, conforme explica Campos (2008), em 1534, quando o rei da Inglaterra, Henrique VIII, por meio de um decreto emitido pelo Parlamento, declarou-se autoridade suprema da igreja no país. Na época, a Inglaterra era majoritariamente católica, e essa ruptura passou a ser vista como o início do protestantismo no território inglês. No entanto, como observa o autor, muitos consideraram a Igreja Anglicana uma continuidade da tradição católica, ainda que sob nova autoridade. Desde então, a igreja inglesa passou a ter como única liderança local o próprio rei.

Para aqueles que a viam como continuação da Igreja Católica, a igreja na Inglaterra se tornava um meio termo entre o protestantismo e o catolicismo romano. De acordo com Mariano (2014), o protestante Thomas Kramer ajudou a resolver o problema de Henrique VIII ao propor que a questão fosse colocada não ao papa, mas aos teólogos das universidades. O primeiro livro de liturgia comum escrito em 1549 e revisada em 1552 fora, em grande parte, obra do protestante Thomas Kramer.

Liberty (2000, s/p) afirma que, em 1533, Thomas Cranmer foi nomeado arcebispo. Em 1553, o catolicismo foi restaurado na Inglaterra com a ascensão ao trono de Maria Tudor, filha de Catarina de Aragão e devota católica. Cranmer foi então preso, torturado e executado na fogueira, juntamente com uma centena de outros protestantes. Segundo Liberty (2000), os sobreviventes fugiram para o continente europeu, especialmente para cidades protestantes como Estrasburgo, Frankfurt e Genebra. Com a morte de Maria, em 1558, Isabel I, filha de Ana Bolena e do rei Henrique VIII, subiu ao trono, posicionando-se ao lado dos protestantes e promovendo o retorno do protestantismo à Inglaterra.

Destaca-se, nesse contexto, o papel da francesa Ana Bolena, mãe de Isabel, na história do protestantismo e do anglicanismo. Segundo Kingsley (1998), Ana Bolena é conhecida por três principais conexões com o protestantismo: sua associação com o tradutor William Tyndale, o resgate de perseguidos religiosos e sua relevância na elevação de clérigos reformados à liderança da Igreja da Inglaterra. Ana teve seu primeiro contato com a obra de Tyndale por meio do livro *A Obediência de um Homem Cristão*, que defendia, entre outros pontos, que o rei de cada nação deveria ser o chefe da Igreja, em vez do papa. Considerando a obra excelente, Ana a emprestou a Henrique VIII, que demonstrou interesse pelo conteúdo.

O autor aponta que a rainha também obteve uma cópia em inglês do Novo Testamento, a qual foi furtada por um cortesão e entregue ao Cardeal Wolsey. Este viu ali uma oportunidade para incriminá-la por heresia. No entanto, ao saber do risco, Ana mesma revelou o ocorrido ao rei, que a perdoou e leu o livro pessoalmente. Ana Bolena, portanto, desempenhou um papel importante ao promover uma inter-relação entre a monarquia inglesa e as ideias da Reforma Protestante.

Entre aqueles que divergiam do modelo anglicano estava um grupo conhecido como Puritanos, surgido, em parte, de disputas sobre a organização e o governo da igreja. Uma das primeiras controvérsias, segundo Liberty (2000, s/p), envolvia a continuidade do uso de vestes litúrgicas e itens cerimoniais por parte dos pastores durante os cultos. Alguns desses puritanos na Inglaterra, conforme Mariano (2014), passaram a ser identificados como Presbiterianos.

Os puritanos refletiam profundamente sobre o peso do pecado, a necessidade de arrependimento e a importância da ação divina para a conversão da alma. Para eles, a verdadeira Igreja de Deus não se subordinava à autoridade dos bispos, mas à pureza da fé e à fidelidade aos ensinamentos bíblicos. Comprometidos com um ministério centrado na pregação direta das Escrituras, defendiam que a essência da igreja residia na proclamação dos ensinamentos bíblicos, sem mediações hierárquicas, buscando assim a edificação espiritual dos fiéis e a salvação individual.

Posteriormente, conforme Liberty (2000, s/p), os puritanos passaram a ser conhecidos como Independentes, e, mais tarde, como Congregacionalistas. Alguns desses Independentes passaram a praticar o batismo exclusivamente em crentes adultos, vindo a ser identificados como Batistas.

No século XVIII, alguns protestantes reformistas e luteranos passaram a expressar, segundo Liberty (2000, s/p), insatisfação quanto ao caráter que a fé e a vida religiosa vinham assumindo, resultado de disputas em torno da definição da ortodoxia. Esses críticos passaram a ser conhecidos como pietistas. O pietismo gerou uma significativa quantidade de ações práticas voltadas para questões sociais, como o incentivo à educação, o auxílio aos pobres, a luta pela abolição da escravidão e a promoção da temperança. O experimento religioso inglês terminou quando a monarquia foi restaurada por Carlos II, em 1660, e a religião anglicana foi restabelecida como oficial. Os protestantes que permaneciam fora da Igreja da Inglaterra passaram a ser oficialmente conhecidos como dissidentes.

O ressurgimento evangélico, de acordo com Mariano (2014), ocorreu em contextos distintos na Europa, na Grã-Bretanha e nas colônias britânicas na América. O autor identifica quatro características centrais da religião evangélica: (a) o forte apelo à conversão ao cristianismo, fundamentado na crença de que a vida das pessoas precisa ser transformada; (b) a ênfase no discurso do Evangelho como um esforço tanto pessoal quanto social - o que abre espaço para práticas religiosas que se alinham, posteriormente, a ideais de prosperidade; (c) a centralidade da Bíblia como referência de autoridade e prática; (d) a compreensão da expiação que vai além da simples reverência a Jesus como líder espiritual, reconhecendo-o como o Salvador que foi sacrificado na cruz pelos pecados da humanidade.

Uma das correntes protestantes mais conhecidas do século XVIII foi fundada e liderada pelo pastor anglicano John Wesley. Sua compreensão da tarefa e do enunciado cristão refletia, em diversos aspectos, os ideais do pietismo. O movimento de Wesley visava à renovação das instituições religiosas existentes, com o objetivo de estabelecer uma nova forma de vivência da fé. Trabalhando diretamente com leigos, Wesley pregava uma vida mais santa e prática, menos

centrada na teologia formal, ou seja, voltada à vivência dos princípios cristãos no cotidiano, mais do que à liturgia ou ao estudo doutrinário acadêmico.

Mas em alguns pontos, Wesley foi muito além do que os pietistas tinham praticado. Ele acreditava que todas as pessoas têm um papel na salvação¹⁴ dos não crentes. Se a questão fosse que a graça de Deus era oferecida a alguns ou a todos, Wesley entrou em discórdia com os calvinistas. “Não foi uma revolta doutrinária com a igreja da Inglaterra; mas como havia grande divergência entre os membros dessa igreja, acabou ocorrendo uma separação” (Gaarder, 2000, p.219).

Conforme relata Gaarder (2000), Wesley organizava os fiéis em pequenos grupos, os educava na fé e os enviava para a América a fim de dar continuidade ao movimento. Ele não pretendia fundar uma nova igreja, pois seu interesse estava centrado na difusão da santidade conforme expressa nas Escrituras. Wesley faleceu em 1791. Segundo Liberty (2000, s/p), durante sua vida, o movimento metodista permaneceu vinculado à Igreja Anglicana, mas, após sua morte, foi gradualmente se consolidando como uma denominação religiosa autônoma.

Gaarder (2000, p. 194) observa que a Igreja Cristã permaneceu unificada até o ano de 1054, quando ocorreu o Cisma do Oriente. Como abordado anteriormente, com a Reforma Protestante, surgiram diversas novas igrejas que enfatizaram diferentes aspectos do cristianismo, entre as quais se destacam os Presbiterianos, Metodistas, Batistas, Quakers e Pietistas. Para Gaarder (2000), a Bíblia não apresenta uma orientação específica sobre a organização eclesial, razão pela qual cada comunidade cristã desenvolveu sua própria forma de estrutura e funcionamento. Algumas denominações valorizam mais a instituição em si; outras, os testemunhos e experiências espirituais, além de determinadas abordagens sobre questões morais. Apesar dos contrastes, a maioria das denominações cristãs compartilha um fundamento comum: a centralidade da Bíblia como autoridade para a fé e a prática.

Com a invenção da prensa por Gutenberg, a posterior tradução da Bíblia para diversos idiomas e a ampla distribuição das Escrituras às populações, o protestantismo expandiu-se significativamente na Europa e nas Américas, exigindo, para isso, um maior potencial comunicativo. Até então, a comunicação religiosa estava mais restrita a documentos escritos e a um plano micro de doutrinação, predominantemente oral e elitizado. Com o advento dos meios de comunicação, anos depois, essa religião - que se posicionava em protesto contra

¹⁴Gaarder (2000, p.181) destaca que a salvação, segundo a Bíblia, é a libertação do poder que o pecado exerce sobre o homem. Outra expressão, segundo o autor, que pode caracterizar a “salvação” é a liberdade, referindo-se aos dizeres bíblicos existentes em João 8:36 - “Se, pois, o Filho vos libertar, sereis, realmente, livres”, em 1 Coríntios 9:1 - “Não, sou porventura, livre?”, além de Gálatas 5:1, onde Paulo menciona - “E para a liberdade que Cristo nos libertou”.

práticas da Igreja Católica - passou a ter acesso a espaços anteriormente monopolizados pela Igreja Católica Apostólica Romana, inclusive no contexto brasileiro.

Entretanto, essa expansão comunicativa do protestantismo, longe de representar um processo linear ou inevitável, deve ser compreendida como parte de uma série de deslocamentos históricos e discursivos. Não se trata apenas de um avanço tecnológico ou de uma transição natural, mas de uma reorganização das relações de poder, que tensionou práticas hegemônicas e viabilizou a constituição de novos espaços de produção de sentido, ou seja, de que todo discurso – como prática social e histórica – organiza, delimita e molda as formas como pensamos, sentimos e agimos.

Dessa forma, seguindo a perspectiva foucaultiana, não se pretende aqui estabelecer uma trajetória continuísta e determinista que conecte diretamente Gutenberg ao neopentecostalismo. O que se propõe, antes, é investigar as condições históricas e os jogos de saber e poder que possibilitaram tais transformações, deslocando, assim, a noção de progresso inevitável para uma compreensão mais crítica e aprofundada das contingências, rupturas e reconfigurações que marcaram os diferentes modos de comunicar e exercer o poder religioso ao longo do tempo.

2.2 O Pentecostalismo e o Neopentecostalismo

É notório no Brasil atual em termos sociais a crescente pluralidade religiosa e o aumento de novas igrejas. Nas últimas décadas, o país mais católico do mundo está mudando o campo religioso com o crescimento de novas denominações. Para autores como Camurça (2006), as mudanças existem referentes a demografia religiosa, em especial, na Igreja Católica.

O declínio do catolicismo está associado à crise das religiões de tradição majoritária em qualquer parte do globo (protestantes nos EUA e o hinduísmo na Índia) face ao advento da liberdade religiosa no espaço público moderno. (CAMURÇA, 2006, p.39)

De toda forma, a expansão do pentecostalismo e, mais especificamente, do neopentecostalismo, tem se mostrado expressiva e gradual ao longo de praticamente meio século. De acordo com Mar Asset (2025) - conforme já apresentado anteriormente - e segundo reportagem publicada no portal da Revista Veja, o número de evangélicos poderá ultrapassar o de católicos até o ano de 2032, conforme indica a tabela a seguir, baseada nos dados do Censo

de 2010, uma vez que, até o momento, ainda não foram divulgadas atualizações completas do Censo 2022, realizado pelo IBGE:

TABELA 4: Religiões no Brasil

RELIGIÃO	% EM 1980	% EM 1990	% EM 2000	% EM 2010	QUANTIDADE EM 2010 (EM MILHÕES DE PESSOAS)
Católicos	89	83,3	73,6	64,6	123,2
Evangélicos	6,6	9,1	15,4	22,2	42,2
Outras religiões	2,8	2,8	3,6	5,2	9,6
Sem religião	1,6	4,8	7,4	8	15,3

Fonte: IBGE – Censo 2010

A queda no número de católicos no mundo contemporâneo pode ser compreendida como parte de um processo mais amplo, que reflete uma série de dinâmicas sociais, culturais e religiosas - com destaque para o impacto crescente das denominações protestantes na sociedade atual. Tal declínio pode ser analisado a partir de diferentes perspectivas, incluindo as transformações históricas que afetaram a Igreja Católica e a crescente importância das igrejas protestantes, especialmente aquelas oriundas da Reforma Protestante, que têm demonstrado maior capacidade de adaptação às novas formas de comunicação.

Hogue (1999) e Castillo (2024) discutem como a Igreja Católica, ao longo dos séculos, enfrentou transformações internas e externas, marcadas por desafios estruturais e pela pressão de outras tradições religiosas. Hogue (1999) argumenta que o enfraquecimento da Igreja está intimamente relacionado a fatores como a resistência às mudanças e a dificuldade em adaptar-se a um mundo progressivamente distante das formas tradicionais de religiosidade. Para ele, a perda de hegemonia religiosa em muitas regiões decorre, em grande parte, da rigidez hierárquica e do distanciamento frente às necessidades espirituais contemporâneas - sobretudo em uma era digital, na qual os sujeitos buscam formas de espiritualidade mais diretas e personalizadas.

Por outro lado, Castillo (2024) enfatiza a relação entre o declínio das religiões tradicionais e a ascensão de novas formas de fé, frequentemente associadas ao neopentecostalismo. O autor aponta que o grupo religioso tem se expandido justamente por sua flexibilidade evangelística, aliada à capacidade de utilizar mídias modernas - como televisão, rádio e internet - para alcançar públicos mais amplos e diversos.

O uso estratégico das mídias digitais pelos neopentecostais, tem sido, segundo Castillo (2024), um fator decisivo para seu crescimento nas últimas décadas. O acesso a plataformas como redes sociais, somado à linguagem simples e direta, tem viabilizado uma evangelização mais dinâmica e personalizada. Tais denominações se apresentam como mais próximas e relevantes para os fiéis, adaptando suas mensagens aos contextos locais e culturais dos sujeitos.

O autor observa ainda que, em comparação, a Igreja Católica, apesar de seus esforços recentes de inserção midiática, mantém uma estrutura institucional mais rígida, o que pode dificultar sua comunicação com as novas gerações. A resposta institucionalizada, por vezes impessoal, é vista como uma das causas do afastamento de parte dos fiéis, especialmente em sociedades onde a religiosidade mais individualizada e mediada por tecnologias digitais se mostra mais atraente.

O crescimento das igrejas neopentecostais e do número de pessoas que se declaram "sem religião" no Brasil, conforme dados do Censo de 2010, revela transformações profundas no campo religioso nacional. Os neopentecostais são parcela expressiva do segmento evangélico que representa 22,2% da população, percentual atribuído a múltiplos fatores. Entre eles, destacam-se as estratégias intensivas de evangelização por meio da mídia, conforme discutido por Pierucci e Prandi (2000), bem como a difusão da Teologia da Prosperidade, que promete recompensas materiais e espirituais imediatas. Tal doutrina atrai especialmente sujeitos das classes populares e médias, em busca de melhoria de vida, como aponta Mariano (2014). Outro fator relevante é a flexibilidade doutrinária dessas igrejas, que apresentam menor rigidez em relação a normas e tradições, permitindo uma aproximação mais fácil com os fiéis. Soma-se a isso o oferecimento de apoio social e comunitário, transformando os templos em espaços de acolhimento e pertencimento, conforme destacado por Novaes (2017).

Por sua vez, o aumento da população "sem religião", que saltou de 0,2% em 1940 para mais de 8% em 2010, reflete mudanças socioculturais significativas. Esse fenômeno está vinculado ao processo de secularização, que enfraquece a autoridade religiosa nas decisões cotidianas - sobretudo entre jovens urbanos e escolarizados, conforme analisado por Martelli (2012). Além disso, o pluralismo religioso crescente no Brasil tem promovido maior autonomia na escolha espiritual, levando muitos a se afastarem de religiões institucionalizadas, segundo Campos (2008). Soma-se a isso a desilusão com instituições religiosas, frequentemente associadas a escândalos e controvérsias envolvendo líderes, o que reforça a desconfiança e o afastamento de parte dos fiéis. Para muitos desses indivíduos, o distanciamento não representa o abandono da espiritualidade, mas a adoção de uma prática religiosa mais individualizada, desvinculada de organizações formais.

Essas dinâmicas revelam como o campo religioso brasileiro está em constante transformação, refletindo mudanças nos valores culturais, sociais e econômicos da população. O impacto dessas mudanças é sentido tanto na expansão de segmentos religiosos como o neopentecostalismo quanto no crescimento de uma parcela da sociedade que busca maior autonomia em sua vivência espiritual.

Um aspecto importante no desenvolvimento do protestantismo que merece destaque é o surgimento e a consolidação do Pentecostalismo. Esse movimento representa hoje uma força significativa dentro do cristianismo global, e, de forma particular, exerce uma autoridade marcante no campo religioso brasileiro contemporâneo. Passos (2005), ao considerar a diversidade de grupos pentecostais, opta por apresentar um panorama geral por meio de algumas pistas fornecidas por diferentes pesquisadores.

De um lado, há estudiosos que atribuem a origem do pentecostalismo aos Estados Unidos, enquanto outros remontam suas raízes à própria Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero, no século XVI. Há ainda aqueles que identificam sua origem na Reforma Metodista, conduzida por John Wesley no século XVIII, a partir do protestantismo inglês (anglicanismo). Segundo Passos (2005), é possível considerar também a própria perspectiva pentecostal, segundo a qual o movimento teria origem em Jesus Cristo e na ação do Espírito Santo, não estando, portanto, vinculado a um tempo e espaço históricos determinados.

O autor observa que, nos países anglo-saxões, onde a Reforma Protestante ocorreu no final do século XVI, o termo “evangélico” é amplamente utilizado para se referir a quase todas as doutrinas protestantes. Já na Alemanha, berço do luteranismo, o uso do termo é mais restrito, sendo comum que apenas os membros da Igreja Luterana sejam chamados de evangélicos, excluindo-se outras vertentes protestantes.

No Brasil, entretanto, o termo “evangélicos” tornou-se uma designação genérica para se referir às diferentes correntes do protestantismo surgidas, sobretudo, a partir do século XX¹⁵ - com forte predominância do pentecostalismo e neopentecostalismo -, sendo utilizado tanto em contextos acadêmicos quanto no senso comum.

Em números absolutos, segundo Fath (2020), o Brasil - historicamente considerado o maior país católico do mundo - também se destaca como o maior país protestante da América do Sul, abrigando aproximadamente 47 milhões de evangélicos, o que representa cerca da

¹⁵ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/evangelicos/em_resumo.html> Acesso em: 10 mar.2024

metade do total estimado no continente. No cenário global, o país ocupa a terceira posição em número de evangélicos, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, China e Nigéria.¹⁶

Para Mariano (2014), o termo *pentecostalismo* tem origem na festa de Pentecostes, que celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos cinquenta dias após a ressurreição de Jesus Cristo. A partir desse marco simbólico, centenas de igrejas foram formadas, e diversas transformações internas ocorreram, tornando o movimento pentecostal cada vez mais complexo e heterogêneo.

Para facilitar a compreensão da trajetória histórica e das distintas vertentes do pentecostalismo no Brasil, Mariano organiza esse campo religioso em três ondas, como forma de classificar e tornar inteligível a evolução do movimento, com base em critérios históricos de implantação de igrejas e em distinções teológicas.

A primeira onda, denominada Pentecostalismo Clássico, abrange o período de 1910 a 1950. Foi nas primeiras décadas do século XX que as igrejas pentecostais começaram a chegar ao Brasil. Em 1910, surgia a Congregação Cristã no Brasil, com presença inicial no Paraná e em São Paulo. Em 1911, dois missionários suecos fundaram, em Belém do Pará, a Assembleia de Deus. Ambas as denominações rapidamente se espalharam pelo país e, até hoje, permanecem como os dois maiores representantes do pentecostalismo brasileiro.

Essa vertente também é chamada por Cunha (2007) de Pentecostalismo Histórico - ou PENTHIS. Segundo a autora, esse grupo adere à doutrina do Espírito Santo, que envolve a experiência do "segundo batismo" - o batismo no Espírito Santo - geralmente evidenciado pelo fenômeno da glossolalia (falar em línguas). Cunha (2007) destaca que, a partir da segunda metade do século XX, especialmente a partir da década de 1950, os evangélicos pentecostais cresceram de forma acelerada e se diversificaram a tal ponto que passaram a representar a maioria absoluta entre os protestantes brasileiros.

¹⁶ “Os cinco países com os protestantes mais evangélicos são, em ordem: 1) os Estados Unidos (93 milhões); 2) China (65 milhões); 3) Nigéria (55 milhões); 4) Brasil (46 milhões); 5) Índia (28 milhões). Segundo Fath, os evangélicos representam 26% dos 2,5 bilhões de cristãos em todo o mundo. A Ásia tem o maior número de cristãos evangélicos: 215 milhões. China (66 milhões), Índia (28), Indonésia (16), Filipinas (13) e Coreia do Sul (9) são os países com as maiores comunidades evangélicas. A África vem em seguida, com 185 milhões de evangélicos, com Nigéria (58 milhões), Quênia (20), Etiópia (18), RDC Congo (15) e África do Sul (15) liderando os números. A América do Sul possui, segundo as estimativas, 123 milhões de evangélicos: 47 milhões no Brasil, 5 milhões na Argentina e 5 na Guatemala. A América do Norte tem 107 milhões de fiéis evangélicos: 93 nos EUA, 10 no México e 4 no Canadá. A Europa conta com 23 milhões de cristãos evangélicos, com Reino Unido (5 milhões), Rússia (2), Ucrânia (2), Romênia (2) e Alemanha (2) nas primeiras posições. Finalmente, a Oceania conta com 7 milhões de evangélicos, sendo 3 milhões na Austrália, 2 milhões na Papua Nova Guiné e 1 milhão na Nova Zelândia). Sebastien Fath salienta que esses números são aproximados - com base em 25 documentos analisados que abordam a evolução do cristianismo evangélico no mundo”. GUIAME. **Brasil é o quarto país com mais cristãos evangélicos, aponta pesquisa**. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/noticias/brasil-e-o-quarto-pais-com-mais-cristaos-evangelicos-aponta-pesquisa.html>. Acesso em: 20 set. 2024.

A segunda onda, nomeada por Mariano (2014) como Pentecostalismo Neoclássico, teve início na década de 1950, com a chegada a São Paulo dos missionários norte-americanos Harold Williams e Raymond Boatright, ligados à *International Church of the Foursquare Gospel*. No Brasil, eles fundaram a Cruzada Nacional de Evangelização e impulsionaram, com grande êxito, um modelo de evangelismo centrado na cura divina. Esse enfoque provocou uma fragmentação denominacional significativa e acelerou ainda mais a expansão do pentecostalismo no país.

Em 1951, fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular (São Paulo), e, a partir dela, surgiram novas denominações, como a Igreja Brasil Para Cristo (1955, São Paulo), a Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962, São Paulo), entre muitas outras de menor porte. Essa segunda onda é caracterizada pela ênfase teológica na cura divina e pelo uso estratégico da mídia, especialmente do rádio, que até então não era utilizado pelas igrejas ligadas ao Protestantismo Histórico de Migração (PHM) nem pelo Pentecostalismo Histórico (PENTHIS).

Embora citando esse grupo conforme Mariano (2014) chama de Neoclássico, nossa pesquisa segue o mesmo raciocínio desenvolvido por Cunha (2007) que chama tal grupo de *Pentecostalismo Independente* ou o que denominamos de PI. Eles realizavam um evangelismo itinerante em tendas de lona, contavam com líderes carismáticos e surgiram de divisões teológicas ou políticas do PENTHIS. Eles foram os primeiros a pregarem com maior ênfase a guerra espiritual, os exorcismos, prometiam curas milagrosas e, segundo a autora, esse grupo foi o primeiro a tratar sobre a Teologia da Prosperidade, fazendo-o até os dias atuais nos cultos. Além das denominações citadas acima por Mariano (2014), a estudiosa cita como PI a Igreja Universal do Reino de Deus, a Casa da Benção e a Igreja Mundial do Poder de Deus.

A partir dos anos 1960, uma corrente protestante também emergia no Brasil. Ela é resultado da divisão ocorrida nas igrejas de corrente PHM. Cunha (2007) chama esse grupo de Protestantismo de Renovação ou Carismático, doravante PR. Essas igrejas contam com forte valimento do pentecostalismo. A autora cita denominações como a Igreja Metodista Wesleyana, Igreja Presbiteriana Renovada, Igreja Batista da Renovação como exemplos desse grupo que se desenvolveu no Brasil.

As crenças dos pentecostais se caracterizam pelas manifestações do Espírito Santo atualmente, como consta no Novo Testamento no capítulo dois do livro de Atos dos Apóstolos¹⁷ em uma passagem na qual o Espírito Santo apareceu aos apóstolos sob forma de línguas de fogo, fazendo-os falar em outras línguas para serem compreendidos por uma multidão diversa

¹⁷Cf. Atos 2: 1-4. **Bíblia Sagrada**. Antigo e Novo Testamento. 2ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

que os escutava. Para os pentecostais é válido o dom das “línguas estranhas¹⁸”, conhecido por glossolalia, além da cura e da profecia como referências maiores para designá-los. Capellari (2001) destaca que

[...] o ‘falar em línguas’, neste sentido, é uma decorrência da manifestação do Espírito Santo na personalidade individual. Quando o crente ‘fala em línguas’, com efeito, ele sente que o faz por interferência de Deus, manipulado por ele. A entrega do Espírito Santo é carregada de emoção, não sendo raras as lágrimas e, às vezes, a perda de consciência durante o transe. (Capellari, 2001, p.45)

Fora o dom de falar em línguas, acrescentou-se ao movimento pentecostal o dom da cura por meio de intervenções nas enfermidades, constituindo o Pentecostalismo de Cura Divina¹⁹. Diante dos sacramentos e de vários princípios existentes, principalmente o batismo das águas, o crente pentecostal acredita estar no caminho reto da santificação que tanto crê. Mas, sem dúvida, os dons do Espírito Santo são os mais prestigiados, segundo Wilges (2008)

[...] Os dons do Espírito Santo são classificados em: *dons de revelação* que são a sabedoria, ciência e o discernimento dos espíritos; *dons de inspiração ou expressão*, que são a profecia, a diversidade de línguas e interpretação de línguas, *dons de poder*, que são a fé, a cura, a operação de milagres. Todos os membros se beneficiam com estes dons que os levam ao caminho reto da salvação. (Wilges, 2008, p.106)

Mendonça (2002) destaca a importância do papel social do pentecostalismo.

[...] Sem entrar em valores religiosos, o pentecostalismo e o movimento de cura divina exercem papel social importante, promovendo a catarse dos conflitos do cotidiano que desabam sobre a classe trabalhadora pobre e periférica dos grandes centros urbanos e das áreas camponesas de trabalhadores assalariados. (Mendonça, 2002, p.55)

Houtart (2003, p.38) diz que o “pentecostalismo se difunde no mundo inteiro, em particular nas classes marginalizadas e nas classes médias socialmente vulneráveis”. Há diante da sociedade, quando inserida em uma comunidade cristã protestante, um grande respaldo à

¹⁸ Aos católicos carismáticos também é acatado o dom de “falar em línguas”, situação que antes era comum apenas aos pentecostais.

¹⁹ É uma característica predominantemente associada à Igreja Pentecostal Deus é Amor – que de acordo com Mendonça (2002, p.54-55) “apesar do nome Igreja, entretanto “Deus é Amor” ainda é apenas um movimento. Sua população é flutuante e a relação fiel /liderança / sagrado ainda é contratual e descompromissada” – mas que sentimos gradativamente em outras denominações pentecostais, e inclusive nas correntes neopentecostais que tem outros enfoques como a Teologia da Prosperidade que trataremos mais adiante.

vida, ou seja, um sentido para a sua existência que gera uma confiança que é transportada para a fé.

De acordo com Houtart (2003), o modelo mais longínquo de pentecostalismo em relação aos dias de hoje era o relacionado ao compromisso social, fator que é ligado diretamente ao enfrentamento dos problemas de adaptação mediante os ensinamentos relacionados às questões da pobreza e mau aproveitamento no mundo do trabalho, além da tentativa de inserir o adepto no ambiente que a princípio não era o seu, como por exemplo, a relação campo *versus* cidade.

[...] Dentro das igrejas pentecostais, embora as manifestações de culto sejam populares, oriundas da simplicidade do povo que cultua, sem a sistematização comum às igrejas tradicionais, tais manifestações populares são direcionadas ao sagrado. Assim, estas formas associadas ao popular tomam forma antipopular, porque não tem a ver com a luta do povo pela justiça social e igualdade. Já aconteceram casos em que os crentes pentecostais saíram pelas ruas, clamando pela justiça, protestando por certas imposições sociais, para tanto, utilizaram seus cânticos e seus textos bíblicos tirados dos livros proféticos. (Houtart, 2003, p.60-61)

O que é perceptível em uma denominação pentecostal é o uso constante de sermões como ferramentas de justificativa e orientação junto as pessoas com o objetivo de fazê-las seguirem as normas apresentadas por meio de mensagens da Bíblia. Não há uma análise direta do contexto macro, apenas o uso do livro que serve como uma constituição das boas normas de conduta. Não há uma abertura direta às práticas ou posturas diferentes do que estão na Bíblia, ou seja, a secularização.

[...] secularização é uma metáfora. Surgida na época da Reforma (Protestante), originalmente em âmbito jurídico – para indicar a expropriação dos bens eclesiásticos em favor dos príncipes ou das igrejas nacionais reformadas – a palavra veio a conhecer, ao longo do século XIX, uma notável extensão semântica: primeiramente, no campo histórico-político, em seguida à expropriação dos bens e dos domínios religiosos fixada pelo decreto napoleônico de 1803, e posteriormente no campo ético e sociológico. (Pierucci, 1997, p.117)

Diante do panorama histórico apresentado, pode-se afirmar que a compreensão do pentecostalismo fornece um fundamento primário para a análise mais específica do perfil religioso em que se insere o objeto desta pesquisa - entendido como um novo fenômeno, que assume uma nova roupagem, marcada por características particulares.

Conforme observa Mariano (2014, p. 7), até algumas décadas atrás seria impensável que um fiel comparecesse a um culto com o propósito explícito de desafiar a Deus em busca de

prosperidade material. Da mesma forma, não era comum que membros de outras denominações fossem convidados a participar de cultos voltados à libertação espiritual, especialmente no que diz respeito à possessão demoníaca. Durante muitos anos, o crescimento pentecostal esteve concentrado nas camadas mais pobres da população. Hoje, no entanto, esse crescimento é visível também nas classes médias e altas, abrangendo empresários, profissionais liberais, artistas e atletas de destaque. Apesar dessa ampliação, Mariano (2014, p. 10) adverte que “o crescimento pentecostal ocorre de forma muito desigual entre as diferentes classes sociais”.

Na década de 1970, segundo Featherstone (1995), o Brasil vivia um intenso processo de urbanização, marcado pela migração de milhares de pessoas do campo para os grandes centros urbanos, especialmente para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Essa migração em massa gerou, de acordo com o autor, um aumento significativo no desemprego e na violência urbana. Como consequência, as periferias dessas metrópoles passaram a ser habitadas por populações excluídas da cadeia produtiva, transformando-se em espaços de vulnerabilidade social e material.

O estudioso ainda destaca que as pessoas, devido a este contexto, conviviam com problemas de ordem psicossocial, em especial a solidão, tristeza, depressão e ansiedade. As compensações que preenchiam espaços vazios viriam por meio de celebrações religiosas que abordassem essas realidades sociais ou dificuldades pessoais em várias áreas ou circunstâncias da vida – profissional, familiar, financeiro, enfermidades, sonhos etc.

Mariano (2014) nos apresenta uma importante informação a respeito dos diversos processos que atenuam a sociedade desprestigiada ou desprivilegiada e sua incessante procura por uma “vitória” em sintonia com a religiosidade.

[...] Entendemos que, no mundo atual, a maioria das pessoas busca nos rituais religiosos uma salvação pessoal e satisfação dos desejos imediatos. A lógica da valorização do privado em detrimento do público não é, portanto, característica apenas de um modelo político e econômico imposto, mas insere-se também nas relações interpessoais e religiosas. Dessa forma, as alternativas para a inversão da lógica perversa do neoliberalismo perpassam, necessariamente, pela reconstrução e fortalecimento dos princípios democráticos e pela recuperação da religião apresentada por Jesus Cristo – religião não da vida privada, mas da vida pública e do comprometimento com os oprimidos e excluídos ‘na opção pelos pobres, contra a pobreza e em favor da vida. (Mariano, 2014, p.116)

Ele reitera que o sujeito teria livre arbítrio para optar por uma preferência religiosa, na eterna busca pela superação de diversos dilemas pessoais que norteiam a sua vida, mas em “termos diretos, uma preferência religiosa pode ser abandonada tão prontamente quanto é

adotada” (Berger, 2004, p.146). Neste sentido, “a religião não pode ser mais imposta, mas tem que ser posta no mercado” (Berger, 2004, p.156).

Mariano (2014) destaca que a terceira onda do pentecostalismo foca o alcance material como condição ou meio de vida, porque Deus permite ou concede a benção por meio de algum pedido do fiel. A terceira onda é conhecida por Neopentecostalismo. Ele introduz a seguinte definição para neopentecostais:

[...] É um termo praticamente já consagrado por pesquisadores brasileiros por classificar as novas igrejas pentecostais. [...] O prefixo *neo* mostra-se apropriado para designá-la tanto por remeter à sua formação recente como ao caráter inovador do neopentecostalismo. Embora recente entre nós, o termo neopentecostal foi cunhado há vários anos nos EUA. Lá, na década de 1970, ele designou as dissidências pentecostais das igrejas neopentecostais das igrejas protestantes, movimento que posteriormente foi nomeado de carismático. Como deixou a muito de ser empregado nas tipologias norte-americanas, não confunde nem atrapalha nossa tarefa de classificação. (Mariano, 2014, p.33)

Pereira e Linhares (2006, p. 78) confirmam que, entre as três principais correntes evangélicas atualmente presentes no Brasil, o neopentecostalismo é a que mais cresce. Diferentemente de seus antecessores, os neopentecostais não se prendem às imposições rígidas de vestuário ou a determinados costumes tradicionais. Cunha (2007) denomina as igrejas fundadas nas últimas décadas do século XX e início do século XXI como pertencentes ao “Pentecostalismo Independente de Renovação” (PIR). Segundo a autora, esse segmento tem como foco principal a classe média urbana e o público jovem, utilizando linguagens, abordagens e posturas específicas com o objetivo de atrair novos fiéis “para Jesus”.

Mariano (2014) identifica uma série de características marcantes no neopentecostalismo. Entre elas, destaca-se o combate direto às forças malignas, assim como a crítica ao uso de elementos considerados mundanos ou seculares, como tatuagens, piercings e músicas não religiosas. Outro ponto central é a Teologia da Prosperidade (TP), que parte do pressuposto de que a prosperidade material e espiritual pode ser conquistada mediante a fé em Deus - frequentemente expressa por meio de doações financeiras à igreja.

Ainda segundo Mariano (2014), as igrejas neopentecostais funcionam como verdadeiros “prontos-socorros espirituais”, oferecendo promessas e rituais voltados à cura física e emocional, à prosperidade econômica, à libertação de demônios e à resolução de problemas afetivos, familiares e interpessoais. Trata-se, portanto, de uma teologia marcada por promessas concretas, incluindo a abundância de vida, direcionadas ao fiel em sua dimensão existencial cotidiana.

2.3 A Teologia da Prosperidade: um *locus* de abundância

O centro da crença e da vivência dos praticantes do neopentecostalismo é a chamada Teologia da Prosperidade. Segundo Mariano (2014), essa teologia teve origem nos Estados Unidos, a partir da década de 1940, como resultado da intersecção de diversos movimentos religiosos que enfatizavam a cura divina, a prosperidade econômica e o poder da fé para superar as limitações humanas. Esses movimentos ficaram conhecidos por diferentes nomes, como *Health and Wealth Gospel*, *Faith Movement*, *Faith Prosperity Doctrines* e *Positive Confession*.

No Brasil, a trajetória da Teologia da Prosperidade teve início na década de 1970 e, desde então, passou a integrar o discurso e a prática de várias igrejas, especialmente das denominações cujos líderes são objeto de análise nesta tese - Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus e Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo.

De acordo com Mariano (2014, p. 157), essas igrejas absorvem diversas crenças vinculadas à Teologia da Prosperidade, entre elas a ideia de que o plano de Deus para o ser humano é torná-lo feliz, abençoado, saudável e próspero em todas as áreas da vida. Essa teologia ainda enfatiza que a ausência de prosperidade financeira, saúde ou felicidade é consequência direta da falta de fé ou do descumprimento dos princípios bíblicos referentes às promessas divinas. Em alguns casos, afirma-se que tais condições negativas seriam indícios de envolvimento direto ou indireto com o diabo. Assim, aqueles que possuem bens materiais, desfrutam de boa saúde e vivem sem grandes aflições são reconhecidos como verdadeiros fiéis, ou seja, ovelhas aprovadas por Deus.

[...] Essa teologia está operando e promovendo forte inversão de valores no sistema axiológico pentecostal. Faz isso ao enfatizar quase que exclusivamente o retorno da fé nesta vida, pouco versando acerca da mais grandiosa promessa das religiões de salvação: a redenção após a morte. Além de que, em vez de valorizar temas bíblicos e tradicionais do martírio, auto sacrifício, isto é, a “mensagem da cruz” – que apregoa o ascetismo (negação dos prazeres da carne e das coisas deste mundo) e a perseverança dos justos no caminho estreito da salvação, apesar do sofrimento, das injustiças e perseguições promovidas pelos ímpios contra os servos de Deus – a Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos. [...] Embora defendam de modo triunfalista, que, no mundo, o verdadeiro cristão está predestinado a uma vida próspera, feliz e vitoriosa, sendo “mais que vencedor” em todas as circunstâncias, os neopentecostais, que rejeitam a pecha de mundanos, materialistas e hedonistas, ressalvam que o crente deve colocar seu coração

primeiro em Deus e em sua obra, somente depois nas coisas materiais. (Mariano, 2014, p.158)

Dentre os principais pregadores e escritores associados à Teologia da Prosperidade, destaca-se Kenneth Hagin, nascido no Texas (Estados Unidos) em 1917. Hagin é amplamente reconhecido como uma das figuras centrais do Movimento da Confissão Positiva (CP), que ganhou notoriedade tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil.

Após uma juventude marcada por condições de pobreza e problemas graves de saúde, Hagin iniciou seu ministério como evangelista na Igreja Batista. No entanto, suas experiências religiosas de cunho pentecostal o levaram, em 1937, a tornar-se pastor da Assembleia de Deus. Posteriormente, em 1949, iniciou sua trajetória como evangelista itinerante, vindo a organizar seu próprio ministério em 1962, o qual viria a exercer grande consideração nos círculos neopentecostais.

Mariano (2014) destaca que

[...] em sua carreira de pregador da Confissão Positiva [...], Hagin inspirou-se em Essek William Kenyon (1867-1948) e chegou mesmo a plagiar vários escritos dele. No Emerson College of Oratory, em Boston, Kenyon – escritor, pregador batista, metodista, pentecostal e itinerante sem vínculos denominacionais, radialista de sucesso no final dos anos 30 e começo dos 40 – inclinou-se aos ensaios das ‘seitas metafísicas’ derivados da filosofia do ‘Novo Pensamento’, formulada originalmente por Phineas Quimby (1802-66). Quimby, que estudara espiritismo, ocultismo, hipnose e parapsicologia para produzir sua filosofia, inspirou e curou Mary Baker Eddy, fundadora da Ciência Cristã. E os escritos de Mary Baker, por sua vez, teriam influenciado as doutrinas de Kenyon, autor original da Confissão Positiva (Mariano, 2014, p.151)

No entanto, a importância exercida sobre Kenneth Hagin concentrou-se principalmente nas questões relacionadas à cura divina e à CP. Ribeiro (2021) reforça que Hagin foi influenciado por Oral Roberts, conhecido televangelista norte-americano, especialmente no que diz respeito às promessas de retorno material e financeiro decorrente das contribuições e ofertas feitas pelos fiéis.

A teologia desenvolvida e disseminada por Hagin afirmava que viver na pobreza ou sofrer com doenças era uma forma de pecado, uma vez que ele ensinava que Jesus Cristo havia morrido pelos pecados da humanidade - o que incluiria a falta de prosperidade financeira e a enfermidade física. Segundo Ribeiro (2021), Hagin argumentava que o caminho para alcançar tais bênçãos seria por meio da CP, isto é, não bastava apenas orar, jejuar, ler a Bíblia ou contribuir com dízimos e ofertas; era necessário também confessar verbalmente aquilo que se

desejava, dando origem ao conceito de CP. Para os praticantes da Teologia da Prosperidade (TP), temas como pobreza, doença ou até mesmo posições políticas divergentes do conservadorismo são frequentemente interpretados como sinais de maldição ou ausência de fé.

Teixeira (2021, p. 100) observa que esse movimento propõe uma postura na qual o líder religioso orienta o fiel a desenvolver uma crença voltada à realização de seus desejos. Nesse sentido, a pessoa deve antecipar mentalmente a meta a ser alcançada, incorporando à sua rotina a ritualização de palavras de ordem, declarações de posse e a verbalização constante daquilo que deseja alcançar.

Trata-se da crença, segundo Mariano (2014, p. 152–153), de que qualquer crente possui o poder - prometido nas Escrituras e garantido pelo sacrifício de Jesus - de trazer à existência, seja para o bem ou para o mal, tudo aquilo que confessa, determina, declara ou decreta, normalmente de forma verbal e em voz alta. Os defensores da CP baseiam essa prática na narrativa da criação do mundo em Gênesis, segundo a qual Deus criou todas as coisas por meio da palavra. Assim, para os adeptos dessa doutrina, tudo aquilo que é proferido com fé transforma o sujeito em um agente divinamente inspirado, materializando-se em um agir sobrenatural.

Vejamos a seguir uma postagem feita no dia 03 de outubro de 2022 pelo pastor Silas Malafaia em sua conta no Instagram. Na postagem ele declara e antecipa mentalmente o resultado das eleições com um questionamento: “Por que Bolsonaro vai ganhar estas eleições?”

IMAGEM 2: Print da postagem feita pelo pastor Silas Malafaia em 03 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/silasmalafaia

Enquanto líder religioso, Silas Malafaia adota um dos princípios centrais da CP, elemento característico da Teologia da Prosperidade. Mais do que um discurso em defesa de sua preferência eleitoral, Malafaia, em sua postagem, apresenta uma justificativa de fé, determinando de forma velada a vitória do então candidato Jair Bolsonaro.

Esse tipo de enunciação evidencia que o discurso não se limita e nem se presta à transmissão objetiva de informações, mas atua como um campo de poder que constrói e organiza realidades, operacionaliza subjetividades e práticas sociais de forma sutil, porém eficaz. Conforme argumenta Foucault (2012 [1969]), os discursos não apenas expressam relações de poder, mas também produzem "verdades". É preciso considerar o discurso como o que constitui o sujeito, o discurso como prática de subjetivação.

O enunciado do pastor se insere precisamente nesse contexto: por não ser explicitada de maneira direta, ela atua de forma mais insidiosa, contribuindo para a naturalização e internalização de determinadas crenças e orientações políticas. O discurso se reveste de autoridade simbólica, tornando-se parte do tecido social compartilhado entre os seguidores.

Na condição de sujeito pastor, Malafaia mobiliza em sua atuação no Instagram um discurso que produz efeitos de verdade entre seus seguidores. Esses efeitos se sustentam sobre formas culturalmente legitimadas, especialmente aquelas reconhecidas dentro do campo neopentecostal, por meio da prática da CP enquanto estratégia performativa vinculada à Teologia da Prosperidade.

Um outro exemplo de CP de uma forma mais expressiva acerca do que refletimos anteriormente foi postado pela Bispa Sônia Hernandez em conjunto com a filha Fernanda Hernandez no dia 01 de outubro de 2022.

IMAGEM 3: Print da postagem feita pela bispa Sônia Hernandez em 01 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/bispasonia

A CP, que enfatiza a declaração verbal de bênçãos e prosperidade como meio de manifestá-las na vida do crente, pode ser vista como uma forma de “discurso de poder”. A postagem revela expressões como “Eu profetizo”, “Deus tem preparado”, “Prosperidade sobrenatural”, “Deus vai curar” e, na descrição, “Eu declaro o melhor mês de outubro da sua vida, em nome de Jesus”. Ao final do texto ainda reforça que “Se vocês crê (SIC), deixe seu amém nos comentários e vamos viver o melhor trimestre”. A crença parece operar precisamente nessa interseção de poder individual e soberania política que Foucault (2008 [1979]) descreve. No trecho mencionado, Foucault nos convida a entender o poder como algo que não se encontra apenas nas estruturas centralizadas, como o Estado, mas que se exerce nas relações cotidianas, em práticas concretas e localizadas. Segundo Foucault (2008 [1979]), o poder não é algo que se possui ou se aliena, mas algo que circula e se exerce nas relações entre indivíduos.

Quando ele diz que “o poder é o poder concreto que cada indivíduo detém e que cederia, total ou parcialmente, para constituir um poder político, uma soberania política”, está destacando que a soberania política não existe de forma isolada, mas é sempre alimentada e moldada por relações de poder que existem em níveis micro, ou seja, na vida cotidiana, nos gestos, nas escolhas e nas crenças individuais. Essa perspectiva é essencial porque desloca a análise do poder de uma visão exclusivamente estatal ou jurídica (o poder do governo) para uma compreensão de como as práticas individuais de poder – que incluem, por exemplo, a

crença religiosa ou a adesão política – são fundamentais na constituição de sistemas políticos e de soberania.

As expressões “Eu profetizo”, “Deus tem preparado”, “Prosperidade sobrenatural”, “Deus vai curar” e “Eu declaro o melhor mês de outubro da sua vida, em nome de Jesus” são exemplos de como os sujeitos são encorajados a exercer seu poder pessoal. Observa-se o funcionamento mais amplo da CP, que estabelece as regras e normas para como esse poder pode ser exercido. Assim, embora os sujeitos possam ter a sensação de que estão exercendo seu próprio poder, eles estão, na verdade, participando de uma forma de soberania política que é maior do que eles. Essa reflexão está diretamente conectada ao modo como Foucault (2008 [1979]) vê o poder na biopolítica. Ele não entende o poder apenas como algo que reprime (como no modelo clássico do soberano), mas como algo disperso, capilar, que circula e se infiltra na vida cotidiana e nos corpos. A crença funciona como um ponto de interseção entre o poder individual (como cada fiel age, sente e pensa) e o poder político maior (como as lideranças religiosas, por exemplo, mobilizam essas crenças para fins políticos). Nesse sentido, o discurso religioso atua biopoliticamente ao governar não apenas ideias abstratas, mas corpos, práticas e comportamentos - ou seja, a vida biológica e social dos fiéis.

Além disso, a exortação final para “deixar seu amém nos comentários e vamos viver o melhor trimestre” serve para reforçar a ideia de que a fé e a prosperidade são intrinsecamente ligadas. Isso cria uma forma de Governamentalidade²⁰ em que os sujeitos são incentivados a se autorregular de acordo com as normas estabelecidas pela CP. Em suma, a CP encoraja os sujeitos a exercerem seu poder pessoal, o que resulta em uma forma de exercício do poder pelos líderes neopentecostais, mas também pelos próprios seguidores que também exercem poder. Para Foucault (1999 [1976]), o poder não está concentrado apenas em instituições ou figuras de autoridade, mas circula em todas as relações sociais, sendo exercido também pelos indivíduos, mesmo aqueles que tradicionalmente são vistos como "subordinados".

A subversão ao velho ascetismo pentecostal é outra consequência aplicada pela TP. O ascetismo pentecostal tradicionalmente enfatiza a renúncia aos prazeres mundanos e a vida de sacrifício em nome da fé. No entanto, a TP muda esse foco para a obtenção de bênçãos materiais e sucesso financeiro como sinais de favor divino. Isso representa uma mudança fundamental na maneira como a fé é entendida e vivida. Ela subverte o ascetismo pentecostal através de sua

²⁰ Foucault (2010, p.59) afirma ser um conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer uma forma bem específica, bem complexa de poder, que tem como alvo a população como forma mais importante de saber.

reinterpretação da Escritura. Versículos bíblicos²¹ que tradicionalmente são interpretados como chamados ao sacrifício e à renúncia são frequentemente reinterpretados como promessas de prosperidade material. Além disso, enquanto o ascetismo pentecostal vê o mundo material como algo a ser evitado, a TP o vê como um campo de bênçãos a ser reivindicado pela fé. Isso subverte a visão tradicional pentecostal do mundo como um lugar de tentação e pecado. Finalmente, a TP subverte a visão tradicional pentecostal de Deus. Em vez de um Deus que exige sacrifício e renúncia, a TP apresenta um Deus que deseja conceder prosperidade material aos seus seguidores.

[...] A Teologia da Prosperidade promete prosperidade material, poder terreno, redenção da pobreza nesta vida. Ademais, segundo ela, a pobreza significa falta de fé que Jesus veio ao mundo pregar o Evangelho aos pobres justamente para que eles deixassem de ser pobres. Da mesma forma, Ele veio pregar aos doentes porque desejava curá-los. Deus não é sádico, tem grande prazer no bem-estar físico e na prosperidade material de seus servos. O contrário não tem respaldo nem sentido bíblico. Os reais servos de Deus não são nem nunca serão párias sociais. Durante muito tempo o Diabo obscureceu a visão dos crentes a respeito dessas verdades, mas agora, conscientes da ardileza satânica, eles começam a tomar posse das promessas divinas. (Mariano, 2014, p.159)

A teologia usada pelos neopentecostais defende que os homens estejam destinados à prosperidade, à saúde, à vitória e à felicidade. Só que para alcançar tais bênçãos, garantir a salvação e afastar os demônios da vida, basta o crente ter fé incondicional e inabalável em Deus, exigir seus direitos em voz alta, sempre em nome de Jesus e ser obediente e fiel no pagamento dos dízimos, já que para os crentes da TP o Deus não é “do mínimo”, mas é “do máximo”, conforme aponta o bispo Robson Rodovalho da SNT.

²¹ Mariano (2014) aponta que Mateus 19:21 é interpretado como um chamado ao sacrifício e à renúncia. Jesus diz ao jovem rico: “Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me”. No entanto, na TP, este versículo pode ser reinterpretado para sugerir que ao dar aos pobres (ou à igreja), você está semeando uma semente que Deus multiplicará, resultando em prosperidade material. Em Malaquias 3:10, o versículo é frequentemente citado na TP. Segundo o autor, tradicionalmente, é visto como um chamado para dar o dízimo como um ato de obediência a Deus. No entanto, na TP, é frequentemente interpretado como uma promessa de prosperidade material. O versículo diz: “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância”. Marcos 10:29-30: Jesus diz: “Em verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou campos, por amor de mim e do evangelho, que não receba, já no presente, o centuplo - casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna”. Tradicionalmente, segundo Mariano (2014), este versículo é interpretado como uma promessa de recompensas espirituais e materiais para aqueles que deixam tudo por amor a Jesus e ao evangelho. No entanto, na TP, a promessa de receber “o centuplo” é frequentemente interpretada como uma promessa de prosperidade material nesta vida.

[...] Deus não nos criou para o mínimo, o salário mínimo. Deus não nos criou para o mínimo, Deus nos criou para o máximo, a abundância, o melhor que ele tem para nós. Deus nos criou para o máximo. Tanto que ele nos criou num ambiente, num local, chamado Éden, o Jardim do Éden. E a palavra Éden é plenitude, não escassez. Tudo bem. Quando o homem, Adão e Eva pecaram, aí eles abriram mão e saíram do lugar de fartura, de plenitude e aí eles foram suar, transpirar, calo nas mãos para ter o seu pão. O que eles recebiam de graça custou muito. Então, pobreza, escassez, essa coisa apertada, isso vem como consequência da queda. Não é o plano nem o projeto perfeito do nosso Deus. Nós que andamos com Ele temos os direitos de ter o melhor. [...] Solteiros, Deus vai te dar o melhor marido, a melhor esposa. Deus vai te dar a melhor empresa, o melhor negócio. Deus vai te dar o melhor emprego. Deus vai te dar o melhor. Seja exigente. Olha para frente e diga: eu já esperei até aqui e eu quero o melhor de Deus na minha vida²².

Para os adeptos da Teologia da Prosperidade (TP), o dízimo segue a lógica do "dar para receber", baseada na crença de que, quanto mais se oferta, mais bênçãos são recebidas em retorno. Macedo (2014, s.p.) reforça essa concepção ao afirmar que o dízimo está diretamente ligado à salvação da alma, comparando-o ao casamento, no qual há um compromisso assumido em uma aliança com Deus. Para o líder religioso, os primeiros 10% da renda representa os primeiros frutos - e, por isso, devem ser os melhores. O fiel que obedece a esse preceito estaria, segundo ele, valorizando a aliança estabelecida com o divino.

Em síntese, a Teologia da Prosperidade representa uma mudança significativa na compreensão do propósito do cristianismo. Ela desloca o foco da fé cristã tradicional - centrada na crença em Jesus Cristo - para uma lógica orientada pela prosperidade material, pela cura física e pela superação dos males da vida. Essa teologia reinterpreta as Escrituras para fundamentar essa mudança e redefine a relação entre o crente, o mundo material e Deus.

De acordo com seus defensores, por meio da fé, da oração e do exorcismo, é possível libertar qualquer pessoa de qualquer situação adversa: miséria, vícios, doenças, crises emocionais ou familiares. Ninguém é excluído desse processo de restauração. A promessa é clara: há esperança para todos, desde que se “aceite” a Cristo, se declare verbalmente a posse das promessas bíblicas, se contribua generosamente nas ofertas e se mantenha uma fé inabalável em Deus.

Essa teologia, com suas promessas de abundância e libertação, ganha ainda mais força quando articulada à linguagem midiática contemporânea. Assim, na subseção seguinte, serão apresentadas as condições de possibilidade que tornaram viável a entrada do neopentecostalismo na mídia digital, revelando os deslocamentos históricos, discursivos e

²² Deus não te criou para o Salário Mínimo // Bispo Rodovalho.
<https://www.youtube.com/watch?v=YIwDbC2Xgd8> Acesso em 21.mar.2024

tecnológicos que permitiram sua expansão e consolidação nesse novo território comunicacional.

2.4 As condições de possibilidade para a entrada do neopentecostalismo na mídia digital

Na perene ânsia de transcender a realidade tangível, o ser humano há muito tempo almeja escapar das amarras do presente e das dificuldades da vida, envolvendo-se, direta ou indiretamente, com sujeitos-pastores, aos quais confere um status de referência e destaque. Tal valorização é impulsionada por enunciados associados ao sagrado, por vezes revestidos de um espectro considerado santo, que intervêm nas práticas cotidianas e influenciam as decisões dos fiéis em diversas circunstâncias da vida. Contrera (2005) enfatiza que a evasão da realidade, especialmente após a popularização da mídia, intensificou a busca por experiências religiosas - movimento prontamente percebido e explorado pelos líderes neopentecostais.

Fazendo um recorte da história do cristianismo, Campos (2008) relata que décadas após a morte de Jesus apareceram os Evangelhos, relatos históricos²³ por meio da hagiografia²⁴, e as epístolas dos apóstolos, que, em sua maioria, reconfiguravam os seus ensinamentos. Todos são recursos comunicativos. Nesse sentido, a comunicação de Jesus era inovadora e focava essencialmente a oralidade. Em *Antiguidades*, Josephus relata sobre Jesus de Nazaré e seus dizeres são considerados raros. Segundo Berti²⁵ (2011), a parte que cita Jesus está em *Antiguidades* 18:3,3. Veja o que o historiador expôs nesse documento sobre Jesus:

[...] Nesse mesmo tempo apareceu Jesus, que era um homem sábio, se, todavia, devemos considerá-lo simplesmente como um homem, tanto suas obras eram admiráveis. Ele ensinava os que tinham prazer em ser instruídos na verdade e foi seguido não somente por muitos judeus, mas mesmo por muitos gentios. Era o Cristo. Os mais ilustres da nossa nação acusaram-no

²³ Berti (2011, s/p), afirma que um dos historiadores que desenvolveram relatos históricos acerca de Jesus sem a devida menção bíblica foi o judeu Josef Ben Mathias, conhecido em latim como *Flavius Josephus*. Nascido em Jerusalém em 37 d.C. e morto em Roma em 103 d.C., ele era conhecedor das escrituras sagradas judaicas, do velho testamento e das tradições do seu povo. Ele afirmava que Jesus era um homem de qualidades exímias, mestre sábio e autor de fatos miraculosos. Josephus também desenvolveu escritos sobre João Batista, Herodes, Pilatos, os imperadores Agripa, Felix e outros.

²⁴ O termo hagiografia é de origem grega (*hagios* - santo; *grafia* - escrita). Hagiografia seria como uma “biografia”, que consiste na descrição da vida – milagres – morte – canonização – culto de algum santo, beato, virgem, um abade ou demais servos de Deus proclamados por algumas igrejas cristãs, devido a sua vida e pela prática de virtudes cristãs. É o ramo da História da Igreja dedicado à vida e culto dos santos. Também esse estudo é visto em outras religiões como Budismo e Islamismo, acerca de homens e mulheres cujas biografias interessam ao culto ou à crença deles.

²⁵ Disponível em: < <https://marceloberti.wordpress.com/2011/04/29/josefo-e-a-historicidade-de-cristo/> > Acesso em 18 mar.2024.

perante Pilatos e ele fê-lo crucificar. Os que o haviam amado durante a vida não o abandonaram depois da morte. Ele lhes apareceu ressuscitado e vivo no terceiro dia, como os santos profetas o tinham previsto e que ele faria muitos outros milagres. É dele que os cristãos, que vemos ainda hoje, tiraram seu nome. (Josephus apud Berti, 2011, s/p)

Desde o seu início, no século XVI, os protestantes necessitavam de estratégias para conquistarem cada vez mais a atenção e a fidelização de pessoas com o intuito de se sobreporem a outras correntes cristãs. Segundo Campos (2004), o resultado dessa busca de novos meios para ampliar e aprofundar a comunicação foi a criação de uma cultura mais peculiar ou agressiva nas relações com as demais religiões.

Para Contrera (2005), antes da popularização dos meios de comunicação, o “centro do mundo” era representado pelo centro da cidade, pela praça ou pela porta da igreja. Eliade (1992) denomina esses espaços como resíduos míticos do espaço sagrado das culturas primitivas. Nesse contexto, o advento da imprensa explica, em grande medida, o sucesso da Reforma Protestante - movimento que, segundo diversos estudiosos, não teria alcançado tal repercussão sem o suporte da mídia impressa.

A relação dos protestantes com a Bíblia e os livros de confissão de fé tornou, conforme Campos (2004), esse ramo do cristianismo a “religião do livro”, marcada por uma postura iconoclasta diante de outras formas de comunicação ou expressão religiosa. No Brasil, os protestantes passaram a ser conhecidos como “os bíblias”, justamente por centralizarem toda a prática religiosa nas Escrituras. Segundo o autor, no culto protestante, o púlpito e a pregação da Palavra tornaram-se os elementos centrais, e o pastor passou a ser reconhecido como “ministro da Palavra” e, em algumas denominações, também como “ministro dos sacramentos”.

Dessa forma, o protestantismo consolidou-se, conforme Campos (2004), como uma religião de caráter evangelizador, proselitista e missionário. O autor destaca que, para reforçar essas características, teólogos difundiram a ideia de que seria necessário reencontrar a “pureza da Igreja”, supostamente perdida ao longo da Idade Média. A busca por legitimidade e inserção nos espaços sociais levou os protestantes a adotarem, cada vez mais, estratégias de expansão através dos meios de comunicação, considerados, por muitos, como instrumentos concedidos por Deus para a difusão das doutrinas por meio da pregação.

Para Campos (2004), os primeiros séculos do protestantismo podem ser caracterizados como um período de “comunicação da religião”, em que as práticas comunicativas aconteciam principalmente no circuito oral, por meio da pregação nos púlpitos e da dramatização dos cultos. Nos tempos de Lutero e Calvino, a base teológica e doutrinária era essencialmente escriturística.

A presença do neopentecostalismo na mídia digital configura-se como um fenômeno complexo, sustentado por uma série de condições de possibilidade. Dentre elas, destaca-se a origem e a própria evolução do movimento, que surge como uma vertente do pentecostalismo a partir da década de 1970, no Brasil. Desde então, passou a incorporar práticas e crenças anteriormente rejeitadas pela doutrina tradicional, incluindo a Teologia da Prosperidade (TP).

Uma segunda condição diz respeito à presença midiática. J. B. Thompson (1998, p. 25) define a comunicação como “[...] um tipo distinto de atividade social que envolve a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas e implica a utilização de recursos de vários tipos”. Assim como qualquer atividade social, a comunicação no campo religioso está vinculada a contextos sociais, culturais e econômicos.

Na sociedade contemporânea, a forma de se viver a religiosidade tem assumido novas proporções. A esfera antes protegida pelas instituições religiosas ou pela tradição tem progressivamente migrado para o espaço midiático, que se configura como uma nova instância organizadora das relações sociais e comunitárias.

O exercício do poder da mídia digital no campo religioso permitiu que os seguidores de denominações neopentecostais passassem a tratar o líder religioso e seus conteúdos midiáticos como bens de consumo. Ao mesmo tempo, veem a si mesmos como sujeitos portadores de múltiplas identidades, construídas a partir de um esforço de identificação com figuras públicas religiosas, tornando a fé um elemento cada vez mais intermediado pela paixão e pelo desejo de pertencimento, como observa Lipovetsky (2004).

A paixão pela prosperidade, pela libertação, pela cura e pela determinação, bem como pelas crenças e valores que atendem às necessidades e desejos de seus membros, são algumas das consequências das práticas adotadas pelas igrejas evangélicas, especialmente as neopentecostais. Essas igrejas têm se expandido significativamente, alcançando comunidades frequentemente negligenciadas tanto pelo Estado quanto pela Igreja Católica Romana, oferecendo espaços de acolhimento e pertencimento.

Além disso, desempenham um papel importante na assistência aos mais pobres e marginalizados, contando com o apoio de seguidores oriundos de diversas camadas sociais, inclusive das classes mais abastadas. Esse fenômeno tem provocado uma interferência crescente na política e no debate público, com as igrejas promovendo e defendendo valores conservadores.

A utilização das redes sociais digitais tem sido um fator determinante para a amplificação desse movimento, permitindo a disseminação ainda mais rápida e eficaz de suas mensagens e práticas, ampliando significativamente seu alcance e impacto na sociedade.

Os neopentecostais têm se mostrado particularmente enérgicos na incorporação dessa paixão, utilizando a mídia - especialmente a digital - como uma ferramenta estratégica para expandir suas mensagens. Essa vitalidade, segundo estudiosos, talvez se explique pelo fato de o protestantismo ter surgido e permanecido como uma minoria religiosa, sobretudo em contextos marcados por profundas mudanças culturais e tecnológicas.

Contudo, a oralidade nunca foi totalmente abandonada no contexto evangélico: ela permaneceu como recurso central nos púlpitos e na propagação boca-a-boca, mantendo-se como elemento fundamental na transmissão das crenças e na construção das comunidades de fé.

Vale citar o que Cunha (2007) apresentou como síntese da formação evangélica, ao qual destacamos o Brasil e uma parte da análise da estudiosa. O PHMIG, já citado anteriormente, tem suas raízes na reforma do século XVI, não tem preocupações missionárias e chegou em terras brasileiras a partir do século XIX. A segunda corrente protestante é citada por ela como *Protestantismo Histórico de Missão* ou PHM. Ela tem origem na Reforma, porém tem ligação com religiosos norte-americanos. Fazem parte deste grupo a Igreja Congregacional, Igreja Batista, Igreja Metodista, Igreja Episcopal e a Igreja Presbiteriana. Essas duas primeiras correntes são resultantes da expansão cristã protestante norte-americana, pois tentativas já tinham sido feitas no passado, sem sucesso, por franceses e holandeses, conforme diz Campos (2004).

[...] O início do protestantismo no Brasil foi marcado pela chegada de viajantes divulgadores de livros religiosos que iniciaram a distribuição de Bíblias e da literatura evangélica em várias partes do país. Com a chegada oficial dos missionários protestantes em 1855, começava uma ampla transformação do campo religioso, que depois viria acolher religiões não católicas, algumas de origem protestante como o adventismo, os mórmons ou russelitas, também conhecido como as Testemunhas de Jeová. Após 1910 chegaram os pentecostais, que em São Paulo e no Paraná deram origem a Congregação Cristã do Brasil e em 1911, no Pará, viria ser conhecida como Assembleia de Deus. (Campos, 2004, p.04)

A partir da descrição histórica o Protestantismo foi, inicialmente, a religião do livro a partir da ampla distribuição das Bíblias para os que não eram sacerdotes. E podemos afirmar que o Protestantismo é a religião da comunicação.

Mariano (2014) ressalta que, desde a década de 1970, quando televangelistas norte-americanos como Pat Robertson, Rex Humbard, Billy Graham e Jimmy Swaggart alcançaram grande popularidade entre os crentes brasileiros, a mídia passou a ser percebida como o principal espaço para “ganhar almas” para Cristo e atrair fiéis para as igrejas.

Nesse mesmo sentido, Hoover (2011, s/p) enfatiza que, para existirem na contemporaneidade, as religiões precisam existir na mídia, uma vez que a experiência religiosa e espiritual hoje ocorre, em grande parte, mediada pelos meios de comunicação. As pessoas tornaram-se progressivamente mais envolvidas com essa dinâmica, pois a esfera midiática impõe suas próprias exigências, e as instituições religiosas não conseguem controlar plenamente as formas pelas quais seus conteúdos são distribuídos e consumidos.

Com o avanço da mídia, as religiões passaram a se desvincular dos espaços físicos tradicionais e de suas lógicas estruturantes. A expansão dos meios de comunicação e o desenvolvimento de técnicas midiáticas possibilitaram às denominações religiosas criar marcas próprias, promovendo uma transição do modelo centrado no “aqui e agora” para o que Sodré (2002) define como a substituição do antigo bem ético pelo individualismo do estar.

Como consequência desse processo, ocorre uma associação entre salvação e consumo, expressa no que Fausto Neto (2004) denomina de “contatos entre a comunidade e o transcendente”, mediada por experiências comunicacionais que ressignificam a relação entre fé, mídia e identidade religiosa.

Segundo Fausto Neto (2004), as operações de transmissão da mensagem nas mídias ocorrem por meio da atuação de “colaboradores”, entre os quais os pastores ocupam posição central. Esses agentes não apenas retransmitem conteúdos, mas performam atos de sentidos, articulando elementos tecnológicos, emocionais e afetivos, numa promessa contínua de transformação ou recompensa espiritual ao fiel. Trata-se de uma dinâmica de captura sustentada por uma lógica de mediação que, embora se insira no plano religioso, aproxima-se das engrenagens de uma indústria – com suas regularidades, repetições e estratégias de fidelização de públicos. O sentido do discurso pastoral, portanto, não é apenas dado, mas produzido e negociado em um campo em que emoção, técnica e desejo se entrelaçam.

Essa dinâmica revela um sistema de dispersão do neopentecostalismo, operando por meio de enunciados que circularam por diferentes plataformas e em distintos formatos midiáticos. Tais enunciados não se acumulam por mera justaposição, mas organizam-se segundo uma regularidade que pode ser descrita nos termos propostos por Foucault (2008). De acordo com o filósofo, uma formação discursiva não se define por conteúdos isolados, mas pela regularidade de sua dispersão, isto é, pelo conjunto de regras que condiciona a emergência, circulação e transformação dos enunciados.

Nesse sentido, ao analisarmos as práticas discursivas dos pastores no espaço midiático, especialmente no contexto neopentecostal, identificamos uma regularidade enunciativa que consolida modos específicos de dizer o religioso, produzindo efeitos de verdade que operam

tanto na constituição dos sujeitos quanto na normatização das condutas. Retomando uma visada discursiva, podemos compreender que essas práticas não apenas refletem a fé ou a espiritualidade, mas produzem uma realidade discursiva na qual o religioso é moldado, repetido e naturalizado por meio da linguagem - ancorado em uma racionalidade pastoral que se atualiza permanentemente no interior do espaço midiático contemporâneo.

Segundo Trigueiro (2001, p.213), a sociedade moderna está cercada de todos os lados pelos vários sistemas de comunicação. Para o autor, o conhecimento e o domínio dos sistemas de informação e de comunicação são fundamentais no mundo globalizado haja vista que as sociedades estão mais interligadas seja pelos meios de transporte, pelas telecomunicações, internet, entre outras. E não é apenas com as novas tecnologias ou com a velocidade da informação que devemos nos atentar. O processo comunicacional tem se tornado cada vez mais presente, complexo e, segundo o autor, de mais difícil compreensão.

Trigueiro (2001) ainda indica que no início do século XX o impacto sociocultural e econômico se deu com a Revolução Industrial. O século XXI está sob o impacto da revolução dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação.

[...] a importância dos meios de comunicação social e sua influência na complexa sociedade globalizada tem sido cada vez mais destacada e, por consequência, a análise da comunicação tornou-se uma prioridade no campo das interações sociais. É necessário investigar, compreender e formular teorias de comunicação que possam atender os interesses da sociedade no mundo globalizado. É neste mundo globalizado que o homem vive atualmente e dele retira as informações que irão contribuir para ampliação dos seus conhecimentos e das suas experiências (Trigueiro, 2001, p.213)

Em pleno século XX, a igreja perdeu ou já não contava mais com um poder que exercia em tempos anteriores. Silverstone (2002, p.263) discute o poder assumido pela mídia no contexto social. Ele ressalta que essa ferramenta pode destruir ou fortalecer alguém, capacitar, animar, enganar, mudar o equilíbrio de forças nos mais diversos campos da sociedade, inclusive o campo religioso, criando e sustentando significados, focando a persuasão, endossando discursos, ampliando o alcance do que era improvável para algo totalmente possível.

A consequência do crescimento foi um cristianismo mais plural, competitivo e complexo. A oralidade foi importante nos primeiros anos da história da comunicação do enunciado cristão na sociedade greco-romana. As epístolas e evangelhos, nessa ordem, atestam a importância da “fase oral-auditiva” na primeira expansão cristã pela Ásia Menor, Norte da África e Europa. Porém, nas primeiras décadas a pregação cristã esteve centrada em um Messias, Jesus Cristo ou Jesus de Nazaré, “que jamais escreveu qualquer coisa, mas que atuou

como mestre, xamã, taumaturgo, exorcista e profeta” (Andrade, 1998, p.243). As praças públicas, as ruas e estradas eram os lugares em que a sua comunicação com as multidões acontecia.

O estudo clássico “A ética protestante e o espírito do capitalismo”²⁶ feito por Max Weber afirma que o protestantismo foi o impulsionador de uma nova ordem econômica e técnica através da ética dos reformadores que focava na vocação divina para o trabalho. A difusão da fé por meio da mídia se adaptou aos preceitos do consumo. Cunha (2007, p.78) afirma que os evangélicos são atualmente um segmento, um mercado em plena expansão. A estudiosa reforça que a mídia promoveu a mediação do consumo e isso fez com que tal ferramenta no segmento evangélico adquirisse um novo papel. Ela ressalta que entre as décadas de 1960 e 1980 os programas evangélicos valorizavam o culto destacando as experiências de cura, exorcismo e a proposta de salvação em Jesus Cristo. No mesmo período havia personagens carismáticos que apresentavam promessas de cura e salvação e a ênfase das mensagens eram na Igreja e na sua adesão.

Entretanto a dinâmica está mais voltada ao entretenimento e adaptada ao estilo do que é veiculado na mídia secular. Cunha (2007) afirma que, nesse contexto, não há tele ou radio evangelistas. Há apresentadores/pastores mais ou menos conhecidos que apresentam programas próprios com uma abordagem específica – família, libertação, prosperidade, casamento – por meio de formatos assemelhados a programas de auditório ou de entrevistas.

Antes a preocupação primária era o proselitismo, ou seja, o convite à conversão ou na divulgação da denominação religiosa. Hoje em dia, o foco é diretamente na diversão, no entretenimento “santo”, na exposição da vida do líder religioso – apresentando suas conquistas, suas trajetórias, depoimentos de fiéis e, inclusive, a apresentação de pautas políticas associadas às crenças e valores dos neopentecostais. Outra condição de possibilidade que verificamos é a Cultura Política no Brasil. Nos últimos anos, e em particular em 2022, quando ocorreram as eleições presidenciais, o Brasil tem sido cenário de uma crise política e institucional profunda que persiste há anos. Além disso, houve um aumento da polarização política e a propagação de discursos de ódio contra as minorias da sociedade brasileira. Nesse cenário, existem líderes neopentecostais que ocuparam lugares de visibilidade política e midiática utilizando fortemente as redes sociais digitais. É o caso, por exemplo, da postagem a seguir feita pelo Agenor Duque da IAPTD.

²⁶ WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 1ªed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2013.

IMAGEM 4: Print da postagem feita pelo apóstolo Agenor Duque em 31 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/apostoloagenorduke

Após a proclamação do resultado das eleições presidenciais, a postagem um enunciado de um dos principais nomes do protestantismo histórico, João Calvino, ao afirmar que “quando Deus quer julgar uma nação, Ele lhes dá governantes ímpios”, o líder religioso revela que o presidente eleito – Luiz Inácio Lula da Silva – e todos os seus partidários são ímpios, separando os que são “do bem” daqueles que são “do mal”. Ele reforça, na descrição, que se recorda do povo de Deus em 586 a.C que foi levado para o cativeiro babilônico por não ouvirem os profetas, principalmente o profeta Jeremias²⁷.

²⁷ “A palavra que veio a Jeremias acerca de todo o povo de Judá, no ano quarto de Jeioaquim, filho de Josias, rei de Judá que era o primeiro ano de Nabucodonosor, rei de Babilônia, a qual anunciou o profeta Jeremias a todo o povo de Judá, e a todos os habitantes de Jerusalém, dizendo: Desde o ano treze de Josias, filho de Amom, rei de Judá, até o dia de hoje, período de vinte e três anos, tem vindo a mim a palavra do Senhor, e vo-la tenho anunciado, falando-vos insistentemente; mas vós não tendes escutado. Também o Senhor vos tem enviado com insistência todos os seus servos, os profetas mas vós não escutastes, nem inclinastes os vossos ouvidos para ouvir, quando vos diziam: Convertei-vos agora cada um do seu mau caminho, e da maldade das suas ações, e habitai na terra que o Senhor vos deu e a vossos pais, desde os tempos antigos e para sempre; e não andeis após deuses alheios para os servirdes, e para os adorardes, nem me provoqueis à ira com a obra de vossas mãos; e não vos farei mal algum. Todavia não me escutastes, diz o Senhor, mas me provocastes à ira com a obra de vossas mãos, para vosso mal. Portanto assim diz o Senhor dos exércitos: Visto que não escutastes as minhas palavras eis que eu enviarei, e tomarei a todas as famílias do Norte, diz o Senhor, como também a Nabucodonosor, rei de Babilônia, meu servo, e os trarei sobre esta terra, e sobre os seus moradores, e sobre todas estas nações em redor e os destruirei totalmente, e farei que sejam objeto de espanto, e de assobio, e de perpétuo opróbrio. E farei cessar dentre eles a voz de gozo e a voz de alegria, a voz do noivo e a voz da noiva, o som das mós e a luz do candeeiro. E toda esta terra virá a ser uma desolação e um espanto; e estas nações servirão ao rei de Babilônia setenta anos. Acontecerá, porém, que quando se cumprirem os setenta anos, castigarei o rei de Babilônia, e esta nação, diz o Senhor, castigando a sua

O capítulo 25 do Livro de Jeremias apresenta um enunciado profético dirigida ao povo de Judá e Jerusalém, transmitida pelo profeta Jeremias. Ele faz uma convocação solene para que o povo ouça a palavra do Senhor, advertindo que as mensagens dos profetas anteriores - incluindo as suas - não foram ouvidas nem obedecidas. Jeremias proclama que, devido à desobediência e à idolatria do povo de Judá, Deus decidiu trazer juízo sobre eles. Esse juízo se concretizaria por meio do domínio babilônico, que se estenderia não apenas sobre Judá, mas também sobre muitas outras nações, como punição por seu pecado e rebelião contra Deus.

O texto evidencia a soberania de Deus sobre todas as nações da terra. Ele utiliza Nabucodonosor, rei da Babilônia, como instrumento de Sua ira, para punir os povos rebeldes. A Babilônia é descrita como um "cálice de ira" nas mãos do Senhor, do qual as nações teriam de beber até ficarem embriagadas - uma metáfora para a devastação e o sofrimento que sobreviriam. Jeremias estabelece uma conexão direta entre o juízo iminente sobre Judá e o cativeiro babilônico, atribuindo-o ao fato de Judá não ter observado os anos sabáticos. Assim, o período de setenta anos de desolação e servidão sob o domínio babilônico é apresentado como consequência direta da desobediência do povo às leis e mandamentos divinos.

No enunciado de Agenor Duque - assim como no de outros líderes neopentecostais - há uma autoatribuição simbólica à figura de Jeremias, posicionando-se como profetas de Deus não ouvidos. Nesse enquadramento, Luiz Inácio Lula da Silva é associado, simbolicamente, à figura de Nabucodonosor, entendido como um líder levantado por Deus em resposta à desobediência do povo, ou seja, por não elegerem Jair Bolsonaro. A narrativa construída sugere que a suposta desobediência às “ordens divinas” implicaria um período de servidão e dificuldades para o Brasil, como consequência espiritual da “idolatria” ao candidato eleito.

Neste enunciado, bem como em tantos outros que serão analisados, importa-nos como em seu funcionamento discursivo há uma dada objetivação dos sujeitos, em como sua circulação pode recair sobre a conduta dos sujeitos acerca das escolhas políticas desse grupo, impactando diretamente suas decisões.

Foucault discorre sobre discurso enquanto um conjunto de enunciados, desde que possa se apoiar em uma formação discursiva pois

[...] a lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma e única mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma

iniquidade, e a terra dos caldeus; farei dela uma desolação perpetua. E trarei sobre aquela terra todas as minhas palavras, que tenho proferido contra ela, tudo quanto está escrito neste livro, que profetizou Jeremias contra todas as nações. Porque deles, sim, deles mesmos muitas nações e grandes reis farão escravos; assim lhes retribuirei segundo os seus feitos, e segundo as obras das suas mãos.” (BÍBLIA, Jeremias 25, 1-14, p.1002)

dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência. (Foucault, 1997, p.135).

Nesse contexto, a construção discursiva emerge como uma estrutura permeada por múltiplos enunciados, em que a regulação de normas determina a permanência de alguns e a obsolescência de outros. O discurso exerce um importante papel como ferramenta de construção e legitimação da realidade social. Nos enunciados dos líderes neopentecostais brasileiros é possível observar a construção de referenciais normativos e identitários que definem o que é considerado o “bom fiel”, o “bom político” e as práticas que são aceitas ou rejeitadas dentro dessa comunidade.

A terceira condição de possibilidade para a presença do discurso neopentecostal no campo digital refere-se à transformação da religiosidade contemporânea. A busca por líderes religiosos por meio da mídia digital revela uma tentativa de inclusão social, de preenchimento de si por meio da alteridade e da validação pelo outro.

O neopentecostalismo, enquanto religião midiática, é concebido como o espaço no qual, segundo Borelli et al. (2010, p. 118), o fiel passa a considerar sua própria casa como templo, assumindo a postura de espectador dentro dela. A autora conclui que o sentimento de pertencimento à comunidade de fé não está restrito à dimensão física do templo, mas se expande por meio dos recursos eletrônicos, formando uma comunidade conectada digitalmente. Nesse cenário, as redes sociais digitais dos líderes religiosos tornam-se instrumentalizadas como meios de atração de fiéis. A busca pela vida plena e bem-sucedida é, assim, expressa na forma de audiência religiosa, especialmente em contextos nos quais os indivíduos enfrentam adversidades sociais e econômicas.

Há, portanto, uma convergência em torno do consumo do discurso religioso, onde os líderes neopentecostais veem nas redes sociais digitais - especialmente no Instagram - uma oportunidade para promoverem seus discursos verbo-visuais. Ou seja, o discurso não se constitui apenas por meio do verbo, mas também pela imagem, que ocupa lugar central no espaço sociodigital, configurando a relação entre o líder religioso e seu seguidor fiel.

A convergência entre o verbal e o visual, característica intrínseca das plataformas digitais, oferece aos líderes religiosos um instrumento poderoso para a construção de identidades, a disseminação de mensagens e a consolidação de seguidores. Nesse contexto, a imagem não se limita a ilustrar um discurso preexistente - ela emerge como elemento constitutivo e transformador da própria experiência religiosa. Ao explorar a dimensão visual da

fé, os neopentecostais reconfiguram as práticas devocionais e redesenham os limites entre o sagrado e o profano, inserindo, nesse mesmo íterim, elementos de natureza política.

No capítulo apresentado, com base especialmente em Campos (2004), Cunha (2017) e Mariano (2014), discutimos a genealogia do neopentecostalismo, resgatando a trajetória histórica do protestantismo desde suas origens até a utilização das imagens religiosas, distinguindo o pentecostalismo do neopentecostalismo como movimentos que compartilham algumas raízes, mas apresentam diferenças significativas em termos de práticas, doutrinas e ênfases.

Abordamos ainda a Teologia da Prosperidade - uma corrente doutrinária central no neopentecostalismo - que sustenta a ideia de que a prosperidade financeira e o sucesso material são sinais da bênção divina e um direito dos fiéis.

Identificamos, também, as condições de possibilidade que favorecem a presença do neopentecostalismo na mídia digital. Dentre elas, destacamos: (1) as origens e evolução do movimento a partir da década de 1970, no Brasil, com a incorporação de práticas e crenças antes rejeitadas pela doutrina protestante tradicional, incluindo a própria Teologia da Prosperidade; (2) a crescente presença midiática das igrejas e seus líderes; e (3) a atuação dos líderes religiosos neopentecostais em espaços de visibilidade política.

Apresentamos, ainda, uma síntese da formação evangélica brasileira, partindo do Protestantismo Histórico de Migração (PHMIG), passando pelo Protestantismo Histórico de Missão (PHM), pelos pentecostais e, por fim, pelos neopentecostais. Destacamos que o crescimento desse segmento resultou em um cristianismo mais plural, competitivo e complexo no cenário nacional.

Na próxima seção, aprofundaremos a temática envolvendo a imagem no Instagram como elemento central na relação entre o líder neopentecostal e seus seguidores. Inspirados na perspectiva foucaultiana sobre saber e poder, investigaremos como a imagem fotográfica, enquanto representação, atua como uma tecnologia de poder, operando na produção de verdades e na construção de subjetividades.

Ao explorar a imagem como linguagem e representação, buscamos compreender como o Instagram, ao mesmo tempo que possibilita a conexão entre fiéis e líderes, também modela as experiências religiosas e as práticas devocionais e políticas no contexto digital, funcionando, assim, como um mecanismo de conexão e conversão.

3 A IMAGEM ENQUANTO INSTRUMENTO DE CONVERSÃO E CONEXÃO

A expansão da mídia digital na vida social brasileira constitui um fenômeno de grande relevância, que tem remodelado profundamente as práticas sociais, os padrões de consumo e as dinâmicas de participação cívica no país. Trata-se de um processo impulsionado por uma série de fatores interconectados, desenvolvidos ao longo das últimas décadas. Nesse contexto, a mídia digital tem desempenhado um papel central, especialmente com o advento dos *smartphones* e a ampliação do acesso à internet, que contribuíram significativamente para a popularização do ambiente digital entre diferentes segmentos da população.

Ao considerar as leituras e problematizações sobre a materialidade discursiva da imagem no campo dos Estudos Discursivos Foucaultianos, tomamos como referência o panorama teórico de Michel Foucault, especialmente no que tange aos conceitos de discurso, enunciado, verdade e poder.

O foco das reflexões de Foucault não foi a Fotografia em específico. Entretanto, seus apontamentos nos apresentam possibilidades para refletirmos a respeito da verdade, do enunciado, do poder e do discurso dentro da conjuntura que constitui a teoria-prática fotográfica, já que “a teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática; ela é uma prática” (Foucault, 2004, p.71). Trata-se de olhar para a fotografia ou para a imagem a partir das relações entre o enunciado, discurso e efeitos de verdade. Para o filósofo, o discurso é uma prática social que envolve a produção, circulação e regulação de enunciados, resultado da íntima relação entre saber, poder e verdade:

[...] [A Arqueologia tem a finalidade] de apreender o enunciado na estreiteza e na singularidade do seu acontecimento; de determinar as condições de sua existência, de fixar a maneira mais justa os seus limites, de estabelecer suas correlações com outros enunciados aos quais ele pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação ele exclui. (Foucault, 2000 [1969], p.93)

Foucault (2012 [1969]) reforça ainda que o enunciado é a unidade fundamental do discurso, que se caracteriza por sua materialidade semiológica no mundo. O enunciado é exercido por meio das regras que determinam quem pode falar, quando, onde e sobre o quê. Para Foucault (2012 [1969]), os enunciados não são proposições, nem frases e nem atos de fala que envolvem diversas manifestações de fala²⁸. Segundo o autor, um enunciado é uma função,

²⁸ “Embora o tradutor de A arqueologia defina *speech act* como ato elocutório, adotamos atos de fala como uma melhor adaptação para o português. O *speech act* compreende as diferentes manifestações da fala: ato material que

que congrega um referencial, uma posição sujeito, um campo associado e uma materialidade, aberto à repetição ou à transformação.

O sujeito que captura e dissemina a imagem (enunciado) é histórico, imerso nas relações de saber e poder, produzida a partir de um determinado lugar em um determinado tempo, sempre constituído pelos discursos (Foucault, 2012 [1969]). Assim, a imagem não é propriedade exclusiva do fotógrafo, produtor ou daquele que a contempla, mas uma produção social e histórica que, considerada um efeito, constitui-se em seu funcionamento social entre sujeitos. Como pondera Courtine (2013), a fotografia é um sistema com uma gramática própria composta por elementos como composição, enquadramento, iluminação, cores etc.

A estrutura da rede social digital Instagram – que veremos mais a frente - nos leva, inicialmente, à uma reflexão sobre a imagem enquanto materialidade/materialização do discurso. Essa modalidade discursiva está regulamentada por condições socialmente já existentes. No entanto, tal relação não é automática. Conforme os Estudos do Discurso, não existe independentemente da história, do momento no qual foi criada, do espaço e da sociedade em que se deu a circular, dos sujeitos produtores e leitores envolvidos nesse processo. Como pondera Foucault (2012 [1969]), toda obra artística, aqui incluímos a imagem, apresenta uma sintomatologia de seu tempo, perceptíveis para uns, opaca para outros, mas encontra-se lá.

Desta forma, a imagem como enunciado apresenta a função enunciativa que,

[...] em vez de dar um “sentido” a essas unidades, coloca-as em relação com um campo de objetos; em vez de lhes conferir um sujeito, abre-lhes um conjunto de posições subjetivas possíveis; em vez de lhes fixar limites, coloca-as em um domínio de coordenação e de coexistência; em vez de lhes determinar a identidade, aloja-as em um espaço em que são consideradas, utilizadas e repetidas. (Foucault, 2012, [1969] p. 120).

Portanto, a imagem, ao exercer essa função, constitui prática discursiva

[...] expressiva pela qual um indivíduo formula uma ideia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada em um sistema de inferência; nem com a “competência” de um sujeito falante, quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2012, [1969] p. 133).

consiste em falar (em voz alta ou baixa) e em escrever (à mão ou a máquina); à intenção do indivíduo que está falando - o fato de que quer convencer, que deseja ser obedecido, que procura descobrir a solução de um problema ou que deseja dar notícias”. (Perencini, 2015, p.140)

A citação de Foucault nos leva a refletir sobre o processo de produção da imagem e seu duplo caráter: o de construir visibilidades, mas também o de produzir silenciamentos. Assim como qualquer enunciado, a imagem é uma prática de linguagem que, ao se inscrever em um determinado tempo e espaço, enuncia a partir dessas condições específicas.

Dessa forma, a imagem fotográfica ou digitalmente produzida constitui uma prática discursiva que, ao se articular com a sociedade e suas memórias discursivas, torna-se um espaço de materialização dos discursos. Logo, a partir do complexo trabalho entre o capturado pela câmera e o que fica de fora da materialidade da imagem, também lhe recorta um não-fotografado, não-escolhido, não-capturado: “Desse modo, uma fotografia comporta um jogo representações que funda sentidos singulares para e a partir do ato fotográfico. As práticas de linguagem – e as fotografias inseridas nestas práticas – que emergem, na e pela sociedade, trazem consigo uma série de “memórias discursivas”. (Costa e Figueira-Borges, 2018, p.131)

O ato de fotografar ou de construir uma imagem tem basicamente uma proposta primária de materializar o visual sob uma dada superfície que poderia ser meramente um instrumento de uma memória visual devidamente documentada. Quando tal ato se dispõe a recortar um espaço ou os sujeitos que o ocupam, há um olhar que é construído historicamente pelo próprio discurso, que coloca o que pode ou deve ser capturado pela câmera.

Neste sentido, observamos como a prática discursiva imagética pode desestabilizar ou reforçar certas formas e exercícios de poder e controle. Foucault não trata diretamente de imagem como um dispositivo de poder de maneira explícita em uma obra única e com essa formulação específica. Contudo, o conceito pode ser inferido e articulado a partir de sua noção de dispositivo²⁹ e de sua reflexão sobre visibilidade, saber e poder. Para Foucault (2014 [1979], p.158), “o exercício do poder cria objetos de saber, produz discursos de verdade”.

Assim, ao considerar a prática discursiva imagética como parte integrante de um dispositivo, podemos compreender que as imagens veiculadas pelos líderes neopentecostais não são meras representações visuais neutras, mas funcionam como elementos ativos na constituição de saberes e na legitimação de práticas de poder. Esses registros visuais participam da articulação de um dispositivo que estabelece regimes de visibilidade e de enunciação, delimitando o que pode ser dito, visto e sentido em um determinado contexto. Dessa forma, a imagem, ao ser reiterada e amplificada pelas plataformas digitais, funciona como um operador de verdade que molda percepções e produz subjetividades. No campo específico da atuação dos

²⁹ “Por ‘Dispositivo’ entendo um conjunto resolutamente heterogêneo, que comporta discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais [...]” (Foucault, 2014 [1979], p.244)

líderes religiosos, esse funcionamento imagético atua na construção de um ethos de autoridade e na criação de um universo simbólico que legitima a fusão entre fé e política, consolidando práticas de governamentalidade que atravessam a esfera privada e pública. Assim, a prática discursiva imagética se revela como parte fundamental de um dispositivo de poder que, ao organizar e gerir essas visualidades, conduz condutas e subjetiva os fiéis, vinculando-os a um projeto político-religioso.

Foucault (2014 [1979]) afirma que o poder não é uma propriedade que algumas pessoas ou instituições possuem e outras não, mas sim uma relação social e histórica que permeia todas as esferas da vida. O poder se exerce de diversas formas, como nas relações hierárquicas, nas normas sociais, nas instituições e nas práticas cotidianas. Na rede social digital Instagram, por exemplo, os sujeitos constantemente estão exercendo relações de poder, nas distintas possibilidades de postar, comentar, compartilhar, construir (in)visibilidades. Foucault (2012 [1969]) sugere que o poder seja considerado uma espécie de rede produtiva, pois está em circulação e funciona em cadeia, sem uma dada localização ou propriedade de uma ou outra pessoa, além de não poder ser considerada um patrimônio. Desta forma, a verdade é compreendida como um efeito de poder que é construída historicamente e em constantes disputas. Ela é indissociável da singularidade do acontecimento já que é produzida como um acontecimento num espaço e tempo específicos.

[...] O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante dos próprios olhos e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (Foucault, 2012 [1969], p.49)

A produção visual na rede social digital Instagram é sistêmica. Diariamente, milhares de usuários compartilham imagens em suas contas. A verdade, então, é o efeito, o resultado das lutas discursivas existentes na sociedade. Assim, por meio dos Estudos Discursivos Foucaultianos, podemos analisar as relações de poder que estão presentes nos discursos e nas práticas sociais, de modo a observar as diferentes formas de objetivação, subjetivação e de resistência que se encontram nessas relações.

No cenário das redes sociais digitais, observa-se a forte presença de líderes e fiéis evangélicos que, por princípio religioso, encontram nesses espaços uma oportunidade de divulgar e propagar sua fé, fomentando uma postura missionária voltada a alcançar o maior número possível de pessoas e convertê-las.

Segundo Santana (2005, p. 58), algumas condições favoreceram a maior aproximação entre os evangélicos e a mídia eletrônica nos últimos anos. Em vez de se reunirem exclusivamente de forma presencial, as denominações evangélicas passaram a promover conexões com o mundo por meio da televisão, do rádio, dos *smartphones* e dos computadores, provocando o surgimento de teias digitais de interação e sociabilidade.

A mídia foi o principal instrumento para a conquista de mercado usada pelos protestantes desde meados do século XIX. De acordo com Wood³⁰, a *American Tract Society* (ATS), estudada pelo historiador americano da Arte, David Morgan, foi organizada com base na premissa de que a imprensa é o grande meio de comunicação em todas as partes do mundo missionário. Wood (2000) afirma que as imagens produzidas em massa estão entre as ferramentas mais poderosas na vida protestante.

Mariano (2014) explicita que os neopentecostais frequentemente buscam gerar convencimento, atuando sobre o outro com o objetivo de produzir determinados efeitos no interlocutor e, assim, conquistar a aceitação de seu público. Para o autor, nessa lógica, impõe-se uma escolha ao indivíduo: ou se segue as doutrinas pregadas pelo líder, com a promessa de salvação, ou, ao recusá-las, permanece-se em uma condição de "vida em pecado", sujeita a sanção, repreensão ou até mesmo à exclusão do grupo dos “ungidos”, sendo então classificado como um “desviado” ou um “não crente”.

Os enunciados produzidos pelos líderes neopentecostais estruturam-se, portanto, em torno de uma dicotomia entre bem e mal, pecador e santo, céu e inferno, certo e errado. As ações dos sujeitos passam a ser guiadas por uma lógica do “dever-fazer” e do “não-dever-fazer”, orientadas por promessas de vitória, cura, restituição, bênção e salvação - recompensas espirituais e materiais destinadas àqueles que seguem, de forma rigorosa, as doutrinas estabelecidas por determinada denominação.

Como espaço de legitimação no campo religioso, em que se observam distintos regimes de verdade sustentando cada grupo monoteísta, nota-se uma diversidade de expressões religiosas que disputam a atenção de fiéis em potencial, procurando evidenciar como suas verdades se aplicam à vida cotidiana.

Segundo Mariano (2014), os evangélicos foram pioneiros na exteriorização do discurso religioso em larga escala, graças à utilização dos meios audiovisuais a partir da década de 1950. Embora não realizemos aqui uma análise aprofundada da história desse envolvimento, é possível afirmar que ele promoveu o desenvolvimento de uma nova forma de se relacionar com

³⁰ Disponível em <https://www.firstthings.com/article/2000/11/protestants-and-pictures-religion-visual-culture-and-the-age-of-american-mass-production> . Acesso em 11.fev.2023

a religião, marcando uma recomposição de crenças em um contexto de reorganização social profundamente influenciado pela centralidade da mídia - um cenário em constante transformação. Afinal, vivemos em um mundo globalizado.

A imagem digital elevou o verbo-visual a um patamar sem limites temporais ou espaciais, possibilitando uma circulação contínua e ubiquamente acessível dos discursos religiosos.

Na seção a seguir, discutiremos os conceitos que envolvem a imagem, a efetivação do Instagram enquanto ferramenta de compartilhamento da materialidade discursiva visual, e refletiremos sobre postagens de líderes neopentecostais em articulação com os regimes de verdade que sustentam suas práticas discursivas.

3.1- A imagem: linguagem e representação

No livro “As palavras e as coisas”, Foucault (2007 [1966]) analisa a representação do homem ao longo da história, destacando como as mudanças nas formas de pensar e representar o ser humano refletem transformações mais amplas nas ciências, na filosofia e na cultura em geral. Embora não aborde de maneira direta o personagem Dom Quixote nesse capítulo, é possível estabelecer uma conexão entre suas reflexões sobre a representação do homem, as ideias e temas presentes na obra “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes.

“Dom Quixote” é uma obra literária que aborda a questão da representação de maneira profunda e complexa, que não nos cabe aqui discutir. Entretanto, o personagem principal, Dom Quixote, é conhecido por sua busca idealista e fantasiosa pela liberdade, justiça e heroísmo, inspirado pelos romances de cavalaria que ele lê constantemente. No entanto, sua visão de mundo está em desacordo com a realidade ao seu redor, levando-o a interpretar as situações de forma distorcida e a agir de maneira extravagante e irracional.

Tal condição nos faz remeter à imagem enquanto materialidade discursiva. Ela desempenha um papel no que diz respeito à construção, representação e interpretação do real. Capturada e materializada em um suporte técnico, a imagem é mediadora entre o observador e o mundo. Ela não apenas registra um momento, mas também a interpreta e significa, muitas vezes influenciada por contextos culturais, históricos e ideológicos.

Ainda assim, é importante ponderar que a analogia entre as imagens e os romances que moldaram a visão de Dom Quixote deve ser tratada com cautela. Enquanto o personagem literário vive em um universo de fantasia que colide frontalmente com a realidade, as imagens,

como materialidade discursiva, moldam e organizam visões de mundo de forma mais sutil, complexa e contextual. Elas não produzem necessariamente uma confusão tão radical ou unilateral entre fantasia e realidade. Em vez disso, operam como mediadores simbólicos que podem influenciar as maneiras de ver e de agir, sempre dentro de uma rede de condições culturais, sociais, históricas e tecnológicas que moldam e modulam tais efeitos de sentido. Assim, evitamos cair numa generalização reducionista e reconhecemos a potência das imagens enquanto dispositivos que tensionam e ressignificam a experiência do mundo, sem confundi-la por completo como no caso do cavaleiro de Cervantes.

Aumont (2002, p.17) reforça que se existem imagens é porque temos olhos e isso é fruto da percepção visual – um fenômeno que implica todos os modos de relação entre o homem e o mundo que o cerca. Em sua obra, Aumont primeiramente incorre sobre o ato de ver a imagem. O sistema visual não está ligado apenas aos olhos. A visão é, de fato, um processo, segundo o autor, que emprega diversos órgãos já que a contemplação, a observação e a atenção são resultantes de três operações distintas – ópticas, químicas e nervosas, sendo que

[...] a percepção visual é o processamento, em etapas sucessivas, de uma informação que nos chega por intermédio da luz que entra em nossos olhos. Com toda informação, esta é codificada – em um sentido que não é o da semiologia: os códigos são, aqui, regras de transformação naturais (nem arbitrárias, nem convencionais) que determinam a atividade nervosa em função da informação contida na luz. Falar de codificação da informação visual significa, pois, que nosso sistema visual é capaz de localizar e interpretar certas regularidades dos fenômenos luminosos que atingem nossos olhos (Aumont, 2002, p.22)

Já Arnheim (2004) discorre a percepção sendo a captação dos aspectos estruturais mais evidentes que está inserida num contexto espaço e tempo. Graças a percepção visual somos capazes de avaliarmos a intensidade da luz (luminosidade). Sua variação na intensidade de luz a partir da visão fotópica e a escotópica³¹ pode criar diferentes efeitos visuais e emocionais, ou seja, uma imagem com alta luminosidade pode transmitir sensação de calor, brilho ou vitalidade, enquanto uma imagem com baixa luminosidade pode criar uma atmosfera de mistério, melancolia ou tensão.

Podemos ainda considerar a detecção do comprimento de onda da luz, responsável pela percepção da cor. Arnheim (2004) reforça que as diferentes cores podem evocar sentimentos

³¹ A visão fotópica ocorre em condições de iluminação normal ou alta e é responsável pela percepção de detalhes finos, cores e formas. Já a visão escotópica ocorre em condições de baixa iluminação e é mais sensível ao movimento e oferece uma percepção de cor limitada, sendo eficaz em ambientes escuros. (Aumont, 2002, p.23)

diversos e associações culturais específicas, sendo que o uso eficaz da cor em uma imagem pode enriquecer sua apresentação e impactar de forma significativa a experiência do espectador.

De acordo com Farina et al. (2006, p. 96), a partir do século XIX, a humanidade passou a utilizar a cor com uma intensidade semelhante à que observamos atualmente - embora a cor, naturalmente, sempre tenha feito parte da vida humana. O azul do céu, o verde das árvores e o vermelho do pôr do sol são exemplos de cores presentes na natureza desde os primórdios da existência humana. Contudo, a cor também passou a ser produzida artificialmente por meio de tintas, aplicadas em papéis de parede, tecidos, embalagens, fotografias, cinema, entre outros suportes.

Para os autores, o ser humano se adapta à natureza circundante e percebe as cores que seu cérebro é capaz de aceitar, processadas a partir de determinados comprimentos de onda desde o nascimento, o que deixa vestígios psíquicos e sensoriais em cada indivíduo. Essas cores, ao serem internalizadas, passam a constituir estímulos psicológicos, influenciando o sujeito a gostar ou não de algo, a afirmar ou negar, a agir ou se abster (Farina et al., 2006, p. 96).

Aumont (2002) e Farina et al (2006) destacam que a percepção ocorre a partir da distribuição espacial da luz (bordas visuais) e pelo contraste (interação entre a luminosidade e as bordas). As bordas visuais referem-se como a luz é distribuída espacialmente em uma imagem, criando contornos e delineando formas, afetando assim a percepção da forma, a profundidade e a textura em uma imagem. A iluminação e a sombra têm um papel crucial na organização do espaço visual.

[...] A luz é mediação. Os objetos do mundo aguardam inertes e latentes a sua manifestação, que só será possível, quando levados por feixes luminosos até os nossos olhos. [...] A luz é a grande intermediária entre a natureza e o homem. Ela apresenta todos os detalhes à percepção do ser humano numa multivariada gama de sensações visuais [...] todo objeto iluminado por qualquer luz reflete essa luz. Alguns pontos a refletem mais, e são brilhantes; outros menos, sendo pontos mais escuros. (Farina et al, 2006, p.27,30)

Graças a luminosidade somos capazes de notar a existência do contraste que é o resultado da interação entre a luminosidade e as bordas em uma imagem. Aumont (2002, p.29) explora como o contraste pode ser usado para criar um impacto visual, destacar elementos importantes e criar uma sensação de drama ou tensão. O nosso sistema visual está preparado para detectar luminâncias e suas mudanças, já que ela é determinada especialmente com relação ao meio ambiente luminoso.

A produção de imagens sempre esteve associada a determinados usos, sejam eles individuais ou coletivos, e pode ser compreendida a partir de dois domínios fundamentais. O primeiro corresponde à representação visual por meio de desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, imagens cinematográficas, holográficas e infográficas - objetos materiais que atuam como signos representativos do visível. O segundo domínio refere-se às imagens mentais, aquelas que se manifestam como visões, imaginações, modelos, representações interiores ou fantasias. Essa dualidade dialoga diretamente com a noção de Intericonicidade, desenvolvida por Courtine (2013), no contexto dos estudos da Análise do Discurso e da Semiótica Visual. Ele destaca que as imagens nunca são isoladas ou únicas: elas existem e funcionam em redes. “As imagens, assim como os discursos, são sempre atravessadas por outras imagens. Elas operam num jogo de referências visuais que formam o que chamei de intericonicidade.” (Courtine, 2013, p. 160). Assim, podemos dizer que as imagens materiais (desenhos, fotos etc.) e as imagens mentais (fantasias, visões etc.) funcionam intericonicamente - ou seja, estão sempre em relação e em circulação com outras imagens, tanto no nível coletivo quanto no individual.

De acordo com Santaella e Nöth (2001, p. 15), não há separação entre esses dois domínios, pois ambos estão interligados em sua gênese: as representações visuais derivam de imagens mentais, assim como não há imagens mentais que não encontrem alguma origem no mundo concreto dos objetos visíveis.

A partir de uma ótica discursiva, pode-se afirmar que há uma memória discursiva - portanto, histórica e social - das imagens, uma espécie de arqueologia das imagens, que permite aos sujeitos pensar, ressignificar e materializar determinadas formas visuais. Essa memória torna as imagens marcadores simbólicos, atravessados por discursos que as constituem e lhes atribuem sentidos específicos em contextos determinados.

Em “As palavras e as coisas”, Foucault (2000) apresenta uma discussão detalhada de “Las Meninas”, uma pintura de Diego Velázquez. O autor usa essa pintura como um ponto de partida para explorar a natureza da representação e a relação entre palavras e coisas; argumenta que a pintura representa um momento de transição na história do pensamento ocidental, em que a linguagem e a representação começam a ser vistas não apenas como ferramentas para descrever o mundo, mas também como sistemas complexos que estruturam nossa compreensão do mundo. Sugere que a pintura desafia a noção tradicional de representação, pois apresenta múltiplas perspectivas e níveis de realidade. Isso levanta questões sobre a natureza da representação e a relação entre o observador, o objeto observado e o meio de representação. O filósofo usa essa análise para argumentar que a representação não é simplesmente um reflexo

passivo da realidade, mas um processo ativo que molda nossa percepção e compreensão do mundo. Destaca que a relação da linguagem com a pintura é uma relação infinita.

[...] por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem. (Foucault, 2000, p.25)

Isso quer dizer que a representação não é meramente uma cópia ou reflexo da realidade, mas uma construção cultural e histórica que molda a nossa compreensão de mundo. Por exemplo, na época clássica, os objetos eram frequentemente representados com base em semelhanças e analogias com outros objetos, seguindo uma lógica de correspondência entre o mundo natural e o mundo humano. Entretanto essa forma de representação foi substituída na era moderna por uma ênfase na representação com base em diferenças e relações de poder. “No limiar da era clássica, o signo deixa de ser uma figura do mundo e deixa de estar ligado àquilo que ele marca pelas linhas solidas e secretas da semelhança ou afinidade” (Foucault, 2000, p.72)

Podemos colocar nesse interim a relação da linguagem visual com a imagem digital, incluindo a fotografia. Historicamente, o realismo foi o primeiro debate imposto a respeito da “escrita pela luz”. Dubois (2002) trata da primeira perspectiva teórica a respeito da fotografia – o espelho do real. Neste conceito a fotografia é vista como um espelho que reflete fielmente a realidade objetiva, sendo considerada uma reprodução direta e precisa do mundo ao nosso redor, sendo considerada “a imitação mais perfeita da realidade” (idem, p.27), colocando a clivagem na relação entre a fotografia e a arte, sendo a primeira um instrumento de uma memória documental do real e o segundo uma pura criação imaginária. A visão como espelho do real é uma ilusão pois não leva em conta o papel do fotógrafo ou produtor da imagem na seleção e composição de cena da imagem digital, bem como os processos técnicos e estéticos envolvidos na produção da imagem. A fotografia era entendida como “um auxiliar da memória, uma simples testemunha do que foi” (idem, p.30) que carregava em sua composição o real literal.

A segunda perspectiva levantada por Dubois (2002) é a fotografia como transformação do real. Neste conceito, a fotografia é vista como um meio de transformar e reinterpretar o mundo real. Ela não reflete apenas a realidade, mas também a interpreta e a reconstrói de acordo com as escolhas e intenções do fotógrafo, ou seja, “a caixa preta fotográfica não é um agente reprodutor neutro, mas uma máquina de efeitos deliberados” (idem, p.40). O autor argumenta que a fotografia é uma forma de linguagem visual que permite ao fotógrafo comunicar suas

próprias percepções e interpretações da realidade pois não se pode deixar de duvidar do espaço da representação fotográfica como espaço de enunciação ao qual uma grande angular, por exemplo, trabalha para isolar o sujeito em um contexto construído intencionalmente seja para informar ou mesmo para impressionar.

A terceira perspectiva de Dubois (2002) é a fotografia como traço de um real. A fotografia, segundo o autor, começa a ganhar conexão de três vertentes: índice, ícone e símbolo. A fotografia é colocada como índice porque é construtiva, a partir desta construção, aparece como ícone e, finalmente, adquire um sentido, ou seja, torna-se símbolo. Dubois argumenta que a fotografia não é apenas uma imagem produzida por um ato, é verdadeiramente um “ato icônico”.

A imagem tem sua razão e seu processo de transmissão visual, ou seja, constitui uma capacidade de informação do observador do seu próprio mundo, cobre outros tempos e lugares, distantes e desconhecidos. O autor ainda reforça que

[...] por essas qualidades de imagem indicial, o que se destaca é finalmente a dimensão essencialmente pragmática da fotografia (por oposição a semântica): está na lógica dessas concepções considerar que as fotografias propriamente ditas quase não têm significação nelas mesmas: seu sentido lhes é exterior, é essencialmente determinado por sua relação efetiva com o seu objeto e com sua situação de enunciação. (Dubois, 2002, p.52)

Ao analisar a fotografia como um traço de um real, Dubois (2002) nos convida a uma reflexão sobre a natureza da imagem e sua relação com o mundo. O autor argumenta que a imagem atribui um valor singular e particular a um momento, estabelecendo um vínculo entre o real e a representação, já que a imagem não é um mero reflexo da realidade, mas sim um produto carregado de significados e construído através de um complexo processo de negociação.

Alguns dos elementos que o autor refere quanto a contribuição para a construção de sentidos refere-se à história/memória, já que a fotografia não existe em um vácuo histórico por ser moldada pelas experiências, valores e representações de uma determinada época, contribuindo para uma memória coletiva, fixando imagens e enunciados que se tornam parte do imaginário social. O segundo elemento para Aumont (2002) é o Interdiscurso, pois a fotografia dialoga com outros discursos como o literário, cinematográfico, publicitário, entre outros. Tais arranjos enriquecem sua significação. O contexto é outro elemento a se considerar, pois o significado de uma foto é sempre relativo a uma dada realidade em que é produzida e consumida, a depender da cultura, do momento histórico e das intenções do fotógrafo. Por fim,

Aumont (2002) reitera que a fotografia é um poderoso veículo de sistema de ideias. Ela é capaz de reforçar ou questionar sistemas de poder e representações sociais. A escolha do enquadramento, da luz, dos elementos que compõem uma imagem são decisões do interlocutor.

Ao nos apropriarmos das ideias de Dubois em um estudo discursivo, é fundamental que procedamos com cautela. A abordagem foucaultiana nos ensina que o significado não reside intrinsecamente na imagem, mas é construído em um contexto histórico e social específico. Assim, as afirmações de Dubois (2002) por mais pertinentes que sejam, devem ser contextualizadas e problematizadas.

É preciso considerar que a imagem não é um mero reflexo do real, mas um produto de práticas discursivas³² que moldam a nossa percepção do mundo. A imagem é sempre atravessada por relações de poder, que configuram a forma como vemos e interpretamos o real. Desse modo, ao analisar uma imagem é fundamental investigar as condições de produção, circulação e recepção, bem como os discursos que a sustentam. Ao adotar essa perspectiva, podemos evitar uma leitura ingênua da fotografia ou da imagem digital como um espelho da realidade e aprofundar a nossa compreensão das complexas relações entre imagem, poder e discurso.

Mesmo que a imagem seja um campo amplamente estudado, é inegável a possibilidade de discussão de novas abordagens que não se esgotam e o discurso imagético religioso é um deles. Ela pode ser estática e em movimento. Pode ser inclusive imagem-máquina ou, até mesmo, imagem-ação – imaginação (Aumont, 2002). É pintura, retrato, é fotografia que por sua vez mudou do caráter analógico para o digital. Imagem é discurso. Entendemos que as imagens são materialidades discursivas, ou seja, podemos analisar as imagens como enunciados que colocam em circulação efeitos de verdade sobre/para sociedade.

De acordo com Bianchi (2017), imagens não existem apenas nelas mesmas, elas são frutos simbólicos de uma dinâmica social, de um momento dado. A imagem é, pois, uma construção discursiva. Pensar a imagem como materialidade discursiva que engendra sentidos é fundamental para podermos compreender como o discurso imagético constrói a realidade sobre a qual fala. Desde o surgimento da microinformática, na década de 1970, a maneira com que nos relacionamos, criamos e fazemos circular as imagens se transformou radicalmente. Neste trabalho, nos referimos à imagem digital e, para pensarmos sobre ela e entendermos alguns dos caminhos que possibilitaram sua crescente ubiquidade, convém pensarmos na

³² Foucault (2012, p.143) relata que a prática discursiva é um conjunto de regras históricas construídas em um determinado tempo-espço que definiram em dada época e para determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.

questão da técnica. Couchot (2003), que analisa os efeitos da tecnologia na arte desde o surgimento da fotografia, traça, nesse sentido, um panorama interessante:

[...] A imagem é uma atividade que coloca em jogo técnicas e um sujeito (operário, artesão ou artista, segundo cada cultura) operando com estas técnicas, mas possuidor de um saber-fazer que leva sempre o traço do voluntário, ou não, de uma certa singularidade. Como operador, esse sujeito controla e manipula técnicas através das quais vive uma experiência íntima que transforma a percepção que tem do mundo: a experiência tecnestésica. As técnicas, lembremo-nos, não são somente modos de percepção, formas de representação elementares, fragmentadas e estilhaçadas do mundo, que não tomam a via dos símbolos. (Couchot, 2003, p. 15).

A imagem, dentro desse jogo tecnestésico de percepções sobre o mundo que a técnica revela, ganha particular destaque quando pensamos na produção e circulação imagética no começo do século XXI. Segundo Jameson (1997), não é por acaso que o protagonismo da imagem é considerado a característica mais marcante da contemporaneidade - seja pelo papel desempenhado pela imagem fotográfica perante os veículos de comunicação tradicionais, ou pela carga de sentidos e simbolismos que esta cristalização do tempo e do espaço e de sentidos que a imagem carrega.

O autor aponta ainda que tal protagonismo pode se apresentar pela onipresença dos dispositivos de captura de imagens como *smartphones*, câmeras filmadoras, câmeras de vigilância, ou talvez pela inserção – de uma vez por todas – da imagem digital no cotidiano do sujeito comum. É possível que, ao compreender as imagens como materialidades discursivas, faz-se importante lê-las seguindo uma concepção foucaultiana: a imagem como produto da história que cabe interrogar as condições de possibilidade para o seu aparecimento ocorrer e não outra em seu lugar (Foucault, 2012 [1969]). Essa linha de pensamento nos é oferecida pelos estudos do discurso, que entendem a linguagem como em uma relação com a exterioridade – condições históricas que constituem a própria materialmente.

Paralelamente à reflexão sobre a imagem, é importante destacar que o mundo contemporâneo vem sendo vivenciado por milhões de pessoas a partir das transformações impulsionadas pela internet, que, em menos de meio século, já alterou - possivelmente de forma definitiva - os “[...] padrões de interação social. Um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade”, como sugere Castells (2003, p. 98).

A mídia digital favorece a interconexão, ampliando os horizontes comunicacionais e possibilitando o alcance de enunciatórios anteriormente inacessíveis por meios tradicionais, como a comunicação face a face. Além disso, ela se caracteriza por ser uma comunicação

mediada por computadores, tablets ou smartphones, promovendo articulações em tempo real com pessoas que estão distantes tanto no espaço quanto no tempo.

Nesse contexto, Jenkins (2009) ressalta que as mídias digitais são participativas e interativas, destacando que, na internet, os usuários possuem maior autonomia para produzir conteúdos midiáticos e colocá-los em circulação. Entre esses usuários destacam-se, de maneira estratégica, os líderes neopentecostais brasileiros, que vêm utilizando as plataformas digitais para ampliar seu alcance discursivo e consolidar sua notabilidade no espaço público virtual.

Castells (2003) afirma que a internet não é simplesmente uma tecnologia, mas sim o meio de comunicação que constitui a forma organizativa da sociedade contemporânea, estruturada em torno de fluxos, os quais correspondem a uma organização material das práticas sociais no tempo compartilhado. Essa organização, segundo o autor, é reforçada por transformações tecnológicas, sociais e culturais, e sua configuração depende tanto de quem fala, quanto da compreensão que se tem sobre o que está sendo dito.

Esse fenômeno é denominado por Jenkins (2009) como “convergência” - conceito que expressa a capacidade das múltiplas plataformas de mídia de promoverem o fluxo de conteúdos por meio da cooperação entre diferentes mercados midiáticos e do comportamento migratório dos públicos. Entre esses públicos, destaca-se o neopentecostal, incentivado a buscar conteúdos cada vez mais imagéticos e interativos - tanto sobre as igrejas quanto sobre suas lideranças.

A ênfase em conteúdo baseado na relação de forças e na imagem reflete uma condição comunicacional característica do presente momento histórico. De acordo com Messias *apud* Erthal (2020), estávamos acostumados a conceber a comunicação como uma atividade centrada exclusivamente no emissor da produção discursiva. No entanto, com o avanço das redes sociais digitais, há uma crescente participação ativa do receptor, o que estabelece uma relação de reciprocidade entre quem comunica e quem escuta.

Para a autora, o conteúdo que parte do enunciador precisa ser claro e transparente; trata-se, portanto, de uma comunicação que envolve falar e ser efetivamente ouvido - dimensão que é intensificada pela lógica dialógica das plataformas digitais.

[...] diferente das narrativas que demandam elaboração do receptor para gerar entendimento, cores, sons e sabores comunicam automaticamente afetos positivos e negativos em nós, pois convocam memórias e sensações [...] e as pessoas são enganadas duplamente pela veia sensorial e pelo discurso narrativo que as induz ao consumo irrefletido. (Messias *apud* Erthal, 2020, s/p)

Ramos (2005, p.166) destaca que a internet tem o potencial de formar, informar, “famar” (tornar alguém famoso ou notório), difamar, entre outras possibilidades. O autor ressalta, ainda, que a rede pode transformar todos - sem exceção - em consumidores ávidos e recorrentes de informação, cultura e interação.

Esse universo que se estabelece interfere diretamente nas relações humanas, bem como na forma como os sujeitos se relacionam com a comunicação, a linguagem, as tecnologias e, inclusive, com aquilo que é considerado divino. Assim,...

[...] a inspiração mídia/religião é mútua e os princípios homiléticos que pautam a prática religiosa se refletem na concepção comunicativa dos meios seculares. Da mesma forma que a experiência midiática produz eco na religiosa. Isto se dá tanto em termos de conteúdo, quanto da forma, próprios do respectivo meio comunicacional (Ramos, 2005, p.166).

Com isso, pode-se observar que, em determinados contextos e práticas discursivas, a internet tem se revestido de uma espécie de “aura religiosa³³”, evidenciada pelo expressivo número de sites, blogs e perfis em redes sociais digitais que abordam temáticas religiosas. No entanto, é importante destacar que essa percepção não deve ser generalizada a toda a experiência digital, pois a pluralidade de usos, motivações e regimes discursivos que se cruzam nesses espaços revela formas muito distintas e, por vezes, conflitantes de apropriação do discurso religioso. Ao final da primeira década do segundo milênio, surge uma plataforma que promove intensamente o uso da imagem fotográfica e sua representação simbólica: o Instagram.

Na próxima subseção, abordaremos o Instagram como espaço de produção de verdades e construção de memórias, analisando sua relação com a materialidade discursiva da imagem no contexto digital contemporâneo.

3.2- O Instagram: o consumo e suas verdades

As redes sociais digitais, além de serem um meio para entretenimento e comunicação, são também espaços de arranjos discursivos. Nesses espaços, sujeitos se (re)encontram, compartilham seus ideais e organizam mobilizações com objetivos comuns voltados a diferentes fins. Essas redes são palco para anúncios, campanhas publicitárias, contatos

³³ Termo emprestado de Ramos (2005) e adaptado ao contexto da internet.

profissionais, projetos educacionais, notícias e muitas opiniões. Os temas são abrangentes. As relações físicas são transportadas para o ciberespaço, encurtando distâncias geográficas.

Dentre as redes sociais existentes no mercado, o Instagram se tornou uma plataforma popular e criou uma comunidade de leitores e passou a validar a figura dos usuários. Embora sua proposta inicial fosse focada no compartilhamento de fotografias, o uso constante do Instagram garantiu um espaço significativo inclusive para a palavra escrita. O Instagram foi

[...] desenvolvido por dois engenheiros de programação, o norte-americano Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger, o Instagram surgiu para o público em outubro de 2010. Logo se popularizou [...] suas conexões, normalmente ao deslizar do dedo indicador, como toda rede social digital, possibilita a comunicação entre pessoas de todo o planeta, bastando apenas alguns elementos comuns: internet, dispositivo eletrônico (smartphone, tablet, notebook...) e o app em questão. Somados humano, hardware e software, a interação estará chancelada. O navegador estará apto a divulgar suas cenas cotidianas e a espiar a dos outros; inventivamente, a criar realidades e a expor ficções; a ser autor-editor-leitor-designer-promoter-crítico [...] é sob a promessa de captura e compartilhamento de momentos do mundo, que versa o Instagram, em um trânsito intenso entre o singular e o banal - ou entre a singularização do banal e banalização do singular, como bem pretender o autor de cada perfil dessa rede. Ao usuário do aplicativo fica a escolha do conceito que desejar aplicar à sua rede social, personalizando e explorando sua textualidade, enquanto autor não só de textos, mas de si mesmo. (Ramos E Martins, 2018, p.119)

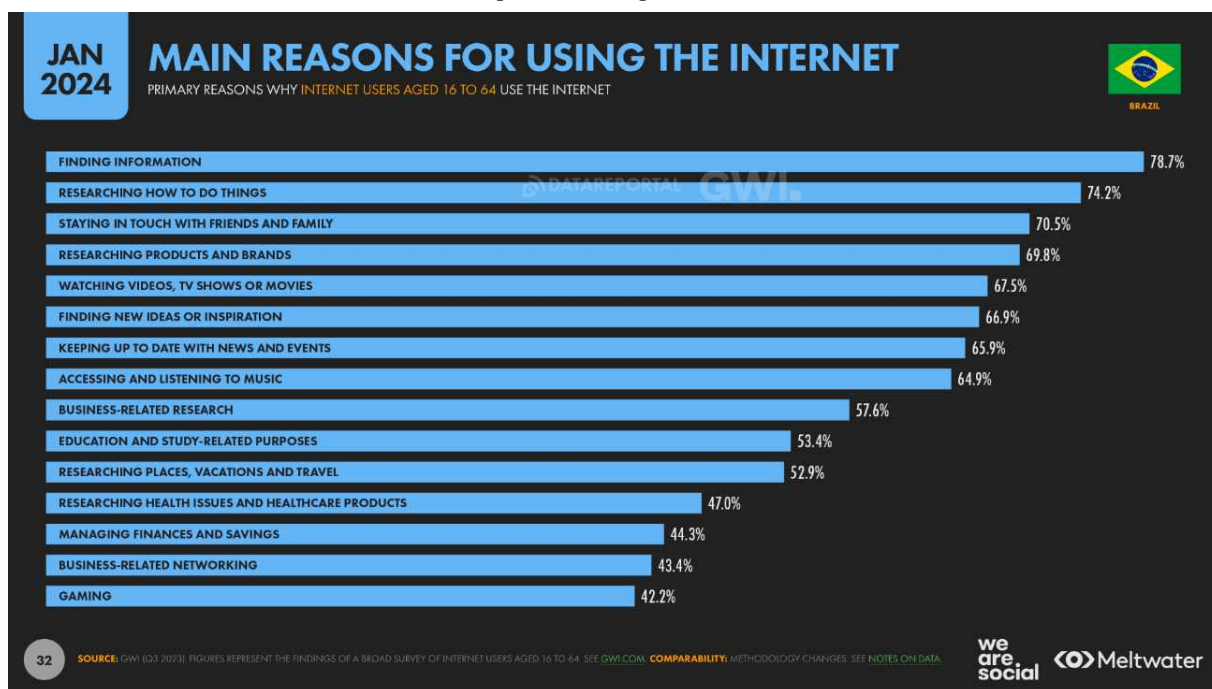
A constituição do Instagram no ciberespaço, em um primeiro momento, era voltada apenas a produção fotográfica e o uso de filtros nas composições eram as referências operacionais do software. Ramos e Martins (2018) reforçam que até 2012 a rede era compatível exclusivamente para os celulares Apple. Posteriormente passou a ser oferecido para os aparelhos com o sistema Android.

Em janeiro de 2024, segundo relatório³⁴ publicado pela We Are Social³⁵, abaixo apresentado, há um crescimento expressivo no uso das redes sociais digitais em todo o mundo.

³⁴ Digital 2024: 5 billion Social Media Users. < <https://wearesocial.com/uk/blog/2024/01/digital-2024-5-billion-social-media-users/> > Acesso em 24.mar.2024

³⁵ Tudo o que você precisa saber sobre o seu público digital <https://blog.pareto.io/publico-digital-hootsuite-we-are-social/#:~:text=%E2%80%9CHootsuite%E2%80%9D%20e%20%E2%80%9CWe%20are,para%20o%20gestor%20de%20marketing.> Acesso em 24.mar.2024

IMAGEM 5: Principais motivos para usar a Internet no Brasil



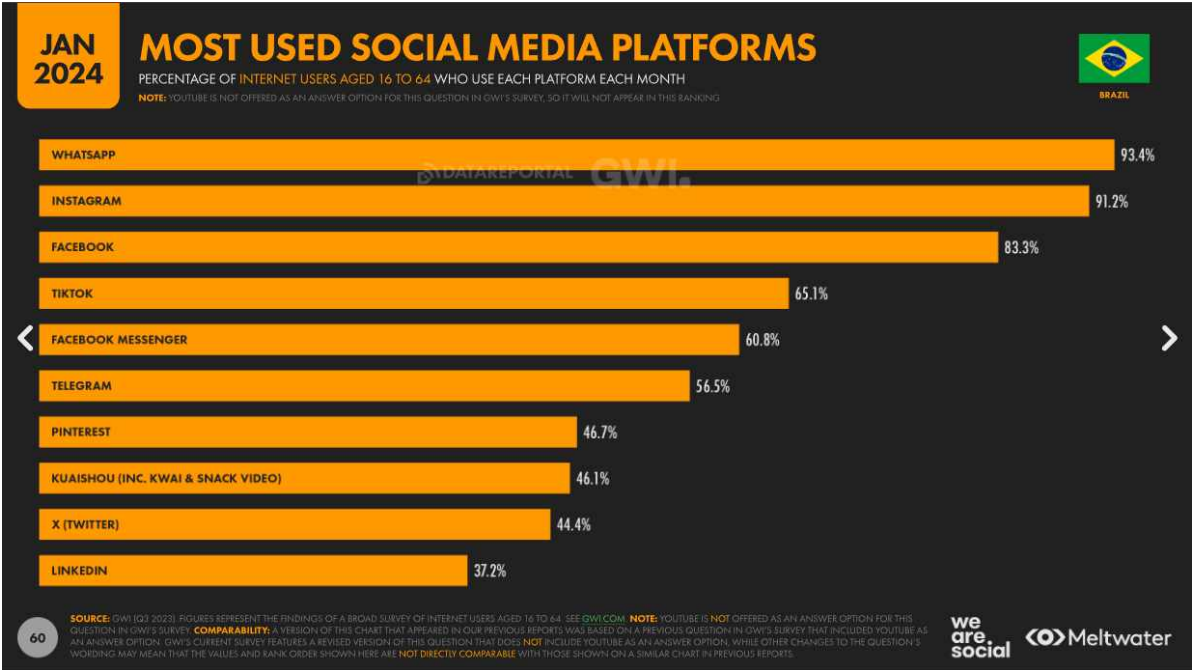
Fonte: We are Social (janeiro/2024)

Apenas em 2023, houve uma média de 8,4 novos usuários de redes sociais por segundo. Outro dado relevante é o comportamento de consumo de internet no Brasil, segundo país do mundo em que os usuários dedicam seu tempo *online*. São 9h13min/dia. No início de 2024, a taxa de penetração da internet no Brasil era de 86,6% do total da população. Além dos sites e aplicativos que os brasileiros usam, o relatório aponta o principal motivo para o consumo de internet no país³⁶: aproximadamente 78,7% dos internautas estão buscando informações conforme gráfico acima. O brasileiro tem ainda se mostrado um ávido consumidor de redes sociais digitais. Avaliando categorias como viagens, esportes, tempo, bancos, notícias, entretenimento, serviços, músicas, e-mail, mapas, lojas, Cerca de 98,9% dos consumidores de internet no país têm alguma rede social digital.

Em 2013, o Instagram foi adquirido pelo Facebook e a partir de então diversas alterações foram feitas no aplicativo, configurando-o assim em uma rede social que é, até 2024, no Brasil, “a segunda mais utilizada pelos internautas com 93,4% de participação” (We Are Social, 2024), conforme podemos ver com base no gráfico a seguir:

³⁶ Digital 2024: Brazil < <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil> > Acesso em 24.mar.2024

IMAGEM 6: Plataformas de redes sociais digitais mais usadas no Brasil

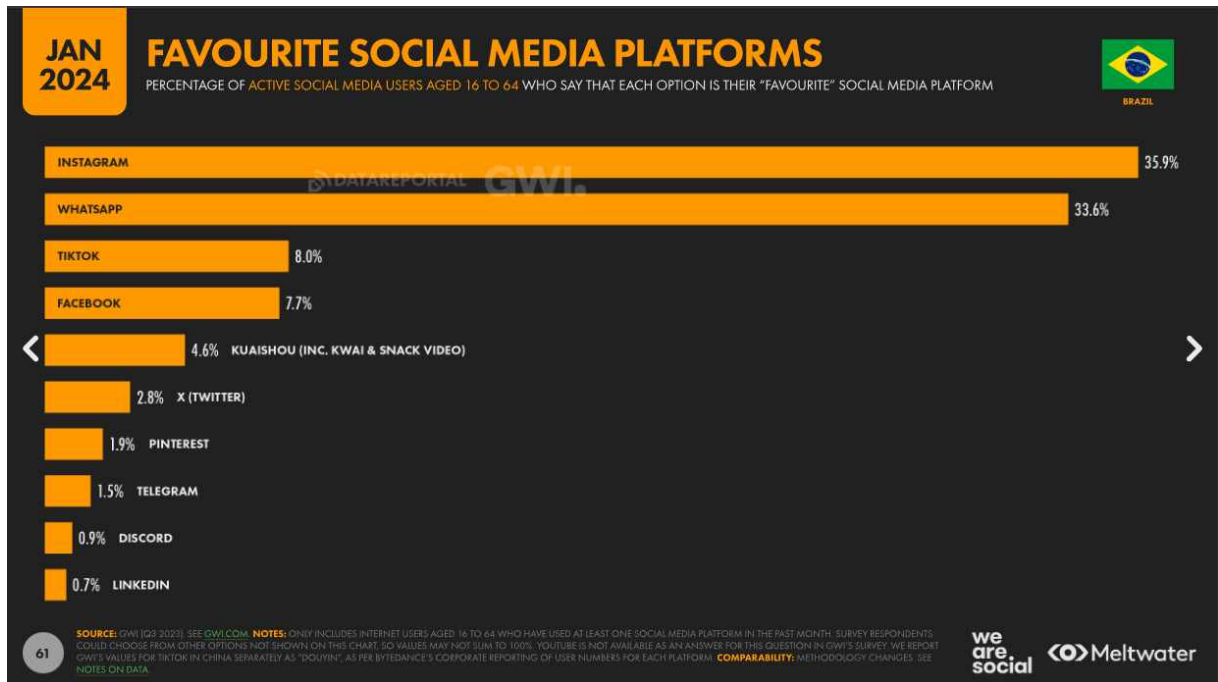


Fonte: We are Social (2024)

O Instagram, com sua natureza visual e seu alcance global, tornou-se uma ferramenta poderosa para os líderes neopentecostais se conectarem com seus seguidores, compartilharem suas mensagens e expressarem suas opiniões sobre diversos temas, incluindo política. A sua interface intuitiva e visualmente atrativa permite que os usuários compartilhem facilmente fotos, vídeos e histórias, tornando a experiência de uso bastante agradável. Ele oferece uma variedade de recursos e ferramentas, como filtros, *stickers* e edição de fotos, que permitem aos usuários personalizarem o conteúdo da postagem e torná-lo mais interessante.

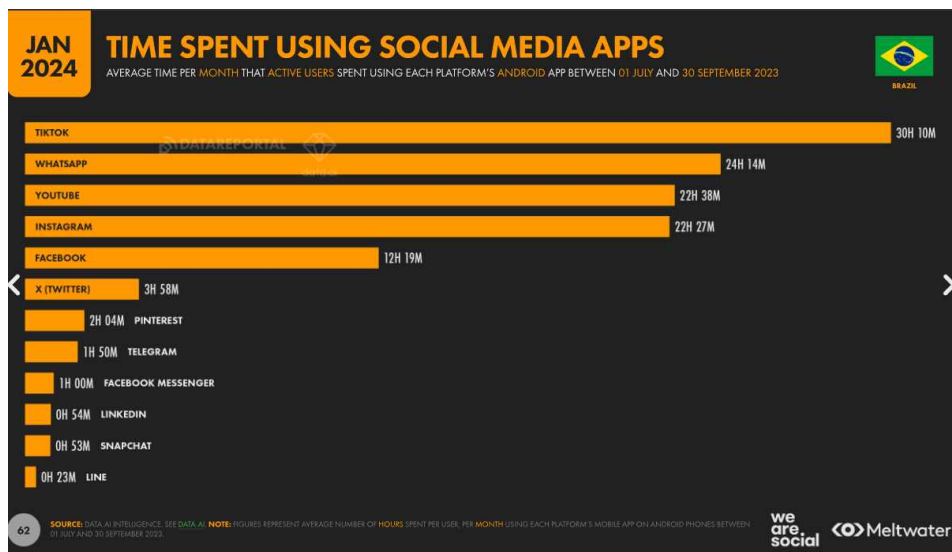
Mesmo sendo a segunda rede social digital mais usada pelos brasileiros com base nos dados apresentados acima, o Instagram é considerado a rede social digital favorita dos internautas brasileiros. Com um percentual de 35,9%, o Instagram supera o Whatsapp (33,6%), o TikTok (8%) e o Facebook (7,7%). A pesquisa abaixo inclui usuários brasileiros de Internet com idades entre 16 e 64 anos que usaram pelo menos uma plataforma de rede social digital em janeiro de 2024.

IMAGEM 7: Plataformas de redes sociais digitais favoritas dos brasileiros em janeiro de 2024



Entretanto, com relação ao tempo de dedicação ao sistema, o Instagram é apenas o quarto com maior período com 22h27min³⁷ ficando atrás do TikTok (30h10min), Whatsapp (24h14min) e YouTube (22h38min). O tempo médio de uso das redes sociais digitais foi apresentado no relatório.

IMAGEM 8: Tempo médio de uso das redes sociais digitais no Brasil



³⁷ Os números representam o número médio de horas gastas por usuário, por mês, usando cada aplicativo móvel da plataforma de telefones Android entre 01 de julho e 30 de setembro de 2023. < <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil> > Acesso em 24.mar.2024

Sob nosso arquivo em análise, observamos como a plataforma permite que os religiosos construam enunciados visuais de suas vidas, misturando aspectos religiosos, pessoais e políticos, e criem uma sensação de proximidade com seus fiéis. Líderes neopentecostais encontraram na rede social digital um novo espaço de sociabilidade, estabelecendo presença e relevância.

Foucault ([1977], 2008, p.26) propõe que a imagem não é mera representação da realidade, mas sim um produto do discurso. No Instagram essa ideia se materializa na profusão de imagens cuidadosamente selecionadas e editadas, combinadas com som e textos que constroem, não raro, denotariam vidas idealizadas dos usuários. Nesses mesmos espaços, usuários comuns se transformam em influenciadores que geram reações e motivações pelas imagens estáticas ou dinâmicas que compartilham com enunciados de cunho social, político e religioso.

Nessa dinâmica, os usuários não apenas compartilham imagens, mas produzem enunciados que circulam como portadores de verdade: sobre si mesmos, sobre o mundo, sobre o que é "bom", "belo", "correto", "aceitável". Influenciadores - sejam eles celebridades, líderes religiosos ou sujeitos anônimos que ganham notoriedade - tornam-se fontes discursivas de autoridade, cujas imagens e falas orientam comportamentos e crenças. As postagens, mesmo quando ancoradas em filtros e performances, passam a operar como dispositivos de verdade: aquilo que é reiterado, curtido, compartilhado e seguido adquire o estatuto de verdade social.

É nesse ponto que se inscreve a discussão foucaultiana sobre os efeitos de verdade. Foucault (2008) não se ocupa da distinção tradicional entre o verdadeiro e o falso segundo um critério absoluto, mas interroga como algo se torna verdadeiro em determinado tempo e espaço, e por quais práticas, discursos e instituições essa verdade é produzida e sustentada. Assim, no Instagram, o verdadeiro não é aquilo que corresponde a uma realidade objetiva, mas aquilo que se impõe como tal através da repetição, da performance e da aceitação coletiva. Os efeitos de verdade que emergem dessas imagens não são inocentes: eles conformam subjetividades, estabelecem normas de conduta e engendram formas de poder.

Quando essa lógica é aplicada ao campo religioso - como ocorre com líderes e fiéis que performam sua fé em ambientes digitais - o risco é que o testemunho da fé se confunda com a estética da fé, e que o engajamento substitua a vivência³⁸, conforme observa Meyer (2009, p.

³⁸ O texto destaca como, no ambiente digital, a fronteira entre o testemunho (ato de fé genuíno e pessoal) e a estética (representação midiática e visual) tende a se diluir. Tal fusão tem consequências políticas e éticas, pois redefine quem é reconhecido como legítimo crente, líder ou "ungido" na esfera pública, e pode consolidar práticas discursivas que objetivam e controlam modos de ser e crer.

2), “a mídia religiosa trabalha com o sensível para organizar a experiência da fé, de modo que o testemunho se torna espetáculo e a estética molda o que se chama ‘vivência’.” Desse modo, o jogo do verdadeiro e do falso deixa de ser apenas epistemológico e passa a ser também ético e político, pois define quem é legitimado como crente, como líder ou como “ungido” aos olhos da comunidade *online*. A fé, nesse contexto, é performada discursivamente e os enunciados são práticas que moldam modos de ser e crer.

Sob a perspectiva de uma história crítica do presente, tal como proposta por Foucault (1975 [2002]), o Instagram pode ser analisado não apenas como uma ferramenta de comunicação, mas como um dispositivo de produção de subjetividades. Quando são apresentados os dados de utilização diária da internet no Brasil (9h13min por dia em média), observa-se não apenas uma prática massiva e rotineira, mas a naturalização de um regime de visibilidade e vigilância consentida, que reorganiza os modos de ser, crer, empreender e votar do sujeito contemporâneo.

Ao considerar que cerca de 98,9% dos internautas brasileiros estão em alguma rede social digital, pode-se interpretar esse dado como um efeito de verdade: uma regularidade discursiva que não apenas descreve um fenômeno, mas o institui como norma. Ou seja, estar conectado, visível, produzindo ou consumindo conteúdo, passa a ser um imperativo de subjetivação. No caso do fiel, isso significa que sua experiência religiosa - antes mediada prioritariamente por espaços e tempos litúrgicos específicos - passa a se deslocar para o ambiente digital, onde práticas de fé, pertencimento e devoção são reconfiguradas segundo as lógicas das redes.

Nesse contexto, o Instagram opera como uma ferramenta que solicita ao fiel não apenas a exposição de sua crença, mas sua adesão a determinados modos de performá-la: com imagens, legendas, *hashtags*, vinculações e engajamentos. A espiritualidade se reconfigura como experiência midiaticizada, na qual o “ser visto crendo” passa a validar o próprio ato de crer. Isso produz uma subjetividade marcada por uma fé performativa, moldada pelas dinâmicas da plataforma, em que a legitimação da fé ocorre tanto por convicção quanto por visibilidade.

Portanto, os dados de tempo de uso e penetração da internet no Brasil não são neutros: eles instituem um novo campo de normatividade, no qual a prática religiosa é cada vez mais capturada, ressignificada e regulada pelos dispositivos de poder próprios do ambiente digital. O fiel, nesse cenário, é subjetivado como usuário-crente, simultaneamente crente e produtor de conteúdo, e sua fé se enreda nos circuitos de visibilidade, consumo e controle que caracterizam as redes sociais digitais.

Para aprofundar a análise crítica do Instagram enquanto dispositivo contemporâneo de produção de subjetividades religiosas, é pertinente mobilizar o conceito de Acontecimentalização em Foucault ([1978] 2010). O autor sugere que, para analisar um fenômeno historicamente situado, não se deve perguntar sobre suas causas ou origens, mas tratá-lo como um acontecimento, ou seja, uma materialidade que emerge em determinado campo de saber e poder, mobilizando práticas, discursos e regimes de verdade.

Ou seja, o Instagram pode ser observado como uma emergência histórica que reorganiza os modos de subjetivação, particularmente no campo religioso. Sua disseminação massiva, especialmente num contexto como o brasileiro (em que o uso médio da internet ultrapassa nove horas por dia e quase a totalidade dos internautas tem ao menos uma rede social), não apenas reflete uma mudança cultural, mas institui novas condições de possibilidade para a produção de verdades, de si e do outro.

A Acontecimentalização do Instagram, nesse sentido, permite discutir como ele se inscreve em regimes de verdade específicos. A plataforma organiza e regula o que pode ser dito, mostrado, crido e valorizado. A fé que emerge ali não é apenas enunciada - ela é condicionada pelas estruturas algorítmicas, pela lógica da performance visual, pelos critérios de engajamento e pelas políticas da atenção. Trata-se, portanto, de uma emergência discursiva que participa ativamente da constituição de sujeitos religiosos adaptados às racionalidades digitais, ou seja, sujeitos que creem, se expressam e se legitimam em conformidade com as formas de visibilidade e reconhecimento instituídas pela plataforma.

Assim, ao observarmos a presença de líderes religiosos e fiéis no Instagram, vemos operar-se um conjunto de práticas e enunciados que constituem modos de ser crente na contemporaneidade. A espiritualidade é acontecimentalizada na forma de imagens cuidadosamente compostas, frases de efeito, testemunhos visuais, curtidas e conexões que passam a integrar o campo da verdade religiosa. Nesse contexto, o Instagram se revela como uma tecnologia política da fé, em que o religioso não é apenas divulgado, mas produzido discursivamente como efeito de regimes de visibilidade e verdade próprios do espaço digital.

Todos os dados compartilhados aqui indicam como o Instagram é uma plataforma que sustenta um papel estratégico no cenário nacional. Ele revela imagens e promove a transição de uma textualidade essencialmente visual para uma verbal permite que imagem e palavra se entrelacem, produzindo textos que são disseminados por redes sociais interconectadas. Na tela de um dispositivo eletrônico, as postagens e ferramentas das redes sociais formam uma textualidade em mosaico.

Outro fator importante é o engajamento da comunidade no Instagram. Os usuários brasileiros são muito ativos na plataforma, interagindo regularmente com postagens de amigos, familiares, celebridades, marcas, política e religião. Isso cria um ambiente social dinâmico e estimulante, em que os usuários se sentem parte de uma comunidade online vibrante. Nos propomos a refletir como as questões relacionadas ao poder, disciplina, vigilância e controle presentes no pensamento foucaultiano nos possibilitam compreender discursivamente o Instagram.

Foucault ([1977], 2008) considera o poder como uma relação de forças que permeia todas as esferas sociais e não o vê como um recurso controlado por algumas instituições ou pessoas, mas como uma força em constante exercício e resistência. A partir de Foucault, Deleuze (2020, p. 02) observa que o poder, entendido como relação de forças, atua “tanto como a capacidade de afetar outras forças quanto como a capacidade de ser afetado por elas”. No contexto das redes sociais digitais, e particularmente no Instagram, o poder se materializa, por exemplo, na forma da disciplina: a plataforma impõe normas, padrões de comportamento, estéticas dominantes e relação de forças que conformam os sujeitos a determinadas racionalidades. Há, assim, uma vigilância difusa, que opera não apenas por meio da supervisão técnica (algoritmos, métricas, visibilidade), mas também por meio da auto-regulação dos próprios usuários, que aprendem a performar e a se adequar às expectativas do ambiente digital.

Entretanto, a análise do poder não pode ser dissociada da noção de verdade. Como afirma Foucault (2003, p. 18), “não há exercício de poder sem uma certa economia de discursos de verdade”. Isso significa que o poder se realiza não apenas por meio da coerção ou da norma, mas também por meio da produção de saberes, discursos que circulam como verdadeiros e que orientam as condutas dos sujeitos. No caso do Instagram, observamos a constituição de regimes de verdade específicos, nos quais certos modos de vida, de consumo, de fé, de beleza e de posicionamento político são naturalizados como legítimos, autênticos ou desejáveis.

A verdade, nesse contexto, não é uma adequação entre linguagem e realidade, mas um efeito discursivo que se impõe como tal a partir de práticas sociais, técnicas e linguagens. Os usuários, ao interagirem com conteúdo e ao produzirem suas próprias postagens, participam ativamente dessa economia de verdade, seja ao replicar padrões, seja ao tentar subvertê-los. Assim, o Instagram se configura como um espaço onde o poder e a verdade se entrelaçam na produção de subjetividades, por meio de uma racionalidade visual e performativa que modela condutas e organiza os modos de existência no digital e fora dele.

A adesão persistente às redes sociais digitais, mesmo diante de regulamentações e controles cada vez mais rigorosos, revela uma complexa dinâmica entre a necessidade de

conexão e a imposição de limites. A prova disso é o autocontrole quando os usuários monitoram suas próprias postagens, imagens e dinâmicas para se adequarem às normas da plataforma. Há ainda a vigilância dos algoritmos que rastreiam as atividades dos usuários, os interesses e preferências para personalizar o conteúdo a ser exibido. Existe ainda a vigilância social, uma vez que os seguidores, amigos e outros usuários observam e avaliam as postagens entre si.

Nos valem da reflexão de Foucault quando trata da Vontade de Verdade como um mecanismo histórico de poder que justifica exclusões, impõe interdições, para tensionar a lógica dos algoritmos em plataformas como o Instagram, que também opera como dispositivo de poder regulando o que pode aparecer e quando como “verdade” ou “normalidade” dentro do ambiente digital. Os algoritmos do Instagram, com base em métricas como engajamento e relevância, determinam o que merece ser visível ou não visível. Para Escobar (2016, s/p), os algoritmos são literais, uma opinião embrulhada em código, ao qual a máquina decide o que é ou deve ser exibido. Assim como nas reflexões foucaultianas, em que a verdade é articulada para excluir vozes e práticas que desafiem as normas, o algoritmo, a partir da política das plataformas das redes sociais digitais, pode privilegiar conteúdos que se alinhem a um padrão hegemônico de aceitação, pois tudo que não performa bem ou que desafia os padrões estético, político ou cultural tende a ser silenciado ou relegado ao esquecimento digital.

Sobremaneira, o intuito sempre é pensar a relação indissociável entre a verdade e o poder. Trata-se de afastar os privilégios do sujeito do conhecimento para avaliar a produção histórica da verdade, o que implica destacar os discursos que operam em diferentes práticas como justificações racionais da verdade, como se fossem verdadeiros.

[...] há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-se verdade. Essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder que nos unem, nos atam (Foucault, 2006, p.229)

O fato de a verdade ser produzida discursivamente nos permite refletir sobre como as postagens no Instagram são enunciados que materializam os mais variados discursos presentes na sociedade que buscam funcionar a partir de um dado efeito de verdade, como religião-política. Em vez de considerar a verdade como algo absoluto e imutável, Foucault (2006) a vê como um evento específico, moldado por condições históricas, sociais e políticas ao qual destaca que não apenas os enunciados verdadeiros, mas inclusive o próprio ato de enunciar são relevantes para a compreensão da verdade. A produção da verdade está profundamente ligada às práticas discursivas e aos regimes de verdade presentes na sociedade, já que a verdade se

apresenta como “riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal” (Foucault, 1996, p.20).

Frente a isso, nesta pesquisa, em que se problematiza o processo de objetivação dos sujeitos fiéis por meio de postagens de sete líderes neopentecostais, tratamos de observar como esses enunciados podem funcionar como efeitos de verdade sobre e para os fiéis, de modo a conduzir condutas. Esse funcionamento se dá, primeiramente, pela posição de autoridade espiritual assumida discursivamente pelos pastores, que se apresentam como intérpretes legítimos da vontade divina, articulando fé e política por meio de fórmulas simples, visuais e afetivamente potentes. Em segundo lugar, pela estruturação discursiva dualista dos enunciados, que opõem o “bem” e o “mal”, o “crente verdadeiro” e o “ímpio”, o “salvo” e o “perdido” - criando uma racionalidade binária que inscreve o fiel à tomada de posição diante de eventos políticos e sociais, como observado no contexto das eleições presidenciais de 2022. Além disso, os efeitos de verdade são sustentados pela materialidade visual das postagens, que, ao conjugar imagens, símbolos religiosos e legendas prescritivas, constroem um efeito de verdade que parece autoevidente.

Portanto, esses enunciados não apenas transmitem conteúdos religiosos, mas operam como mecanismos de objetivação que fixam o fiel em uma determinada posição discursiva - aquela de um sujeito obediente, alinhado à orientação espiritual do líder e legitimado enquanto crente apenas na medida em que adere às condutas propostas. Trata-se de um funcionamento discursivo que produz, ao mesmo tempo, verdades sobre os fiéis e modos de ser fiel, revelando como a fé é discursivamente instrumentalizada para fins de controle, fidelização e alinhamento político.

Os líderes neopentecostais têm, em suas contas oficiais no Instagram, um número relevante de postagens. É um diário de bordo virtual e compartilhável, constituído de enunciados que se articulam a tantos outros enunciados. Como reflete Foucault ([1986] 2010, p.114), “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências”. Observamos esse funcionamento, por exemplo, na postagem feita pelo líder Valdemiro Santiago, no dia 13 de outubro de 2022.

IMAGEM 9: Print de postagem pelo líder Valdemiro Santiago em 13 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/apvaldemirooficial

No post, aparece ele estendendo a bandeira brasileira sobre uma mesa em sua igreja. Ele está usando uma roupa que mantinha inclusive as cores correlativas à bandeira nacional e na postagem discorre textualmente “Nossa pátria (Símbolo da bandeira do Brasil). Nossa bandeira vai muito além de política apenas. É sobre defender nossa cultura e crença (emoji com as mãos juntas). Feliz é nossa nação, porque nosso Deus é o Senhor”.

O símbolo da bandeira busca, de algum modo, representar visualmente o Brasil. Em ‘Nossa bandeira vai muito além de política apenas’ sugere que a bandeira, símbolo da pátria, transcende questões verdadeiramente políticas e representa valores e ideais mais amplos e profundos. Tal enunciado produz efeito(s) de verdade sobre o patriotismo, a partir da bandeira como unidade do povo, cultura, inclusive nas disputas políticas e partidárias. A bandeira seria um símbolo de esperança e inspiração para o futuro. A seguir, o líder neopentecostal menciona ‘É sobre defender nossa cultura e crença (emoji com as mãos juntas)’.

Ao incluir “crença” na frase, Valdemiro Santiago passa a incluir a fé como parte integrante da identidade do público que o segue. Além disso, ao relacionar pátria, cultura e crença, parece instruir a crença como um elemento fundamental da identidade brasileira - ao lado do patriotismo e da cultura. Na relação com a imagem, compondo um enunciado sincrético (verbo e imagem) que materializa um altar, institui-se uma delimitação dessa crença: não é qualquer crença que constitui o elemento identitário, mas apenas aquela defendida pelos neopentecostais.

Essa diferenciação e a exclusão das demais fés cristãs ocorrem de modo silencioso, mas potente, nos enunciados verbais e visuais. Vemos como o discurso de Valdemiro Santiago funciona como um regime de verdade que cria fronteiras internas no campo cristão: as práticas, crenças e símbolos reconhecidos como legítimos são aqueles alinhados à gramática discursiva neopentecostal. O dispositivo de poder instaurado por esses enunciados disciplina condutas e molda subjetividades, apresentando a fé neopentecostal não apenas como espiritual, mas também como política e cultural - um princípio organizador de todas as esferas da vida.

Assim, nesse funcionamento, a bandeira brasileira e os emojis³⁹ - ao lado das palavras e da encenação visual do altar - passam a operar como dispositivos de visibilidade e reconhecimento social. Eles reforçam a exclusividade e a supremacia dessa fé, ao mesmo tempo em que silenciam ou marginalizam outras formas de cristianismo que não compartilham dos mesmos regimes de verdade. Como apontam Foucault (1996) e Dardot e Laval (2013), o discurso cria regimes de verdade e, ao fazê-lo, delimita fronteiras de pertencimento, produzindo efeitos de verdade que governam as condutas dos fiéis, suas escolhas políticas e sua própria subjetividade. Desse modo, o discurso não apenas expressa uma crença, mas governa condutas e institui o que significa “ser cristão” dentro de um projeto de poder que entrelaça religião, política e cultura.

A postagem é finalizada com a frase ‘Feliz é nossa nação, porque nosso Deus é o Senhor’. Primeiramente observamos que o enunciado⁴⁰ modifica o versículo religioso ao qual faz referência. Foram colocados os pronomes possessivos “nossa” e “nosso”, e há ainda o uso do “porque”. O uso do “nossa” invariavelmente apaga outras nações e religiões, ao afirmar “nosso Deus é o Senhor”. Esse movimento discursivo instaura um efeito de verdade que ultrapassa a dimensão estritamente espiritual: o enunciado estabelece uma fronteira simbólica que inclui apenas aqueles que partilham da fé neopentecostal e que a vinculam diretamente a um projeto político e nacional.

Isso evidencia a produção de um discurso que exerce poder ao instituir o que é legítimo ou não no campo religioso - um mecanismo que funciona como dispositivo de governamentalidade (Foucault, 2008). O enunciado não apenas reconfigura o versículo, mas também produz uma gramática discursiva que disciplina e organiza as condutas e as

³⁹ Segundo Emojipedia (2010), duas mãos firmemente colocadas juntas, significando por favor ou obrigado na cultura japonesa. Um uso alternativo comum para este emoji é para oração, usando o mesmo gesto das mãos rezando. Ele também pode representar uma saudação respeitosa ou demonstração de adoração em muitas religiões e culturas do Sudeste Asiático, como o namastê hindu ou o añjali mudra budista.

⁴⁰ O enunciado bíblico está no livro de Salmos 33, versículo 12 - “Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor, cujo povo ele escolheu para si mesmo”. (BÍBLIA, 2011)

subjetividades, delimitando as fronteiras do que se considera uma “fé verdadeira” no contexto nacional.

Dessa forma, esse enunciado apaga a pluralidade existente dentro do cristianismo, silenciando ou marginalizando outras formas de expressão cristã que não partilham dessa fusão entre nacionalismo e fé neopentecostal. As outras fés cristãs, como o catolicismo, as igrejas históricas protestantes ou mesmo vertentes evangélicas que não compartilham do discurso religioso neopentecostal, são colocadas em uma posição de exterioridade. Não são explicitamente refutadas, mas são excluídas do regime de verdade que legitima a fusão entre política e fé como um “dever” nacional.

Assim, esse discurso constrói uma ordem que não apenas governa as condutas e as práticas políticas dos fiéis, mas também cria um campo de exclusão e hierarquização dentro do próprio cristianismo. Nesse regime de verdade, apenas a fé neopentecostal, expressa no discurso dos líderes e nas práticas midiáticas, é reconhecida como legítima e alinhada ao destino da nação.

Observamos como a produção da verdade está conectada às práticas discursivas e aos regimes de verdade que se fazem presentes na história, em especial na situação eleitoral brasileira. A produção da verdade, neste caso, está ligada ao lugar histórico ocupado pelo líder religioso bem como no funcionamento de diversos versículos extraídos da Bíblia que circulam como verdade entre os crentes, por exemplo.

Foucault (2010 [1982]) destaca a existência do governo das almas e das condutas, lideradas pelas pastorais católica e protestante, e reitera que a religião inseriu um procedimento de confissão e, ao mesmo tempo, de coação. Era um ritual de penitência individual que acabou explodindo com o advento da reforma protestante. O Instagram, como espaço de produção e circulação de imagens, tem se mostrado um terreno fértil para a circulação de enunciados de práticas religiosas como os do neopentecostalismo, que tem forte presença nas redes sociais digitais.

Na próxima seção, buscamos refletir sobre como a Teologia da Prosperidade se alinha aos valores do neoliberalismo, como o individualismo e a responsabilidade pessoal. Essa convergência entre religião e economia, mediada pelas tecnologias digitais, revela um fenômeno complexo, que exige uma análise aprofundada das relações de poder subjacentes e das implicações sociais e políticas dessa nova configuração religiosa.

Nos propomos a compreender de que forma as práticas religiosas neopentecostais se articulam com dinâmicas sociais e políticas mais amplas. Com base em Foucault (2008 [1977]), exploraremos o conceito de "governamentalidade" para analisar como as práticas discursivas e

visuais dos líderes neopentecostais contribuem para a formação de sujeitos neoliberais, moldando seus desejos, valores e comportamentos.

Em particular, investigaremos como o verde-amarelismo, enquanto elemento de divisão social brasileira, se entrelaça com os enunciados religiosos neopentecostais, reforçando a construção de uma identidade nacional vinculada a valores conservadores e individualistas. A partir das reflexões de Chauí (2001) sobre a cultura política brasileira, buscaremos compreender como o neopentecostalismo se insere nesse contexto mais amplo, contribuindo para a formação de um imaginário político e social específico, que associa fé, nação e moralidade a um determinado projeto de poder.

4 A RELAÇÃO MÍDIA-POLÍTICA-RELIGIÃO E O NEOLIBERALISMO

A maneira como os líderes neopentecostais se apresentam aos fiéis transformou-se ao longo dos anos. Diante das mudanças no cenário comunicacional contemporâneo, esses líderes encontraram no espaço digital um meio mais direto, eficaz e muitas vezes lucrativo de ampliar sua mensagem e consolidar sua autoridade. Não se trata apenas de uma adequação imposta, mas de uma estratégia deliberada que visa explorar as potencialidades das plataformas digitais como novos dispositivos de poder e de gestão das relações religiosas e sociais.

Esse novo cenário é constituído por processos comunicacionais complexos e por novas relações de forças, nas quais a imagem digital, passou a exercer prestígio sobre a relação entre líderes religiosos e fiéis. Nesse contexto, destaca-se a estética visual das contas dos líderes neopentecostais no Instagram, frequentemente marcada por uma representação positiva e aspiracional.

São comuns as imagens em que os líderes aparecem sorridentes, acompanhados de congregações vibrantes ou associados a bens materiais, compondo um imaginário visual que transmite sucesso, realização pessoal e bênçãos divinas. Essa estética está intimamente alinhada à Teologia da Prosperidade, que promete aos fiéis uma vida abundante e próspera em resposta à fé, obediência e contribuição financeira.

Ao associar a fé à prosperidade material, a Teologia da Prosperidade - tal como defendida por muitas lideranças neopentecostais - transforma a religião em um modelo de empreendedorismo espiritual, no qual o sucesso terreno é interpretado como evidência da fidelidade e da aprovação divina.

De acordo com Mariano (2014), a ascensão do neopentecostalismo no Brasil ocorreu em paralelo à implementação das políticas neoliberais, a partir da década de 1990. No período o país promoveu uma maior liberalização do comércio exterior, fomentou a privatização de empresas estatais e flexibilizou as regras do sistema financeiro⁴¹. Essa convergência histórica não foi mera coincidência, mas fruto de uma complexa interconexão que moldou a realidade brasileira nas últimas décadas. Compreender essa relação é crucial para se debruçar sobre os rumos da sociedade brasileira contemporânea, especialmente para essa pesquisa, compreender como os líderes neopentecostais estão engendrados no espectro político.

⁴¹ COSTA, Fábio Luciano Oliveira. **As reformas políticas e econômicas neoliberais no Brasil nas décadas de 1980 e 1990**. 2011. Disponível em: < <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/1154> > Acesso em: 12.mai.2024.

Para compreendermos a relação envolvendo a tríade mídia-política-religião com o Neoliberalismo, partimos da reflexão de Cunha (2017), quando assevera que as religiões estão em evidência tanto no cotidiano quanto na interação midiática bem como são objetos da Indústria Cultural (livros, novelas, filmes), do segmento de mercado (entretenimento, consumo de bens e serviços) e da participação política institucionalizada ou não (busca de religiosos para ocuparem cargos públicos). A estudiosa destaca que há fenômenos que possibilitaram a expansão da tríade relação – mídia / política / religião – fomentando a convergência da práxis religiosa, inclusive a dos líderes neopentecostais, consolidando em um quadro de maior interferência ou envolvimento deles no espectro político a partir do uso das redes sociais digitais.

O primeiro fenômeno apontado pela autora é a ampliação do neopentecostalismo, por meio de suas igrejas autóctones e autônomas, o que gera uma nova estrutura no cenário religioso brasileiro e contribui para o crescimento significativo do número de evangélicos. Para Cunha (2017, p. 5), desde a segunda década dos anos 2000, os neopentecostais passaram a se apresentar como “desprivatizados”, ou seja, deixaram de ocupar uma posição de minoria invisível para assumirem um posicionamento visível, sobretudo a partir de sua atuação midiática e participação política.

Essa nova postura se concretiza, segundo a autora, por meio da cultura gospel (Cunha, 2007), que promove a reformulação da identidade religiosa evangélica com base na tríade mídia–consumo–entretenimento. Nesse ponto, é importante compreender, à luz dos Estudos Discursivos Foucaultianos, que tais elementos - embora oriundos de campos discursivos exteriores ao religioso - não apenas atravessam os enunciados, mas se tornam constitutivos da sua materialidade. A mídia, o consumo e o entretenimento operam como formações discursivas que se imbricam ao enunciado religioso, reconfigurando suas condições de produção e seus efeitos de verdade.

Em outras palavras, essas três dimensões passam a funcionar como dispositivos que não apenas circunscrevem o campo de atuação dos sujeitos religiosos, mas participam ativamente da constituição desses sujeitos e da racionalidade religiosa contemporânea. A cultura gospel, assim, pode ser compreendida como um arranjo estratégico de saberes e práticas que reorganiza a visibilidade, performatividade e legitimidade da fé no espaço público. Como dispositivo, ela articula técnicas de governo da conduta (visando à gestão das almas) com estratégias de mercantilização e espetacularização da experiência espiritual.

Como consequência, emerge aquilo que a autora denomina de “Religião Pública”, conceito que, conforme Cunha (2017, p. 8), diz respeito ao ato de levar a religião além das

fronteiras institucionais e simbólicas, permitindo que mesmo os não religiosos possam interagir com a vivência religiosa. Trata-se, portanto, de uma nova configuração discursiva em que o religioso, ao operar sob as lógicas da visibilidade midiática e da performatividade mercadológica, não apenas expande seus enunciados, mas transforma-se em instância de regulação social e de produção de subjetividades no contemporâneo.

Nesse contexto, os líderes neopentecostais, especialmente durante os períodos eleitorais, passam a promover uma espécie de intercâmbio discursivo, que frequentemente gera confrontos entre seguidores - que nem sempre são fiéis regulares - e outros participantes do nicho pastoral digital. Tal *intercâmbio discursivo* pode ser compreendido, à luz da Análise do Discurso de matriz foucaultiana, como o processo de circulação, reapropriação e reconfiguração de enunciados que atravessam diferentes domínios de saber e poder - religioso, político, midiático - e que, ao serem recontextualizados por agentes religiosos, produzem efeitos de verdade e de subjetivação. Como afirma Foucault (2008), os discursos não são meros reflexos de intenções individuais, mas práticas que “produzem o que dizem” e se constituem em condições materiais e históricas específicas. Assim, o intercâmbio não se dá apenas no nível do conteúdo, mas se concretiza enquanto prática discursiva regulada por jogos de poder e regimes de veridicção.

No ambiente digital, esse processo é potencializado pela lógica das redes sociais, onde as fronteiras entre os campos discursivos tornam-se mais fluidas e os enunciados religiosos são atravessados por vocabulários políticos, midiáticos e mercadológicos. Ao repostarem conteúdos de figuras políticas, ao utilizarem hashtags eleitorais ou ao proferirem declarações públicas de apoio a determinados candidatos, os líderes neopentecostais estabelecem pontos de convergência entre o discurso da fé e o da política, configurando o que Foucault (1996) chamaria de heterogeneidade enunciativa. Nesse jogo, os sujeitos que interagem com esses discursos - sejam eles fiéis praticantes ou simples seguidores - passam a ocupar posições de enunciação mobilizadas por regimes morais, afetivos e ideológicos distintos, o que frequentemente resulta em embates, disputas e polarizações nos comentários, compartilhamentos e réplicas.

Dessa forma, o “intercâmbio discursivo” não representa apenas uma troca de ideias entre interlocutores, mas uma operação discursiva mais ampla, que articula formas de governo das condutas, redefinições de pertencimento e disputas por hegemonia simbólica no campo religioso-político. Assim, a nova identidade evangélica citada por Cunha (2007) ganhou nova estrutura a partir das tecnologias digitais. Segundo Di Felice (2008, p.23) “pela primeira vez na história, a comunicação se torna um processo de fluxo em que as velhas distinções entre emissor, meio e receptor – a que chamamos de sujeito enunciator, suporte e sujeito interpretante

[menção do autor] – se confundem e se trocam até estabelecer outras formas e dinâmicas de interação”. Assim a comunicação garante a interseção entre mídia-política-religião graças a “um conjunto de teias, a partir das quais não é possível articular uma única forma de emissão e uma única direção” (Di Felice, 2008, p.24).

Cunha (2017, p.04) destaca ainda um outro fenômeno na expansão da relação mídia-política-religião: o crescimento do mercado religioso e o avanço do marketing no cristianismo. Para ela, os cristãos são um segmento de mercado graças a oferta de produtos ou serviços para promover a satisfação de necessidades religiosas, seja com lazer, entretenimento ou bens, trazendo uma ‘verdade’ a partir de uma nova ‘Cultura de Participação’ elencada por Shirky (2011, p.61). Ele destaca que temos à nossa disposição as ferramentas e oportunidades viabilizadas por elas, já que a mídia digital é flexível, barata e inclusiva que oferece condições de fazer todo tipo de coisas que não fazíamos antes.

IMAGEM 10: Print de postagem pela líder Sônia Hernandes em 28 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/bispasonia

A postagem acima, feita no dia 26 de outubro de 2022, apresenta Sônia Hernandes vendendo um serviço de mentoria por 100 reais o ingresso na Igreja Renascer. Quem contratasse o serviço concorreria a uma viagem para Israel participando de uma caravana +QV – sigla criada em alusão ao um enunciado bíblico presente no livro de Romanos “Mas em todas estas coisas somos **mais que vencedores**, por meio daquele que nos amou” (Bíblia, Romanos 8:37 [grifo nosso]).

O mercado digital possibilitou que qualquer pessoa que manifeste sua fé possa expressar livremente opiniões, ideias ou reflexões, deslocando o controle exclusivo sobre os conteúdos da fé - como rituais, símbolos, dogmas e doutrinas - das mãos das lideranças religiosas. No entanto, os líderes neopentecostais, enquanto autoridades religiosas, tornaram-se, com o advento do espaço digital, celebridades evangélicas, assumindo o papel de referência. Segundo Karhawi (2017), eles passaram a mostrar, para muitos evangélicos, “o que pensar e como agir”.

A ascensão dos líderes neopentecostais nas mídias digitais e sua crescente interferência no campo político integram-se à lógica do neoliberalismo. A própria noção de mentoria e pastorado espiritual, amplamente utilizada por esses líderes, revela essa inscrição. Ao se tornarem celebridades midiáticas, tais lideranças religiosas passaram a ser marcas - produtos simbólicos a serem consumidos por um público cada vez mais individualizado e ávido por soluções imediatas para seus dilemas existenciais.

Essa dinâmica aplica os princípios centrais do neoliberalismo, promovendo o que Foucault (2008) define como o governo das condutas, ao qual, quando aplicamos ao enunciado verbo-imagético de Hernandez, é uma forma de gestão da vida social baseada na promoção de imagens de sucesso material, apoiadas em valores como individualismo, competição e consumo.

4.1- O Neoliberalismo, o Neopentecostalismo e o Governo das Condutas

A nossa compreensão acerca do Neoliberalismo está em Dardot e Laval (2016) que se pautam em Foucault (2008). O Neoliberalismo é mais do que uma simples ideologia econômica baseada em livre mercado, privatizações e redução do papel do Estado. É um sistema global de poder e uma racionalidade política que organiza a vida social, econômica e política, transformando o sujeito em um "empreendedor de si", que deve se autogerir e maximizar sua eficiência. Os autores defendem inclusive que o Neoliberalismo não é apenas um conjunto de políticas econômicas voltadas para a desregulamentação, ele “[...] emprega técnicas de poder inéditas sobre as condutas e subjetividades” (Dardot e Laval, 2016, p.19). Vale frisar que o Neoliberalismo não é herdeiro do primeiro liberalismo que trata da questão dos limites do governo.

[...] o governo liberal é enquadrado por ‘leis’, mais ou menos conjugadas: leis naturais que fazem do homem o que ele é ‘naturalmente’ e devem servir de

marco para a ação pública; leis econômicas, igualmente ‘naturais’, que devem circunscrever e regular a decisão política. [...] as técnicas utilitaristas do governo liberal tentam orientar, estimular e combinar os interesses individuais para fazê-los servir ao bem geral. (Dardot e Laval, 2016, p.30-31)

O Neoliberalismo é muito mais do que um conjunto de ideias econômicas ou políticas. Ele representa uma maneira de pensar e organizar o mundo, que recai tanto sobre as ações de quem governa quanto sobre o comportamento dos cidadãos. Segundo os estudiosos, “o Neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo, de um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral para a vida (idem, p.15).

Ao promoverem uma imagem de sucesso material e individual, os líderes neopentecostais reforçam os valores do neoliberalismo, como o individualismo, a competição e o consumo. No âmbito das redes sociais digitais, incluindo o Instagram, a ênfase na autossuficiência e na responsabilidade individual pelos próprios resultados, presente tanto na Teologia da Prosperidade quanto no Neoliberalismo é observável nas mensagens que incentivam os seguidores a buscarem não apenas a prosperidade financeira e o sucesso profissional. É inclusive direcionada à ênfase pela determinação de quem o fiel deve votar a partir da individualização da fé deslocada da responsabilidade social e coletiva para um âmbito individual.

Se cria uma lógica que transforma todas as esferas da vida - educação, saúde, relações pessoais e até mesmo o religioso – em espaços de competição e mercantilização, sob o princípio de que o mercado deve ser o organizador da vida social. Assim a concorrência se torna a norma reguladora de todos os aspectos da vida social. Para Dardot e Laval (2016, p.26), a concorrência livre revela o imperativo da competitividade enquanto uma representação da extensão da norma neoliberal a todos os domínios da vida em sociedade. Os sujeitos fiéis são incentivados a verem a si mesmos como empresas, tomando decisões baseadas em eficiência, produtividade e competição. A vida pessoal e profissional é modelada pela lógica empresarial.

Enquanto movimento religioso, o Neopentecostalismo tem certas características que articulam profundamente com o Neoliberalismo. O movimento neopentecostal, ao contrário de formas mais tradicionais do cristianismo, foca fortemente em temas de prosperidade individual, sucesso financeiro e autoaperfeiçoamento, o que se alinha com a racionalidade neoliberal, conforme vimos no capítulo anterior quando tratamos da “Teologia da Prosperidade” que sugere que a fé em Deus pode ou deve resultar em sucesso financeiro, saúde e bem-estar pessoal. Essa ênfase no sucesso individual está em sintonia com a racionalidade neoliberal que

valoriza a autossuficiência, o empreendedorismo e a eficiência pessoal. Assim, vemos um exemplo postado pelo líder Agenor Duque, no dia 16 de outubro de 2022.

IMAGEM 11: Print de postagem pelo líder Agenor Duque em 16 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/apostoloagenorduque

A postagem apresenta um texto bíblico existente no livro de Eclesiastes, capítulo 5, versículo 19. Acima do texto há um título que aponta para um compromisso: “Promessas para os dizimistas”. O título da imagem publicada pelo líder neopentecostal tem no conteúdo apenas hashtags que apontam para um ato de reflexão dando ênfase ao líder religioso, a campanha que desenvolveu para o público da igreja que comanda, inserindo a marcação da conta da igreja no Instagram. No texto bíblico há menção de riquezas e bens concedidos por Deus enquanto um presente. Entretanto, o fato de o líder inserir o título expondo que o versículo é promessa para quem contribui financeiramente com a igreja revela que o sucesso financeiro é um indício de prosperidade individual, apontando dessa forma uma das características da Teologia da Prosperidade. A lógica neoliberal de que o sucesso financeiro depende do esforço individual e da capacidade de “empreender a si mesmo” é refletida na crença neopentecostal de que a bênção divina está diretamente ligada à dedicação do fiel e à sua disposição de contribuir financeiramente para a igreja, o que, por sua vez, traria retornos materiais e espirituais. A concessão é graça. É o empreender de Deus.

Assim, a prática dos neopentecostais em usarem materialidades discursivas imagéticas nas redes sociais digitais⁴² pode ser compreendida a partir do que Foucault (2010 [1982]) reflete acerca do que ele chama de Governo das Condutas. O autor problematiza o conceito de Governamentalidade, ao que destaca ter nascido a partir de um modelo arcaico da pastoral cristã, em que “o pastor exerce o poder sobre o rebanho mais do que sobre a terra: ele reúne e guia seu rebanho; seu papel é assegurar a salvação dele” (Foucault, 2010 [1982], p.59).

Os líderes neopentecostais no Instagram operam um poder em termos de condução de conduta, ou seja, uma maneira pela qual uma pessoa ou grupo interfere na conduta do outro, exercendo sobre ele um governo. “O ponto de contato do modo como os indivíduos são manipulados e conhecidos por outros encontra-se ligado ao modo como se conduzem e se conhecem a si próprios. Pode-se chamar a isto o governo”. (Foucault, 2010 [1982], p.208-209).

O autor destaca as transformações na concepção de governo no século XVI que levaram ao surgimento de uma “arte de governar”, que gradualmente promoveu a governamentalização do Estado, fundamentada em poderes já presentes na sociedade. Foucault (2008 [1977]) argumenta que o poder pastoral possui três características fundamentais: primeiro, é um poder de cuidado, exercido pelo pastor sobre uma multiplicidade dinâmica; segundo, é um governo das almas, focado na salvação individual; e terceiro, trata-se de uma relação de poder que é tanto individualizante quanto totalizante. A condução presente na relação entre pastor e ovelha não desapareceu com o fim do pastorado, mas foi adaptada pelas tecnologias modernas de governança. A atenção deve ser dirigida ao rebanho que se quer dirigir ou conduzir, já que o poder pastoral se exerce sobre indivíduos e não sobre um território. Seu poder determina para onde o rebanho deve andar. Diferentemente de um poder que “se exerce sobre a unidade de um território, o poder pastoral se exerce sobre uma multiplicidade em movimento” (Foucault, 2008, p.169).

Outro aspecto marcante do poder pastoral é ser uma espécie de poder que busca “fazer o bem”. Foucault (2008) afirma que é “inteiramente definido pelo seu bem-fazer, ele não tem outra razão de ser senão fazer o bem” (Foucault, 2008, p.170). Podemos verificar que o Neoliberalismo enfatiza a responsabilidade individual pelos próprios sucessos e fracassos, o

⁴² As imagens produzidas digitalmente podem ser consideradas fotográficas, dependendo de como elas são criadas, do contexto do uso e das definições teóricas aplicadas ao conceito de fotografia. Batchen (2001) argumenta que a fotografia sempre foi um campo de práticas em constante mutação, e que sua definição deve incorporar as transformações técnicas e culturais. Poivert (2010) afirma que a fotografia digital não apenas continua as tradições fotográficas, mas também amplia as possibilidades criativas e discursivas. Para ele, o uso de *softwares* de edição, dispositivos digitais e até criação de imagens que nunca existiram no mundo físico são extensões da prática fotográfica contemporânea. Segundo a mesma compreensão, Fontcuberta (2015) também destaca que imagens geradas digitalmente ou alteradas profundamente em *softwares* são igualmente fotográficas, pois continuam a dialogar com o discurso da imagem e com o papel histórico da fotografia.

que também se reflete no discurso neopentecostal. O fiel é ensinado a crer que a prosperidade é uma recompensa pela fé e esforço, e que a falta de sucesso é resultado de uma falha pessoal, seja falta de fé, de trabalho duro ou mesmo de doação. Esse enunciado ecoa a auto responsabilização neoliberal, na qual o Estado ou a sociedade tem um papel mínimo, e o indivíduo deve se encarregar de seu próprio destino.

Podemos ilustrar assim um exemplo materializado pelo líder Silas Malafaia quando a primeira imagem ilustrada contém a formulação “4 dicas para você vencer em um mundo competitivo – 4 dicas para o mundo sociológico”.

IMAGEM 12: Print de postagem pelo líder Silas Malafaia em 13 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/silasmalafaia

O líder religioso traz um ensinamento cujo alvo é o sujeito fiel. Dicas com foco na ‘vitória’ em um mercado competitivo estimula um discurso de responsabilidade individual que é retratada por Dardot e Laval (2016) como uma Governamentalidade Neoliberal. Ela se manifesta, segundo os autores, mediante um conjunto de dispositivos discursivos, institucionais, políticos, jurídicos e econômicos que formam uma rede complexa e adaptável que “em nome da liberdade e apoiando-se nas margens de manobra concedidas aos indivíduos,

orienta de maneira nova as condutas, as escolhas e as práticas desses indivíduos” (Dardot e Laval, 2016, p.19).

No Neopentecostalismo, os líderes religiosos muitas vezes se apresentam como empresários espirituais, gerindo igrejas como empresas e incentivando seus fiéis a se tornarem "empreendedores" de suas próprias vidas. Assim, vemos um entrelaçamento da lógica do mercado com a lógica religiosa, onde o sucesso na fé é medido em termos de crescimento econômico e prosperidade material. A ideia de que o fiel, o seguidor deve investir – financeiramente e espiritualmente – para obter prosperidade é uma expressão direta da racionalidade neoliberal que vê cada sujeito como um ‘capital humano’ que deve ser continuamente valorizado. Podemos ver essa prática na postagem feita pela líder Sônia Hernandez no dia 24 de outubro de 2022.

IMAGEM 13: Print de postagem pela líder Sônia Hernandez em 26 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/bispasonia

A líder da Igreja Renascer em Cristo revela uma imagem em uma academia bem estruturada ao lado do marido e dos filhos, apresentando uma lógica de mercado que relaciona o papel social dela enquanto líder religiosa com o de uma pessoa que procura cuidar da saúde revelando pela materialidade fotográfica a busca pelo cuidado de si. No texto ela reitera “que delícia fazer academia com eles! Aliás tudo com eles é muito bom”, marcando-os na rede social e inserindo *hashtags* em inglês que é, segundo Ivo (2023), um indicativo que possibilita o aumento de visibilidade e alcance de uma marca, ampliando assim as chances de serem vistas por um público maior, segmentando e direcionando uma campanha para um público específico.

Aqui podemos convergir das ações da maneira de pensar e organizar as decisões políticas de quem é líder religioso incluindo o comportamento dos fiéis a partir da definição das opções determinadas pelos seus líderes. Ao promoverem uma imagem de sucesso material e individual, os líderes neopentecostais reforçam os valores do neoliberalismo, como o individualismo, a competição e o consumo. No âmbito das redes sociais digitais, incluindo o Instagram, a ênfase na autossuficiência e na responsabilidade individual pelos próprios resultados, presente tanto na Teologia da Prosperidade quanto no Neoliberalismo incentivam os seguidores a buscarem não apenas a prosperidade financeira e o sucesso profissional. É inclusive direcionada à ênfase pela determinação de quem o fiel deve votar a partir da individualização da fé deslocada da responsabilidade social e coletiva para um âmbito individual.

Os neopentecostais operam em um mercado simbólico onde ofertam experiências, valores e enunciados relacionados à fé, competindo pela adesão de indivíduos e grupos sociais. A ideia de que as lideranças/igrejas atuam como marcas está alinhada ao conceito de “mercado religioso”, introduzido por teóricos como Stark e Finke (2000). Eles argumentam que a pluralidade religiosa cria um ambiente de competição, onde diferentes denominações oferecem “produtos” que atendem às demandas específicas de seus “consumidores”, ou seja, os fiéis. Esses produtos incluem dogmas, práticas, rituais, símbolos e estilos de culto. Einstein (2008) aponta que a globalização e a mídia transformaram a religião em um “produto” que precisa ser promovido e distribuído. Os neopentecostais adotam estratégias de *branding* semelhantes às usadas por empresas com a inclusão de logos, *slogans*, marketing digital ou segmentando mensagens para grupos específicos, como jovens, profissionais de áreas específicas ou comunidades marginalizadas.

Tais práticas se aplicam graças ao que Dardot e Laval (2016) apontam que o homem é um cidadão dotado de direitos inalienáveis e é o homem ‘econômico’ guiado por seus interesses. O líder neopentecostal se coloca no direito de pregar o enunciado religioso e de defender o candidato de seu interesse bem como busca cada vez mais seguidores para a rede social digital com o intuito de conquistar visibilidade, audiência e relacionamentos com seus pares. Assim gera um tipo de contratualização que é fruto de uma mercantilização expansiva e que notamos que no âmbito religioso/político tornou-se um contrato voluntário entre seguidores, experimentando a liberdade de compromisso voluntário em, por exemplo, comentar ou compartilhar uma postagem

Entendemos, assim, que o primeiro traço da relação entre o neopentecostalismo e o neoliberalismo está associado à simbologia religiosa. Nesse contexto, Houtart (2003, p. 43-44) ressalta que o símbolo não deve ser compreendido como um enfraquecimento do princípio da realidade, mas como um código performativo, mediado pelo mito, pela metáfora, pelo rito e pela festa - capaz de impulsionar à ação. Em meio a uma cultura cada vez mais marcada por símbolos lógico-matemáticos a serviço de um progresso mercantilizado, perde-se o valor existencial do símbolo. A linguagem religiosa, sendo essencialmente simbólica, sofre os efeitos da redução de sentidos, muitas vezes imposta por instituições religiosas ou tradições que confundem conteúdo e expressão, significado e significante.

Dessa forma, a simbologia mobilizada pelo discurso neopentecostal, especialmente em suas interfaces com a tecnologia midiática, torna-se um instrumento poderoso na modelagem de subjetividades neoliberais. O símbolo, resgatado sob a lógica do consumo e da performance, não apenas comunica fé, mas condiciona comportamentos, legitima práticas econômicas e orienta condutas sociais, alinhando o sagrado às exigências do mercado. Trata-se, portanto, de uma religiosidade que opera não contra o neoliberalismo, mas dentro de seus códigos e estratégias, reforçando valores como meritocracia, sucesso material e autorresponsabilidade - todos legitimados pela autoridade simbólica do discurso religioso.

Na postagem feita no dia 01 de outubro de 2022 o líder neopentecostal Agenor Duque postou uma imagem com efeitos visuais anunciando uma campanha especial para o primeiro turno das eleições ao qual denominou de “Jejum da Jornada Feliz”.

IMAGEM 14: Print de postagem pelo líder Agenor Duque em 01 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/apostoloagenorduque

Na imagem visualizamos ele, sua esposa, a pomba que simboliza o Espírito Santo, traços com as cores da bandeira brasileira, homens guiando pessoas montadas em camelos como se estivessem viajando, uma urna eletrônica, a cruz, pessoas em uma igreja, o cantor Giovani Santos e um vidro de óleo ‘consagrado’. No enunciado, construído por esses elementos visuais, observamos a defesa do homem ‘econômico’ e dos interesses pessoais.

[...] o poder já não é somente a vontade soberana [...] torna-se um método oblíquo ou ‘legislação indireta’, destinada a conduzir os interesses. Postular a liberdade de escolha, suscitar e construir na prática essa liberdade, pressupõe que os sujeitos sejam conduzidos por uma ‘mão invisível’ a fazer as escolhas que são proveitosas a todos e a cada um. Por trás dessa representação encontra-se não tanto um grande engenheiro [...], mas uma máquina que funciona idealmente por si só e encontra em cada sujeito uma engrenagem pronta a responder às necessidades de arranjo do conjunto. Contudo é preciso fabricar e manter essa engrenagem (Dardot e Laval, 2016, p.320)

Sujeito Produtivo é uma obra, de acordo com Dardot e Laval (2016), da sociedade industrial. O foco do referido sujeito, para os autores, não era apenas para aumentar a produção material, mas sim ser um estimulante de produção cujos limites seriam definidos pelos efeitos da ação sobre a produção, visando, assim, a atingir o sujeito que, em todos os domínios da vida, busca e produz prazer, felicidade e bem-estar.

A figura do homem “feliz” presente na imagem, associada aos elementos de prosperidade material (homens guiando pessoas em camelos como se estivessem viajando) e à simbologia religiosa (pomba, cruz), evoca a construção do sujeito neoliberal. Esse sujeito é caracterizado pela busca incessante pelo sucesso individual, pela valorização do empreendedorismo e pela crença na autossuficiência. O termo “feliz” funciona aqui como um marcador ideológico, naturalizando a ideia de que a felicidade se encontra na acumulação de bens materiais e no sucesso profissional.

O óleo consagrado, enquanto objeto material, desempenha um papel central na construção da verdade da imagem. Ele se inscreve na interface entre o sagrado e o profano, funcionando como um mediador entre o mundo espiritual e o mundo material. A consagração do óleo, um ritual religioso, confere a ele um poder transformador, prometendo cura, prosperidade e proteção. A postagem de Duque se propõe a governar e a ser governado pelas sensações já que “se o indivíduo deve ser considerado em sua liberdade ele [...] também é um ‘delinquente em potencial’, um ser movido antes de tudo por seu próprio interesse” (Dardot e Laval, 2016, p.320). Vale ressaltar que o Tanque de Bethesda foi onde Jesus, segundo a Bíblia, curou um paralítico que estava ali por 38 anos. Lembrando que Jesus o curou com suas palavras.

Muitos esperavam algo com a água e o óleo é consagrado no tanque, consistindo assim em uma aforização, ou seja, um simulacro.

Aquilo que antes era representado por livretos religiosos, santinhos, fitas devocionais ou lembranças físicas passou a ser ressignificado pela imagem do líder religioso, que hoje ocupa um lugar central e simbólico nas práticas de comunicação digital. Essa imagem assume uma linguagem menos formal, mais arrojada e acessível, repleta de elementos visuais que dialogam com o cotidiano das redes sociais. Durante as eleições de 2022, observou-se o uso expressivo das cores da bandeira nacional, frases de impacto, construções discursivas que mesclam formulações pessoais com trechos bíblicos, emojis e, sobretudo, a presença destacada da fotografia do líder religioso nas postagens. Nesse contexto, é possível identificar o exercício do que Michel Foucault denominou de governo das condutas.

Foucault (2010 [1982]) destaca que o Estado se apropriou de elementos do cristianismo para pensar e estruturar formas de governar as condutas das populações. Para o filósofo, esse foi um cenário propício para que a penitência cristã ampliasse suas funções, desenvolvendo práticas como o autoconhecimento, o exame de consciência, o esclarecimento de tendências e o surgimento da literatura em primeira pessoa - fenômenos especialmente intensificados nos países de tradição protestante.

No período eleitoral, os discursos dos líderes neopentecostais no Instagram revelam-se homogeneizados em torno da figura institucional de suas igrejas, que operam como verdadeiras empresas. Essas organizações religiosas são constituídas em torno de um objetivo pragmático - a evangelização -, mas também visam a atender aos anseios de seus fundadores e seguidores. Esse cenário se articula ao conceito de governamentalidade empresarial, conforme proposto por Dardot e Laval (2013, p. 323), que argumentam que um único discurso pode articular simultaneamente uma definição do homem pela forma como ele deseja ser “bem-sucedido”, e pela forma como busca ser “guiado”, “formado” e “estimulado” a cumprir seus objetivos. Trata-se, portanto, de uma forma de conduzir condutas não apenas pela via da fé, mas pela incorporação de uma lógica empresarial que organiza subjetividades. Essa incorporação da lógica empresarial não se dá apenas no nível das práticas administrativas das igrejas - como gestão financeira, marketing ou produção de eventos -, mas se estende à própria constituição dos sujeitos crentes e de seus modos de crer. A fé, nesse contexto, é permeada por imperativos de eficiência, competitividade e autogestão, que são centrais à governamentalidade neoliberal.

Assim, os discursos veiculados no Instagram não são apenas enunciados religiosos, mas práticas discursivas que moldam as identidades dos fiéis, inserindo-os numa lógica que combina espiritualidade e produtividade, fé e sucesso. Dessa forma, a religião se converte em um terreno

fértil para a disseminação de subjetividades alinhadas ao ethos neoliberal, onde a salvação e o crescimento espiritual se tornam correlatos do empreendedorismo de si e da otimização constante da vida.

[...] racionalidade neoliberal produz o sujeito de que necessita ordenando os meios para governá-lo para que se conduza realmente como uma entidade em competição e que, por isso, deve maximizar seus resultados, expondo-se a riscos e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos (Dardot E Laval, 2016, p.323)

Um caminho é que, ao compreender as imagens como materialidades discursivas, faz-se importante lê-las como produtos da história, ou seja, cabe interrogar as condições de possibilidade para seu aparecimento e não outra em seu lugar (Foucault, 2010). Entende-se que a linguagem mantém uma relação com a exterioridade, de tal modo que há condições específicas para a produção e o surgimento do discurso que intervêm materialmente na textualidade, funcionando como uma memória do já-dito que abrange o dizer. Os públicos, dentre eles os neopentecostais, são incentivados a procurarem informações cada vez mais interativas e imagéticas de igrejas e, na mesma medida, de suas lideranças.

As postagens dos líderes religiosos no Instagram, durante o período eleitoral, impactaram diretamente a conduta pessoal dos indivíduos, os quais se manifestaram por meio de curtidas e comentários. Essas lideranças passaram a cobrar dos fiéis um posicionamento explícito de voto, tornando a participação política uma extensão do compromisso religioso.

Foucault (2010 [1982]) aponta que o cristianismo introduziu um procedimento simultâneo de confissão e coação, favorecendo o melhor conhecimento e domínio de si, o esclarecimento de tendências, o exame de consciência e o desenvolvimento da literatura em primeira pessoa. Tais práticas, intensificadas no contexto protestante, estão presentes nos enunciados dos líderes neopentecostais brasileiros durante as eleições presidenciais de 2022, evidenciando uma pedagogia da conduta religiosa voltada ao campo político.

A atuação neopentecostal no processo eleitoral caracterizou-se majoritariamente pelo apoio ao então presidente e candidato à reeleição, Jair Messias Bolsonaro. Diversos líderes utilizaram discursos marcados por apelos moralistas, em defesa da chamada “família tradicional brasileira” e em oposição aos representantes da esquerda, sobretudo do Partido dos Trabalhadores (PT).

Segundo Goldstein (2020), embora atualmente o apoio evangélico concentre-se no campo conservador, esse mesmo grupo já havia sustentado alianças com os governos petistas, especialmente nos dois mandatos do ex-presidente Lula e no primeiro de Dilma Rousseff. Essa

relação foi classificada pelo autor como uma “aliança pragmática”, a qual começou a ruir em 2013, com a ascensão do pastor Marco Feliciano à presidência da Comissão de Direitos Humanos. Para Goldstein (2020, p.11), esse episódio “materializou explicitamente o choque de valores entre a agenda cultural evangélica conservadora e a agenda progressista do PT sobre gênero e direitos humanos, ao expressar os limites dessa aliança pragmática”.

Esse embate se intensificou a partir de 2016, com o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, quando foram feitas reiteradas referências ao conservadorismo, à tradição familiar e religiosa, e ao combate à corrupção. Nas eleições de 2022, Jair Bolsonaro foi o candidato que melhor se alinhou aos ideais neopentecostais, especialmente por sustentar um discurso moralista e por se apresentar como defensor da fé cristã e dos valores tradicionais.

Assim, para compreendermos o funcionamento desse exercício de poder, realizamos um gesto de análise de uma postagem presente em uma rede social digital de um líder neopentecostal brasileiro a ser apresentada a seguir.

4.2 O Governo das Condutas a partir da materialidade discursiva fotográfica

Neste tópico, realizamos um esforço de análise a partir dos conceitos apontados por Foucault acerca do Governo das Condutas. A postagem foi realizada na conta do Instagram do fundador e presidente da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (SNT), Robson Rodovalho, no dia 01 de outubro de 2022. De acordo com Silva (2016, p.11), Rodovalho é físico, com especialização em ressonância magnética nuclear, teólogo, filósofo, pesquisador e conferencista internacional sobre temas relacionados a liderança, gestão e física quântica. Ele já publicou livros, dentre eles “Batalha Espiritual” que vendeu mais de 1 milhão de cópias, e é o fundador e presidente da Rede Gênesis de Televisão e da Rádio Sara Brasil.

IMAGEM 15: Print de postagem pelo líder Robson Rodovalho em 01 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/bprodovhalho

Rodovalho, colocou em circulação o enunciado acima. Primeiramente, ao nos deter sobre esta imagem, cabe interrogar qual a posição-sujeito (Foucault, 2007) que sustenta esse dizer. A postagem feita durante um período eleitoral no Brasil, e realizada por um líder neopentecostal que, pela posição que ocupa na sociedade, pode funcionar, em determinadas condições e situações, como uma referência de padrão ético/moral. Com a possibilidade de reprodução de mensagens em uma rede social digital, a fotografia, inscrita numa dada historicidade, coloca em circulação um dado exercício de poder da posição-sujeito pastor sobre o corpo social. Não obstante, nesse processo, produz-se efeitos de verdade sobre o político.

Segundo Foucault,

[...] à primeira vista, o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície, mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso. (Foucault, 2010, p.90)

Isso significa que podemos pensar o enunciado como uma unidade discursiva. Quando isolamos os enunciados buscamos compreender os diferentes discursos. Nesse sentido, a imagem analisada se constituiu de uma série de signos que apontam regras de existência. Até

então, durante quase 13 anos, o Brasil foi governado por um grupo político de esquerda que ficou convencionado visualmente como “governo da bandeira vermelha” pelos grupos políticos de direita e extrema-direita. Essa nominação se dá a partir de uma posição discursiva dada, já que as nomeações são sempre implicadas pelos processos discursivos e, com isso, determinam a produção dos efeitos de verdade.

O discurso presente na fala do líder é tratado como referência no campo religioso e a rede social digital proporcionou um *status* para o discurso. Ao enunciar “o meu partido”, usando a camiseta exposta na imagem destaca ao interlocutor a condição de que por ser “dele”, pode-se confiar que vale a pena. Na sequência vem “é o Brasil”. Conforme Foucault (2012 [1969]), todo enunciado deve ter uma existência material (p.113), a própria relação sónica das cores com a palavra Brasil pode relacionar-se com as cores da bandeira. Associado às cores, o enunciado “meu partido é o Brasil” revela uma margem que é povoada de outros enunciados, tais como os que apresentamos a seguir e circularam fortemente nesse momento histórico: “armai-vos uns aos outros”, “Olavo tem razão”, “Supremo talibã federal”, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, “Bolsomito”, “LGBT: *Liberty, Guns*, Bolsonaro, Trump”, “Um povo armado jamais será escravizado”, “Cristão & Conservador & Capitalista & Brasileiro”.

Não obstante, quando associamos a materialidade apresentada sob a ótica do Governo das Condutas, notamos um poder disciplinar no universo das redes sociais digitais que está além de uma simples postagem. O líder religioso é por essência uma referência social e que governa suas ovelhas a partir do poder pastoral. Inspirado na análise de Foucault (2008 [1979]), o poder pastoral consiste em uma forma de poder que se ocupa não apenas da gestão coletiva do rebanho, mas sobretudo do cuidado individual de cada ovelha - inclusive (e especialmente) daquelas que podem estar desgarradas.

No universo das redes sociais digitais, essa dimensão pastoral se amplia. As ovelhas “desgarradas” - aquelas que, por diversos motivos, afastam-se da comunidade de fé ou manifestam dúvidas e hesitações - não deixam de ser objeto de atenção e de cuidado do pastor. De fato, o poder pastoral foucaultiano é inclusivo: mesmo o fiel que se desvia é visado e incorporado na dinâmica de governo. Essa inclusão das “ovelhas desgarradas” se dá, muitas vezes, por meio de estratégias discursivas que associam o desvio à necessidade de recondução ao “caminho correto” - o que revela, mais uma vez, a dimensão disciplinar do poder pastoral. Nas redes sociais, isso se materializa em conteúdos que regulam os seguidores, reforçam normas de conduta e reafirmam a autoridade do líder como aquele que conhece, guia e vigia suas ovelhas.

Assim, mesmo quando as “ovelhas desgarradas” se afastam da prática devocional ou se mostram críticas, continuam a ser alvo de discursos e práticas que buscam reconduzi-las ao rebanho. Esse movimento ilustra a força do poder pastoral nas redes digitais: uma forma de poder que não apenas organiza a comunidade visível, mas também busca resgatar aqueles que dela se afastam, sob a justificativa de “cuidado” e “salvação”.

O sujeito que enunciou portando a camisa do Brasil é um líder religioso inscrito em dadas formações discursivas que constituem suas posições de dizibilidade. Para o fiel seguidor, o líder é um ser abençoado por Deus, que recebe revelações divinas e as externaliza, inclusive pela fotografia, o posicionamento que o crente deve seguir em qualquer área ou temática, incluindo a política. Nesse sentido, há um dado Governo das Condutas, dentro do contexto que envolve o exame de consciência. Esse governo constitui o indivíduo, é um exercício que cria relações de força, jogos, regras e dispositivos que na página se revelam de diferentes maneiras.

Fotografar e postar no Instagram proporciona ao líder religioso uma condição que exterioriza o processo de que o “poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação” (Foucault, 2008 [1972], p.183-184). As relações de poder nas redes sociais digitais contam com cruzamentos discursivo-visuais entre os usuários que produzem e expõem imagens, constroem práticas sociais por meio de relações discursivas que se materializam mediante comentários e curtidas. Mais de 4200 pessoas gostaram da postagem, o que corresponde a 1,3% dos 302 mil seguidores do bispo, até então.

Foucault (2010 [1982], p.168) aponta que tal governamentabilidade do poder pastoral foi criada e desenvolvida por grupos cristãos a partir do século III. O que ele chama de “governo da cidade”, criado pelos gregos, buscamos, neste trabalho, associar a uma conta de rede social digital que se propõe como lugar de circulação dos discursos. Sendo do corpo religioso, o governo pastoral se propõe a orientar o público com ideias que, historicamente, eram destinadas à salvação e que, atualmente, também está relacionada com as condutas, dentre elas, a da escolha de um político que supostamente atende os princípios ou os valores conservadores. Afinal, o poder pastoral é considerado por Foucault (2010 [1982], p.170) um poder de cuidado e de individualização que

[...] vai se efetuar de acordo com um modo que é totalmente particular e que podemos apreender justamente através do que dizia a *respeito da salvação, à lei e à verdade*. É que de fato essa individualização [...] já não vai ser definida pelo estatuto de um indivíduo, nem por seu nascimento, nem pelo brilho de suas ações. Vai ser definida de três maneiras. Primeiro, por um jogo de decomposição que define a cada instante o equilíbrio, o jogo e a circulação

dos méritos e dos deméritos. Digamos que não é uma individualização de estatuto, mas de identificação analítica. Em segundo lugar, é uma individualização que vai se dar pela designação, pela marcação de um lugar hierárquico no indivíduo. Ele não vai se dar tampouco, pela afirmação de um domínio de si sobre si, mas por toda uma rede de servidões, que implica a servidão geral de todo o mundo em relação a todo o mundo, e ao mesmo tempo a exclusão do egoísmo como forma central, nuclear do indivíduo. [...] Em terceiro lugar, é uma individualização que não vai ser adquirida pela relação com uma verdade reconhecida, mas que, ao contrário, vai ser adquirida pela produção de uma verdade interior, secreta e oculta (Foucault, 2010 [1982], p.187; pp.242-243)

Como a religiosidade e seus discursos são produções reconhecidas por diferentes povos ao longo da história, inclusive pelos neopentecostais, o líder que expõe uma fotografia na rede social digital constrói um padrão que impõe, mesmo que indiretamente, um posicionamento de deveres em relação a escolha política das ovelhas para a conquista de objetivos pontuais que atinjam uma parcela cada vez mais crescente na sociedade brasileira.

Asseveramos que a partir deste enunciado, o pastor possibilita a circulação de saberes sobre os então candidatos à presidência, com preferência a um dos postulantes ao cargo, que devem abarcar o rebanho de ovelhas, recaindo sobre suas condutas (por exemplo, na escolha dos votos). Em um funcionamento próprio do discurso religioso, têm-se um sujeito que tem um poder dado por Deus, e exercido pelo pastor na Terra, e que representa e “revela” a verdade sob as bençãos divinas para suas ovelhas. Assim, a partir desse gesto de análise dessa materialidade, buscamos observar como a fotografia – materialidade do discurso – coloca em funcionamento o discurso religioso, que, entre outras coisas, busca exercer um poder na sociedade, enunciando verdades a serem aceitas e não questionadas pelos sujeitos.

Tal contexto foi antecipado e reforçado por Freston (1994, p.30) que reitera que o protestantismo conservador passou a implementar uma estratégia de presença e importância na sociedade com o foco na visibilidade, trazendo um aporte de recursos culturais e retóricos colocando “para a arena política demandas tradicionais e moralistas que não deixam de ser reais para amplos segmentos da população, erguendo-se em guardiães da moralidade privada [...] falando em nome da maioria moral”. Para o autor, o sistema político-eleitoral brasileiro possibilita o aumento do peso político de quaisquer tipos de comunidades, inclusive as religiosas.

O peso político tem na discursividade visual existente no Instagram um atenuante para sua expansão: o verde-amarelismo.

4.3 O verde-amarelismo e o neoliberalismo: uma reflexão da divisão social brasileira

A sociedade brasileira, marcada por profundas desigualdades sociais, apresenta uma cisão acentuada entre a classe dominante e as camadas populares. Essa divisão, perpetuada por estruturas de poder autoritárias e excludentes, constitui um dos principais vetores dos conflitos sociais no país. O discurso simbólico do verde-amarelismo - que exalta elementos da identidade nacional e propõe uma imagem de unidade - não é totalmente visível e nem oculto.

O conceito de verde-amarelismo, formulado por Chauí (2000), refere-se a uma construção simbólica operada pelas classes dominantes brasileiras ao longo da história. Trata-se de uma narrativa que, em consonância com as concepções de Hobsbawm (1990) sobre a invenção das nações, utiliza cores e símbolos nacionais - como o verde e o amarelo da bandeira - para fomentar um sentimento de pertencimento coletivo e coesão social. Contudo, essa representação de unidade nacional serve, em muitos casos, como mecanismo de apagamento das profundas assimetrias sociais, raciais e culturais que atravessam a sociedade brasileira.

A noção de nação, tal como concebida na modernidade, é uma construção histórica relativamente recente. Segundo Hobsbawm (1990, p. 30), o termo "nação" adquire um sentido político específico a partir da década de 1830, sendo então associado à formação dos Estados-nação modernos. Diante do desafio de integrar sociedades historicamente fragmentadas, a ideia de nação surgiu como um recurso estratégico para consolidar identidades coletivas e garantir a fidelidade dos cidadãos ao projeto estatal.

Nesse contexto, Chauí (2000, p. 17) argumenta que o processo de edificação da nação brasileira implicou a elaboração de um "caráter nacional". Esse constructo atribuiu ao povo brasileiro um conjunto de traços morais e comportamentais considerados fixos e universais, naturalizando determinadas formas de ser e agir como se fossem inerentes à identidade nacional. Trata-se de uma operação simbólica que transforma um projeto histórico situado em uma narrativa de origem, ocultando suas mediações políticas, sociais e culturais. A construção do sentimento nacional, portanto, atua como ferramenta de controle simbólico, reforçando padrões estabelecidos e apagando os conflitos subjacentes à formação da sociedade brasileira, já que

[...] território, densidade demográfica, expansão de fronteiras, língua, raça, crenças religiosas, usos e costumes, folclore e belas-arts foram os elementos principais do 'caráter nacional', entendido como disposição natural de um povo e sua expressão cultural. (Chauí, 2000, p.21)

Nesse contexto, o neoliberalismo, com suas políticas de privatização, desregulamentação e redução do papel do Estado, aprofundou ainda mais a divisão social, favorecendo uma minoria privilegiada em detrimento da maioria da população. O neopentecostalismo, ao prometer prosperidade individual e salvação espiritual, atua como vetor de naturalização das desigualdades sociais e de enfraquecimento das mobilizações coletivas por justiça social.

As redes sociais digitais, especialmente o Instagram, ampliaram essas dinâmicas, consolidando-se como plataformas de difusão de discursos polarizados, fragmentação identitária e intensificação de posicionamentos políticos conservadores. A polarização é algo a se discutir pois não há dúvida de que existem multiplicidades, mas tomar o par binário facilita, para determinados segmentos, essa discussão. Líderes religiosos neopentecostais, com significativa presença digital, utilizam esses espaços para veicular mensagens que reforçam valores alinhados ao mercado, ao consumo e ao moralismo religioso, contribuindo para a consolidação de um projeto político que aprofunda as desigualdades estruturais e tensiona os fundamentos democráticos.

O Instagram, nesse sentido, tornou-se uma arena simbólica onde valores religiosos, políticos e econômicos se entrelaçam, modelando a subjetividade dos seguidores e promovendo a adesão a candidaturas que espelham os interesses e visões de mundo desses líderes. Chauí (2023) observa que o uso das cores verde e amarela, compreendido como manifestação de um patriotismo exacerbado, foi intensificado no século XXI por grupos que utilizam os meios digitais para expressar enunciados que associam o "patriota" ao perfil de um sujeito conservador. Ser patriota, nesse discurso, implica ostentar os símbolos nacionais como marcas de pertencimento e conformidade com um projeto de país fortemente vinculado ao conservadorismo moral e à lógica de mercado.

O verde-amarelismo, entendido como uma materialidade discursiva, como enunciado que articula nacionalismo, moralidade religiosa e interesses econômicos, tem se configurado como elemento central na reconfiguração política e cultural do Brasil contemporâneo. Esse fenômeno, impulsionado por uma racionalidade que integra fé, mercado e discurso nacionalista, encontra nas lideranças neopentecostais canais estratégicos de amplificação. Por meio do Instagram, esses líderes remodelam enunciados religiosos para reforçar valores econômicos e políticos dominantes, construindo discursos que não apenas mobilizam eleitores, mas também os moldam como consumidores de um sistema discursivo que entrelaça salvação, sucesso material e identidade nacional.

O verde-amarelismo se consolidou como um enunciado que celebra a identidade nacional através de símbolos como a bandeira e o hino, ao mesmo tempo em que promove uma visão binária da sociedade: os “patriotas” versus os “antagonistas da nação”. Essa racionalidade se associa a valores neoliberais ao enfatizar a responsabilidade individual sobre o coletivo, sugerindo que o progresso do país depende do esforço de cada cidadão. Essa lógica, quando instrumentalizada pela liderança neopentecostal, ganha contornos religiosos que legitimam a desigualdade discursivamente construído como plano divino, vinculando sucesso econômico à bênção e a pobreza à falta de virtude ou fé. Para se apresentar nessa condição, Guedes e Da Silva (2019) abordam a complexa relação entre os símbolos nacionais brasileiros associando a bandeira, o hino, o futebol e a política, explorando como esses elementos foram apropriados e ressignificados ao longo da história do Brasil.

Eles destacam que a bandeira nacional, instituída após a Proclamação da República em 1889, manteve as cores verde e amarelo do estandarte imperial, buscando uma relação de continuidade com o passado. Os autores apontam, a partir de Hobsbawn e Ranger (1984), que os símbolos nacionais – bandeira e o hino – são considerados “tradições inventadas”⁴³, criadas e institucionalizadas para representar a nação. Esses símbolos são considerados “semióforos”. De acordo com Chauí (2000), um semióforo é um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa uma outra coisa e cujo valor não é medido pela sua materialidade e sim por sua força simbólica.

Essa força se apresentou com a apropriação dos símbolos nacionais pelo “povo” graças ao futebol. Guedes e Da Silva (2019) relatam que o futebol a partir da década de 1930 se popularizou e a Seleção Brasileira passou a ser vista como a encarnação da nação. O ponto de inflexão com o “futebol-arte” ocorreu na Copa do Mundo de 1938, na França, onde o time brasileiro conquistou reconhecimento e gerou grande comoção popular. O ápice do orgulho nacional. Os autores ainda retratam que a vitória da seleção na Copa do Mundo de 1970, durante a ditadura militar, foi um momento de grande orgulho nacional e de apropriação das cores e símbolos nacionais.

[...] não há outra coisa que se peça de um símbolo nacional senão “a capacidade de traduzir o sentimento coletivo, de expressar a emoção cívica dos membros de uma comunidade nacional” (p.127). Todavia, para que isso aconteça, impõe-se que eles o reconheçam como seu, mantendo para com ele

⁴³ O termo “Tradição Inventada” é utilizada no sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto “tradições” realmente inventadas construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com uma enorme rapidez.

uma relação de afetividade positiva, o que, decerto, não pode ser obtido pela simples rotinização das práticas de culto à pátria, muito menos pela ameaça ou efetivo emprego do poder coercitivo. Não raro, faz-se necessário buscar fontes de emanção simbólica que tornem possível tocar o coração da nação, suscitando nela as mais genuínas emoções. Teria sido com base nesse tipo de perspectiva que, durante a gestão do presidente Médici, foram envidados esforços no sentido de associar, via propaganda governamental, o momento político vivido pelo país e a conquista do tricampeonato de futebol na Copa do Mundo disputada no México, em 1970 (feito esse que, como bem sabemos, deixou o país em delírio). Tal associação, sem sombra de dúvidas, acabou por render dividendos ao presidente, ajudando-o a reacender a chama do “orgulho nacional” junto ao povo brasileiro. Mas, a comoção popular, as manifestações de amor à Pátria e o sentimento de unidade então experimentados iam muito além do mérito propagandista do governo ou do regime. [...] sinalizavam o desejo de retomada pela nação dos símbolos e cores que, por natureza, eram seus, mas, por razões alheias à sua vontade, lhes haviam sido usurpados. (Guedes e Da Silva, 2019, p.4-5)

A partir de 1970, o uso das cores verde e amarelo se popularizou em festas e manifestações, extrapolando os limites dos rituais cívicos controlados pelo Estado. Assim, o futebol possibilitou que o povo se apropriasse dos semióforos da nação, como a bandeira e o hino que antes eram restritos às elites e aos militares.

Os novos usos e formas de apropriação política das cores da bandeira brasileira foram para Guedes e Da Silva (2019) materializados nas manifestações populares de junho de 2013 quando as mobilizações que tinham “como uma das motivações iniciais o aumento de vinte centavos no preço das passagens de ônibus da capital paulista haviam se transformado num amplo e generalizado conjunto de manifestações, que rapidamente se espalhou, tomando praticamente todo o território nacional” (Guedes e Da Silva, 2019, p.10). No entanto o caráter unitário do movimento se perdeu com a polarização política que se estendeu nos anos seguintes. O verde-amarelismo se tornou um semióforo de autoidentificação para a direita política, que passou a monopolizar esses símbolos. Por sua vez, a esquerda, passou a evitar o uso desses símbolos para não ser associada ao “golpismo”

[...] pois bem, nessa divisão, a direita acabou por monopolizar o uso do verde-amarelo e, por esta via, procurou se constituir na única portadora de uma narrativa legítima sobre o Brasil. Quanto a isso, pode-se afirmar que não houve qualquer reação dos segmentos mais alinhados com a esquerda. Pelo contrário. Muitos brasileiros aposentaram suas camisas da seleção nacional com o escudo da CBF. Há, inclusive, relatos de pessoas que teriam jogado fora suas camisas. Vestir as cores nacionais ou usar a bandeira transformou-se, de uma hora para outra, para aqueles situados em posição oposta, em signo de adesão ao golpismo. (Guedes e Da Silva, 2019, p.12)

O texto sustenta que a apropriação simbólica das cores nacionais promoveu aquilo que pode ser denominado de “sequestro do verde e amarelo”, impossibilitando que toda a nação se sinta representada por esses símbolos. A crescente polarização política e a disputa pelo monopólio do enunciado nacional culminaram na expropriação dos semióforos - signos investidos de poder simbólico - por parte de um grupo específico. Diferentemente das manifestações de 2013 ou das celebrações durante as Copas do Mundo, que serviam como momentos de coesão simbólica e comunitária, o cenário contemporâneo revela um uso segmentado e excludente desses símbolos, aprofundando divisões e antagonismos.

Eventos como o impeachment de Dilma Rousseff, a prisão de Lula e as campanhas eleitorais de Fernando Haddad e Jair Bolsonaro tornaram-se palcos explícitos de embate entre dois projetos de país: visões de mundo distintas, agendas políticas divergentes e modos antagônicos de imaginar o futuro da nação substituíram a busca por um ideal coletivo. Nesse contexto, o vermelho passou a ser estigmatizado como a cor do “inimigo político”, associado ao comunismo e à ameaça ideológica. Tal simbolismo passou a operar como ferramenta para a segregação, reforçando discursos autoritários e alimentando o clima de tensão social.

A manipulação cromática dos semióforos - como as cores da bandeira - passou a ser uma estratégia central para categorizar, diferenciar e antagonizar grupos sociais. É nesse cenário que se insere a atuação das lideranças neopentecostais, que instrumentalizam o verde-amarelismo como forma de identificação ideológica e engajamento político. A apropriação desses símbolos pela direita política, fortemente marcada pela ascensão de lideranças evangélicas no espaço público, revelou-se funcional à consolidação de um discurso conservador, moralista e nacionalista.

Essa articulação simbólica está profundamente entrelaçada à lógica do neoliberalismo. O discurso patriótico - promovido por essas lideranças como expressão de orgulho nacional - serve, muitas vezes, como verniz para legitimar medidas impopulares, justificar a redução de direitos e fortalecer a retórica da autosuficiência individual. Ao se posicionarem como defensoras da família, da moral e dos “valores cristãos”, essas figuras religiosas mobilizam seus seguidores para o engajamento político alinhado a uma agenda econômica de desregulamentação, privatizações e diminuição da função social do Estado.

Na sequência, apresentaremos uma composição com imagens selecionadas de algumas postagens realizadas por líderes neopentecostais durante a última semana antes do segundo turno das eleições presidenciais de 2022, evidenciando traços marcantes do uso do verde-amarelismo como recurso discursivo e simbólico no ambiente digital.

IMAGEM 16: O Verde-Amarelismo revelado pelos líderes neopentecostais na última semana da campanha eleitoral – 2º turno – das eleições presidenciais em 2022 em postagens publicadas no Instagram



A imagem apresentada revela com clareza os discursos convergindo a religião, política e estética digital nas postagens de líderes neopentecostais durante a última semana do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2022. As cores verde e amarela, amplamente utilizadas nos elementos visuais, deixam de ser apenas símbolos da nação para se tornarem marcas identitárias de um posicionamento político e moral. A moral que se destaca aqui vai

além de um conjunto de normas impostas externamente - como as leis ou as tradições religiosas - e se aproxima de uma moral vivida, que Foucault (2008) entende como ética da existência⁴⁴. Nessa perspectiva, o uso das cores verde e amarela transcende o sentido nacionalista: passa a ser parte de um projeto de si e de uma forma de governo de si e dos outros. As lideranças retratadas - como Edir Macedo, Silas Malafaia, Valdemiro Santiago, Sônia Hernandez, Robson Rodovalho e Agenor Duque - aparecem em postagens que os vinculam diretamente ao então candidato Jair Bolsonaro, utilizando estratégias visuais e verbais que sugerem engajamento, pertencimento e mobilização.

As postagens evidenciam o uso da estética patriótica como ferramenta de engajamento religioso e político. Os líderes aparecem não apenas como figuras espirituais, mas como autoridades públicas que conduzem seus seguidores a uma decisão eleitoral fundamentada na fé. Essa construção visual reforça o conceito de governamentalidade foucaultiana, uma vez que os enunciados presentes nas imagens - como “Presença confirmada”, “Assista e decida: Bolsonaro ou Lula?” e “Importa quem vai ganhar sim!” - mobilizam os fiéis para uma conduta específica, vinculando valores espirituais a decisões políticas. Isso implica uma proximidade com a estratégia neoliberal em que a escolha é definida pelo sujeito fiel. Nesse sentido, o Instagram deixa de ser apenas uma rede social e se torna uma plataforma de discipulado digital, onde a imagem não apenas ilustra, mas governa, molda e direciona porque é discurso.

A fusão entre fé, mercado e política é intensificada pelo uso da imagem como instrumento de performatividade. A fotografia dos líderes associada a slogans, emojis e símbolos nacionais não é neutra - ela constrói uma narrativa em que o religioso se confunde com o patriótico, e o voto se torna um ato de fidelidade espiritual. Como resultado, o verde-amarelismo não aparece apenas como cor ou estilo, mas como uma gramática visual que comunica valores conservadores, moralistas e alinhados ao projeto neoliberal em curso no país.

A imagem, portanto, não apenas ilustra o fenômeno analisado, mas confirma a centralidade da imagem no processo de subjetivação dos fiéis, revelando como os líderes neopentecostais se apropriam do espaço digital para legitimar discursos que vão além do espiritual, alcançando o campo da política, da cultura e da economia.

Além das cores verde e amarela - símbolos centrais do nacionalismo contemporâneo -, a cruz, a Bíblia e as imagens dos próprios líderes religiosos surgem como enunciados

⁴⁴ A Ética da existência (Foucault, 2008) é compreendida como um trabalho sobre si, como a constituição de si mesmo em sujeito ético, por meio de práticas discursivas e de modos de subjetivação. Essa moralidade não é exterior (heterônoma), mas sim um conjunto de práticas de si (as chamadas “tecnologias de si”), em que o indivíduo atua sobre seu próprio corpo e sua própria conduta, ao mesmo tempo em que regula a conduta alheia - como se vê nos discursos e práticas políticas e religiosas nas redes.

heterogêneos e atravessados por diferentes discursos. Enquanto a cruz e a Bíblia evocam sentidos religiosos tradicionais e sagrados, as imagens dos líderes religiosos são discursos visuais que assumem outras funções políticas e sociais no espaço digital. Essa heterogeneidade constitutiva revela como distintos enunciados se articulam para instaurar relações de poder, nas quais a fé e a política se entrelaçam. No contexto das eleições presidenciais de 2022, tais elementos simbólicos foram mobilizados estrategicamente por líderes neopentecostais no Instagram, transformando seus perfis em plataformas de legitimação política. Ali, a expressão da fé não se limita à dimensão espiritual, mas converte-se em uma prática discursiva que objetiva governar condutas e consolidar identidades coletivas, apresentando posicionamentos ideológicos como se fossem guiados por princípios divinos ou pelos chamados “valores cristãos”.

Nesse processo, os próprios líderes religiosos tornam-se semióforos vivos. Sua imagem pública - amplificada pelo Instagram - representa, para os seguidores, uma instância de autoridade espiritual e moral, cuja opinião ultrapassa o campo privado da fé para interferir diretamente nas decisões públicas dos fiéis, como o voto. Essa performatividade é intensificada quando os líderes combinam elementos religiosos com os signos do verde-amarelismo. A bandeira do Brasil, a camisa da Seleção e as cores da nação são empregadas de forma reiterada para comunicar adesão a um projeto político específico, geralmente alinhado a ideais conservadores e à agenda neoliberal. Por consequência, a ausência desses símbolos pode ser interpretada como oposição ou até traição, criando um clima de hostilidade e dificultando a construção de um diálogo democrático mais amplo e inclusivo.

Em síntese, a combinação entre verde-amarelismo, semióforos religiosos e atuação digital dos líderes neopentecostais configura um dispositivo discursivo que articula fé e política por meio de enunciados imagéticos. Esses enunciados têm o poder de mobilizar afetos, construir identidades coletivas e direcionar comportamentos eleitorais. Através da repetição simbólica e da autoridade espiritual, os discursos publicados no Instagram não apenas refletem preferências políticas, mas moldam práticas sociais e subjetividades religiosas no espaço público.

Na seção seguinte, propomos analisar como esses enunciados imagéticos, tomados aqui como práticas discursivas, operam no processo de objetivação dos sujeitos - especialmente no modo como os fiéis são constituídos, conduzidos e posicionados nas tramas discursivas que articulam fé, poder e política no ambiente digital.

5 DISCURSIVIDADE VISUAL NA CONEXÃO POLÍTICA, MÍDIA E RELIGIÃO

A interseção entre política, mídia e religião, especialmente quando observada a partir da atuação discursiva de líderes cristãos neopentecostais, configura-se como um campo profícuo para análise no contexto contemporâneo. A presença estratégica dessas lideranças nas redes sociais digitais - e, em particular, no Instagram - revela formas específicas de atuação em que o religioso se articula diretamente com o político, valendo-se de recursos visuais, simbólicos e afetivos.

Neste momento, propomos analisar como os enunciados imagéticos, tomados aqui como práticas discursivas, operam no processo de objetivação dos sujeitos, especialmente no modo como os fiéis são constituídos e posicionados nas tramas que articulam fé e política. O foco recai sobre as postagens de líderes evangélicos neopentecostais durante a última semana do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2022, período em que o campo religioso digital foi intensamente mobilizado na tentativa de produzir adesões políticas alinhadas a valores religiosos previamente definidos. Nosso interesse é compreender como esses enunciados visuais não apenas representam crenças, mas produzem efeitos de verdade que orientam condutas, fixam posições subjetivas e consolidam formas de poder espiritual mediadas pelo ambiente digital.

A primeira justificativa se dá pela intensificação de postagens que entrelaçam política e religião observável no campo político do país no referido pleito eleitoral, o que gera a produção de postagens e engajamento dos seguidores. Concentrando no período mais crítico da campanha, a pesquisa pode observar mais produtivamente como se dá a relação entre os líderes e a opinião pública.

A segunda justificativa quanto as condições de possibilidade para o aparecimento destes enunciados analisados é o efeito de polarização. O segundo turno foi marcado pela polarização das opiniões, o que levou líderes religiosos a adotarem posicionamentos mais diretos e contundentes em defesa do candidato de preferência. Nesse período, a busca pela mobilização dos fiéis se intensificou, exigindo uma comunicação mais assertiva e direcionada. Não obstante, a delimitação de um período específico do segundo turno se deu também em decorrência do alto volume de publicações dos líderes religiosos ao longo de toda a época de eleições.

A seguir apresentamos um breve perfil dos líderes religiosos que consideramos para recolher os enunciados que constituem o *corpus* desta pesquisa.

5.1- Líderes religiosos que constituem o *corpus*

Na sequência, fazemos um breve relato da história dos líderes religiosos que marcam a composição do *corpus* da análise desta tese:

5.1.1- *Edir Macedo*

Edir Macedo Bezerra é fundador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), uma das maiores denominações neopentecostais do país. Nascido em 1945, em Rio das Flores, no estado do Rio de Janeiro. Segundo Mariano (2020, p.54), Macedo era de uma família pobre de migrantes de Minas Gerais e de Alagoas. Ele iniciou sua trajetória religiosa como membro da Igreja de Nova Vida aos 18 anos por meio da irmã, curada de bronquite asmática nesta denominação.

De acordo com o autor, em 1975, Macedo, farto do elitismo da igreja em que frequentava, juntamente com R.R. Soares, Roberto Augusto Lopes e dos irmãos Samuel e Fidélis Coutinho, fundou a Cruzada do Caminho Eterno. Antes de criá-la, Edir e R.R. Soares foram consagrados pastores na Casa da Bênção. Ele chegou a cursar – sem concluir – os cursos de Matemática na Universidade Federal Fluminense e Estatística na Escola Nacional de Ciência e Estatística. Ele chegou a ser tesoureiro da Cruzada. Porém, dois anos depois se desentendeu com os irmãos Coutinho e juntamente com R.R. Soares e Roberto Lopes fundaram em 09 de julho de 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus.

Atualmente é uma das denominações evangélicas do país que se destaca por sua abordagem neopentecostal, enfatizando a prosperidade e a busca por milagres. Um detalhe é que um dos fundadores da denominação, Roberto Lopes, foi eleito deputado federal pelo PTB/RJ, em 1986, atendendo sugestão de Macedo.

5.1.2- *R.R. Soares*

Romildo Ribeiro Soares é fundador e líder da Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD). Nascido em 1947 em Muniz Freire (ES), é filho de pai pedreiro e mãe dona de casa. Segundo Moraes (2008), com apenas 11 anos de idade, Soares observou um aparelho de TV na vitrine de uma loja e desejou usar a novidade de então para evangelizar pessoas. Com 17 anos mudou-se para o Rio de Janeiro. Trabalhou como vendedor de roupas, engraxate e operador de cinema.

Moraes (2008) relata que com 21 anos, o jovem R.R. leu o livro “Curai enfermos e expulsai demônios” de T.L. Osborn. A partir de então desistiu de cursar uma área que tinha interesse - Medicina – na Universidade Russa da Amizade dos Povos, em Moscou e passou a se dedicar a evangelização. É o criador da IURD juntamente com Edir Macedo. Porém, Mariano (2020, p.56) relata que R.R. Soares era o líder da Universal e o principal pregador da denominação que teve a liderança atropelada pelo estilo autoritário e centralizador de Macedo que é seu cunhado. Em uma votação interna, Macedo foi escolhido o líder da IURD e R.R. Soares, compensado financeiramente, saiu da Universal e fundou em 1980 a IIGD.

Keiller (2023, s/p) destaca que o líder da IIGD é considerado um dos televangelistas brasileiros mais proeminentes, com mais de 100 horas de transmissão semanal para a televisão, o que acabou contribuindo com o crescimento da denominação e de sua marca. É responsável pelo programa Show da Fé – culto televisivo – e do portal On Grace na internet.

A relação do religioso com a política é direto e familiar. Ele tem dois filhos que são atualmente deputados federais. De acordo com Maciel (2021, s/p), Marcos Soares é deputado federal pelo UNIÃO-RJ⁴⁵ e David Soares é deputado federal pelo União Brasil-SP⁴⁶

5.1.3- Sônia Hernandez

Sônia Haddad Morais Hernandez nasceu em São Paulo em 1958. Segundo Patriota (2008), Hernandez é considerada a “superstar da fé”. Afirma que nasceu em um lar cristão e começou a pregar aos 10 anos e aos 12 anos era dirigente de louvor e tem dedicado desde criança aos ensinamentos do cristianismo.

Patriota (2008) lembra que Sônia Hernandez conta com uma comunicação eficiente para atrair multidões, em todas as preleções, púlpitos de igrejas, na mídia e em congressos. A maneira que Hernandez fala com seu público é normalmente alternada por risos, gritos, choros e uma voz mansa. Juntamente com o marido, Estevam Hernandez, fundaram a Igreja Apostólica Renascer em Cristo em 1986.

O autor ainda aponta que Hernandez escreveu um bestseller “Reencontro com a vida” indicando que se tornou a primeira autora cristã brasileira na lista das obras mais vendidas do

⁴⁵ MACIEL, Igor. Missionário R. R. Soares e as conexões políticas com Bolsonaro: filho deputado e perdão de dívidas milionário. *Jornal do Commercio*, 5 jun. 2021. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/cena-politica/2021/06/12133024-missionario-r-r-soares-e-as-conexoes-politicas-com-bolsonaro-filho-deputado-e-perdao-de-dividas-milionario.html>. Acesso em: 28 fev. 2024.

⁴⁶ ZANINI, Fábio. Deputados, filhos de R. R. Soares, se dividem entre Bolsonaro e Lula. *Acessa.com*, 10 out. 2022. Disponível em: <https://www.acessa.com/politica/2022/10/105647-deputados-filhos-de-r-r-soares-se-dividem-entre-bolsonaro-e-lula.html>. Acesso em: 02 mar. 2024.

país. É ainda compositora de mais de 500 canções em 21 álbuns com uma indicação ao Grammy, além de ser a criadora juntamente com o marido do movimento Marcha para Jesus. É apresentadora de programas de rádio e de televisão e conta com alto volume de produções para as redes sociais, dentre elas o Instagram.

Sônia Hernandez é cunhada do ex-deputado federal, Bispo Gê Tenuta⁴⁷, que exerceu o mandato entre os anos de 2007 e 2011⁴⁸ pelo antigo PFL e atual DEM-SP

5.1.4- Robson Rodovalho

Robson Lemos Rodovalho nasceu em 1955 em Anápolis (GO). Ele é fundador e presidente da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (SNT). É físico graduado pela Universidade Federal de Goiás (UFG), teólogo, filósofo graduado pela Faculdade de Educação Teológica de Brasília, bacharel em Ciência da Saúde Natural na *The Clayton School of Natural Healing*, nos Estados Unidos.

Silva (2016) relata que Rodovalho durante seus estudos em Física na UFG no final da década de 1970, pregava para estudantes na instituição e, na ocasião, criou a Comunidade Evangélica de Goiânia. Em 1992, enquanto atuava como professor da mesma universidade, mudou para Brasília e criou uma “igreja em células⁴⁹” que deu origem, em 1994, a Sara Nossa Terra.

Segundo Silva (2016), Rodovalho é pastor, palestrante, escritor de mais de 70 livros que tratam de assuntos variados dentre eles batalhas espirituais, vida pessoal, vida com Deus, negócios e liderança. Em 2002, Rodovalho iniciou a carreira política filiando-se ao Partido Social Cristão (PSC). Três anos depois, segundo o Núcleo de Estudos em Arte e Política da PUC-SP⁵⁰, ele filiou-se ao Partido da Frente Liberal (PFL), atual Democratas (DEM). Em 2006 foi eleito Deputado Federal pelo Distrito Federal. Em 2009 deixou o DEM e se filiou ao Partido Progressista (PP). Segundo o grupo de pesquisa, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) cassou o mandato de Rodovalho por infidelidade partidária e ele perdeu seu mandato em 2010. Na

⁴⁷ AGÊNCIA ESTADO. Bispo Gê da Renascer toma posse como deputado na Câmara. A Tarde, 1 fev. 2023. Disponível em: <https://atarde.com.br/politica/bispo-ge-da-renascer-toma-posse-como-na-camara-123104>. Acesso em: 02 mar. 2024.

⁴⁸ CÂMARA DOS DEPUTADOS. Biografia - Deputado Pastor Gildenemyr. [s.d.]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/3155/biografia>. Acesso em: 02 mar. 2024.

⁴⁹ SISTEMA PROVER. Célula da Igreja: o que é e qual é a importância? *Sistema Prover*, [s.d.]. Disponível em: <https://sistemaprover.com.br/blog/celula-da-igreja-o-que-e-e-qual-a-importancia#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20uma%20c%C3%A9lula,que%20as%20pessoas%20se%20conhe%C3%A7am>. Acesso em: 02 mar. 2024.

⁵⁰ NEAMP. Robson Lemos Rodovalho. Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política - PUC-SP, [s.d.]. Disponível em: <https://neamp.pucsp.br/liderancas/robson-lemos-rodvalho>. Acesso em: 02 mar. 2024.

decisão, o TSE entendeu que a desfiliação do DEM não foi motivada por justa causa ou por perseguição política – únicas causas excludentes da chamada infidelidade partidária.

5.1.5- *Valdemiro Santiago*

Segundo Zanini (2009), Valdemiro Santiago de Oliveira nasceu em Palmas (MG) em 1963. O líder religioso vem de uma família pobre e católica. Com 12 anos de idade perdeu a mãe e com 14 anos saiu da casa de seu pai. O pesquisador destaca ainda que Valdemiro passou fome, foi morador de rua e usou drogas.

Ele passou a se envolver com mais intensidade no campo religioso na IURD atuando em diversas áreas até chegar ao cargo de bispo. Por lá atuou por 18 anos. O próprio Valdemiro Santiago, de acordo com Zanini (2009), afirma que é bacharel em Teologia Ministerial formado pela Ordem dos Teólogos Evangélicos da América Latina (OTEAL), é radialista, locutor e apresentador. De acordo com Zanini (2009), Santiago afirma que Deus lapidou sua vida e o ungiu para que fosse conquistador de almas.

Sua saída do que ele chama de “outro ministério” conta com situações de confrontos pouco esclarecidos com a cúpula da IURD. “Mas aí comecei a discordar da forma como essa igreja estava agindo. Na minha opinião, já não pregava a Bíblia e ensinava o evangelho como aprendemos” (Revista *Eclesia*, 2008, p.14). Entretanto, de acordo com Assen (2015, p.342), Valdemiro consagrou um bispo em um culto transmitido na madrugada pela Record TV. Logo apareceram denúncias contra o pastor. Ao saber do fato, o líder da IURD, Edir Macedo exigiu que Valdemiro desfizesse a consagração e assumisse a responsabilidade do fato. Ele não aceitou e foi expulso da IURD.

Em março de 1998, Valdemiro Santiago fundou a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD). Zanini (2009) relata que existem mais de 6000 templos espalhados pelo Brasil, incluindo alguns países latinos e africanos. A relação de Valdemiro com o âmbito político remete a participação do sobrinho dele, Márcio José Machado Oliveira (PTB-MG), mais conhecido por Missionário Márcio Santiago. Porém em 2015⁵¹, o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-MG) cassou o mandato de deputado estadual de Márcio Santiago por abuso de poder político, ficando este inelegível por oito anos.

⁵¹ FRANCISCO, Diego. Deputado sobrinho de Valdemiro Santiago tem mandato cassado pela Justiça Eleitoral. *Opinólogo*, 28 ago. 2015. Disponível em: <https://opinologo.com.br/2015/08/deputado-sobrinho-de-valdemiro-santiago.html>. Acesso em: 09 mar. 2024.

5.1.6- *Agenor Duque*

De acordo com Ribeiro (2015), nascido em 1978, filho de pais separados, crescido em uma família pobre de São Paulo, ex-viciado em drogas. De acordo com O Globo (2022), em reportagem especial⁵², Agenor Duque fundou em 2006 a Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (IAPTD). Ele começou na IURD e migrou para a IMPD até que, em relato, teve uma “visão espiritual” e decidiu criar a sua própria denominação.

De acordo com Quitério (2018), Duque é bacharel e mestre em Teologia pela FATECAMP, com co-validação pela PUC-SP. Também é bacharel em Jornalismo. Apresenta ainda programas de rádio e TV e já escreveu 17 livros. Ele administra a Tempo de Deus Editora que conta com mais de 30 publicações em seu catálogo, incluindo uma participação expressiva nas redes sociais digitais. O autor destaca ainda que Duque afirma ter origem judaica. Em entrevista para Quitério (2017), o apóstolo afirmou que seu avô por parte de pai era um judeu que migrou para a Itália e, anos mais tarde, veio para o Brasil. “Duque se legitima como judeu mesmo sabendo que a verdadeira legitimação judaica é sempre de origem materna, o que, portanto, não o caracteriza como legítimo judeu” (Quitério, 2018, p.64).

O intitulado apóstolo não tem um familiar envolvido diretamente com a política. Ele, porém, está envolvido diretamente com políticos conservadores e da extrema direita brasileira, dentre eles o deputado federal e pastor Marco Feliciano (PL-SP). Feliciano participa, frequentemente, de ações ou cultos da IAPTD, em São Paulo.

5.1.7- *Silas Malafaia*

Segundo Koren (2013, p.09) Silas Lima Malafaia nasceu em 1958. Carioca, filho de militar da aeronáutica que, após aposentar, tornou-se pastor da Assembleia de Deus, e de uma professora, é casado desde 1980 com Elizete Santos Malafaia, tem três filhos e é formado em teologia e psicologia. O autor destaca que desde a adolescência Malafaia demonstrava grande atividade na igreja e cultivava sonhos sobre seu futuro ministério, convicto de seu “chamado como anunciador das boas novas de salvação”. Ele já percebia o potencial dos meios de comunicação como facilitadores da propagação dos discursos religiosos.

⁵² RIBEIRO, Aline. Apóstolo emergente das igrejas neopentecostais promete apagar a memória dos fiéis. *Época*, 27 dez. 2015. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/12/apostolo-emergente-das-igrejas-neopentecostais-promete-apagar-memoria-dos-fieis.html>. Acesso em: 09 mar. 2024.

Desde o princípio, Malafaia exibia uma abordagem que o distinguia de outros apresentadores e líderes evangélicos. Koren (2013, p.10) destaca que Malafaia "não hesitava. Abordava pastores desonestos, evangélicos falsos, políticos corruptos. As pessoas sentiam que ele estava expressando o que cada um guardava dentro de si". Para a autora, sua habilidade retórica e carisma são indiscutíveis, os quais, em conjunto com seu "estilo incisivo e linguagem acessível", contribuíram, em parte, para seu êxito na mídia evangélica.

Atualmente é pastor da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, fundador da Associação Vitória em Cristo e é empresário, sendo proprietário da Editora Central Gospel, o serviço de *streaming* Gospel Play, do portal de notícias Verdade Gospel e da gravadora Central Gospel Music. Tornou-se reconhecido pelo programa televisivo “Vitória em Cristo”, no ar desde 1982, transmitido, no momento, em rede nacional pela Rede TV! e na Bahia pela Band.

Na família do pastor, Samuel Malafaia (PL) – irmão de Silas – é deputado federal pelo 5º mandato no Rio de Janeiro. Silas Malafaia se destaca no cenário evangélico como um líder religioso com uma abertura para outras denominações. Em seu site pessoal⁵³, afirma que

“Deus tem o tempo certo para todas as coisas e estar sob a Sua direção é o principal diferencial na vida de um cristão. Há 30 anos eu não tinha a estrutura e a experiência que tenho agora. Eu não conseguiria pastorear milhares de pessoas, liderar centenas de pastores e igrejas se não fossem as experiências vividas e adquiridas ao longo de anos em que fui mentoreado por homens que fizeram a diferença na minha história”. (Malafaia, 2024, s/p)

Malafaia aproveita sua plataforma religiosa para respaldar suas escolhas políticas, alinhando-se à direita, enquanto estigmatiza a esquerda não apenas politicamente, mas também religiosamente, retratando-a como algo prejudicial e nocivo.

5.2. Uma análise discursiva da objetivação dos fiéis

Como já explicitado anteriormente nesta tese, nosso gesto analítico não considera os enunciados separadamente, mas como eles estão articulados discursivamente em Trajetos Temáticos. A noção de Trajeto Temático é crucial para a análise da emergência dos acontecimentos discursivos que surgem na dispersão do arquivo. Quando consideramos que o acontecimento discursivo “[...] é apreendido na consistência de enunciados que se entrecruzam

⁵³ MALAFAIA, Silas. Minha História. Silas Malafaia, [s.d.]. Disponível em: <https://www.silasmalafaia.com/minha-historia/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

em um momento dado” (Guilhaumou; Maldidier, 1994, p. 166), percebemos que o trajeto temático atua como o elemento que articula os temas dentro de um conjunto de textos, instaurando o “novo na repetição” (Guilhaumou; Maldidier, 1994, p. 166). Essa articulação não apenas permite uma compreensão mais aprofundada da relação entre os enunciados, mas também denota a dinâmica pela qual os temas são continuamente reinterpretados e ressignificados ao longo do tempo.

A noção-método de trajeto temático desenvolve-se a partir da seleção de um tema, uma palavra ou expressão que será analisada no interior de um arquivo, permitindo acompanhar os sentidos advindos de uma memória discursiva, sujeitos ao domínio da atualidade e da antecipação. (Sargentini, 2008a, p.133).

No contexto desta tese, nosso olhar analítico buscou observar quais os Trajetos Temáticos se constituíam no interior mesmo do *corpus* de análise, especificamente em torno dos processos de objetivação dos sujeitos, mais particularmente dos sujeitos pastor e fiéis, materializados nos enunciados imagéticos.

No período entre os dias 24 e 31 de outubro de 2022 foram feitas 143 postagens pelos líderes neopentecostais selecionados, conforme pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 5: Postagens feitas na conta oficial dos líderes neopentecostais no Instagram na última semana do segundo turno das eleições presidenciais de 2022

Líder religioso	Conta Instagram	Quantidade de postagens realizadas entre os dias 24 e 31 de outubro de 2022
Edir Macedo	@bispomacedo	10
R.R. Soares	@missionariorrsoares	10
Sônia Hernandez	@bispasônia	44
Robson Rodovalho	@bprodovalho	22
Valdemiro Santiago	@apvaldemirooficial	03
Agenor Duque	@apostoloagenorduque	22
Silas Malafaia	@silasmalafaia	32

A partir das reflexões de Guilhaumour e Maldidier (1997), entendemos o Trajeto Temático como ferramenta para examinar a emergência de discursos em contextos específicos.

[...] a noção de tema não remete, aqui, nem à análise temática, tal como é praticada pelos críticos literários, nem aos empregos que dela se faz na linguística. Essa noção supõe a distinção entre ‘o horizonte de expectativas’ – o conjunto de possibilidades atestadas em uma situação histórica dada – e o acontecimento discursivo que realiza uma dessas possibilidades, inscrito o tema em posição referencial. (Guilhaumou; Maldidier, 1997, p. 165).

O evento discursivo ao qual os autores se referem não está relacionado ao fato construído pelo historiador; pelo contrário, sua compreensão se dá no entrelaçamento da dispersão de enunciados em um determinado momento. Isso nos possibilita discutir trajetos temáticos em torno de enunciados, já que podemos descrever os elementos que apontam para um conjunto de configurações que, por meio de suas intersecções, conectam a possibilidade de escolha de se assumir, assim como os benefícios e as dificuldades dessa decisão, que pode levar a resultados variados.

A partir da organização analítica das 143 postagens, levantamos os seguintes Trajetos Temáticos: Sujeito Espiritual, Sujeito Neoliberal e Sujeito Político. Vale ressaltar que os trajetos Sujeito Espiritual e Sujeito Neoliberal são trabalhados sempre em articulação direta com a relação entre religião e política, destacando como as práticas religiosas se vinculam às formas de governo das condutas e às racionalidades políticas presentes no discurso.

O Sujeito Espiritual é moldado por enunciados que enfatizam a positividade e a capacidade individual de superar obstáculos. A fé é apresentada como uma força motriz que impulsiona o sujeito a alcançar seus objetivos, independentemente das adversidades. A linguagem utilizada nos enunciados é geralmente positiva, motivacional e inspiradora, especialmente pelo fato dos líderes usarem versículos da Bíblia para mobilizarem os fiéis para uma vida ativa e produtiva. A promessa de uma vida plena e feliz, alcançada a partir da fé e do esforço pessoal é um elemento central nessa produção de subjetividade.

O Sujeito Neoliberal representa uma evolução do sujeito otimista, com foco mais acentuado na prosperidade material. A fé é associada ao sucesso. Esse sujeito incentiva a busca da realização pessoal por meio do trabalho e do consumo, sendo a riqueza vista como uma benção divina. Esse trajeto frequentemente se associa a uma visão pessoal do sucesso, em que a responsabilidade pela própria felicidade recai sobre cada sujeito. O discurso da prosperidade enfatiza a importância da lei da atração, da positividade e da fé inabalável. Nela, os líderes apresentam ações, eventos, produtos ou serviços que desenvolvem em prol dos fiéis, sejam eles cultos, congressos, *podcasts*, mentorias, cuidados com a saúde, com a vida em família. Essa trajetória se conecta com o ideário neoliberal que valoriza o individualismo, a competitividade e o empreendedorismo.

O Sujeito Político é aquele que utiliza a fé como ferramenta para a ação política no mundo. Diz respeito aos líderes quando esses se engajam nas causas que lhes são caras, especialmente no que tange à mobilização para a determinação das escolhas de candidatos que estejam ligadas aos valores que defendem, dentre eles a prosperidade, a família, a obediência a autoridade pastoral, ao conservadorismo social e o patriotismo.

É importante ressaltar que essas trajetórias não são estanques e podem se cruzar e sobrepor. Para a organização e apresentação da análise, foram considerados dois movimentos: agrupar as postagens por meio de Trajetos Temáticos e apresentar aquelas que se destacam pela relevância dentro do *corpus*, considerando critérios objetivos para essa seleção. Os critérios adotados para a seleção incluíram a representatividade dos enunciados em relação aos trajetos temáticos estabelecidos, o volume de postagens para cada trajeto temático e a capacidade das postagens de compreender tensões discursivas ou acontecimentos significativos.

Essa escolha foi fundamentada na necessidade de explorar a profundidade das materialidades discursivas fotográficas, considerando as relações entre os elementos textuais e imagéticos. A descrição detalhada dos enunciados permitiu iluminar como os trajetos “Sujeito Neoliberal”, “Sujeito Espiritual” e “Sujeito Político” se entrelaçam nos enunciados dos líderes, configurando diferentes posições enunciativas e formas de atuação no campo religioso e social.

5.2.1- O Sujeito Espiritual

Para esta subseção, em particular, intentamos analisar como a objetivação dos líderes religiosos como “Sujeitos Espirituais” se configura discursivamente em relação à política e, consequentemente, atua no processo de subjetivação dos fiéis que ocorre, então, por meio da internalização desses imperativos morais e espirituais, que se apresentam como verdades não apenas religiosas, mas éticas e cívicas. O fiel é interpelado a governar a si mesmo a partir de critérios estabelecidos por essa autoridade espiritual, assumindo para si um ethos que articula fé, disciplina, engajamento político e obediência. Nesse processo, é fundamental considerar também a performatividade imagética desses enunciados, nos quais o líder se apresenta como modelo de conduta, figura de referência e porta-voz de um projeto de salvação que transcende a esfera espiritual e se inscreve no campo da ação social e política.

Já a objetivação não é espontânea, mas resulta de práticas discursivas recorrentes que, ao longo do tempo, produziram esses líderes como figuras legítimas de autoridade religiosa e moral, capazes de interpretar a vontade divina e conduzir condutas. No contexto das eleições de 2022, essa configuração é atualizada e intensificada, fazendo com que a autoridade espiritual seja mobilizada como base de legitimação para discursos políticos. Dessa forma, a produção dos líderes como “Sujeitos Espirituais” atua diretamente na constituição dos fiéis como sujeitos obedientes, convocados a agir - inclusive eleitoralmente - em consonância com os valores promovidos por tais lideranças

Segundo Macedo (2000), a experiência com a espiritualidade tem relação com um pacto de amor, de uma aliança com Deus que deve ser empregada por todas as pessoas. Para o líder neopentecostal, Deus participa com tudo o que ele tem e exige que a participação do ser humano também seja integral, com todo o seu amor e toda a sua vida.

[...] certamente quando uma aliança é realizada com a participação do ser humano, jamais pode ser feita envolvendo apenas palavras, pois assim como as palavras são fáceis de serem pronunciadas, também são fáceis de não serem cumpridas. [...] o pacto com Deus é feito nos moldes de um casamento. Não como nos casamentos programados para o divórcio, como é de praxe neste mundo, mas no casamento do tipo de Abraão e Sara, onde a fidelidade permaneceu até a morte. (Macedo, 2000, p.15)

O pacto mencionado pelo pastor é a mais alta expressão da fé e que significa a renúncia voluntária de alguma coisa de menor importância em troca de algo mais importante. Para Macedo (2000), todo e qualquer ato de fé tem dois aspectos: o espiritual e o físico. O líder menciona que o aspecto espiritual diz respeito a fé, pois não é possível obter as bênçãos de Deus sem ela, já que não há uma lógica ou razão para explicá-la. Macedo (2000) trata do poder da fé que determinou o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus. Quando a segunda filha dele nasceu com lábio leporino e palato fendido,

[...] Ester [esposa de Macedo] tentava limpar o rosto encharcado de tantas lágrimas. Chorei também. Mas elevei meu pensamento para Deus. Meu corpo estava possuído por uma fortaleza inexplicável. Minha dor me transportou direto para o trono de Deus. Decidi orar. Mas não foi uma oração comum. Fechei as mãos e, com raiva, esmurrei a cama inúmeras vezes. Meu Deus, agora ninguém vai me parar. Não tem família, não tem esposa, não tem futuro, não tem sentimento, não tem nada. Ninguém vai me parar! Ninguém, ninguém! Chega, chega! Ali foi gerada a Igreja Universal do Reino de Deus. (Macedo, 2000, p.41)

Ao considerar os enunciados presentes na autobiografia de Macedo (2000), observa-se que, mais do que relatar experiências individuais, o texto opera como uma prática discursiva que produz a subjetividade do autor por meio de um regime de verdade sustentado pela confissão. Não se trata apenas de narrar fatos vividos, mas de constituir-se como sujeito religioso legítimo, alguém que ocupa o lugar de mediador entre Deus e os homens, a partir da enunciação de sua entrega, dor, fé e aliança.

A autobiografia de Macedo deve ser compreendida, nesse sentido, como um dispositivo de confissão, tal como analisado por Foucault (2010), em que o sujeito se constitui a partir daquilo que revela sobre si - no campo da verdade produzida discursivamente. A confissão,

aqui, não se restringe a uma exposição de pecados ou sentimentos, mas assume a forma de um enunciado que busca legitimar um modo de existência cristão centrado no sacrifício, na fé incondicional e na aliança com o divino.

Ao descrever o “pacto com Deus” nos moldes de um casamento inquebrantável, Macedo (2000) não apenas fala sobre fé, mas diz de si enquanto sujeito de fé absoluta, capaz de renunciar a tudo - família, sentimentos, futuro - em nome de uma missão superior. O episódio da enfermidade da filha, em particular, adquire valor discursivo central: ele não é apresentado como um acontecimento traumático isolado, mas como a gênese da Igreja Universal do Reino de Deus. O sofrimento, a oração raivosa, o isolamento emocional e a posterior fundação da igreja são articulados como uma sequência causal e espiritual, produzindo um sujeito que se legitima por meio da dor superada pela fé.

Discursivamente, o que está em jogo não é apenas a construção de um herói da fé, mas a constituição de um modelo de sujeito crente: alguém que abandona, que sacrifica, que se entrega radicalmente a Deus e que, por essa entrega, é autorizado a liderar espiritualmente. Ao narrar-se nesses termos, Macedo não apenas compartilha sua experiência; ele prescreve um modo de ser cristão, um regime de conduta, uma ética da fé que exige reciprocidade total com o divino. Assim, o enunciatador não apenas fala de si - ele constrói um efeito de verdade sobre si, que opera na legitimação do poder espiritual que exerce.

Portanto, a autobiografia, como lugar de verdade do autor, longe de ser apenas um texto confessional no plano do conteúdo, atua como uma tecnologia de subjetivação, na qual o sujeito se produz discursivamente como autoridade espiritual através da performatividade da fé. A confissão não é neutra, mas profundamente estratégica: ela é o lugar em que o sujeito é produzido, reconhecido e, ao mesmo tempo, normatiza o modo como outros sujeitos devem se constituir enquanto crentes convidando-os a subjetivar nessa e por essa fé.

Tanto Macedo quanto os demais líderes neopentecostais têm histórias que normalmente compartilham experiências pessoais envolvendo transformações ou milagres como formas de autenticarem sua fé e inspirar os seguidores. Eles inclusive expõem a vida pessoal como modelo para os fiéis demonstrando como a fé pode transformar vidas e a superar desafios.

Valdemiro Santiago afirmou em entrevista⁵⁴ uma experiência transformadora em 1996, quando, durante uma missão em Moçambique, sofreu um naufrágio. Após horas de luta contra as ondas e predadores marinhos, ele conseguiu chegar à costa, experiência que atribui a uma intervenção divina. Esse evento, segundo o líder, solidificou a sua fé e o levou a tomar a decisão

⁵⁴ SANTIAGO, Valdemiro. Apóstolo Valdemiro Santiago - PODC EP39. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yvVphBwqoTI>. Acesso em: 14.mai.2024.

de se tornar um apóstolo. Já R.R. Soares⁵⁵ destaca que a fé cristã faz parte da vida dele desde pequeno quando, aos 11 anos, ao ver um aparelho de televisão em uma cidade vizinha à cidade natal, Muniz Freire, Espírito Santo, ele afirmou ter feito uma oração e pediu a Deus para estar na tela do aparelho falando do amor de Deus.

A líder Sônia Hernandes retrata a fé como uma força inexplicável, especialmente após a morte do filho, Felipe Daniel, em 2009. Em seu livro (2022)⁵⁶, destaca que após 15 anos entrando e saindo de hospitais, época em que ele tinha passado por dois transplantes renais, acabou sofrendo AVC, ficou sete anos em coma, e acabou falecendo. Ela afirma que mesmo a morte do filho tem um propósito proveitoso na vida. Na obra ela apresenta orientações de fé para que seus seguidores saibam “virar a chave” em momentos difíceis.

Robson Rodovalho em seu livro “Olhos da Alma⁵⁷” (2007) discorre sobre a fé como os olhos da alma, já que para ele a fé enxerga além do véu da vida humana, de um mundo real, porém invisível. Sem a fé, para o líder, as pessoas estão na escuridão por não possuir o discernimento necessário para se conhecer e, assim, pode ter a perdição na vida.

Agenor Duque vem de uma família pobre na zona leste de São Paulo. Porém, segundo ele, a vida foi transformada quando já adolescente viu sua tia sofrer de uma doença que não soube precisar, mas relatou que era praticamente incurável. Quitério (2018) conta em entrevista feita com Duque que a situação da tia dele era tão lastimável que pesava pouco mais de quarenta quilos. Foi naquele momento que os pais do menino Duque escutaram um programa de rádio do Missionário Manoel de Mello chamando os enfermos para irem a sua igreja. Na ocasião, Duque disse ter visto pessoas possuídas por demônios e que após a oração do missionário, a tia do líder começou a expelir uma bola de cabelo, afirmando que ela tinha sido vítima de uma obra maldosa que foi feito pela amante do marido dela. “Duque viu tudo aquilo e ficou atônito, não tinha palavras para descrever o que ocorreu naquele instante [...] Ele disse que aquela imagem marcou muito sua vida e que um dia seria igual ao Missionário Manoel de Mello” (Quitério, 2018, p.65)

Silas Malafaia, em participação durante uma live no canal “Josué Gonçalves”⁵⁸ afirmou que aos 11 anos perguntava para Deus o que ele queria da vida. Por ser criado em uma família de pastores, envolvia-se com trabalhos evangelísticos que teve início aos 12 anos. Malafaia

⁵⁵ ON GRACE. Missionário R. R. Soares. On Grace, [2024]. Disponível em: <https://ongrace.com/missionario-r-r-soares/>. Acesso em: 30 ago. 2024.

⁵⁶ HERNANDES, Sônia. **Reencontro com a vida**. São Paulo: Editora Objetiva, 2022.

⁵⁷ RODOVALHO, Robson. **Olhos da Alma**. São Paulo: Editora Vida, 2007.

⁵⁸ YOUTUBE. **Como tudo começou com Pr. Silas Malafaia e Josué Gonçalves**. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VBKGHe-aOhM>. Acesso em: 08 ago. 2024.

afirma ter recebido “o chamado” de Deus para o ministério pastoral com 15 anos. “É como um estalo. De repente tudo passa a fazer sentido. Você consegue integrar o emocional, o intelectual, o psicológico, você entende por que está aqui. É uma coisa muito forte e muito pessoal” (Pinheiro, 2011, p.27).

As histórias pessoais de fé de cada liderança também vão ser recorrentes nos enunciados desses líderes no Instagram. A três dias para o pleito eleitoral no segundo turno em 2022, Edir Macedo publica o seguinte excerto:

IMAGEM 17: Print de postagem pelo líder Edir Macedo em 27 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/bispomacedo

Foto: Frame de um vídeo em que Edir Macedo revela um semblante de nervosismo, mostrando os dentes, semblante fechado. Usa óculos de grau, terno azul escuro e camisa azul clara.

Texto: DE QUEM VOCÊ É FILHO: DE DEUS OU DO DIABO? A BÍBLIA RESPONDE: QUALQUER QUE PRATICA O PECADO É DO DIABO: porque o diabo peca desde o princípio. Para isto o Filho de Deus Se manifestou: Para desfazer as obras do diabo. Qualquer que é NASCIDO DE DEUS NÃO PERMANECE EM PECADO: porque a Sua Semente permanece nele: e não pode pecar, porque é nascido de Deus. 1 João 3:8-10

No post, observamos a imagem do líder com um semblante que indica nervosismo no ato de fala. A formulação “De quem você é filho: de Deus ou do diabo?” é emblemática. Ao apresentar uma dicotomia radical entre o bem e o mal, o sagrado e o profano, constrói-se um

sistema de classificação binário que objetiva os sujeitos fiéis, reduzindo-os a categorias pré-definidas e, não obstante, são subjetivados a estarem em alguma dessas classificações.

O enunciado deve ser compreendido não como uma simples provocação retórica, mas como uma formulação discursiva que se inscreve numa longa tradição de enunciabilidade religiosa, marcada por estruturas binárias de valor e por modos de constituição moral e espiritual. Ao ser reiterado em diferentes contextos e épocas, esse enunciado carrega uma memória histórica que o torna reconhecível e eficaz como mecanismo de constituição de sujeitos. A partir do pensamento de Foucault (2008), tal formulação pode ser compreendida como parte da materialidade do discurso, uma vez que sua repetição é condição para que ele se estabilize como um instrumento de verdade e de poder.

Essas mesmas estruturas binárias, herdadas das tradições religiosas, reverberam no discurso político de Bolsonaro, especialmente em expressões como "o bem contra o mal" e "nós contra eles". Na perspectiva foucaultiana, compreende-se que esses binarismos funcionam como dispositivos de poder que organizam as identidades políticas e espirituais. Assim como nas tradições religiosas a salvação depende da escolha do "lado certo", no discurso bolsonarista, a legitimação política e moral depende da adesão a esse binarismo, criando um campo de subjetivação que articula a crença política à crença espiritual. Como aponta Foucault (2008), ao serem reiteradas, essas dicotomias tornam-se regimes de verdade que moldam comportamentos e percepções de mundo, governando as condutas e definindo quem pertence ou não à comunidade política e espiritual que o líder busca representar.

Ao interrogar o sujeito com essa pergunta, o enunciador ativa um jogo de verdade no qual o sujeito é convidado a se reconhecer dentro de um sistema dualista e moralmente hierarquizado: a filiação divina, que conduz à salvação, ou a filiação demoníaca, que leva à perdição. Não se trata de uma dúvida aberta, mas de uma interrogação regulada por um regime de verdade específico, no qual a resposta esperada já está previamente enquadrada pela norma religiosa. O sujeito é, assim, capturado por um processo de subjetivação que opera pela distinção clara entre o "de Deus" e o "do diabo", atualizando práticas pastorais de condução das almas.

A força desse enunciado reside na sua capacidade de repetição e atualização dentro de uma formação discursiva religiosa, funcionando como um dos modos pelos quais o poder pastoral - conforme descrito por Foucault (2008) - produz verdade sobre os sujeitos. Esse poder não atua pela violência explícita, mas pela indução constante à autoavaliação, à confissão, à escolha moral, fazendo do sujeito um vigilante de si mesmo. Dizer "de quem você é filho?" é

produzir, discursivamente, um tipo de sujeito que deve se posicionar, se examinar e se submeter à autoridade de quem formula a pergunta.

A materialidade repetível do enunciado, portanto, não é mero traço formal, mas parte essencial do seu funcionamento discursivo. É justamente porque ele retorna - em sermões, em campanhas evangelísticas, em redes sociais, em narrativas de conversão - que ele se consolida como tecnologia discursiva de verdade, responsável por organizar condutas, estabelecer pertencimentos e legitimar relações de poder no interior das comunidades religiosas. O que se observa, então, é a inscrição de um saber religioso que, ao operar como verdade, modela subjetividades e governa comportamentos, reafirmando o papel central do discurso na produção da experiência cristã contemporânea.

Foucault (2008) descreve que o enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados. Isso quer dizer que sua construção é marcada por ecos de discursos anteriores e contemporâneos que configuram um campo discursivo em que a fé e a política são constantemente relacionadas. Essa relação pode ser observada pela concomitância discursiva, que corresponde aos enunciados produzidos no mesmo período histórico e funcionam a partir de estratégias discursivas que polarizam o campo político e religioso.

A luta do bem contra o mal foi enfatizada na postagem, ou seja, as eleições eram consideradas um campo para batalha espiritual, gerando assim um dado efeito de verdade: haveria um lado a ser assumido, uma atitude a ser tomada. Há um funcionamento que não está visível e que também não está oculto, sendo observável pela relação com os sujeitos e a relação com outros enunciados.

No enunciado analisado, aqueles que não se alinham à visão política promovida pelo líder neopentecostal são implicitamente classificados como “seguidores do diabo”. Tal categorização não é apenas uma estratégia discursiva de exclusão, mas também uma prática que reforça a interseção entre o político e o religioso, eliminando nuances ou posições intermediárias. Esse funcionamento discursivo se insere em uma lógica binária que polariza o campo político, construindo alianças e oposições radicais que servem à manutenção de uma visão de mundo hegemônica defendida por Macedo.

Fonseca e Correia (2022) destacam que os então candidatos Bolsonaro e Lula usavam constantemente o nome de Deus em seus discursos. Afinal, o voto dos neopentecostais foi destaque nas eleições. “Enquanto Bolsonaro afirma que a presidência é uma missão de Deus, reforça a sua fé cristã e repete o lema ‘Deus, Pátria, Família e Liberdade’, Lula geralmente recorria a termos religiosos quando questiona o comportamento do rival à luz da moral cristã” (idem, p.114). O lema de Bolsonaro inclusive não é inédito. Fonseca e Correia (2022) apontam

que o enunciado remete ao movimento Integralista Brasileiro, da década de 1930. Originário do fascismo italiano, a Ação Integralista Brasileira (AIB) era um grupo ultranacionalista, conservador e se identificava com o catolicismo. Os integralistas usavam o mote “Deus, pátria e família”.

O uso do nome de Deus, especialmente em postagens de líderes religiosos neopentecostais, atua como um operador discursivo que produz subjetividades crentes, modelando modos de ser, pensar e agir segundo um regime de verdade religioso. Ao se identificar como “Filho de Deus”, o fiel não apenas afirma uma crença; ele ocupa uma posição de sujeito, constituída discursivamente e vinculada a um conjunto de valores e comportamentos esperados, determinados pela enunciação religiosa. Essa posição, longe de ser neutra, serve como instrumento de controle e disciplina: estabelece o que se pode ser e pensar dentro do campo da fé, funcionando como tecnologia de condução das condutas. Aqueles que não se enquadram nessa forma de subjetivação são, discursivamente, excluídos e desqualificados, muitas vezes associados à esfera do “mundo”, do “pecado” ou até mesmo ao “diabo”.

No interior do discurso neopentecostal, a batalha espiritual é um dos operadores centrais da organização simbólica da fé. Conforme aponta Macedo (2000), essa batalha se realiza nos céus, mas também envolve os humanos como colaboradores - a favor de Deus ou do diabo. Essa lógica binária estabelece um regime de verdade dualista, que produz efeitos de verdade sobre os sujeitos: ou se está com Deus (e com o líder que o representa), ou se está contra ele. Aqui, a função pastoral opera não apenas como orientação espiritual, mas como autoridade que diz a verdade, no sentido foucaultiano da parresía - porém, de uma parresía reconfigurada, não mais como risco e coragem de dizer a verdade contra o poder, mas como instrumento de poder que se apresenta como verdade absoluta e inquestionável.

Na aula de 7 de março de 1984, Foucault (2011) aborda a parresía como a prática de dizer a verdade em nome de um compromisso ético com a própria vida, mesmo sob risco. O pastor neopentecostal, ao dizer “a verdade” bíblica, constrói uma encenação de parresía, apresentando-se como aquele que ousa dizer o que o mundo cala - mas, na prática, esse “dizer-verdadeiro” se converte em mecanismo de sujeição, uma vez que não permite o contraditório, não admite o debate e opera sobre uma estrutura de autoridade religiosa inquestionável.

A citação bíblica presente nas legendas das postagens não é mobilizada como abertura ao pensamento, mas como instrumento de imposição de uma verdade única e fechada. Trata-se de um funcionamento discursivo no qual a Bíblia é reatualizada seletivamente para legitimar posições doutrinárias, morais e, muitas vezes, político-partidárias. Ao enfatizar determinados versículos e omitir outros, o texto sagrado é reinscrito em novas condições de produção - agora

condicionadas pela lógica da performance religiosa digital, da imagem e da disputa política. O dito se repete, mas não é o mesmo enunciado. Nessa operação, o sagrado não apenas organiza a vida religiosa, mas produz efeitos sobre o campo político, reconfigurando alianças, mobilizando fiéis e estruturando modos de ver o mundo.

Assim, a associação entre fé e política só se torna inteligível dentro de uma formação discursiva em que religião e política não se opõem, mas se articulam como regimes de verdade mutuamente reforçadores. O enunciado religioso não é apenas espiritual, mas governa condutas no presente, produzindo modos de vida que se pretendem mais verdadeiros, mais puros, mais corretos. Trata-se, portanto, de uma verdade performada - uma verdade dita com autoridade e convicção, mas que não está aberta ao risco da dúvida ou da contestação, diferentemente da parresia clássica. Nesse caso, a coragem do dizer-verdade se transforma em certeza autoritária, mobilizada discursivamente para produzir subjetividades obedientes e sustentar formas de governo pastoral adaptadas à lógica midiática e ao campo político-religioso contemporâneo.

Outro enunciado em análise é o da postagem do líder R.R. Soares, publicado no mesmo dia do *post* de Edir Macedo:

IMAGEM 18: Print de postagem pelo líder R.R. Soares em 27 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/missionariorrsoares

(1) Foto: Imagem construída com duas camadas. A de fundo, cor azul transparecida em um espaço que remete ao templo sede da Igreja Internacional da Graça de Deus. Na primeira camada, a imagem fotográfica do missionário R.R. Soares sorridente, com posicionamento

centralizado, usando terno azul claro, gravata dourada, as mãos abertas, com plano de fundo indicando o céu com degradê variando do azul para o dourado. No centro inferior da imagem, a formulação textual “Faça valer os seus direitos em Cristo”, com texto escrito na cor branca. Abaixo, a formulação “Depois da entrada triunfal em Jerusalém, Jesus foi ao templo e viu o que acontecia ali...” com texto escrito na cor preta. No rodapé, a indicação do perfil do líder no Instagram “@missionariorrsoares”

(2) Depois da entrada triunfal em Jerusalém, Jesus foi ao templo e viu o que acontecia ali. Algo precisava ser feito, por causa da deterioração da fé naqueles dias, resultado da radical falta de temor ao Senhor. Na minha coluna “Carta Viva”, da revista Graça Show da Fé, você compreenderá a grande lição contida nesta passagem bíblica. Acesse o link da bio!

No post do líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, há uma referência à entrada triunfal de Jesus em Jerusalém e sua ação no templo; tal qual observamos no enunciado de Macedo, nesta enunciação de R.R. Soares, também se observam as articulações enunciativas entre momentos narrados na Bíblia e a conjuntura política contemporânea. Esse tipo de enunciado fotográfico e textual aponta para um efeito espiritual, mas configura o fiel como parte de um projeto moral e político. Ao colocar Jesus como aquele que “corrige” a deterioração da fé e a falta de temor, estabelece-se um funcionamento de restauração que pode ser facilmente transferido inclusive para o campo político, reforçando a ideia de que determinadas escolhas eleitorais seriam necessárias para restaurar uma ordem divina na nação, ou seja, a vitória de Bolsonaro sobre Lula.

Essa estratégia discursiva aponta para um sujeito colocado como objeto de saber possível, como pondera Foucault (2000, p.236), “os processos de subjetivação e de objetivação que fazem com que o sujeito possa se tornar, na qualidade de sujeito, objeto do conhecimento”. Assim, o fiel não é apenas um espectador, mas é objetivado como alguém que deve, por meio de sua ação política – o voto – participar ativamente da correção dos desvios morais do país.

O enunciado produz um dado efeito de verdade em torno de uma interpretação bíblica e articula um projeto político-religioso em que o ato de “fazer algo” diante da deterioração da fé se alinha com a escolha eleitoral, objetivando os sujeitos dentro de um cenário de Governamentalidade que envolve tanto a fé quanto a política. O líder, ao ocupar esse espaço discursivo no âmbito digital, torna-se, na perspectiva foucaultiana, um “pastor” que conduz seus seguidores em direção a uma verdade que se revela tanto na esfera espiritual quanto na deste mundo, por meio da política. Tal como as ovelhas de rebanho, os fiéis precisam obedecer a seus pastores.

Na imagem, observamos o líder religioso com um sorriso e as mãos estendidas, terno azul, gravata dourada, e uma imagem de fundo que representa o alvorecer do dia. Essa composição – o líder centralizado, mãos que se lançam aos olhares dos fiéis enviando um

convite, um sorriso espirituoso – faz funcionar discursivamente a imagem do pastor como um enviado do divino. Heller (2002) destaca que a cor molda a experiência diária dos sujeitos, inclusive como ela está intrinsecamente ligada à linguagem e ao pensamento. A autora afirma que a relação entre as cores e os sentimentos não é aleatória nem uma questão de gosto individual, mas experiências compartilhadas sócio historicamente que se enraízam na linguagem e nos projetos de leitura.

Foucault (1999 [1976]) nos mostra que os sujeitos são constituídos por práticas discursivas. As regras de formação enunciativa e as condições de possibilidade de discurso incluem um conjunto heterogêneo de elementos que desempenham um papel ativo na construção de subjetividades. Essa abordagem ressalta o caráter performativo e multimodal do discurso, reconhecendo que as práticas discursivas constroem formas de se olhar e perceber o mundo. Desta forma, a cor azul, frequentemente relacionada à espiritualidade e ao divino, constrói o enunciado como que marcado pelo sagrado e justo. No campo neopentecostal, o azul é muitas vezes usado como símbolo de paz, calma, conexão espiritual, elementos essenciais ao ideal religioso propagado. É uma cor que pode evocar um sentimento de harmonia e ordem divina, conferindo ao enunciado uma legitimidade.

O azul atua como um elemento produtor desse efeito de verdade – junto aos demais elementos do enunciado – que objetiva os fiéis como defensores de um projeto moral que transcende o político, legitimando escolhas e comportamentos eleitorais sob o pretexto de uma missão espiritual. O uso do azul, portanto, não é neutro. Antes, inscreve-se em uma governamentalidade que combina fé e poder para regularizar e conduzir as ações dos sujeitos, promovendo uma articulação entre o religioso e a esfera pública/política. A cor faz funcionar a articulação do “bem” e da “justiça”, em oposição ao caos ou desordem que seriam representados por outros espectros de cores, que em jogo metafórico e, no campo da política, circunscreveriam outros candidatos, outros partidos políticos.

Assim, o post de R.R. Soares se articula diretamente com as eleições e a política ao mobilizar uma estrutura binária de bem e mal, reforçando que a conduta de fé deve ser expressa no voto, como parte de um projeto de correção moral e restauração divina do país. Dessa forma, a imagem funciona como uma materialidade discursiva que contribui para a construção de uma subjetividade religiosa alinhada com valores políticos específicos, a partir do entrecruzamento entre fé, imagem e poder, que busca atuar na conduta dos fiéis.

Nos dois enunciados analisados, observamos como a imagem, a recitação de versículos bíblicos, por exemplo, permite aos discursos políticos funcionarem a partir da sua relação com o discurso religioso. Enquanto Macedo apresentou a Bíblia como a única fonte de verdade e

Soares que utilizou uma imagem de pacificador, de mansidão e acolhimento enquanto líder espiritual perante os fiéis. Funcionamentos discursivos próximos são observáveis, também, na postagem da bispa Sônia Hernandes apresentada abaixo:

IMAGEM 19: Print de postagem pela líder Sônia Hernandes em 25 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/bispasonia

(1) Foto: Imagem montada via software com duas camadas. A de fundo uma composição indefinida. Na segunda camada, três boxes contendo as formulações: “Versículo do dia”, “Não temas, porque Eu sou contigo, não te assombres, porque Eu sou teu Deus, Eu te esforço e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça” e “Símbolo de medalha de ouro”. “Isaías 41:10”

(2) Que o poder desta Palavra te invada tirando todo medo e insegurança e te fazendo andar na força e poder que vem do Espírito Santo! Posso ver um amém?!?

Nas postagens da líder da Igreja Renascer em Cristo, observamos a maior incidência de enunciados que constituem o trajeto temático *Sujeito Espiritual*. É a única mulher do nosso escopo analítico e é a que mais tratou de positividade e de tema motivacional com o uso de versículos bíblicos.

A postagem da bispa combina uma imagem que destaca a passagem bíblica do antigo testamento e um texto complementar. A maior e mais destacada composição textual conta com

duas camadas visuais; na primeira, apresenta um versículo. A citação de Isaías 41:10 materializa como os versículos bíblicos são empregados como fontes legitimadoras do discurso. Esses textos funcionam como dispositivos de verdade porque carregam a autoridade do texto sagrado, conferindo ao enunciado uma dimensão de atemporalidade e inquestionabilidade. Segundo Foucault (2001),

[...] cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

O versículo inscreve no sujeito a crença na superação das adversidades a partir de uma força divina. Fazendo uma leitura do enunciado da bispa em sua inscrição histórica, poderíamos observar como o “não temas” pode servir como uma orientação ao público quanto a derrota de Jair Bolsonaro.

A utilização de expressões como “que o poder desta Palavra te invada” e “te fazendo andar na força e poder que vem do Espírito Santo” insere o fiel em uma estratégia discursiva operada de transformação. O funcionamento motivacional é performativo porque não apenas descreve, mas também busca produzir efeitos concretos no sujeito, inspirando-o a agir. Ao incorporar termos de positividade e superação, o enunciado convida o fiel a internalizar a fé como um recurso ativo que gera mudanças tangíveis.

O enunciado também carrega em seu modo de funcionamento discursivo apelos emocionais que buscam gerar identificação e conexão com os fiéis. Palavras como “medo” e “insegurança” evocam sentimentos comuns, enquanto expressões como “força e poder que vem do Espírito Santo” oferecem uma solução esperançosa. Esse contraste emocional produz efeito de superação como modo de posicionar a adesão do fiel. Afinal, o “medo” da derrota do candidato traz a “insegurança” quanto ao futuro. Da mesma forma, em “eu sou contigo”, “Eu sou teu Deus”, “Eu te esforço e te ajudo, e te sustento”, muito mais do que uma afirmação divina, observamos a reafirmação da posição da líder como autoridade espiritual. Essa estratégia não apenas fornece sua legitimidade dentro da comunidade de seguidores, mas também regula as práticas e crenças dos fiéis, inclusive de cunho político, mesmo que nenhuma menção explícita à política esteja presente na superfície da postagem. A autoridade discursiva é reforçada pela repetição de enunciados que articulam fé – crença de que Jair Bolsonaro é a

melhor opção – no esforço pessoal – o voto – e no resultado – a vitória de Jair Bolsonaro – a partir de um regime de verdade que guia o modo de re(agir) dos seguidores.

Assim, a postagem espiritualiza o enfrentamento de desafios ao vinculá-lo à fé, sugerindo que decisões como o voto devam ser feitas em alinhamento com os planos divinos. Essa espiritualização pode ser utilizada para legitimar a escolha do candidato, especialmente se apresentada como sendo coerente com os princípios conservadores ou como uma missão espiritual. Desta forma, a escolha do voto deixa de ser uma decisão puramente racional ou política e passa a ser interpretada como um ato de obediência à Deus.

A estrutura do enunciado sugere um apelo imediato à transformação: “que o poder desta Palavra te invada”. Essa construção confere ao discurso uma dimensão de urgência, convocando o sujeito a agir no presente e integrar-se à lógica espiritual proposta, a partir da associação com a proposta política daquele momento histórico. A urgência é uma estratégia de controle, de governo das condutas que intensifica o engajamento, ao mesmo tempo que posiciona o sujeito como responsável por sua resposta imediata ao discurso. Ele também mobiliza o fiel a assumir uma postura ativa, transformando o ato de crer em um vetor de ação prática. Crer na vitória do candidato de sua preferência associada à prática do voto nele.

A inclusão da frase “Posso ver um amém?!?” é um mecanismo que promove uma estratégia de poder. Ao solicitar uma resposta afirmativa, a formulação estabelece uma dinâmica participativa que reforça o senso de comunidade entre os fiéis, em que transforma os interlocutores em sujeitos ativos.

Por ser uma liderança religiosa, o que lhe confere uma posição de autoridade reconhecida por seus seguidores, os enunciados exercem um dado poder sobre o corpo social fiéis; aquilo que é dito tende a funcionar como um efeito de verdade, de tal modo que os sujeitos inscritos nessa mesma formação discursiva tendem a confiar nas interpretações e direcionamentos dos líderes espirituais, especialmente quando apresentados em contextos que evocam a fé e a espiritualidade. Conceitos como “força”, “poder” e “superação” estabelecem um conjunto de valores que os fiéis são incentivados a incorporar. Esses valores, frequentemente apresentados como universais e absolutos, podem ser associados a características que o candidato por ela apoiado também exiba ou reivindique, como liderança forte, coragem diante das adversidades ou compromisso com princípios morais do cristianismo. Isso cria uma ponte entre o discurso religioso e político, de modo a fazer com que os fiéis reconheçam no candidato um representante legítimo desses valores.

Ao se apresentar como *Sujeito Espiritual* e ao associar a fé à superação e ao sucesso, a bispa estabelece uma relação entre os fiéis e o então candidato Jair Bolsonaro. Qualquer figura

ou agenda política que não reflita os valores promovidos nos enunciados religiosos pode ser percebida como uma ameaça ao bem-estar espiritual da comunidade. Assim, os fiéis são encorajados a rejeitar candidatos que não se encaixem nessa verdade erigida, reforçando o pertencimento ao grupo por meio do alinhamento político e, ao mesmo tempo, excluindo visões políticas divergentes. Esse mecanismo de exclusão, ao operar nos enunciados da líder, reforça a homogeneidade do grupo e consolida o exercício de poder da liderança religiosa sobre os fiéis, reafirmando a ideia de que a escolha política é inseparável da fidelidade à fé e à comunidade.

A interpretação da Bíblia vinculada a um *ethos* político opera como mediadora de um saber que molda a subjetividade dos fiéis. Essa subjetivação está vinculada a uma economia moral que naturaliza a obediência às lideranças como um meio de se conectar à Deus. No domínio político, isso reforça a ideia de que o voto deve ser uma extensão da fé, orientado por aqueles que detêm a “verdade divina”. Assim, os fiéis são posicionados a agir politicamente como sujeitos de fé, vinculando o ato de votar a um exercício de espiritualidade. Assim, há uma Governamentalidade pastoral que é defendido por Foucault (2008 [1977]), ao qual o alinhamento político se torna uma extensão da fidelidade religiosa.

Tal fidelidade também se materializa no excerto publicado pelo bispo Robson Rodovalho, da SNT.

IMAGEM 20: Print de postagem pelo líder Robson Rodovalho em 30 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/bprodovalho

(1) Foto: Imagem digitalmente construída, sem cores e com duas camadas. A camada de fundo mostra Robson Rodovalho em oração e fiéis, com nitidez desfocada. A camada superior conta com a legenda “Não se acostume a ficar FORA DA PRESENÇA DE DEUS!”

(2) Texto: A rotina do seu dia a dia afastou de você a presença de Deus? Você perdeu o brilho dos desafios da vida? Tem feito as coisas apenas por hábito, rotina e não pelo chamado e propósito de Deus? Chegou a hora de sair desse ambiente!

A imagem é composta por duas camadas, uma técnica que sugere profundidade visual e um regime de verdade espiritual. A camada de fundo, desfocada, apresenta Robson Rodovalho em oração, cercado por fiéis. A desfocalização aqui é um recurso que simboliza o mundo terreno e cotidiano, onde as atividades diárias e rotineiras dos indivíduos perdem sua clareza e propósito. Esse distanciamento da nitidez pode ser lido como uma metáfora da vida secular, em que os fiéis, imersos em sua rotina, se afastam da “presença de Deus”. No entanto, a imagem de Rodovalho, em oração, emerge nitidamente como o mediador entre o terreno e o espiritual, posicionando-o como uma figura de autoridade que orienta e redireciona os fiéis - assim como os demais líderes que analisamos anteriormente.

A camada superior, com a legenda em letras maiúsculas – “Não se acostume a ficar FORA DA PRESENÇA DE DEUS!” – configura-se como um imperativo, um grito de alerta para o fiel. O uso das letras maiúsculas e a posição de destaque intensificam o caráter de urgência do enunciado. Essa legenda não apenas disciplina o sujeito, mas também o desafia a confrontar sua condição espiritual, sugerindo que o afastamento da divindade é um erro a ser corrigido. Diferentemente das postagens anteriores, há ausência de cores na imagem, o que pode ser compreendido como uma metáfora da vida sem a presença de Deus: sem brilho, sem sentido, sem direção.

O texto complementa a imagem, aprofundando o caráter de condução. A formulação: "A rotina do seu dia a dia afastou de você a presença de Deus? Você perdeu o brilho dos desafios da vida? Tem feito as coisas apenas por hábito, rotina e não pelo chamado e propósito de Deus?" tem um duplo efeito. Primeiramente, funciona como um convite à introspecção, desafiando o fiel a refletir sobre a própria vida espiritual. Em segundo lugar, essa reflexão é carregada de um senso de culpa e responsabilidade, sugerindo que o distanciamento de Deus é consequência de escolhas e hábitos pessoais. A frase implica que, ao seguir a rotina secular, o sujeito se afastou de seu verdadeiro propósito, que é viver de acordo com a fé.

Além disso, o texto sugere que a postura política dos fiéis está intrinsecamente ligada à sua relação com Deus. O afastamento de Deus, simbolizado pela rotina, poderia ser interpretado como uma escolha que se alinha com uma decisão política específica - a adesão ao candidato

Lula. Nesse sentido, o texto não apenas convoca os fiéis a uma reavaliação de sua vida espiritual, mas também de suas escolhas políticas, ligando-as a um compromisso moral e religioso.

Nesse ponto, é importante destacar que o perfil das postagens não se altera significativamente nos períodos não eleitorais, mas as condições históricas de possibilidade - como formuladas por Foucault (2008) - viabilizam a emergência e o funcionamento desse tipo de enunciado. Ou seja, mesmo fora de períodos formais de campanha, o discurso religioso digital permanece operando por meio de dispositivos que articulam fé, conduta e política. Trata-se de uma continuidade estratégica que sustenta a governamentalidade religiosa, promovendo uma interpenetração entre campos discursivos diversos. O que se observa, portanto, não é uma ruptura no conteúdo dos enunciados entre períodos eleitorais e não eleitorais, mas uma reconfiguração da intensidade e da codificação das mensagens, que continuam a produzir subjetividades alinhadas com determinados projetos políticos.

De acordo com Foucault (2008 [1979]), o discurso não apenas reflete ou representa a realidade, mas a constitui. Ou seja, ao articular a noção de afastamento de Deus a uma escolha política, o discurso religioso não apenas “expressa” uma relação espiritual, mas opera como prática que organiza e governa condutas.

Nessa perspectiva, o discurso religioso funciona como dispositivo que produz efeitos de verdade - efeitos que delimitam fronteiras entre o “certo” e o “errado”, o “fiel” e o “infiel”, o “bom” e o “mal” - e que, por sua vez, estruturam os modos de subjetivação dos fiéis. Assim, a convocação à reavaliação da vida espiritual e política se faz por meio de práticas discursivas que atravessam e constituem as identidades dos sujeitos, funcionando como tecnologia de governo das condutas. O resultado é que a escolha política deixa de ser percebida como meramente pragmática ou racional, sendo reconfigurada como expressão de um compromisso moral e religioso. Como destaca Foucault (2008 [1979], p. 99), “o poder circula”, e é justamente nesses enunciados - aparentemente banais, mas profundamente atravessados por regimes de verdade - que se manifestam formas sutis de condução dos sujeitos.

É possível que a frase final, “Chegou a hora de sair desse ambiente!”, funcione como um grito de ruptura, instigando o fiel a abandonar a rotina mundana e a buscar uma vida mais alinhada com o “chamado e propósito de Deus”. Essa “saída do ambiente” pode ser vista, também, como uma metáfora para a necessidade de afastar-se de escolhas políticas consideradas incompatíveis com a fé cristã, como a opção por candidatos adversários de Bolsonaro.

A articulação entre a imagem e o texto, portanto, gera um enunciado que não se limita ao campo espiritual, mas estende-se para o campo político, sugerindo que as escolhas eleitorais dos fiéis são, de alguma maneira, um reflexo de sua posição frente à presença de Deus. Robson Rodovalho, como líder religioso, não só orienta seus seguidores espiritualmente, mas também politicamente, colocando-se como uma figura de autoridade que guia o rebanho a fazer escolhas que são apresentadas como espiritualmente corretas e moralmente imperativas. Assim, a imagem e o texto funcionam como dispositivos de poder que disciplinam e moldam as escolhas dos fiéis, utilizando a religiosidade como uma ferramenta para influenciar o comportamento político.

Nesta postagem, assim como nas anteriores já apresentadas, vemos o funcionamento do poder pastoral. (2008 [1977]), em que o líder religioso assume o papel de “pastor” que não só guia e disciplina espiritualmente, mas também politicamente, mobilizando os fiéis a interpretarem suas escolhas eleitorais como um compromisso espiritual maior. A naturalização da associação entre fé e política, dessa forma, não apenas reforça o controle sobre a vida espiritual, mas também sobre as escolhas eleitorais, transformando-as em imperativos morais e espirituais que vão além do simples ato de votar, mas se tornam parte de um projeto de salvação coletiva.

No mesmo dia em que Rodovalho exortou os fiéis a refletirem sobre a vida espiritual, o apóstolo Agenor Duque, da Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus usou a imagem de outra líder religiosa, conhecida no meio neopentecostal, para disciplinar os fiéis; uma vez mais, observamos a presença de um versículo da Bíblia.

IMAGEM 21: Print de postagem pelo líder Agenor Duque em 30 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/apostoloagenorduque

(1) Foto: Frame de um vídeo com a cantora e pastora Ana Paula Valadão, da Diante do Trono Church. Ela usa brinco e pulseira dourada, maquiagem no rosto, blusa branca, saia com traços em verde, amarelo, branco e preto. A pastora está centralizada e em destaque na imagem.

(2) Texto: “QUANDO O JUSTO GOVERNA, O POVO SE ALEGRA, MAS QUANDO O ÍMPIO DOMINA, O POVO GEME” – Provérbios 29:2 #liberdade #brasil (emoji da bandeira brasileira) #amominhapatria #iaptdficial @iapttd

Diferentemente das imagens próprias dos líderes neopentecostais com o contraste dos semblantes entre Macedo e Soares, da imagem de um versículo bíblico de Hernandez e de uma imagem preto e branco com desfoque de Rodovalho, o post de Agenor Duque usa a imagem, em vídeo, de uma outra líder religiosa que adota práticas pentecostais: a cantora e pastora da *Diante do Trono Church*, Ana Paula Valadão. Ela é líder de uma das bandas gospel mais proeminentes do Brasil, o Diante do Trono⁵⁹. Na postagem, observa-se sua posição de destaque e centralidade, bem como seu papel de autoridade espiritual e política.

⁵⁹ Segundo Rosas (2015), o Diante do Trono é o principal grupo de louvor brasileiro. Ele foi criado em 1998 em Belo Horizonte, Minas Gerais, que, segundo Jacob (2003), é um dos bastiões do catolicismo brasileiro. Rosas (2015) destaca que Ana Paula Valadão é filha do pastor Márcio Valadão – ex-líder da Igreja Batista da Lagoinha,

O uso das cores verde e amarelo em sua vestimenta remete diretamente à bandeira nacional, um recurso amplamente utilizado por lideranças evangélicas para associar sua fé ao destino da nação. Ela sinaliza, remetendo ao que apontamos no capítulo anterior, um alinhamento com um discurso nacionalista e conservador em que o então candidato Jair Bolsonaro era a referência. O branco, que sugere pureza e santidade, alinha-se à identidade cristã, enquanto os acessórios dourados podem remeter à prosperidade e à legitimidade do discurso que a pastora representa.

A formulação “QUANDO O JUSTO GOVERNA, O POVO SE ALEGRA, MAS QUANDO O ÍMPIO DOMINA, O POVO GEME.” estabelece uma dicotomia entre “justo” e o “ímpio”, uma estrutura recorrente nos enunciados político-religiosos como já apresentados nesta subseção, na qual o “justo” representa o líder alinhado com os valores evangélicos e o “ímpio” simboliza aquele que se opõe a esses valores. No contexto das eleições de 2022 Jair Bolsonaro é associado à figura do “justo”, enquanto Luiz Inácio Lula da Silva é colocado no papel do “ímpio”.

A forma como a citação é apresentada - em letras maiúsculas - amplia sua força disciplinadora. É compreendido que a “verdade bíblica” usada pelos líderes até aqui, na ocasião das eleições, é apresentada com um tom de urgência e autoridade. Discursivamente, o versículo bíblico, deslocado para o contexto político, conferiria legitimidade e o efeito de verdade inquestionável ao enunciado. Não se trata apenas de um chamado à reflexão, mas sim de um imperativo moral que sugere que a escolha eleitoral não é apenas uma decisão política, mas uma questão espiritual. Uma novidade encontrada em comparação com os líderes anteriores é a inclusão das hashtags #liberdade, #brasil, #amominhapatria. Eles reforçam a convocação que conecta fé, patriotismo e política em um mesmo campo discursivo. O uso do emoji da bandeira do Brasil solidifica essa fusão, transformando a identidade cristã e a identidade nacional em conceitos indissociáveis.

A presença da *hashtag* #iaptdooficial, referência à Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus de Agenor Duque, indica que essa publicação não é apenas um posicionamento isolado de Ana Paula Valadão, mas faz parte de um movimento mais amplo dentro do neopentecostalismo brasileiro que atua na condução, no governo das condutas político e espirituais dos fiéis.

A partir dessas materialidades, observamos como há um funcionamento discursivo em que Bolsonaro representaria a defesa da moral evangélica, da liberdade religiosa e dos valores

que comandou a denominação por mais de 40 anos. Atualmente, segundo Petersen e Pacheco (2023), a denominação é comandada pelo irmão de Ana Paula, o pastor André Valadão.

tradicionais, enquanto Luiz Inácio Lula da Silva e a esquerda simbolizariam a corrupção, o comunismo e a ameaça à fé evangélica. Esse tipo de discurso mobiliza o medo e a esperança, posicionando Bolsonaro como um líder ungido por Deus e Lula como um inimigo espiritual.

É compreendido que o *post*, portanto, reforce dentro dessa lógica discursiva, que votar corretamente não é apenas um dever cívico, um dever do cidadão ou uma obediência legal, mas um compromisso espiritual. A figura de Ana Paula Valadão, amplamente respeitada no meio evangélico, é utilizada como um dispositivo de validação no enunciado de Agenor Duque, reforçando que essa visão política não é apenas uma escolha individual, mas uma orientação que vem de figuras de autoridade que carregam efeitos de verdade dentro da própria comunidade de fé. Isso contribui para a subjetivação do fiel como um sujeito espiritual, que entende sua participação política como parte de sua identidade religiosa.

Assim, a postagem não apenas promove uma reflexão religiosa, mas é possível que mobilize uma ação política específica: a rejeição em Lula e o apoio a Bolsonaro como um imperativo moral e espiritual. Essa naturalização da associação entre fé e política fortalece o engajamento dos fiéis e amplia o alcance dos efeitos de poder dos neopentecostais dentro do cenário político brasileiro.

A publicação, a seguir, do pastor Silas Malafaia também se inscreve neste funcionamento. A postagem do líder da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo associa a figura de Jair Bolsonaro a valores religiosos e espirituais, reforçando a construção do Sujeito Espiritual. É observado que os líderes neopentecostais têm se posicionado politicamente de maneira a integrar suas crenças e valores espirituais com as decisões políticas e eleitorais. Eles incentivam os fiéis a acreditarem que a política é uma arena onde se travam batalhas espirituais, e que as eleições são momentos de decisão que transcendem a racionalidade e entram no campo da espiritualidade.

Dentro dessa lógica, o debate eleitoral se transforma. Deixa de ser apenas um embate de ideias e propostas e passa a ser um confronto espiritual, em que as escolhas feitas nas urnas são vistas como reflexões diretas da fé e dos valores religiosos. É possível que as decisões eleitorais, assim, ganhem um peso maior, pois são encaradas como decisões que afetarão não apenas a esfera política, mas também o destino espiritual da nação. Dessa forma, o imperativo moral e religioso se sobrepõe ao racional, e a escolha de um candidato se torna uma questão de fé e devoção.

IMAGEM 22: Print de postagem pelo líder Silas Malafaia em 29 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/silasmalafaia

(1) Foto: Imagem com o então candidato Jair Bolsonaro centralizado na imagem. Ele está com um olhar para cima e os braços erguidos para o alto. Ele usa terno escuro, camisa branca, gravata e caneta azul. À esquerda da imagem, no canto inferior, um *lettering* com o nome “Bolsonaro” e ao lado um box indicando a contagem de 02 segundos restantes para o fim de sua fala e o preenchimento feito na cor amarela. À direita da imagem, no canto inferior, um *lettering* com o nome “Lula” e ao lado um box indicando a contagem de 0 segundos escrito na cor vermelha. Na margem inferior esquerda a imagem de um intérprete de libras e na margem inferior direita o logo da TV Globo com a inscrição “ao vivo”

(2) Texto: Bolsonaro agradece a Deus no debate.

Na imagem presente no *post* de Malafaia, Jair Bolsonaro aparece centralizado e em destaque, numa composição visual que reforça sua posição de protagonismo e liderança. Seu olhar para cima e os braços erguidos buscam evocar uma conexão direta com o divino, uma iconografia recorrente em representações de figuras religiosas em momentos de oração ou invocação da presença de Deus. Essa gestualidade, amplamente utilizada em cultos neopentecostais – uma imagem que recupera memória de outras imagens (intericonicidade) – produz o efeito de Bolsonaro não ser apenas um candidato, mas um homem de fé, alguém que se submete à vontade divina e, por isso, merece ser seguido.

O vestuário de Bolsonaro também contribui para a construção simbólica da cena. O terno escuro, a camisa branca e a gravata remetem à formalidade e seriedade da ocasião, reforçando a ideia de que está ali em um papel de liderança responsável. A caneta azul, um detalhe aparentemente trivial, funciona como símbolo de poder e decisão para sancionar ou vetar medidas. Nesse sentido, sua presença na imagem pode evocar a ideia de que Bolsonaro, ao se dirigir a Deus, reforça sua legitimidade como líder e instrumento da vontade divina.

A composição visual da imagem carrega ainda outros elementos. No canto inferior esquerdo, um *lettering* com o nome “Bolsonaro” aparece ao lado de um box amarelo, indicando uma contagem regressiva de dois segundos para o fim de sua fala. O amarelo compõe a bandeira brasileira, é uma cor frequentemente associados à luz, à positividade e à energia, reforçam um tom de continuidade e força. Já à direita, o nome “Lula” aparece acompanhado de um box vermelho, indicando zero segundos restantes. O vermelho, historicamente associado à esquerda política e a discursos de oposição, carrega também conotações de perigo, proibição e alerta. Compreende-se que essa relação cromática sutil, mas eficaz, estabelece um contraste visual e simbólico entre os dois candidatos, sugerindo que Bolsonaro representa a continuidade e a vitalidade, enquanto Lula está em um estado de interrupção ou término. O logo da TV Globo com a inscrição “ao vivo” confere um caráter de espontaneidade e autenticidade ao momento, afastando a ideia de que a cena foi ensaiada ou manipulada.

A formulação que acompanha a imagem, em vez de textos bíblicos soltos ou associados a questionamentos, ou mesmo frases motivacionais, embora curta, funciona dentro de uma estratégia discursiva: “Bolsonaro agradece a Deus no debate.” A estrutura da frase é simples, mas carrega um efeito de verdade. O uso do nome próprio “Bolsonaro” e do verbo no presente do indicativo confere uma sensação de ação direta e contínua, como se o ato de agradecimento não fosse apenas um momento isolado, mas uma prática habitual do candidato. A menção a “Deus” reforça o tom espiritual da cena e remete a um público evangélico que valoriza líderes políticos que demonstram publicamente sua fé.

Embora os comentários dos seguidores não tenham sido objeto de análise nesta pesquisa, é importante destacar que, em situações semelhantes, essas interações costumam funcionar como extensões do enunciado principal. Tais comentários frequentemente reiteram a associação entre fé e liderança política, contribuindo para o reforço simbólico da imagem do candidato como alguém legitimado por Deus. Nessa perspectiva, os comentários, quando favoráveis, tendem a operar como materialidades discursivas complementares que ecoam e amplificam os efeitos de verdade do enunciado inicial. Em termos foucaultianos, ainda que não sejam aqui tomados como corpus, tais manifestações se inscrevem no regime de saber-poder que atravessa o discurso religioso-político nas redes, participando da construção de subjetividades e da organização de condutas por meio de critérios morais e espirituais. Assim, mesmo sem analisarmos diretamente essas interações, reconhecemos nelas um potencial de funcionamento discursivo que reforça o dispositivo de verdade articulado entre fé, política e autoridade digital.

O uso do verbo “agradece” é particularmente relevante. Em vez de um verbo como “fala”, “discursa” ou “responde”, a escolha por “agradece” remete a um gesto de humildade e reconhecimento da dependência divina. No contexto do debate, mesmo em um momento de embate político, é como se Bolsonaro não perdesse sua conexão com Deus. Formulação, que circula entre enunciados neopentecostais, que valoriza líderes que não apenas professam sua fé, mas que a colocam como eixo central de suas decisões e discursos.

A postagem de Malafaia se encaixa, portanto, dentro de uma estratégia discursiva maior, que visa consolidar Jair Bolsonaro como o candidato legítimo dos evangélicos e o escolhido por Deus para governar o Brasil. Essa construção é fundamental para entender a forma como o discurso religioso tem sido mobilizado na política brasileira nos últimos anos. Bolsonaro não é apresentado apenas como um político, mas como um instrumento divino, alguém que reconhece sua dependência de Deus e que, por isso, é digno da confiança e do voto dos fiéis.

Essa lógica discursiva reforça a divisão entre o “justo” e o “ímpio”, um dos eixos centrais da subjetivação do fiel dentro do trajeto temático do Sujeito Espiritual. Se Bolsonaro é o “justo” que governa sob a bênção divina, Lula é implicitamente colocado no papel do ímpio, aquele cuja liderança levaria o povo ao sofrimento. Essa relação já havia sido observada nas postagens anteriores e se repete aqui, mas com um diferencial importante: no post de Malafaia, não há a necessidade de uma citação bíblica explícita, pois a própria imagem e o enunciado já se dão em um campo associado de enunciados religiosos capazes de disciplinar o público evangélico.

O fiel que segue Malafaia é chamado a enxergar a cena não como um simples momento de um debate eleitoral, mas como uma prova da espiritualidade de Bolsonaro e de sua missão divina. Esse tipo de discurso contribui para a consolidação de Silas enquanto Sujeito Espiritual que percebe sua escolha eleitoral não como uma decisão individual, mas como uma resposta ao chamado de Deus.

Assim, a postagem de Malafaia funciona como mais uma materialidade de reforço de um funcionamento discursivo observado em prol de uma sequência discursiva messiânica em torno de Bolsonaro. A composição visual, a frase e o momento histórico político e religioso se entrelaçam em um enunciado que vai além do evento específico do debate e se insere em um projeto discursivo maior: a consolidação da crença de que Bolsonaro é o representante legítimo dos valores evangélicos na política brasileira, enquanto Lula simboliza a oposição a esses valores.

Nesse trajeto temático, observa-se que, os enunciados, então, reforçam a ideia de que a fé e o apoio político a Bolsonaro são inseparáveis, seja pelo uso de versículos bíblicos, pela

apropriação de símbolos nacionais, uso ou ausência de cores, uso de letras maiúsculas, pela retórica da batalha espiritual ou pela contraposição entre o “justo” e o “ímpio”. A política é tratada como um campo de disputa espiritual e moral, na qual se entende que os fiéis que seguem os líderes religiosos no Instagram passam a atuar como agentes da vontade divina. Bolsonaro é exaltado como um governante escolhido por Deus, enquanto Lula é enquadrado como a personificação do afastamento dos valores evangélicos, reforçando o ponto de que a decisão eleitoral não é apenas uma escolha política, mas um ato de fé e obediência religiosa.

5.2.2- O Sujeito Neoliberal

Neste trajeto temático, observamos como o discurso neoliberal constitui os sujeitos líderes neopentecostais, mas também tal racionalidade atua nos processos de objetivação dos sujeitos fiéis a partir dos enunciados-postagens desses líderes. O "Sujeito Neoliberal", então, é uma produção, uma subjetividade produzida discursivamente, portanto, historicamente, a partir daquilo que Dardot e Laval (2016) denominam de racionalidade neoliberal que se espalha nas mais diversas esferas sociais e, em nosso caso especificamente, no próprio discurso religioso, sustentada em valores como meritocracia, empreendedorismo e autossuficiência.

No âmbito do Neopentecostalismo, observamos como tais valores são incorporados e ressignificados por meio de discursos religiosos que vinculam prosperidade material à fé e à obediência espiritual. Notamos um entrelaçamento nos enunciados dos líderes neopentecostais entre a lógica neoliberal e os fundamentos teológicos, como a Teologia da Prosperidade. Desta forma, a busca por realização pessoal por meio do trabalho e do consumo é incentivada com a riqueza sendo vista como uma benção de Deus. Essa convergência legítima e fortalece o entrelaçamento entre religião e política e, em atuação em conjunto com a do Sujeito Espiritual, produz um efeito de verdade em que o ato de votar se torna uma extensão da espiritualidade e da responsabilidade individual.

As postagens no Instagram se tornam, assim, um espaço privilegiado para a produção e disseminação desses enunciados. Por meio de imagens, vídeos e legendas elaboradas, os enunciados dos líderes neopentecostais destacam a importância da fé, da ação individual e da escolha consciente. No entanto, observa-se uma dada contradição discursiva: ao mesmo tempo que exaltam a autonomia individual, os pastores são os guias de seus seguidores, convocando-os a adotar posições políticas alinhadas aos valores neoliberais e à agenda defendida por eles.

As análises a seguir intentam materializar como essa dinâmica discursiva se manifesta em postagens de líderes neopentecostais durante as eleições presidenciais de 2022, enfocando particularmente a relação entre espiritualidade e responsabilidade individual no discurso neoliberal, por meio de enunciados que vinculam prosperidade, mérito e fé à escolha política e a maneira como, inerentemente a esse processo, constroem-se subjetividades sociais neoliberais que buscam moldar condutas no espaço político.

Ao investigar essas intersecções, busca-se compreender como as materialidades do Neopentecostalismo aqui analisadas se inscrevem no interior da racionalidade neoliberal, como uma força discursiva que contribui para a objetivação dos sujeitos, moldando suas práticas eleitorais e reforçando uma subjetividade político-religiosa que ressignifica a relação entre fé, poder e política no Brasil contemporâneo. Afinal, conforme definido por Dardot e Laval (2016), o Neoliberalismo transcende uma mera ideologia econômica ou política, atuando como uma forma de pensar e organizar o mundo que atua tanto as ações governamentais quanto o comportamento individual. Essa racionalidade, segundo os autores, manifesta-se a partir de um conjunto de dispositivos discursivos. Aqui destacamos o uso da rede social digital, de fotografias, imagens fabricadas, emojis, textos bíblicos e autorais dos líderes neopentecostais. Nesse contexto, a Governamentalidade Neoliberal se torna essencial para entender como os enunciados dos líderes neopentecostais atuam na formação dos seus fiéis.

Vejamos o excerto abaixo.

IMAGEM 23: Print de postagem pela líder Sônia Hernandes em 31 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/bispasonia

(1) Foto: Há três pessoas na imagem fotográfica. Em primeiro plano um homem com óculos e camisa floral. À esquerda a bispa Sônia Hernandes e entre eles uma mulher usando máscara facial. A fotografia mostra Hernandes em um salão de beleza. À frente há cosméticos e itens de maquiagem.

(2) Quando recebemos um NÃO?! O bom dia com muita alegria! Me conta nos comentários qual é a sua oração! Já já no @debemcomavidatv na @redegospeltv & @redegospelfm #ondevcestiver

Este enunciado – colocado em circulação um dia após o término das eleições e da definição do resultado que culminou com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva sobre Jair Bolsonaro – interliga elementos do Neopentecostalismo e do Neoliberalismo às práticas cotidianas. O contexto fotográfico retrata a bispa Sônia Hernandes em um salão de beleza, em companhia de outras duas pessoas, com cosméticos e itens de maquiagem em primeiro plano. Esse cenário é complementado pelo texto que acompanha a imagem, no qual a líder religiosa menciona o enfrentamento de um “NÃO” e convida os seguidores a compartilharem suas orações nos comentários, integrando o enunciado com referências aos programas televisivo e radiofônico que apresenta.

Os espaços sociais não são neutros, antes são constituídos e organizam práticas e discursos. O salão de beleza enquanto cenário da postagem opera como um espaço de normatização, onde práticas de cuidado pessoal são transformadas em rituais que disciplinam

os corpos. Esses rituais, em conformidade com a lógica neoliberal, reforçam a ideia de que o corpo deve ser aperfeiçoado e cuidado para refletir não apenas a saúde e a beleza, mas também sucesso e responsabilidade individual.

A presença de cosméticos e itens de maquiagem em primeiro plano reforça os valores de consumo e autogestão, integrando o campo religioso à lógica do mercado. O cuidado com a aparência é uma prática que, na lógica neoliberal, é frequentemente associada ao gerenciamento da própria imagem como um capital pessoal. A presença de cosméticos e produtos de maquiagem reforça essa ideia, evocando a responsabilidade individual pelo aperfeiçoamento e manutenção da própria aparência, que, nessa lógica, pode ser lida como um indicador de sucesso, disciplina e autoestima, mesmo e apesar dos “nãos” da vida. Em meio às adversidades, em vez da igreja, o salão de beleza é acionado como espaço para cuidado de si, a racionalidade neoliberal convoca os espaços de consumo como lugares possíveis para lidar com as lutas diárias.

A formulação “Quando recebemos um NÃO!?” se insere e aciona uma rede de enunciados – entre eles, os referentes à derrota de Jair Bolsonaro – para tratar então de momento de adversidade ou desafio, algo que ressoa com as noções de superação individual tão caras à lógica neoliberal. Para Foucault (2013 [1979]), o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo, operando por meio de enunciados que moldam os sujeitos. A convocação para a oração é um dos meios pelos quais o discurso religioso opera como dispositivo de subjetivação: o fiel é conduzido a se perceber como agente ativo em sua própria transformação, utilizando a fé como ferramenta de superação.

E essa subjetivação está intrinsicamente ligada à lógica neoliberal, quando vemos a imagem da bispa em um salão de beleza que não apenas naturaliza a prática do consumo como expressão de cuidado pessoal, mas também a estetiza como um valor moral. No caso da postagem, a estética da bispa reflete um sujeito que, ao cuidar de si, demonstra virtude e disciplina, elementos centrais tanto no Neopentecostalismo quanto no Neoliberalismo.

As marcações das plataformas televisiva e radiofônica utilizadas por Sônia Hernandez não são meramente informativas. Ao contrário, são dispositivos que ampliam o alcance do discurso neoliberal ao transformar a postagem em uma mercadoria discursiva. Sob a ótica foucaultiana, os enunciados fazem parte de um regime de verdade que não apenas valida a autoridade pastoral de Hernandez, mas também a insere como participante ativa em um sistema de mercado em que a atenção dos seguidores é convertida em capital simbólico e, possivelmente, financeiro.

A lógica neoliberal é observada na construção de uma imagem pública da bispa que está intrinsicamente ligada à sua visibilidade midiática. Ao marcar seus programas de TV e rádio, reforça-se a subjetividade neoliberal de produtividade e constante exposição, na qual os arranjos discursivos, inclusive os religiosos, transformam-se em oportunidade de promoção pessoal e comercial. A audiência, aqui, não é passiva, mas convocada a consumir não apenas os produtos religiosos (programas e mensagens de fé), mas também o ideal de sujeito neoliberal que Hernandes encarna.

Na busca pelo consumo, pela competitividade, como refletem Dardot e Laval (2016), o mercado é um campo de jogo em que os mais aptos e esforçados triunfam. Além disso, há um outro componente do “Sujeito Neoliberal” presente nas materialidades analisadas dos líderes neopentecostais: a imagem do sucesso. É o que se observa na postagem publicada no dia 26 de outubro de 2022 pelo missionário R.R. Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus

IMAGEM 24: Print de postagem pelo líder R.R. Soares em 26 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/missionariorrosoares

(1) Foto: Imagem fotográfica de R.R. Soares, à direita, olhando para a esposa Maria Magdalena Bezerra, também sorridente, olhando para o lado. Ele com camisa social xadrez. Ela com blusa azul e traços com desenhos de flores brancas, mão esquerda apoiada na sacada e unha vermelha. Eles estão em uma sacada. No segundo plano há um ambiente com vários coqueiros em um dia ensolarado, céu azul, gramado, com o mar azul, indicando que estavam em um hotel ou pousada e o quarto de frente para o mar. Localização: Miami, FL - EUA

(2) Texto: Um casal feliz e sorridente passando pelo seu feed! Boa noite a todos vocês!

Essa postagem de Soares, aparentemente simples e despretensiosa, traz elementos que se alinham à racionalidade neoliberal ao projetar uma imagem de sucesso, bem-estar e realização pessoal, valores centrais dentro desse modelo de subjetividade. Diferentemente das postagens analisadas no *Sujeito Espiritual*, que enfatizavam a autoridade religiosa e o engajamento político, aqui se compreende que há um deslocamento para uma prática discursiva de felicidade privada e conquista material, elementos que reforçam a lógica do “empreendedor de si”.

A escolha da imagem é estratégica: o ambiente paradisíaco, com coqueiros, mar azul e um dia ensolarado, sugere um cenário de lazer exclusivo, associado ao ideal de uma vida bem-sucedida. A postagem do líder neopentecostal brasileiro foi feita em Miami - uma cidade símbolo do capitalismo global, que carrega consigo a ideia de luxo e prosperidade, frequentemente explorada pelo neopentecostalismo para demonstrar a materialização das bênçãos divinas. O casal, sorridente e bem-vestido, encarna o arquétipo do sucesso tanto no campo pessoal quanto no financeiro, promovendo uma imagem de realização que se alinha ao discurso meritocrático.

A estética do *post* reforça esse funcionamento: a posição de destaque da sacada sugere exclusividade e superioridade, enquanto a presença do mar e da vegetação tropical contribui para um imaginário de tranquilidade e liberdade – aspectos frequentemente associados ao sucesso dentro da lógica neoliberal. A postura descontraída do casal e a ênfase no sorriso expressam leveza e satisfação, afastando qualquer sinal de esforço ou dificuldade. Essa estratégia visual coloca em circulação um regime de verdade em que a conquista da felicidade é um reflexo de quem “trabalhou duro” e agora colhe os frutos de seu empenho.

O texto que acompanha a imagem, embora breve, tem um papel importante: a formulação “Um casal feliz e sorridente passando pelo seu feed!” é carregada de sutileza. Primeiramente, insere-se na lógica da positividade e da motivação, características da racionalidade neoliberal que incentivam a busca incessante pela felicidade e pelo autodesenvolvimento. A ideia de que a felicidade pode ser capturada e exibida em um momento de lazer reforça a noção de que o bem-estar é uma meta individual, ignorando desigualdades estruturais e reduzindo a realização pessoal a uma questão de esforço próprio. Além disso, a frase enfatiza um tom de simplicidade e acessibilidade, como se o estilo de vida exibido fosse uma realidade ao alcance de qualquer pessoa, desde que esta siga os “princípios corretos” – muitas vezes, ligados à fé e ao trabalho árduo.

Outro ponto relevante é a ausência de menções explícitas à fé ou à espiritualidade. Enquanto o “*Sujeito Espiritual*”, que mobiliza uma retórica de autoridade religiosa e disciplina

os seguidores por meio de textos bíblicos, essa postagem se distancia desse tom e se aproxima da estética das operacionalizações do discurso no âmbito digital. Em vez de uma convocação espiritual ou política, o *post* se estrutura como um modelo de vida desejável, projetando a imagem de um casal próspero que, por meio de uma caminhada de fé e empenho, conquistou uma vida de conforto e plenitude. Aqui, a espiritualidade não é evocada diretamente, nem mesmo uma menção a conteúdo de cunho político, mas conecta o bem-estar e o sucesso financeiro à bênção divina, algo recorrente na Teologia da Prosperidade já abordada anteriormente nesta tese e pregada por R.R. Soares.

Essa construção discursiva se alinha com o Sujeito Neoliberal à medida que valoriza o sucesso individual, materializado pelo cenário luxuoso e pelo bem-estar do casal. Ele também reflete o ideal da “empresa de si”, ao apresentar a felicidade como resultado de escolhas e esforços pessoais, vinculado ao histórico dele. Reforça ainda a lógica do consumo e do mercado, ao exibir um estilo de vida desejável, típico das campanhas publicitárias voltadas para o consumo aspiracional e demonstra o descompromisso com o social, uma vez que a felicidade aqui apresentada é um projeto individual, sem menção a coletividade ou responsabilidade social.

Dessa forma, a postagem de R.R. Soares não apenas reafirma os valores do neoliberalismo, como também os integra à dinâmica da fé neopentecostal, promovendo o enunciado de que prosperidade material e bem-estar pessoal são sinais visíveis da graça divina. Da mesma maneira que se apresentou com Hernandes em que a produtividade e constante exposição são dois elementos importantes na racionalidade neoliberal, o enunciado de Soares fortalece a conexão entre fé, sucesso e consumo, transformando o pastor em uma figura que não apenas orienta espiritualmente seus seguidores, mas também os inspira a perseguirem um modelo de vida baseado na competição, no mérito e no sucesso financeiro.

A publicação abaixo do bispo Robson Rodovalho está alinhada também aos aspectos fundamentais já observados. Se na postagem anterior, R.R. Soares exemplificava a estética do sucesso por meio da exibição de uma vida próspera e confortável durante uma viagem para Miami – sinalizando a conexão entre fé e sucesso material – Rodovalho enuncia o sucesso na vida dentro da lógica meritocrática e do ideal neoliberal da “empresa de si”.

IMAGEM 25: Print de postagem pelo líder Robson Rodovalho em 29 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/bprodovalho

(1) Foto: Imagem fotográfica de Robson Rodovalho, à direita, que usa uma camisa amarela e está sorridente, com o braço direito abraçando a filha, Priscila Rodovalho, que usa roupa de cor vinho, com unhas da mão direita pintadas de vermelho, uma pulseira dourada e relógio e brincos de prata. Ao fundo, no segundo plano, um quadro com uma pintura abstrata, uma mesa de madeira e objetos que indicam ser produtos decorativos.

(2) Texto: Dia 29 de outubro nunca mais foi o mesmo para mim e para a @luciarodovalho! Nossa primeira filha, @priscilarodovalhocunha, chegou nesse dia quando ainda morávamos na Chácara Buriti. Na época, a vida era dura e não tínhamos nem o enxoval para a bebê que alegraria nossa vida para sempre! Eu dava aulas e cursava a faculdade de Física e o dinheiro ia todo para o sustento do dia a dia. Mas a Priscila veio na hora certa de Deus, para ser o que sempre foi para nós: força, sustento, proteção e felicidade. Ela veio em uma fase não tão fácil para viver uma vida extraordinária. Cresceu e se tornou uma mulher poderosa da qual eu tenho tanto orgulho! Parabéns, minha filha, o mundo é e será sempre seu.

Neste enunciado, observa-se o funcionamento da lógica meritocrática assentada na ideia de que cada sujeito é responsável por moldar seu próprio destino, independentemente das condições estruturais, que ressoa fortemente com os discursos motivacionais frequentemente associados à teologia da prosperidade e ao empreendedorismo pessoal, colocando a biografia como um testemunho de sucesso.

Rodvalho aparece ao lado de sua filha, Priscila, em um ambiente sofisticado e decorado, sinalizando não apenas estabilidade, mas um ideal de vida bem-sucedida. A estética é importante aqui, pois, no Neoliberalismo, a imagem e a apresentação pessoal funcionam como elementos de valorização no mercado da vida. Vestimentas, acessórios e decoração comunicam um estilo de vida desejável, que se torna, por sua vez, uma mercadoria a ser admirada e imitada.

O enquadramento da foto, com elementos decorativos no segundo plano, contribui para essa estética de sucesso, evocando um imaginário de estabilidade, conquista e harmonia familiar.

No plano linguístico do enunciado, há uma estratégia discursiva recorrente nos enunciados de valorização do sucesso na vida: a contraposição entre um passado de dificuldades e um presente de vitórias. Rodovalho menciona que, no nascimento da filha, a família vivia um período de escassez – “a vida era dura e não tínhamos nem o enxoval” –, enfatizando que a trajetória foi marcada por desafios. No entanto, essa fase de dificuldades não é atribuída a fatores estruturais, mas sim a um momento passageiro, algo que, possivelmente, poderia ser superado pelo esforço e pela fé. Essa formulação está inserida na visão neoliberal de que o sucesso é uma construção individual, desconsiderando contextos socioeconômicos que possam impactar essa jornada. A ausência de críticas às desigualdades estruturais e à falta de suporte estatal é um traço típico da racionalidade neoliberal, que desloca a responsabilidade pelo êxito ou fracasso para o próprio sujeito.

Outro ponto que merece atenção é o papel atribuído à filha. Segundo o bispo, Priscila não apenas supera as dificuldades iniciais, mas se torna a encarnação da vitória – “veio na hora certa de Deus, para ser o que sempre foi para nós: força, sustento, proteção e felicidade”. Aqui, a trajetória de vida dela é representada como um exemplo de ascensão e transformação, alinhando-se ao ideal da empresa de si. A frase final, “o mundo é e será sempre seu” sintetiza essa visão: o mundo é algo do qual se pode apoderar e que pertence àqueles que se esforçam, acreditam e se preparam para conquistá-lo. Esse tipo de discurso reforça a ideia de que o sucesso está ao alcance de qualquer um que se disponha a lutar por ele.

Além disso, a valorização da superação individual se entrelaça com o papel da família como espaço de construção do capital humano. O Neoliberalismo, segundo Dardot e Laval (2016), enfatiza que a educação e a formação não são responsabilidades do Estado, mas sim da própria família, que deve investir nos filhos para que estes se tornem competitivos no mercado. Ao destacar que Priscila se tornou uma “mulher poderosa”, Rodovalho reforça a ideia de que a família soube educá-la corretamente, preparando-a para o sucesso. É compreendido que “poderoso” é quem triunfa financeiramente e profissionalmente, o que valoriza a eficiência e a produtividade; sugere-se que os sujeitos devem estar em constante aprimoramento, buscando a melhor versão de si mesmos para prosperar.

Se compararmos essa postagem com a de R.R. Soares e Sônia Hernandez, percebemos nuances complementares na construção do Sujeito Neoliberal. No enunciado de Soares, enfatizava-se a estética do sucesso, apresentando-se em Miami ao lado da esposa, sorridente e desfrutando do fruto de seu trabalho. No de Hernandez, revelava o cuidado de si ante uma

adversidade. Já o de Rodovalho utiliza o próprio passado para demonstrar que dificuldades podem ser vencidas com determinação e fé. Todos, assim, convergem ao reforçar a meritocracia e a ideia de que a prosperidade é um resultado direto das escolhas individuais.

A singularidade deste enunciado, porém, não reside apenas na repetição do discurso meritocrático, mas quando ele é mobilizado. Postagens como essas podem aparecer em momentos não eleitorais, pois fazem parte de uma gramática mais ampla de enunciação religiosa que valoriza o indivíduo que "vence" pela força de sua fé. No entanto, no contexto eleitoral, essas narrativas ganham uma dimensão suplementar: funcionam como uma convocação velada para que os fiéis projetem a mesma lógica de vitória pessoal e de responsabilidade individual no ato de votar.

A estética do sucesso e da superação, reiterada nesses enunciados, cria um terreno simbólico onde a escolha eleitoral também passa a ser apresentada como uma escolha moral – e, portanto, individual – que definirá não apenas a vida pessoal, mas a "prosperidade da nação". Ao reafirmar que a vitória depende da força de vontade e da fé, esses líderes deslocam a responsabilidade social e política para o âmbito privado dos indivíduos, despolitizando o debate coletivo e naturalizando a escolha eleitoral como uma prova de caráter.

Essa estratégia discursiva, ao mesmo tempo que reforça a meritocracia, dissolve as fronteiras entre a esfera pessoal e a pública. A subjetividade do fiel – moldada como alguém que "vence" por esforço e fé – é mobilizada para legitimar preferências políticas específicas, criando uma ressonância direta com a governamentalidade contemporânea, em que a fé é acionada como um instrumento de gestão dos corpos e das condutas, especialmente em momentos de pleito eleitoral.

Assim, a singularidade desses enunciados reside na forma como atualizam, no período eleitoral, a narrativa do sucesso individual para convocar os fiéis a fazerem escolhas políticas que sejam coerentes com esse ideal de prosperidade pessoal – transformando o voto em um ato de fé, que não apenas reflete as crenças religiosas, mas também as projeta na gestão do espaço público e nas disputas políticas do presente.

Essa lógica se conecta também com outros líderes neopentecostais analisados anteriormente, como Silas Malafaia e Edir Macedo, que frequentemente associam a fé à prosperidade e ao sucesso pessoal. A diferença está na maneira como o enunciado constrói esse referencial que lhe é interno: enquanto os *posts* de Malafaia e Macedo focam na relação entre fé e riqueza como uma bênção divina, o de Rodovalho introduz os elementos adicionais: a luta e superação, em um funcionamento discursivo que se aproxima mais dos modelos de autoajuda e empreendedorismo motivacional, já que a racionalidade neoliberal molda a maneira como as

peças pensam e agem, em que os princípios econômicos e de mercado podem ser usados em todas as áreas da vida. Tudo é visto através da lente do investimento e do retorno financeiro.

Em suma, a postagem de Robson Rodovalho reforça o Sujeito Neoliberal ao destacar a meritocracia, a autossuperação e a ideia de que o mundo pertence àqueles que sabem aproveitá-lo. Este enunciado se encaixa na lógica neoliberal ao deslocar a responsabilidade pelo sucesso para o sujeito, ignorando as desigualdades estruturais e promovendo um ideal de vida em que fé e esforço pessoal são os únicos determinantes do destino de cada um. Antes, professor de física que vivia em um ambiente com poucos recursos. Atualmente, líder de uma das maiores denominações neopentecostais brasileiras, escritor, gestor de empresas e palestrante. Essa abordagem não apenas legitima a racionalidade neoliberal dentro do neopentecostalismo, mas também fortalece a relação entre o discurso religioso e a lógica de mercado, consolidando a ideia de que o crescimento espiritual e o sucesso material são processos interligados e complementares.

Dentro desse funcionamento da empresa de si, da meritocracia e do sucesso, no enunciado do apóstolo Valdemiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus, no excerto abaixo, observamos a lógica da redução do papel do Estado na proteção social pode ser aplicada com uma transferência da responsabilidade do bem-estar dos fiéis para o mercado religioso da qual ele faz parte.

IMAGEM 26: Print de postagem pelo líder Valdemiro Santiago em 31 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/apvaldemirooficial

(1) Foto: Imagem fotográfica de Valdemiro Santiago sorridente, usando camisa branca com traços abstratos com as cores verde e azul, abraçado com uma criança que usa camisa amarela e mochila predominantemente rosa com traços em preto e branco. Ao lado direito a mãe da criança também sorridente olhando para ela abraçada ao líder religioso. Ao lado de Santiago, à esquerda, um colaborador da igreja usando terno e gravata pretos e camisa branca segurando um acessório de cor rosa. No plano de fundo uma grade separando Santiago e outras pessoas presentes na igreja.

(2) Texto: Amo as pessoas (emoji com duas mãos juntas). Um abraço, um cuidado, uma atenção. O que importa é, cuidar do povo e orar por eles... [sic]

A postagem de Valdemiro Santiago tem uma ênfase estratégica no cuidado e na afetividade, mobilizados como capital simbólico religioso. Embora o arranjo discursivo pareça desprovido de qualquer referência direta ao mercado ou à lógica econômica, sua formulação reforça elementos centrais da racionalidade neoliberal, como a despolitização da assistência social e a substituição do cuidado estatal por práticas comunitárias e religiosas.

A frase central da postagem - “O que importa é cuidar do povo e orar por eles” - não apenas desloca a responsabilidade do cuidado coletivo do Estado, como a transfere discursivamente à Igreja, que passa a operar como instância legitimada para conduzir as condutas dos fiéis no campo do cuidado, da proteção e da provisão. A figura do líder religioso não atua isoladamente, mas como representante de uma instituição que se apresenta como capaz de ocupar o lugar do Estado na promoção do bem-estar. Tal deslocamento adquire ênfase particular em contextos de fragilidade política, como o período pós-eleitoral, quando o sentimento de incerteza institucional é mais acentuado. É justamente essa ênfase que configura o funcionamento neoliberal do discurso: a naturalização da substituição do Estado por agentes privados - neste caso, religiosos - como responsáveis pela assistência social.

Assim, o discurso do cuidado espiritual e material passa a operar como uma tecnologia de governo, que transforma a fé em ferramenta de gestão da vida, despolitizando as causas estruturais da desigualdade e reforçando a responsabilização individual. Trata-se, portanto, de um funcionamento discursivo que, ao legitimar a transferência das funções do Estado à Igreja, mobiliza os fiéis a assumirem práticas de cuidado e solidariedade como dever moral e espiritual, mas em moldes tipicamente neoliberais.

Esse deslocamento do cuidado para a Igreja deve ser lido à luz das reflexões de Dardot e Laval (2016), para quem o neoliberalismo transfere a responsabilidade social do Estado para o mercado e para a sociedade civil, criando sujeitos que internalizam a lógica da autogestão e da responsabilização pessoal. No entanto, o que se observa no discurso neopentecostal é que a Igreja se posiciona como mediadora desse novo regime de cuidado, articulando-se não apenas

como espaço espiritual, mas como estrutura de apoio, consolo e intervenção prática, sobretudo diante da ausência de políticas públicas universais.

Assim, mais do que apenas um gesto individual de benevolência pastoral, a publicação feita no dia seguinte ao resultado do pleito presidencial de 2022 posiciona a Igreja - e, por extensão, sua liderança - como o novo agente do cuidado, assumindo para si a tarefa de proteger o “povo de Deus” contra os “decretos do mal”. Nesse funcionamento discursivo, o cuidado deixa de ser um direito garantido por estruturas estatais para se tornar uma prática moral e religiosa, oferecida sob os moldes de uma racionalidade pastoral que governa e dirige condutas em nome da fé.

Diferente do modelo social-democrata, em que o Estado, segundo Cardoso (2023), assume o papel de garantir direitos básicos (como saúde, educação e bem-estar social), entendemos ante as reflexões feitas em Dardot e Laval (2016) que o Neoliberalismo transfere essa responsabilidade para o mercado e para a sociedade civil. Assim, líderes neopentecostais como Valdemiro Santiago se tornam figuras centrais na mediação desse cuidado, promovendo uma assistência que, em vez de ser um direito universal, é apresentada como um gesto pessoal de generosidade e benevolência da Igreja.

Na foto, Valdemiro Santiago aparece abraçando uma criança, imagem que evoca a construção de uma figura próxima, acessível e afetuosa. Esse elemento visual, embora carregado de sentido emocional, não atua de forma neutra: ele se inscreve em um funcionamento discursivo no qual afetos e gestos de empatia tornam-se operadores de legitimação simbólica. Sob a racionalidade neoliberal, como apontam Dardot e Laval (2016), o capital humano não se restringe a competências técnicas, mas também envolve atributos subjetivos como carisma, sensibilidade e prestígio moral. Nesse sentido, imagens como essa contribuem para a constituição de um sujeito religioso legitimado não apenas por seu saber ou cargo institucional, mas por sua capacidade de mobilizar afetos e produzir adesão. Tal dinâmica, ainda que não reduza a cena a uma estratégia, revela como determinados modos de visibilidade e interação afetiva podem ser convertidos em formas de capital - simbólico e, potencialmente, econômico -, reforçando a autoridade do líder e sua capacidade de governar condutas. Assim, a imagem do “pastor do povo” não apenas comunica proximidade, mas também faz operar uma lógica de autoridade ancorada na sensibilidade e na confiança, funcionando como tecnologia de poder no campo da fé.

Outro aspecto importante dessa postagem é a despolitização do cuidado e da assistência social. A formulação “o que importa é cuidar do povo e orar por eles” se alinha com a lógica neoliberal de que as dificuldades individuais não devem ser resolvidas pelo Estado, mas sim

por meio de ações privadas, filantrópicas ou religiosas. Esse discurso é complementar ao de Bolsonaro, que, ao longo de seu governo, segundo Bronzo e Araújo (2023), atacou políticas públicas voltadas ao bem-estar social, substituindo-as por programas pontuais, como o Auxílio Brasil, enquanto promovia cortes na saúde e na educação. Dentro dessa perspectiva, igrejas e entidades religiosas passam a ocupar um espaço antes destinado ao Estado, fornecendo assistência e apoio espiritual aos mais necessitados. Essa substituição tem dois efeitos principais: neutraliza o debate sobre desigualdade social e precarização do trabalho, uma vez que a solução não é apresentada como uma mudança estrutural, mas como um esforço individual e comunitário; e reforça a dependência das igrejas como mediadoras do bem-estar, consolidando ainda mais o exercício de poder dos líderes religiosos sobre seus fiéis.

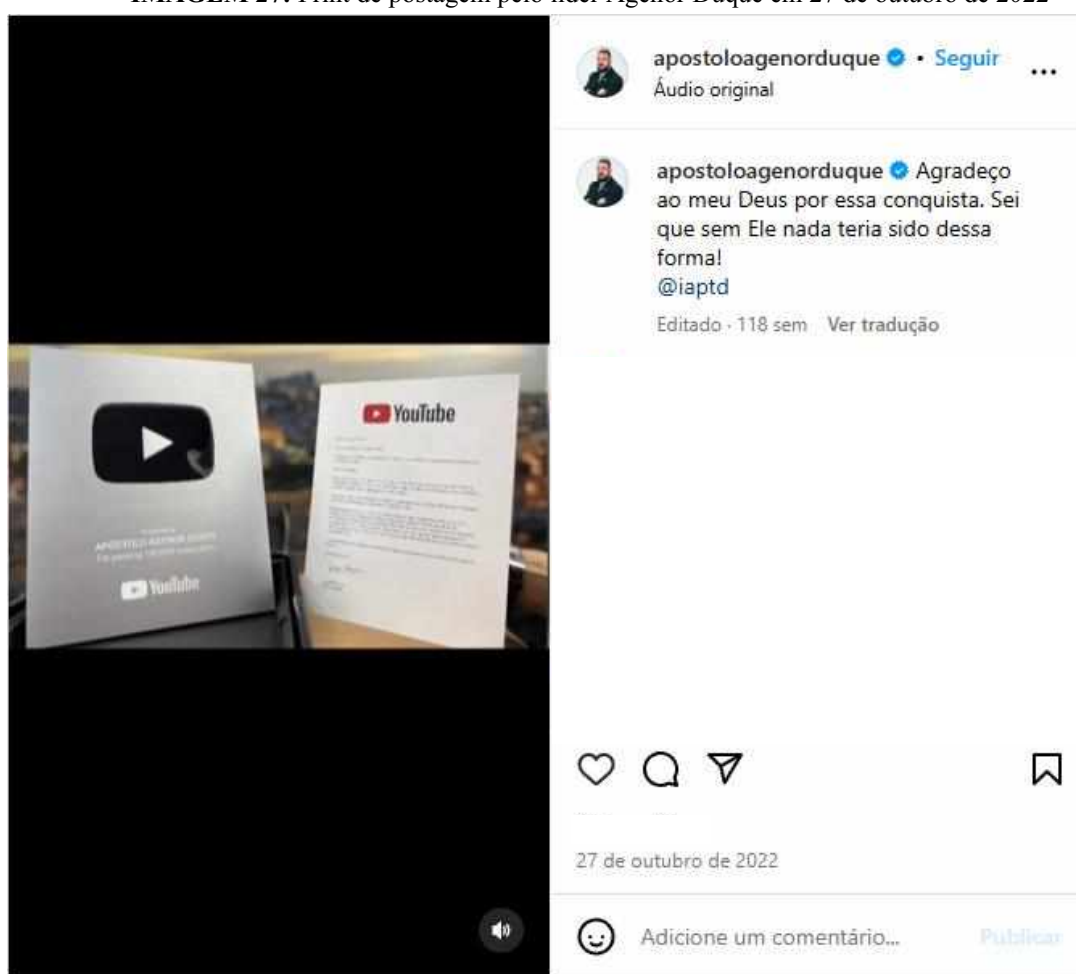
Enquanto o enunciado de Rodovalho destaca o sucesso como um troféu pessoal, o de Valdemiro aposta na empatia e na assistência humanizada como uma forma de legitimar sua autoridade. Um caminho que observamos é Santiago alinhado diretamente ao projeto bolsonarista, que reforça três pilares fundamentais do Neoliberalismo que foram amplamente explorados no governo Bolsonaro. Assim como o então candidato defendeu cortes em áreas essenciais e a privatização de serviços públicos, a postagem de Valdemiro sugere que o cuidado com os mais vulneráveis deve ser exercido por sujeitos e instituições religiosas. A despolitização da desigualdade, em que a ausência de referências a políticas públicas na postagem naturaliza a ideia de que dificuldades sociais devem ser resolvidas com ações individuais, ignorando a precarização do trabalho e a falta de investimentos em áreas essenciais; e a dependência da assistência religiosa, já que sob um governo que reduziu o papel do Estado na proteção social, igrejas como a liderada por Valdemiro ganharam ainda mais espaço como mediadoras do bem-estar dos fiéis.

Esse modal de enunciado que aponta a liderança neopentecostal como Sujeito Neoliberal já foi visto na postagem de R.R. Soares, que exibia sua prosperidade como um sinal de recompensa divina e esforço pessoal. Em vez da presença e exibição do sucesso material, coloca-se em visibilidade a proximidade e carinho, capitalizando a emoção em vez da riqueza. Essa diferença mostra como o Sujeito Neoliberal pode assumir múltiplas formas. Em R.R. Soares, o foco está no sucesso financeiro e na prosperidade. Em Sônia Hernandez, o cuidado, a empresa de si se sustentando em meio a adversidades. Em Robson Rodovalho, a ênfase está no esforço individual e na meritocracia. Já em Valdemiro Santiago, a lógica neoliberal envolve a capitalização da afetividade e da assistência privatizada dele e da Igreja Mundial do Poder de Deus.

Se, em outros momentos, líderes neopentecostais exaltaram o sucesso material como prova de mérito, o enunciado é uma função vazia que é assumido por Valdemiro que adota a afetividade e a proximidade como formas de capitalização simbólica. Dessa forma, fortalece o poder sobre os fiéis e consolida o líder religioso como marca e juntamente com a igreja se apresentam como agentes de mediação social em um contexto de precarização e enfraquecimento do Estado.

Associando-se às reflexões já feitas sobre o Sujeito Neoliberal, observemos abaixo o enunciado do apóstolo Agenor Duque.

IMAGEM 27: Print de postagem pelo líder Agenor Duque em 27 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/apostoloagenorduque

(1) Foto: Imagem do frame de um vídeo que revela dois objetos: à esquerda uma placa prateada originária com os inscritos “Presented to Apóstolo Agenor Duque for passing 100,000 subscribers”. Abaixo do texto contém o logo do YouTube. À direita, uma correspondência que acompanhou o objeto percorrendo uma carta de agradecimento enviada pela CEO do Youtube pela conquista.

(2) Texto: Agradeço ao meu Deus por essa conquista. Sem que sem Ele nada teria sido dessa forma! @iapttd

A publicação do dia 27 de outubro de 2022 materializa como a competitividade está presente inclusive no âmbito religioso. Laval (2019) ressalta que o neoliberal valoriza o culto à eficiência e ao bom desempenho, que enxerga tudo pela ótica da técnica e gera a competitividade, segundo o qual o líder, presente em uma rede social digital, deve adaptar-se aos desejos dos seus interlocutores e estar a “serviço do consumidor”.

A publicação de Agenor Duque, ao exibir uma placa do YouTube comemorando a marca de 100 mil inscritos, insere-se na lógica do Sujeito Neoliberal ao reforçar a valorização do desempenho individual, a mercantilização da visibilidade e a racionalidade empresarial aplicada ao campo religioso. O enunciado destaca a validação pelo mercado digital e o sucesso medido por métricas numéricas, reforçando características centrais do neoliberalismo.

O ponto central do post é a conquista da placa do YouTube, um objeto que funciona como símbolo de reconhecimento por desempenho dentro do mercado digital. O YouTube, como plataforma, opera sob uma lógica meritocrática em que o sucesso depende da capacidade do sujeito de atrair público, gerar engajamento e se destacar em meio à concorrência global, inclusive no mercado religioso.

Essa premiação reforça que o valor de um líder neopentecostal está atrelado à sua performance e ao seu alcance midiático, e não necessariamente ou somente ao conteúdo de sua produção discursiva. Trata-se de um deslocamento da autoridade religiosa tradicional, que era baseada em reconhecimento comunitário e doutrinário, para uma autoridade digital, pautada em números e validação algorítmica.

Enquanto no enunciado de Valdemiro havia o abraço e a assistência personalizada como formas de capitalizar carisma, o enunciado de Agenor Duque capitaliza a visibilidade e a presença digital, reforçando o culto à performance e à competitividade – elementos centrais do neoliberalismo.

Além disso, a publicação reforça a noção de que o espaço digital é um campo de competição irrestrita, onde pastores e líderes religiosos disputam atenção e engajamento da mesma forma que influenciadores, marcas e empresas. Observa-se a mercantilização da fé, um processo típico do neoliberalismo, no qual práticas religiosas são transformadas em produtos consumíveis e distribuídos por plataformas digitais. No ambiente do YouTube, os conteúdos religiosos não são apenas sermões, mas verdadeiras mercadorias sujeitas à lógica de monetização, patrocínios e publicidade.

As lideranças neopentecostais não estão isoladas das dinâmicas do capitalismo digital, mas sim inseridas em sua lógica em que o engajamento e a conversão de seguidores em consumidores se tornam essenciais para a manutenção da autoridade religiosa. Dessa forma,

este enunciado se soma aos anteriores quanto um aspecto essencial do Sujeito Neoliberal: a necessidade de transformar todas as esferas da vida, incluindo a religião, em espaços de competição e mercantilização.

Outro ponto relevante na postagem é a associação entre a conquista digital e a vontade divina. No enunciado "Agradeço ao meu Deus por essa conquista. Sem Ele nada teria sido dessa forma!", espiritualiza-se um fenômeno que, na verdade, está diretamente relacionado a dinâmicas de mercado e estratégias algorítmicas. É possível que essa seja uma estratégia discursiva comum entre a liderança neopentecostal, pois reforça a ideia de que o sucesso é fruto da bênção divina e do esforço individual, minimizando o papel de fatores estruturais, como o próprio funcionamento das plataformas digitais e os investimentos financeiros na produção de conteúdo.

Funcionamento semelhante ao que observamos no enunciado de Robson Rodovalho, que exaltou o sucesso de sua filha como resultado da providência divina e do esforço pessoal, sem tocar nos privilégios ou na estrutura social. Da mesma forma, no enunciado de Agenor Duque, atribui-se o crescimento digital apenas por intervenção divina, mas, na conversão do olhar, entende-se como o líder foi eficiente dentro da lógica do mercado digital, adaptando-se às regras do YouTube – um governo das condutas no meio digital – e garantindo um engajamento suficiente para alcançar a premiação.

Frente ao que observamos até aqui, a postagem de Agenor Duque complementa as análises anteriores ao destacar a transformação da fé em um produto digital, em que a autoridade religiosa é validada pelo mercado e pelo engajamento algorítmico. Se nas postagens anteriores vimos a despolitização da assistência social (Valdemiro Santiago), a exaltação da meritocracia e do sucesso individual (Rodovalho) e o cuidado de si (Sônia Hernandez), agora vemos um novo elemento: a legitimação da autoridade religiosa por métricas digitais e reconhecimento das *Big Techs*.

Esse processo de espiritualização do sucesso e legitimação da performance digital não é neutro politicamente. Como destaca Siqueira (2020) em seu estudo sobre o bolsonarismo e as redes sociais, a retórica da prosperidade e da autoridade validada por métricas encontra forte eco no discurso bolsonarista, que também se fundamenta na lógica neoliberal de responsabilização individual e de mobilização de afetos por meio das plataformas digitais. A autora argumenta que "o bolsonarismo absorveu o *ethos* neoliberal, segundo o qual o sucesso pessoal e a performance são provas de mérito e sinais de bênção, convertendo esses valores em legitimação de um projeto político que se ancora no individualismo e no mercado" (Siqueira, 2020, p. 203).

Assim, a performance digital de Agenor Duque se articula com o bolsonarismo ao legitimar o engajamento e a visibilidade como sinais de valor moral e político. Nessa gramática, a prosperidade digital não é apenas um dado pessoal ou de fé, mas converte-se em um critério de validação de lideranças que se associam ao projeto político bolsonarista, ancorado na competitividade, na meritocracia e no mercado como medida última do valor.

Dessa forma, a análise mostra como a lógica neoliberal não se restringe à economia tradicional, mas se expande para o campo da fé, da autoridade e do reconhecimento social, consolidando a performance digital como um novo critério de poder dentro do neopentecostalismo e do bolsonarismo, entrelaçando fé, mercado e política em uma governamentalidade que atua diretamente na gestão das condutas.

E como no mercado digital, em especial dentro do Instagram, o líder religioso é uma marca e, da mesma maneira que as empresas em geral, na lógica neoliberal assume a responsabilidade individual com a apresentação de “seu produto” com a tomada de uma decisão racional. Foi assim com a publicação feita por Silas Malafaia logo após o anúncio da derrota de Jair Bolsonaro no pleito eleitoral de 2022.

IMAGEM 28: Print de postagem pelo líder Silas Malafaia em 30 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/silasmalafaia

(1) Foto: Imagem produzida por software com um fundo preto. Foto pequena de perfil do pastor Silas Malafaia. Legenda com o nome “Silas Malafaia”. Abaixo dela outra legenda escrita “@silasmalafaia”. Ao lado, em tamanho pequeno, um símbolo de verificação de identidade da conta. Em destaque o seguinte texto escrito na cor branca: A VONTADE DO POVO SE ESTABELECEU! Não fui omissso, nem covarde. Tenho minha consciência limpa do meu dever cumprido. A minha oração, como diz a Bíblia, é interceder pelas autoridades constituídas. D E

US LIVRE O BRASIL DO CAOS SOCIAL, POLÍTICO E ECONÔMICO.

(2) nenhum texto publicado.

A publicação de Silas Malafaia diz respeito ao que Dardot e Laval (2016) tratam acerca da responsabilidade individual enquanto instrumento de disciplina em que os sujeitos são levados a autodisciplinar e a se conformar com as normas do mercado. É uma autonomia como autogoverno que, no contexto neoliberal, é a capacidade de cada sujeito de se autogovernar e tomar decisões racionais, especialmente no que tange à responsabilidade do “produto comercializado” dentro de uma *Big Tech*, ou seja, seus enunciados publicados no Instagram. A estrutura da postagem se diferencia das anteriores por seu tom assertivo e pela ausência de uma legenda explicativa, conferindo ao conteúdo um caráter de declaração pública de autoridade, o que sinaliza a apresentação de aspectos essenciais do Sujeito Neoliberal.

O primeiro elemento a ser analisado é o uso da própria imagem e do nome com selo de verificação. No cenário contemporâneo, a autoridade não é conferida apenas pelo reconhecimento tradicional da comunidade, mas pela validação de plataformas digitais, que atestam a autenticidade da identidade do usuário. O selo de verificação, nesse contexto, simboliza a credibilidade de Malafaia enquanto figura pública, reforçando sua inserção na lógica de mercado das *Big Techs*. Se na postagem de Agenor Duque vimos a validação pelo YouTube, aqui observamos uma legitimação direta pelo Instagram. Ou seja, este enunciado materializa, assim como no anterior, uma adaptação do campo religioso à lógica do capital simbólico digital, em que a presença e a configuração de relações nas redes são critérios essenciais para a manutenção do poder.

A formulação "Não fui omissos, nem covarde. Tenho minha consciência limpa do meu dever cumprido" remete diretamente à ética neoliberal da responsabilidade individual e da performance constante. Malafaia se apresenta como alguém que vendeu “um produto” – enunciados em prol de Jair Bolsonaro –, agiu corretamente, cumpriu seu papel e, portanto, merece reconhecimento. A publicação reforça um dos princípios centrais do neoliberalismo que se fez presente em todas as postagens acima apresentadas: a construção do sujeito como uma empresa de si mesmo, responsável por suas conquistas e fracassos. A afirmação "A VONTADE SOBERANA DO POVO SE ESTABELECEU", escrito em letras maiúsculas – algo comum em algumas postagens que verificamos anteriormente – reforça essa lógica ao sugerir que a decisão política é resultado de um processo competitivo, no qual as escolhas individuais se somam para determinar uma conquista específica, o vencedor legítimo do pleito eleitoral de

2022 – Lula – e não Bolsonaro, implicando o uso, na imagem, de um fundo de cor preta, um luto pela derrota do candidato apoiado pelo pastor.

Esse enunciado se alinha ao de outros pastores analisados, como Robson Rodovalho, que enfatiza a meritocracia e o esforço individual como justificativa para o sucesso. Assim como Rodovalho exaltou as conquistas materiais como fruto do trabalho e da bênção divina, Malafaia exalta sua atuação política como um dever cumprido, excluindo qualquer menção a fatores estruturais que possam ter influenciado o resultado das eleições.

A última formulação, *DEUS LIVRE O BRASIL DO CAOS SOCIAL, POLÍTICO E ECONÔMICO*., também é escrito em letras maiúsculas, com um detalhe: um maior espaçamento entre os caracteres do texto. Ao dar ênfase, funciona algo como de uma forte emoção, seja ela de raiva ou de emergência. O excerto insere-se dentro de uma tradição discursiva na qual a religião se apresenta como mecanismo de ordenamento e controle social. Esse aspecto foi recorrente nas análises anteriores, especialmente na relação entre neopentecostalismo e bolsonarismo, de modo que a fé é mobilizada para legitimar determinadas ordens políticas e econômicas. Percebemos que ela opera uma naturalização das desigualdades e crises sociais. Em vez de atribuir o caos político e econômico a políticas públicas falhas ou a modelos econômicos concentradores de renda, a solução apresentada é a intercessão divina, reforçando um discurso que transfere a responsabilidade do Estado para a fé e para o sujeito.

Ao longo das análises, percebemos que, embora as postagens apresentem variações de estrutura, estilo e de abordagem, há regularidades discursivas que conectam todas elas à lógica do Sujeito Neoliberal. Essas regularidades podem ser sintetizadas nos seguintes pontos: (1) a validação pelo mercado e pelo digital, em que todas as postagens analisadas revelam uma dependência das *Big Techs* e do reconhecimento digital como critérios de legitimidade; notam-se pastores como Agenor Duque que exalta sua conquista no Instagram, e Malafaia que utiliza o selo de verificação como símbolo de autoridade; (2) a valorização da meritocracia e da performance individual, em que a ideia de que o sucesso é fruto do esforço pessoal e da aliança com Deus aparece em todas as postagens. Os enunciados de Rodovalho e Duque enfatizam o esforço individual, enquanto o de Malafaia apresenta sua atuação política como um dever cumprido; (3) a Mercantilização da Fé e da Assistência Social, já que a lógica de mercado está presente na transformação da fé em um produto digital, na monetização de conteúdos religiosos e na despolitização da assistência social. O *post* de Valdemiro Santiago foca no cuidado e na oração, o de Sônia Hernandez na construção de uma imagem pública, enfatizando a importância da visibilidade midiática e da produtividade incessante; (4) A construção do inimigo e a manutenção da ordem neoliberal e política: em todas as postagens, há a sugestão de que existe

uma ameaça - seja espiritual ou política - que precisa ser combatida pela fé e pela ação do sujeito. Essa construção do inimigo, que pode ser o diabo, as forças do mal ou até mesmo adversários políticos, fortalece a retórica neoliberal ao reforçar a ideia de competição constante. Mas, além de reproduzir o ethos da competição e da vitória, esses enunciados reverberam um elemento marcante do bolsonarismo: a divisão radical entre “nós” e “eles”. Essa lógica binária - em que se coloca a fé e a nação como elementos a serem salvos - é mobilizada para legitimar posturas políticas e associar a prática religiosa a um projeto de governo e de gestão das condutas. Dessa forma, a figura do “inimigo” não é apenas um recurso simbólico ou retórico, mas um elemento ativo na consolidação de um discurso político-religioso que combina fé, neoliberalismo e bolsonarismo, reforçando o imperativo da ordem, da disciplina e da vitória dos “bons” sobre os “maus” - uma articulação típica da racionalidade política contemporânea que encontra respaldo em Foucault (2008) e Laval (2019), ao discutirem como a governamentalidade neoliberal constrói sujeitos competitivos e permanentemente engajados em lógicas de superação e guerra simbólica.

Dessa forma, as postagens analisadas mostram que a racionalidade neoliberal não se limita ao campo econômico, mas permeia todas as esferas da vida, incluindo a fé, a política e a subjetividade dos sujeitos. O neopentecostalismo, inserido nessa lógica, torna-se um instrumento poderoso para a legitimação da ordem neoliberal, estruturando um discurso em que a espiritualidade, o sucesso pessoal e a competição são indissociáveis.

Diante dessas regularidades, a análise permite asseverar que o neopentecostalismo não apenas se adapta ao neoliberalismo, mas também o potencializa, ao reforçar a ideia de que o sucesso, seja espiritual, financeiro ou social, depende exclusivamente do sujeito. A fé é transformada em um ativo, os líderes, por meio do Instagram, se convertem em um espaço de treinamento para a gestão de si e assumem o papel de modelos de eficiência, empreendedorismo e visibilidade. O discurso religioso se entrelaça ao discurso de mercado, consolidando um modelo de subjetividade que não apenas legitima práticas discursivas e as desigualdades estruturais, mas também as legitima como parte de um plano divino, no qual apenas os mais preparados e esforçados prosperam.

Agora, ao adentrarmos o estudo do Sujeito Político, em batimento com os trajetos anteriores, veremos a maneira como os enunciados dos líderes neopentecostais articulam a relação entre fé e o poder de modo que o governo das condutas dos fiéis ultrapassa a esfera religiosa e se insere ativamente no debate público e institucional. Diferentemente do Sujeito Espiritual, que se baseia na transcendência, e do Sujeito Neoliberal, centrado na autonomia individual e na lógica de mercado, o Sujeito Político se constrói por meio de alianças, embates,

uso de símbolos, do verde-amarelíssimo e de reivindicações de autoridade moral na condução do destino coletivo. Dessa forma, analisaremos como se mobilizam seguidores, quais estratégias discursivas se fazem presentes nos enunciados na tentativa de reforçar os efeitos de verdade e como a atuação contribui para a consolidação de um projeto de poder que atravessa tanto a fé quanto a política.

5.2.3- Sujeito Político

Inicialmente, de acordo com Campos et al (2010), os evangélicos mantinham uma postura apolítica contrária ao envolvimento com partidos e assuntos políticos. Entretanto, a partir da década de 1980 esta posição mudou. Moraes (2008) aponta que a entrada de evangélicos, especialmente os pentecostais e neopentecostais, na política foi importante para a manutenção deles no espaço público brasileiro a partir de uma relação de reciprocidade com a mídia e política, estruturando e progredindo juntos, tornando-se mutuamente dependentes, já que

[...] a política dá acesso também a recursos mais concretos que ajudam a estruturar o vasto mundo pentecostal, cuja rápida expansão está sempre produzindo novos líderes ansiosos para fortalecer suas posições. Entrar na política ou lançar nela um familiar ou protegido, pode reduzir as tensões e ajudar a organizar o mundo pentecostal. A conexão pública ajuda a estruturação interna, fortalecendo o acesso à mídia, que é outra maneira de estabelecer lideranças. A mídia e a política se reforçam mutuamente na estruturação do meio evangélico. (Freston, 1994, p.63)

A relação mídia-política-religião se fortaleceu a ponto de os líderes neopentecostais entenderem as regras desse jogo, compreendendo que a política é um espaço de exercício de poder, portanto, também de controle.

[...] desde então, observa-se no campo religioso brasileiro, uma mudança em relação à visão tradicional sobre o campo político. Religiosos, até então distantes da luta engajada politicamente, ditos alienados, começaram a mudar o seu discurso e entenderam que a política é um espaço de conquistas de muitas coisas, mas principalmente um espaço de busca e controle do poder; poder esse que determina assuntos essenciais para a existência e manutenção desses grupos religiosos. (Moraes, 2008, p.36)

Para Mariano (2022), a presença de representantes evangélicos no Legislativo e no Executivo de diversos estados e municípios, além de sua significativa participação na Câmara

dos Deputados e no Senado Federal, demonstra a força desse segmento junto a população brasileira e reforça sua posição de ator político considerável na atual conjuntura política. O autor lembra que nas eleições anteriores, ou seja, a de 2018, os neopentecostais surfaram na onda antipetista e apoiaram Bolsonaro, radicalizando o ativismo político por meio de pautas antipluralistas, patriarcalistas e familistas.

Nosso arquivo e gesto analíticos buscam observar o quanto a relação entre religião e política promove a objetivação dos sujeitos (pastores e fiéis), principalmente a partir de uma dada posição que denominamos de Sujeito Político. Observamos nas postagens analisadas como os enunciados de líderes religiosos constroem referenciais (Foucault, 2008) para cidadania, moralidade e pertencimento político. Os enunciados, nesse cenário, não se limitam ao campo espiritual, mas se entrelaçam com o político, criando um espaço híbrido no qual os fiéis são constituídos como sujeitos de fé e como agentes políticos. Essa politização se torna particularmente visível na materialidade discursiva das postagens analisadas, onde o engajamento religioso é atravessado por formulações que incitam à adesão partidária, à defesa de valores morais específicos e à ação eleitoral, configurando práticas de governo das condutas no interior do campo religioso.

Dessa forma, a partir de Foucault (2008 [1979]), pensamos o sujeito não como um núcleo fixo de identidade, mas como um efeito das práticas discursivas e dos dispositivos que configuram os regimes de verdade em cada formação histórica. Portanto, um sujeito plural, movente. Nesse sentido, o "Sujeito Político" emerge como uma dada posição do discurso que articula práticas de Governamentalidade, funcionando como um ponto de convergência entre o campo do poder e o campo das ações possíveis. Os fiéis são objetivados como "Sujeitos Políticos" que carregam a responsabilidade de atuar não apenas em defesa de valores religiosos, mas também de projetos políticos que supostamente garantem a realização desses valores na esfera pública.

O Instagram atua como dispositivo eletrônico contemporâneo que potencializa a criação de sujeitos políticos. As postagens de líderes neopentecostais que veremos a seguir frequentemente combinam elementos visuais, textuais e simbólicos, constituindo-se em um enunciado semiológico. Esses enunciados são constituídos de referências a passagens bíblicas, mensagens motivacionais e apelos diretos à mobilização em torno de candidatos alinhados aos interesses do grupo religioso.

Foucault (2008 [1977]) enfatiza que os dispositivos não apenas organizam práticas, mas também produzem modos de subjetivação. Assim, o Instagram se torna um espaço em que a subjetividade "Sujeito Político" é continuamente performada e reafirmada. A capacidade dos

enunciados dos líderes de mobilizar milhares de fiéis em torno de uma causa política é fortalecida por esses dispositivos, que ampliam o alcance e circulação.

Os líderes enquanto "Sujeitos Políticos" emergentes do discurso neopentecostal reúnem elementos de espiritualidade, moralidade e engajamento político. Esse funcionamento discursivo busca responder a dinâmicas de poder que moldam o espaço público e as escolhas individuais dos cidadãos. Analisar como esse "Sujeito Político" é fabricado no contexto das eleições de 2022 é fundamental para compreender como as práticas discursivas religiosas estão intimamente ligadas à produção de subjetividades políticas, configurando novas formas de Governamentalidade, portanto, de governo das condutas na sociedade contemporânea.

A seguir, vemos uma postagem feita no dia 26 de outubro de 2022 pelo líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, pastor Silas Malafaia:

IMAGEM 29: Print de postagem pelo líder Silas Malafaia em 28 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/silasmalafaia

(1) Foto: Imagem produzida a partir de software usando duas camadas: a de fundo com uma textura lisa de cor amarela. Na camada frontal, o texto “IMPORTA QUEM VAI GANHAR SIM! NÃO PODEMOS PACTUAR COM AQUELES QUE SÃO CONTRA NOSSOS PRINCÍPIOS E VALORES. B O L S O N A R O 2 2

(2) Legenda: IMPORTA QUEM VAI GANHAR SIM! Não podemos pactuar com aqueles que são contra nossos princípios e valores. Bolsonaro 22

Por meio de elementos visuais e textuais, a publicação de Malafaia convoca os seguidores a assumirem um papel ativo no processo político, vinculando sua identidade religiosa a um posicionamento eleitoral claro, neste caso, em apoio ao candidato Jair Bolsonaro.

Foucault (2008 [1977]) destaca que o poder se exerce não apenas pela repressão, mas de modo sutil, estratégico, em uma relação entre sujeitos livres. Este enunciado de Malafaia, objetiva os fiéis a se constituírem assim como ele enquanto "Sujeitos Políticos" alinhados a princípios e valores considerados inegociáveis. O primeiro aspecto envolve o uso das cores verde e amarelo que também se faz presente em outras materialidades de nosso *corpus*.

O verde-amarelismo é, segundo Chauí (2000), uma construção histórica e social que propõe promover um sentimento de unidade e pertencimento ao Brasil, especialmente ao patriota que deve ser conservador, antissocialista e “politicamente correto”. De acordo com Hellerman (2023), o verde e o amarelo, predominante no fundo da imagem, simboliza esperança e otimismo, em nossa materialidade, as cores se articulam com a promessa de um futuro mais bem associado à vitória de Bolsonaro. A composição visual do *post*, limpo e objetivo, facilita sua disseminação em plataformas digitais. A formulação "IMPORTA QUEM VAI GANHAR SIM!" atua como uma injunção direta que, demarcada pela letra maiúscula, produz modos de subjetivação junto aos fiéis.

A frase “NÃO PODEMOS PACTUAR COM AQUELES QUE SÃO CONTRA NOSSOS PRINCÍPIOS E VALORES” assume um tom moralizante e excludente, que demarca fronteiras entre os "corretos" e os "desviantes", entre o “bem” e o “mal”. Funcionamento, que já observamos e discutimos no trajeto “Sujeito Espiritual”, fortalecido pelo uso da primeira pessoa do plural, "nós", que cria uma comunidade imaginada de fiéis unidos por valores religiosos e princípios políticos. O sujeito é convocado a integrar essa coletividade e, ao mesmo tempo, a agir contra um inimigo comum - o adversário político, Luiz Inácio Lula da Silva e seus apoiadores.

O uso do nome do candidato em letras maiúsculas e espaçadas - "B O L S O N A R O 2 2" - confere centralidade e visibilidade, estabelecendo uma ligação direta entre o líder religioso e o então candidato. Essa ênfase visual projeta Bolsonaro como a única opção legítima para os fiéis, o que contribui para o reforço de escolhas eleitorais vinculadas a princípios religiosos.

Por meio de um efeito de combate moral no excerto “Não podemos pactuar com aqueles que são contra nossos princípios e valores”, o ato de votar é apresentado não como uma mera escolha individual, mas como um dever moral, diretamente relacionado à preservação dos valores evangélicos. Essa dimensão moralizadora na postagem estabelece um vínculo entre a religião e a política, no qual o voto para Bolsonaro é representado como a única opção

compatível com a fé cristã. Qualquer alternativa é apresentada como uma violação dos valores religiosos, reforçando a polarização política e discursiva.

Tal funcionamento discursivo reduz a complexidade do debate político a uma escolha moral binária: ser a favor de Bolsonaro e, portanto, dos valores defendidos pelos neopentecostais, ou contra o Bolsonaro e, conseqüentemente, contra esses valores. Essa estratégia discursiva exerce um forte poder no governo das condutas, principalmente em comunidades em que a posição sujeito do pastor exerce um dado poder como líder espiritual.

O pastor Malafaia assume o papel de guia no exercício do "poder pastoral", que governa a vida dos fiéis e regula suas condutas em nome da "salvação", ou seja, em nome da vitória de Bolsonaro. A postagem materializa como esse poder pode ser exercido para orientar decisões políticas, convertendo o ato de votar em um gesto de obediência aos princípios religiosos e à autoridade do líder. O "Sujeito Político" que emerge dessa dinâmica é moldado por um discurso que combina moralidade religiosa, coletividade e participação política. O sujeito político neste *corpus* analítico é, então, uma extensão do sujeito religioso, fiel ao líder.

Neste mesmo funcionamento, observemos o *post* de Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus:

IMAGEM 30: Print de postagem pelo líder Edir Macedo em 30 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/bispomacedo

(1) Foto: Imagem em frame do líder durante comunicação ao qual estava usando óculos, fones de ouvido, camisa social branca e gravata amarela texturizada

(2) Legenda: SE ALGUÉM NÃO TEM O ESPÍRITO DE CRISTO, ESSE TAL NÃO É DELE. Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é Dele. Romanos 8:9

A postagem do bispo Edir Macedo, com uma imagem de seu rosto e uma legenda ancorada em um versículo bíblico, no plano do conteúdo nos levaria para algo focado em um aspecto exclusivamente espiritual, no entanto, quando convertemos nosso olhar para a materialidade a partir de sua espessura histórica, observamos como há algo do espectro político.

A partir de reflexões feitas em Foucault (2008 [1977]), observamos como o poder pastoral exercido por líderes religiosos está intimamente ligado à condução de sujeitos e coletividades por meio de práticas discursivas que regulam a conduta e moldam subjetividades. A frase destacada na legenda - "SE ALGUÉM NÃO TEM O ESPÍRITO DE CRISTO, ESSE TAL NÃO É DELE" - funciona como uma delimitação simbólica, criando uma dicotomia entre os "pertencentes" e os "não pertencentes" a Cristo. No campo de emergência que é o das eleições, a formulação, tal qual observamos no enunciado de Silas Malafaia, aponta para uma dicotomia “do bem - Bolsonaro” e “do mal - Lula”, tal qual a observada no enunciado anteriormente apresentado. Essa lógica excludente que em sua superfície enuncia como sendo do campo espiritual, mas que é atravessada pelo campo político, sugeriria que apenas aqueles alinhados a determinados valores, personificados pela liderança de Macedo, seriam dignos de pertencimento.

O enunciado, assim, convoca à fidelidade, não apenas espiritual, mas também a um projeto político que se alinha com os valores do líder da Igreja Universal do Reino de Deus. O "Sujeito Político" é, nesse sentido, construído como um aquele cuja subjetividade religiosa está inextricavelmente ligada às suas escolhas políticas.

A imagem do bispo, com trajes formais - óculos, camisa social branca e gravata amarela texturizada - reforça o efeito de seriedade e sobriedade e, não obstante, articulada ao “Sujeito Neoliberal”, o de um homem de sucesso, a de um empresário, logo, de um empreendedor. Um empreendedor da fé. A gravata é de cor amarela, que, segundo Hellerman (2023), remete a otimismo, sabedoria e esperança, atributos que podem ser lidos como qualidades associadas ao líder e ao projeto político que ele apoia. O branco aponta para a pureza, simplicidade e paz. O uso dos fones de ouvido e o enquadramento simples também sugerem proximidade e conexão

com os fiéis, funcionando como a imagem de um guia que está "presente" e acessível, mesmo em plataformas digitais.

A passagem bíblica de Romanos 8:9, utilizado como base para a legenda, associa a filiação a Cristo ao estar "no Espírito", o que, na leitura discursiva, pode ser reinterpretado como um chamado à obediência e à submissão aos princípios difundidos por Macedo. Ao posicionar esse enunciado em um espaço público e digital, o enunciado do bispo desloca o discurso bíblico de seu contexto puramente espiritual para um espaço político-discursivo, em que as decisões e escolhas, como o voto, tornam-se parte de um exercício de fé. Ao estabelecer que aqueles que "não têm o Espírito de Cristo" não pertencem a Ele, há escolhas certas e erradas não apenas na vida espiritual, mas também no campo político. A referência ao Espírito de Cristo catalisa a unidade entre os fiéis, que são convocados a agirem coletivamente sob os princípios promovidos pelo líder. Desta forma, a obediência ao líder religioso passa a ser associada à adesão a um projeto político.

O enunciado não menciona explicitamente o nome de Bolsonaro, mas, nas condições de possibilidades históricas para seu aparecimento, ao reforçar valores espirituais por meio da ideia de pertencimento e exclusão, mobiliza os fiéis a se posicionarem politicamente de maneira alinhada às diretrizes do bispo. Edir Macedo, na posição sujeito de importante líder no cenário religioso brasileiro, exerce um dado poder não apenas sobre as práticas religiosas de seus seguidores, mas também sobre suas decisões eleitorais. Essa capacidade de mobilização é potencializada pelo Instagram, em que mensagens aparentemente simples podem alcançar milhões de pessoas, fazendo da espiritualidade uma ferramenta de orientação política.

Observamos como estratégias discursivas promovem a interseção entre fé e política, muitas vezes apresentando o ato de votar como uma extensão da prática religiosa. O voto é enquadrado como uma ação moralmente obrigatória, uma expressão de fidelidade a Deus e aos propósitos divinos para a nação. O "Sujeito Político", assim, é aquele que compreende a importância de sua participação ativa no cenário eleitoral como uma forma de preservar os valores espirituais e sociais que o definem.

A partir dessas materialidades, vemos como a objetivação dos sujeitos por meio deste poder pastoral no Instagram aponta não apenas para o governo das almas, mas também para o dos corpos e de suas ações no mundo. O "Sujeito Político" é um produto desse exercício de poder, que articula espiritualidade, obediência e ação política como partes de um mesmo processo de subjetivação.

Dando prosseguimento, abaixo, a postagem do apóstolo Valdemiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus publicada no dia 24 de outubro de 2022:

IMAGEM 31: Print de postagem pelo líder Valdemiro Santiago em 24 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/apvaldemirooficial

(1) Foto: Imagem fotográfica de três sujeitos no primeiro plano – à esquerda, Valdemiro Santiago; no centro, o então candidato Jair Bolsonaro e, à direita, o então candidato ao governo de São Paulo, Tarcísio de Freitas. Os três estão com a mão direita posicionada sobre o coração. Ao fundo, há mais pessoas e uma grande faixa com a bandeira do Brasil projetada em uma fotografia de uma mão com o texto – visível na foto – “Pátria”.

(2) Legenda: Uma visita presidencial – emoji com a bandeira do Brasil, no post escrito “BR”. Estamos nos preparando para o que Deus tem derramado sobre o Brasil, onde Ele mostra que é o Senhor! #brasil #nação #impd #igreja #palavra #proposito #apvaldemiro #saopaulo #bras #presidencia

O "Sujeito Político" é forjado a partir da articulação de elementos discursivos que mobilizam valores religiosos, patrióticos e sociais. Valdemiro Santiago, como líder religioso, ao se posicionar ao lado de figuras políticas de destaque - Jair Bolsonaro, então presidente e candidato à reeleição, e Tarcísio de Freitas, candidato ao governo de São Paulo -, não apenas fortalece a conexão entre religião e política, mas também constrói um sujeito constituído a compreender seu papel político como extensão de sua fé. Valdemiro atua como mediador entre o poder político e os fiéis, convocando-os a participar de um projeto político nacional sob a ótica de princípios religiosos. O enunciado apresentado constrói esse discurso.

Os elementos semiológicos da foto nos direcionam para esse imbricamento entre fé e política. As mãos no coração reforçam a ideia de sinceridade, compromisso e conexão emocional com a pátria e com os princípios representados na ocasião. A posição conjunta das

mãos funciona como uma unidade e alinhamento entre religião e política. Já o uso da bandeira do Brasil e da legenda "Pátria" remetem a valores de nacionalismo e pertencimento. Esses elementos produzem como que um efeito discursivo de que o Bolsonaro e Tarcísio, apoiados por Valdemiro, estão ancorados em uma missão divina para o Brasil. A presença dos candidatos em posição de destaque associa suas figuras à legitimidade conferida por Valdemiro e pela Igreja Mundial do Poder de Deus. Esse enquadramento visual posiciona os políticos como "abençoados" ou "escolhidos" para liderar.

A formulação da legenda – "Estamos nos preparando para o que Deus tem derramado sobre o Brasil" – constrói o alinhamento político representado pelos candidatos como parte de um plano divino. Já o uso das hashtags (#brasil, #nação, #igreja, #propósito) funcionam como marcadores discursivos que conectam elementos religiosos, políticos e patrióticos, criando um espaço simbólico em que os fiéis são regulados a agir em conformidade com esses valores.

O enunciado associa a imagem do líder religioso e de sua Igreja a Bolsonaro e Tarcísio, produzindo um encadeamento discursivo em que o exercício da fé cristã aparece diretamente vinculado ao apoio a projetos políticos conservadores. Esse funcionamento só é possível porque, do ponto de vista dos fatos de discurso, temos uma série de formações enunciativas anteriores que tornaram possível essa associação: a mobilização histórica de símbolos religiosos no campo político, o fortalecimento das lideranças neopentecostais nas redes sociais, e a repetição de discursos que vinculam "fé verdadeira" a determinados posicionamentos ideológicos. Assim, o enunciado em questão não surge isolado; ele é atravessado por uma memória discursiva que legitima a fusão entre fé e política.

A expressão "visita presidencial" funciona como um marcador discursivo que revela um efeito de verdade: a de que o presidente em questão é respaldado não apenas por uma legitimidade institucional, mas também espiritual. O marcador convoca os fiéis a perceberem Bolsonaro como um enviado de Deus, pois o discurso já instaurado nos leva a essa leitura sem que isso precise ser dito diretamente. Já a afirmação de que "Deus está derramando sobre o Brasil" articula-se como um ato de convocação: não apenas comunica uma bênção em curso, mas engaja o fiel na continuidade dessa missão coletiva. Na prática, isso implica votar nos candidatos apontados por essas lideranças.

Tais formulações, portanto, operam como dispositivos de governamentalidade: não apenas dizem algo sobre a fé e a política, mas conduzem condutas, orientam escolhas e modelam subjetividades. São enunciados performativos, nos quais os sujeitos não apenas interpretam a realidade, mas a constituem - e nela são constituídos - por meio de tais práticas discursivas.

O *post* semelhantemente às postagens analisadas anteriormente materializa a articulação entre o poder pastoral e a governamentalidade. Conforme reflete Foucault (2008 [1977]), o poder pastoral não se limita a guiar espiritualmente os fiéis, mas também se estende ao governo de suas vidas, comportamentos e escolhas. Aqui, as políticas. A participação eleitoral é como extensão da fidelidade religiosa. A intersecção entre religião e política torna-se, assim, uma prática de condução e regulação de condutas, em que votar em Bolsonaro e Tarcísio é apresentado como uma escolha moral e espiritual.

A postagem de Valdemiro Santiago é um exercício do poder pastoral em sua dimensão política, em que a intersecção entre religião e política molda subjetividades e mobiliza fiéis em direção a projetos políticos específicos.

O mesmo, observamos no *post* abaixo, do líder da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, bispo Robson Rodovalho:

IMAGEM 32: Print de postagem pelo líder Robson Rodovalho em 30 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/bprodovalho

(1) Foto: Imagem fotográfica de Robson Rodovalho segurando uma Bíblia (à direita), fazendo uso de um microfone sem fio. No canto esquerdo da imagem, uma bandeira do Brasil desfocada envolvendo o púlpito da igreja.

(2) Legenda: Às vezes Deus nos leva para caminhos diferentes das nossas expectativas e desejos. Temos que pensar que, acima de tudo, o Senhor REINA. Lembra de Isaías quando diz que “meus pensamentos não são os vossos pensamentos. Nem meus caminhos são os vossos caminhos?” Para nós, não existe derrota, existem lições. Quando nós ganhamos, nós

celebramos. Quando nós perdemos, nós crescemos. E daí? Cresce! O Brasil vai crescer. Claro que estamos tristes pelo resultado, mas vamos ficar mexendo na ferida? Eu não sou disso! A igreja vai crescer. As pessoas vão precisar, MUITO, de nós! A base de minha confiança está na PALAVRA DE DEUS. Pode abalar os céus e a terra. A palavra de Deus jamais será abalada!

A postagem de Robson Rodovalho, líder da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, um dos líderes mais engajados enquanto Sujeito Político em nosso *corpus*, apresenta uma complexa rede discursiva que combina elementos de consolo espiritual, resiliência e direcionamento político. O enunciado circulou em um momento de frustração coletiva para um dado grupo, após o resultado das eleições presidenciais, associando fé, patriotismo e ressignificação da derrota política.

Nas mãos de Rodovalho, a Bíblia retoma a centralidade da fé como alicerce inabalável, comunicando aos fiéis que a Palavra de Deus é a base para enfrentar momentos de adversidade. Embora desfocada, a bandeira do Brasil vincula o cenário religioso ao contexto nacional, sugerindo que a fé e a pátria estão intrinsecamente conectadas, o que reforça a ideia de que os rumos do país são parte de um plano maior e divino, legitimando o discurso do líder. A bandeira do Brasil, nessa formação histórica, tornou-se um objeto de inscrição política; apoderada pelo bolsonarismo, produz um efeito de verdade que só é brasileiro aqueles que apoiam ou apoiaram Bolsonaro.

A legenda mobiliza sentimentos de aceitação, resiliência e continuidade, mesmo diante de uma derrota política. As referências bíblicas, como Isaías, apontam que os caminhos de Deus podem ser incompreensíveis, mas são sempre superiores. Observamos um dado consolo espiritual e, simultaneamente, uma justificativa para o resultado eleitoral adverso. Na formulação "não existe derrota, existem lições", a perda eleitoral é apontada como uma oportunidade para crescimento espiritual e coletivo. Nos apropriando das reflexões de Foucault (2008 [1977]), notamos a governamentalidade pastoral, em que o líder não apenas guia espiritualmente, mas também regula as emoções e comportamentos dos fiéis, mantendo a coesão do grupo e reconfigurando sua percepção da realidade política. Ele é o responsável por conduzir, pastorear as ovelhas, não permitir que nenhuma fuja ou se extravie.

Constrói-se um "Sujeito Político" que deve ser resiliente, centrado na fé e comprometido com a continuidade da missão divina. "O Brasil vai crescer" e "A igreja vai crescer" sinalizam perspectivas de esperança e resistência, apontando para a relevância futura da Igreja como um espaço de apoio espiritual e orientação em tempos de incerteza política. A formulação "As pessoas vão precisar, MUITO, de nós" direciona para o papel da Igreja como uma instituição

de liderança moral e política, preparando os fiéis para assumirem uma postura ativa na sociedade, especialmente ante a um governo que os neopentecostais entendem ser “do mal”.

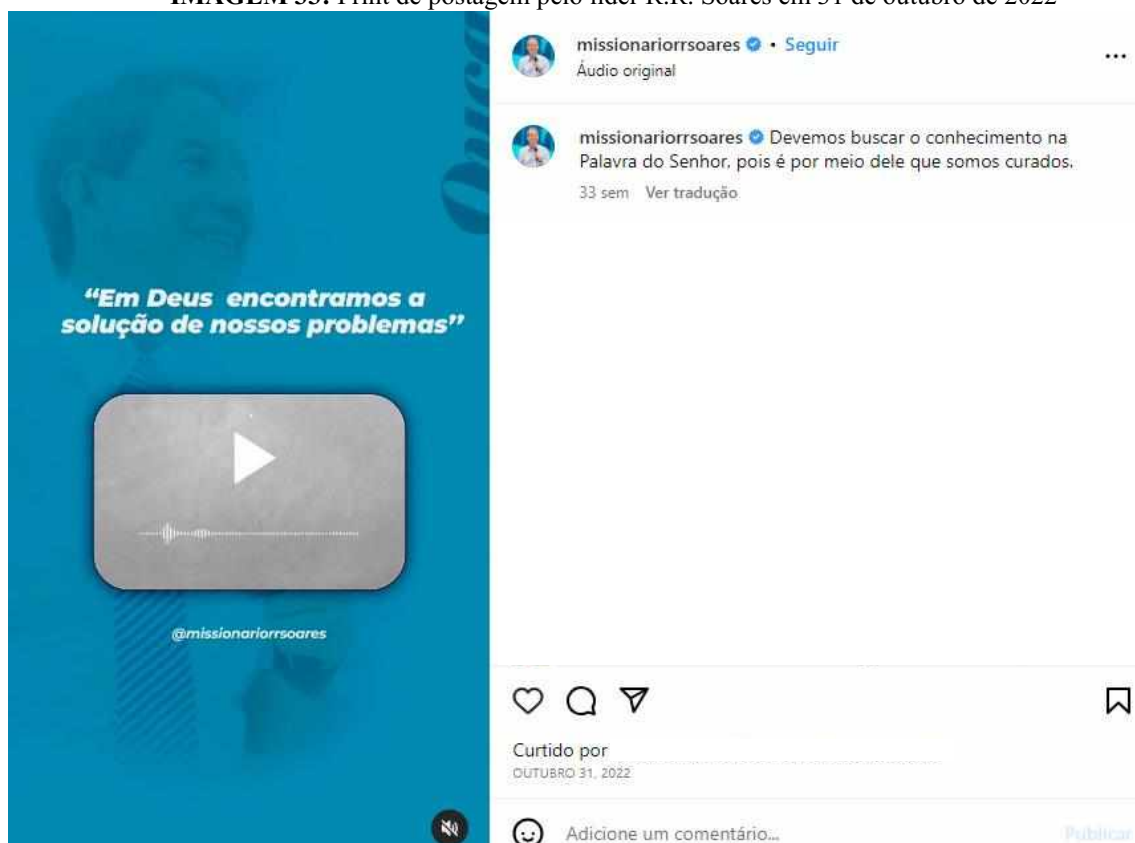
Ao enfatizar que "a base de minha confiança está na Palavra de Deus", o enunciado fortalece a confiança dos fiéis em um fundamento eterno e imutável, contrapondo a volatilidade dos acontecimentos políticos. A postagem serve como uma ferramenta para reorganizar a subjetividade dos fiéis, transformando a frustração política em um chamado à ação e crescimento. A menção à "ferida" que não deve ser mexida funciona como um mecanismo para desviar o foco da perda e reforçar a unidade em torno de objetivos maiores, sejam elas espirituais ou sociais.

O enunciado procura mobilizar os fiéis a continuarem comprometidos com os valores defendidos pela liderança da Sara Nossa Terra e, por extensão, com o projeto político alinhado a ela. A menção de que a Igreja será ainda mais necessária nos próximos tempos materializa que a derrota eleitoral é percebida como uma oportunidade para fortalecer o exercício do poder da comunidade religiosa no cenário nacional. A espiritualidade então passa a ser um meio de regulação emocional e comportamental, redirecionando a atenção dos fiéis para um projeto de continuidade e crescimento. Esse exercício de poder é sutil, mas eficaz, na manutenção da coesão do grupo e na mobilização de um "Sujeito Político" resiliente e engajado.

A partir dessa materialidade, pudemos observar a interseção entre espiritualidade e política e seus desdobramentos na produção de uma subjetividade coletiva para as comunidades. Essa prática mobiliza uma subjetividade de um sujeito engajado em um projeto político que deve se manifestar, por exemplo, no voto em um determinado candidato.

Dando sequência às análises sobre a constituição discursiva do sujeito político nas postagens de líderes neopentecostais, observa-se que, enquanto nos enunciados de líderes como Silas Malafaia, Edir Macedo, Valdemiro Santiago e Robson Rodovalho observamos estratégias discursivas voltadas para o engajamento político direto e a mobilização eleitoral, no do missionário R.R. Soares se vale de um tom menos combativo, mas não menos relevante na conformação de subjetividades. A postagem analisada revela um movimento que, embora não traga uma convocação explícita à ação política, estrutura um modo de ver e compreender a realidade que tem implicações políticas. Veja abaixo:

IMAGEM 33: Print de postagem pelo líder R.R. Soares em 31 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/missionariorrsoares

(1) Foto: Imagem construída via software que usa duas camadas. A de fundo, com transparência azul sobre um recorte fotográfico em vinheta imagética branca de R.R. Soares segurando o microfone, sorridente, olhando para o lado direito. No canto superior direito, um recorte da legenda “ouça”. Na primeira camada, há um box cinza, centralizado, com o símbolo que indica “play” e um símbolo que indica “ondas de som”. Acima da forma, o enunciado textual “Em Deus encontramos a solução de nossos problemas”. Debaxo da forma, o endereço do Instagram do líder “@missionariorrsoares”

(2) Legenda: Devemos buscar o conhecimento na Palavra do Senhor, pois é por meio dele que somos curados.

No *post*, é possível observar elementos que buscam atuar na escolha dos fiéis em figuras como Jair Bolsonaro em oposição a Lula. A imagem construída é carregada de simbolismos que reforçam a autoridade e a liderança de R.R. Soares. Ela se organiza em duas camadas: o fundo azul claro, no qual o missionário R.R. Soares aparece transparecido, e a camada superior, na qual se sobrepõem elementos textuais e gráficos. A presença da cor azul não é aleatória; historicamente associada à serenidade, à confiança e à espiritualidade, essa tonalidade reforça o sentimento de autoridade divina que se comunica com o fiel de maneira pacífica e inquestionável. O líder religioso surge sorridente, empunhando um microfone e olhando para a direita, numa postura que sugere um discurso em andamento, o que transmite uma ideia de

confiança e carisma. Essa representação visual o coloca como um porta-voz de Deus, alguém que detém o conhecimento e as soluções para os problemas dos fiéis. A transparência da imagem sobre o fundo azul pode ser lida como um efeito de imaterialidade, um reforço da autoridade espiritual que o coloca em um campo simbólico distinto do cotidiano. O *lettering* incompleto com a palavra 'ouça' e o box central com o símbolo de 'play' e sinais de frequência de áudio convocam o seguidor a um ato de escuta, reforçando a ideia de que o discurso do missionário deve ser recebida como uma verdade orientadora.

Na formulação, "Em Deus, encontramos a solução de nossos problemas", uma diretriz discursiva que desvia a busca por respostas para o campo da fé. O enunciado demarca uma resposta para a derrota de Jair Bolsonaro nas eleições, já que a publicação foi realizada no dia seguinte ao pleito; e, desta forma, a fé e a obediência à liderança religiosa são caminhos para resolver questões pessoais e coletivas. Essa orientação discursiva é reforçada na formulação que acompanha a postagem: "Devemos buscar o conhecimento na Palavra do Senhor, pois é por meio dele que somos curados.". Esse discurso de cura e transformação atua no entremeio entre o espiritual e o político, em que, líderes como Jair Bolsonaro se apresentaram como "salvadores da nação", prometendo resolver crises econômicas, morais e sociais, especialmente pelo fato de o "problema" era Lula ter vencido o pleito eleitoral e que o governo dele poderia implicar em um período de muitas dificuldades, dores ou sofrimentos.

Ainda que a postagem não apresente uma convocação política explícita, ela mobiliza uma forma específica de constituição do sujeito que tem desdobramentos no campo político. Ao reforçar que a solução dos problemas está na fé e que a transformação ocorre pela escuta da palavra divina, o arranjo discursivo minimiza a esfera da ação política e social, deslocando a responsabilidade individual para um horizonte transcendental. Essa estruturação do discurso contribui para a conformação de um sujeito que se reconhece menos como agente transformador de sua realidade política e mais como receptor da verdade religiosa que lhe é transmitida.

O discurso do líder acaba por criar uma divisão entre "nós" (os que seguem os líderes religiosos) e "eles" (os que não seguem). Essa divisão pode ser transposta para o campo político, em que Lula é visto como representante de uma agenda secular e progressista, em contraste com Bolsonaro, que se apresenta como defensor dos valores defendidos pelos conservadores.

Diferentemente das estratégias mais incisivas presentes nos enunciados de outros líderes religiosos que convocam diretamente seus fiéis para tomadas de posição no espaço público e eleitoral, o de R.R. Soares opera por um deslocamento sutil: seu discurso não rejeita a política, mas a reconfigura, orientando a subjetividade do fiel para um campo em que a ação concreta é mediada pelo crivo religioso. Trata-se de um modo específico de construção do sujeito político,

em que o engajamento ocorre prioritariamente pela via da fé e da submissão a um conhecimento superior, e não pelo enfrentamento direto no espaço público. Dessa forma, sua abordagem contribui para a manutenção de uma ordem em que a transformação se dá menos pelo embate democrático e mais pela internalização de um modelo de mundo que subordina a esfera política à autoridade religiosa.

No enunciado da bispa Sônia Hernandes, única mulher do *corpus*, também observamos elementos que indicam sutileza enquanto Sujeito Político bem como apresenta um apelo a resignação e à submissão a um plano divino.

IMAGEM 34: Print de postagem pela líder Sônia Hernandes em 31 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/bispasonia

(1) Foto: Imagem construída via software com um fundo rosa texturizada. Na área superior, centralizado, a legenda de cor preta escrito “@bispasonia”. No centro da composição, a formulação “DEIXE DEUS ASSUMIR O CONTROLE!” e um traço branco sublinhando abaixo do texto. Há um círculo destacando o verbo “assumir”. No centro inferior da imagem a legenda “arrasta para o lado”, cuja palavra “arrasta” está em negrito. No canto inferior direito há duas setas indicando para o interlocutor seguir com a visualização de outras imagens no mesmo *post*.

(2) Texto: Eu não sei há quanto tempo você está passando por situações complicadas, mas eu posso te garantir que, em Deus, há solução, há caminho, há um escape... Como você tem se dirigido ao Senhor? Você tem pedido para ele mudar sua sorte? Tem clamado para que este choro se transforme em alegria? Na bíblia, está escrito que, onde não há profecia, há um caminho! Você tem buscado uma direção no altar? O que nos impede, muitas vezes, de

vivermos uma libertação completa é colocarmos nossos problemas, nossas famílias, nosso casamento, nosso emprego... acima de Deus. Coloque o Senhor à frente de suas guerras.

A postagem da Bispa Sônia Hernandes apresenta novas camadas para essa análise, sendo a única mulher do *corpus* e aquela que mais discorreu textualmente em sua publicação. O enunciado se estrutura a partir da premissa de que Deus deve assumir o controle da vida do fiel, remetendo a uma lógica de entrega e submissão à autoridade divina. A construção visual da imagem reforça esse apelo: o fundo rosa texturizado evoca uma atmosfera mais acolhedora e afetiva, enquanto o destaque no verbo “assumir” convoca o fiel a permitir essa intervenção divina. A orientação discursiva mobiliza um sujeito que deve renunciar à autonomia decisória e confiar plenamente em um desígnio superior. A partir dessas materialidades, observamos como estão entrelaçados os sujeitos espiritual, neoliberal e o político.

O texto que acompanha a postagem reforça essa construção. O excerto “onde não há profecia, há um caminho”, ressignifica a noção de direção e tomada de decisão, deslocando-a para o campo religioso. A ênfase na busca pela solução no altar reafirma a ideia de que a vida do fiel deve ser pautada pela relação com o divino, e não por escolhas individuais baseadas em critérios sociais, políticos ou racionais. Esse direcionamento encontra ressonância em postagens como as de Valdemiro Santiago, que também enfatiza a superação dos problemas por meio da fé, e de Robson Rodovalho, que trabalha com a ideia de que há um plano divino maior que rege a vida dos fiéis.

Publicado no dia seguinte à derrota de Bolsonaro nas eleições, o enunciado de Hernandes atua como um apelo à resignação e à aceitação da nova conjuntura política, ou seja, o fim da continuidade do governo do então presidente Bolsonaro. É possível que o enunciado da bispa construa um caminho de acomodação, incentivando seus seguidores a entregarem suas angústias a Deus em vez de questionarem ativamente o resultado das urnas. Esse deslocamento reforça uma característica central do sujeito político religioso: a sua constituição passa por um processo de mediação que subordina a ação política a um horizonte de fé e crença em um plano divino.

Portanto, a postagem dela, assim como a de R.R. Soares, operam uma reconfiguração do engajamento político. Se Malafaia, Macedo e Rodovalho conclamam os fiéis a um posicionamento combativo e de resistência, a bispa Sônia Hernandes canaliza o impacto da conjuntura eleitoral para uma perspectiva de entrega e confiança na providência divina. Trata-se de uma característica do sujeito político que, em vez de agir diretamente sobre a realidade social, é levado a interpretá-la e aceitá-la à luz da fé, reforçando uma ordem discursiva em que

a transformação não ocorre pelo embate político, mas pela internalização de uma lógica superior que transcende a esfera democrática e institucional.

A relação entre o engajamento político com a postura de agentes combativos do Sujeito Político se associa em uma mesma postagem a partir de elementos imagéticos de referências bíblicas e de efeitos visuais para constituir sujeitos na confiança, seja em Deus, seja na vitória de Bolsonaro. É o que observamos no enunciado do apóstolo Agenor Duque.

IMAGEM 35: Print de postagem pelo líder Agenor Duque em 29 de outubro de 2022



Fonte: Conta oficial no Instagram – www.instagram.com/apostoloagenorduque

(1) Foto: Imagem construída via software com quatro camadas. A primeira apresenta, de forma bem sutil, a imagem de uma cabine de votação transparecido com a cor azul, em degradê passando do azul escuro à esquerda para o azul claro à direita. Abaixo uma faixa com três cores: azul, amarelo e verde. A segunda camada revela uma foto, à esquerda, de dois homens carregando a “Arca da Aliança”. À direita, uma imagem de nuvens no céu que circunda também a área inferior da imagem. À direita também há uma foto do cantor Geovani Santos enquanto fazia uso de um instrumento musical e microfone. À esquerda da composição, há a imagem de uma pomba branca e um crucifixo dourado. Acima da pomba branca, um brilho envolvendo parte da imagem presente na terceira camada: o brilho está sobre a mão direita do apóstolo Agenor Duque. A terceira camada conta com a foto de Duque, na posição esquerda centralizada, fazendo uso do microfone, com os olhos fechados, rosto franzido. Ele está com terno e gravata. Ao lado dele, à direita centralizada, está a imagem da bispa Ingrid Duque, esposa de Agenor, sobreposta à imagem dele. Ela está virada para o lado direito com a mão esquerda erguida, olho direito fechado e boca aberta, indicando que ela estava em oração. A quarta camada mostra um conjunto de legendas: (a) no centro superior da composição a legenda “DOMINGO 30/10 ÀS 08H E 18H.” que está na cor branca. Logo abaixo a legenda “ÀS 08H COM ENCERRAMENTO ÀS 10H30” e, abaixo, com menos destaque a legenda “DEVIDO ÀS

ELEIÇÕES DE 2º TURNO”. (b) No centro da composição, “3 DOMINGOS PROFÉTICOS NA FÉ DE” e bem no meio, com maior destaque, o lettering “OBEDE EDOM” com uma tipografia diferente da composição em geral e texturizada, que remete a uma rocha. (c) no centro inferior, uma imagem sobreposta de um pergaminho aberto. Sobre ela, a legenda “VOCÊ RECEBERÁ A PALAVRA QUE SIMBOLIZA A” e, abaixo a palavra “TORÁ”. Abaixo dessa palavra, a frase “PODER DA SALVAÇÃO E VIDA ETERNA”. (d) no rodapé da imagem, um *lettering* na cor verde com brilho externo. (e) no canto superior esquerdo, verticalizado, com tamanho reduzido, a legenda “APOSTOLO AGENOR DUQUE E BISPA INGRID DUQUE – LOUVOR COM GIOVANI SANTOS”. À direita, no cento da imagem, inserida de forma verticalizada, a legenda com o endereço da igreja “AV. CELSO GARCIA – 380 – BRÁS – SP”.

(2) Texto: Esdras 8:21 Então, apregoei ali um jejum junto ao rio Aava, para nos humilharmos diante da face de nosso Deus, para lhe pedirmos caminho direto para nós, e para nossos filhos, e para toda a nossa fazenda. 22 Porque me envergonhei de pedir ao rei exército e cavaleiros para nos defenderem do inimigo no caminho, porquanto tínhamos falado ao rei, dizendo: A mão do nosso Deus é sobre todos os que o buscam para o bem, mas a sua força e a sua ira, sobre todos os que o deixam. 23 Nós, pois, jejuamos e pedimos isso ao nosso Deus, e moveu-se pelas nossas orações. @iaptd

A postagem de Agenor Duque, publicada no dia 29 de outubro de 2022, data do segundo turno das eleições presidenciais, é um objeto discursivo construído a partir de múltiplos elementos visuais, textuais e simbólicos articulados que demarcam o Sujeito Político em uma chave específica: a do discurso religioso em interseção com a política. A composição da imagem, a escolha tipográfica e cromática, bem como o teor do texto, configura um processo discursivo de engajamento indireto, mas altamente codificado, em prol da candidatura de Jair Bolsonaro.

O enunciado é uma convocação aos fiéis para uma campanha realizada à época durante três domingos que finalizaria, estrategicamente, no dia do segundo turno das eleições presidenciais em 2022. Podemos destacar os seguintes aspectos: a primeira camada apresenta uma cabine de votação sutilmente transparecida com a cor azul em degradê. Este detalhe funciona como uma marca do ato eleitoral, vinculando a imagem ao contexto político sem uma referência textual direta. A faixa com as cores azul, amarelo e verde reforça a identificação com o Brasil e, consequentemente, com a simbologia utilizada na campanha de Bolsonaro.

A segunda camada contém elementos religiosos e visuais que fortalecem a ideia de sacralização do evento eleitoral. A Arca da Aliança⁶⁰, carregada por dois homens, reforça a

⁶⁰ Segundo Lunn (2018, s/p) a Arca da Aliança é um artefato sagrado descrito na Bíblia Hebraica, especialmente nos livros do Êxodo, Deuteronômio e Josué. Segundo a tradição bíblica, a Arca foi construída por ordem de Deus e projetada por Moisés para armazenar as tábuas dos Dez Mandamentos. A Arca era feita de madeira de acácia e revestida de ouro puro, com uma tampa conhecida como "propiciatório" ou "tampa da expiação", onde dois querubins de ouro se encontravam com suas asas estendidas. De acordo com o autor, a Arca da Aliança era

noção de uma "missão divina". A pomba branca e o crucifixo dourado são símbolos de pureza e santidade, sugerindo uma investidura espiritual sobre o ato político que está para ocorrer.

A terceira camada destaca Agenor Duque e sua esposa, ambos em poses de oração intensa. A posição de Duque, centralizado, com os olhos fechados e expressão franzida, constrói uma imagem de intercessão, reforçada pelo brilho que emana de sua mão direita. Ingrid Duque, sobreposta a ele, reforça a dimensão da fé conjugal e da família como pilar fundamental, elemento com forte apelo no discurso político conservador.

A quarta camada apresenta legendas em letras maiúsculas, reforçando a autoridade e o tom imperativo. O uso de tipografia texturizada em "OBEDE EDOM" remete à solidez e permanência, vinculando o enunciado religioso a uma fundação histórica e imutável. O pergaminho aberto com a palavra "TORÁ" promove uma conexão entre a lei divina e a ordem terrena, conferindo um sentido de justificação teológica para os eventos políticos que se desenrolam no país. A legenda em verde brilhante no rodapé reforça a conexão com o "verde-amarelismo", elemento da campanha bolsonarista.

O trecho bíblico de Esdras 8:21-23 trata da humilhação diante de Deus, da recusa em buscar proteção em exércitos terrenos e da confiança na intervenção divina. Constituindo um enunciado que circulou no dia do segundo turno das eleições, a passagem serve de exortação para que os fiéis depositem sua esperança em um desfecho favorável por meio da oração e da ação "correta" (o voto em Bolsonaro). O trecho também reforça o enunciado de que Deus favorece aqueles que o seguem, o que se alinha à retórica messiânica da campanha bolsonarista.

A postagem de Duque se insere em um espectro político conservador, alinhado à defesa de valores morais tradicionais, à exaltação da família nuclear e à ideia de um país religioso e patriótico. A estrutura visual e textual promove um governo das condutas a partir do método de aliar um excesso de elementos visuais, versículo bíblico, o uso do verde-amarelismo com seu simbolismo que relaciona a fé neopentecostal ao Bolsonarismo.

Ao analisar esta postagem à luz das anteriores de Silas Malafaia, Edir Macedo, Robson Rodovalho, Sônia Hernandez, R.R. Soares e Valdemiro Santiago, podemos observar algumas recorrências do Sujeito Político no campo neopentecostal no Instagram. Em todas as postagens, observa-se a sacralização do processo político, a construção da figura do líder religioso como intercessor entre Deus e a nação, e o apelo à unidade entre os fiéis para influenciar nas decisões

considerada o símbolo da presença de Deus entre o povo de Israel e era guardada no Santo dos Santos, a parte mais sagrada do Tabernáculo, e posteriormente do Templo de Jerusalém. Durante o período dos juízes e dos reis, a Arca desempenhou um papel central nas cerimônias religiosas e nas batalhas dos israelitas, sendo carregada à frente do exército como um sinal de proteção divina.

eleitorais. Embora cada líder utilize elementos visuais e textuais específicos, todos convergem para a ideia de que a política não é apenas um campo laico, mas uma extensão da missão divina. Assim, consolidam um Sujeito Político que se forma pela interseção entre fé, nacionalismo e engajamento eleitoral.

5.3- Algumas considerações

A análise dos trajetos temáticos "Sujeito Espiritual", "Sujeito Político" e "Sujeito Neoliberal" nos permitem refletir como as postagens de líderes neopentecostais no Instagram operam como tecnologias de poder e saber que atuam na construção e na condução de subjetividades históricas dos próprios líderes e fiéis. Tais materialidades buscam moldar as práticas e as subjetividades dos sujeitos dentro de um campo de relações de poder complexas, sobretudo no contexto das eleições presidenciais de 2022.

O “Sujeito Espiritual” que emerge dessas postagens institui regimes de verdade às normas estabelecidas pelas lideranças religiosas, em um processo de subjetivação que remete ao poder pastoral descrito por Foucault (2008 [1977]), em que os líderes atuam como “pastores” modernos, atuando na conduta dos fiéis e regulando suas escolhas políticas. A espiritualidade, nesse caso, não é apenas uma vivência interna, mas uma força organizadora da vida pública e privada dos sujeitos fiéis, que são disciplinados por meio de enunciados de fé e moralidade. Nesse processo, o poder de formação das subjetividades religiosas vai além das esferas privadas, atravessando os campos políticos e sociais. Os enunciados imagéticos são construídos com elementos simbólicos como a Bíblia, orações e referências diretas à espiritualidade cristã, de modo a legitimar a autoridade dos líderes e direcionar a conduta dos fiéis. Essa construção busca mobilizar os fiéis quanto às escolhas políticas como parte de um plano divino maior, reforçando a relação intrínseca entre fé e decisão eleitoral.

O “Sujeito Neoliberal” é aquele responsável pelo seu sucesso individual, e que também propaga uma concepção de mercado como espaço de ação política. O sujeito é posicionado como um agente autônomo que deve tomar decisões sobre sua vida, sua fé e, consequentemente, suas escolhas eleitorais. Ao estabelecer essa conexão entre fé, sucesso pessoal e política, a liderança neopentecostal governa os fiéis a partir de um chamamento para adotarem uma postura de ação no mundo, na qual o “sucesso” é associado a uma adesão ativa aos projetos políticos que visem à prosperidade individual e coletiva. Ele é produzido em enunciados que

conectam a prática religiosa a uma lógica de mercado, destacando a prosperidade e a autogestão como expressões de uma fé genuína. É o que podemos observar na retenção de produtos, de visibilidade midiática e de textos motivacionais, que reforçam a ideia de que os fiéis são agentes autônomos, responsáveis por seus próprios destinos, mas sempre sob a orientação de líderes que operam como mediadores entre a espiritualidade e o mundo secular. Esse sujeito é convocado a enxergar sua participação política como parte de um projeto maior, em que a economia, a fé e a moralidade se encontram.

Por fim, o “Sujeito Político”, em batimento com os outros dois, construído nas postagens também pode ser lido a partir da ótica foucaultiana de governamentalidade, que se refere às maneiras pelas quais o poder se exerce sobre os sujeitos fiéis, buscando moldá-los para se ajustarem a um determinado projeto político. As postagens que convocam os fiéis a aderirem a ideais e valores específicos, como a defesa da moral religiosa ou a luta contra o que é considerado “antiético” ou “contrário aos princípios evangélicos”, materializam o exercício de poder de como os líderes neopentecostais tentam governar as ações e decisões políticas dos fiéis. Isso ocorre por meio de práticas discursivas que afirmam um “moralismo político” que atravessa as decisões eleitorais, promovendo uma relação direta entre a fé religiosa e as escolhas políticas, configurando uma verdadeira governamentalidade religiosa. Por meio de postagens que conectam símbolos nacionais, como a bandeira do Brasil, a retóricas de defesa da moral e dos costumes, os enunciados dos líderes neopentecostais reforçam no Instagram o efeito de verdade de que a política não é um campo neutro, mas um espaço em que a espiritualidade deve ser traduzida em escolhas concretas. Os enunciados atuam como dispositivos que orientam a comunidade de fiéis a enxergar candidatos específicos como representantes legítimos desses valores, moldando, assim, suas subjetividades eleitorais.

Esses trajetos temáticos estão profundamente imbricados na produção histórica de subjetividades que atravessam e se constituem pelo e no político, no econômico e no religioso. As postagens de líderes como os analisados materializam os mecanismos de poder que buscam moldar os sujeitos dentro de um campo discursivo que os orienta, regula e direciona suas ações. A produção dessas subjetividades não se dá de forma impositiva, mas por meio de estratégias discursivas que apelam para os valores, as crenças e as convicções de saberes historicamente constituídos, interligando as esferas da fé, da política e do mercado.

Portanto, a análise dos enunciados imagéticos e das postagens no Instagram possibilita compreender como essas práticas discursivas moldam as práticas políticas, sociais e econômicas dos sujeitos. Nos entrelaçamentos dos sujeitos espiritual, político e neoliberal, o discurso religioso constitui os líderes neopentecostais como agentes de poder que atuam

profundamente as subjetividades dos fiéis, produzindo uma relação direta entre fé e política, e, conseqüentemente, entre fé e decisões eleitorais. Essas postagens podem ser vistas como um mecanismo de governo das condutas que não apenas informa, mas também instrui e direciona, posicionando o fiel de acordo com os ideais da liderança religiosa, ao mesmo tempo que integra a dinâmica política e econômica contemporânea.

6- O DISCURSO RELIGIOSO NEOPENTECOSTAL NA MÍDIA DIGITAL: CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES

Nesta tese, nos propusemos a refletir sobre a complexidade e as intrínsecas relações entre fé, poder e política. Especificamente, sobre como enunciados de líderes religiosos em um contexto político-eleitoral, ao utilizarem da mídia digital como plataforma de comunicação, atuam na objetivação dos fiéis e, em decorrência, na condução de suas condutas.

Ao longo de sua minuciosa investigação, a presente tese imergiu na intrincada rede de relações entre os enunciados postagens de líderes neopentecostais no Instagram e a complexa objetivação dos sujeitos, com uma lente especial voltada para a interseção com a política durante o período das eleições presidenciais de 2022. Adotando a perspectiva analítica dos Estudos Discursivos Foucaultianos, a pesquisa se propôs a desvendar os mecanismos de poder, as estratégias de produção de saber e os processos de subjetivação que, em conjunto, moldam a construção dos enunciados dos líderes que elencamos para o *corpus*.

Ao revisitarmos os objetivos inicialmente traçados, a pesquisa demonstrou que a imagem, quando combinada com textos e outros elementos semióticos, em especial, os semióforos, opera como um dispositivo de poder, que não se limita a simplesmente informar, mas também a orientar, regular e direcionar as ações dos fiéis. Essa materialidade multifacetada promove um forte senso de pertencimento, uma fé inabalável e um engajamento político ativo e direcionado. A tese também se dedicou a aprofundar a compreensão sobre a constituição e o funcionamento do enunciado fotográfico no ambiente específico do Instagram, refletindo como essas construções são complexas e imbricadas, a partir de elementos visuais, textuais e contextuais. Intentamos mostrar como esses enunciados produzem efeitos de verdade, que buscam atuar sobre as percepções, as emoções e os comportamentos dos usuários da plataforma.

A pesquisa dedicou um espaço significativo para historicizar o surgimento e a progressiva consolidação do discurso neopentecostal na sociedade brasileira, traçando uma genealogia que parte de suas raízes no pentecostalismo clássico até sua notável expansão no cenário nacional, com uma atenção especial para o papel multifacetado da mídia e a crescente consideração sobre a Teologia da Prosperidade. A análise refletiu sobre como o neopentecostalismo, ao longo de sua trajetória, adaptou-se de maneira flexível e se transformou continuamente, incorporando novas práticas e crenças para atender às demandas e aspirações de diferentes grupos sociais, que buscam práticas religiosas mais dinâmicas, personalizadas e relevantes para suas vidas cotidianas. Essa adaptabilidade permitiu que os neopentecostais se estabelecessem como uma força religiosa expressiva e influente no Brasil. Essas

transformações históricas demonstram como o poder é estratégico, cambiante, adaptando-se, movendo-se, reconfigurando-se no curso da história de modo a continuar agindo sobre o corpo social.

Um ponto crucial foi o levantamento minucioso das condições de possibilidade que tornaram viável a entrada do discurso religioso no universo da mídia digital. A investigação apresentou diversos fatores convergentes, incluindo o avanço tecnológico exponencial, a busca incessante por novas relações de forças e de comunicação, e a necessidade estratégica de alcançar públicos cada vez mais amplos e diversificados. A mídia digital, nesse contexto, emergiu como espaço estratégico e vital para a propagação das ideias e valores neopentecostais, permitindo que líderes religiosos possam atuar sobre as condutas dos fiéis em uma escala sem precedentes. A utilização do Instagram possibilitou a criação de novas territorialidades, onde o virtual se conecta ao físico, ampliando os espaços de vivência e reconfigurando os sentidos do lugar.

Além disso, a tese aprofundou a discussão sobre as complexas inter-relações entre as discursividades religiosa, midiática e política, a partir de uma rigorosa arqueologia das imagens, avaliando o aspecto verbal como um elemento chave de funcionamento, de delimitação de redes de sentido e de práticas de leitura. Pode-se revelar a intrincada articulação entre fé, poder e política nas postagens dos líderes neopentecostais. Um caminho é como esses discursos se manifestam nas materialidades do Instagram e como eles podem atuar sobre as subjetividades dos fiéis. A pesquisa se concentrou na busca pela compreensão de como os sujeitos são objetivados pelas postagens a partir de três trajetos temáticos compreendidos ante a uma leitura discursiva prévia de mais de 500 postagens feitas pelos líderes no mês de outubro de 2022, configurando-se, posteriormente, em 143 postagens publicadas na última semana do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras do mesmo ano: o “Sujeito Espiritual”, o “Sujeito Neoliberal” e o “Sujeito Político”.

Vimos que os enunciados dos líderes neopentecostais enquanto “Sujeitos Neoliberais” promovem valores de meritocracia, individualismo e sucesso material, associando a fé à prosperidade e ao consumo. As postagens incentivam os fiéis a se verem como “empreendedores de si mesmos”, buscando a realização pessoal a partir do trabalho e do consumo. Entendemos assim como o discurso neopentecostal incorpora de maneira engenhosa valores neoliberais. Os fiéis são incentivados a se verem como prósperos, tanto no plano material quanto no espiritual, com o consumo e a visibilidade midiática sendo apresentados como expressões concretas de sua fé.

Com as análises, observamos como as postagens de líderes neopentecostais são enunciadas a partir de uma posição de "Sujeito Espiritual", que preconiza a salvação e a bênção divina, atrelada ao espaço público, especificamente, às decisões políticas. A objetivação dos fiéis os toma como sujeitos obedientes às normas e às verdades estabelecidas pelas lideranças religiosas, em um processo que remete ao poder pastoral descrito por Foucault (2008 [1977]). Deste modo, os líderes atuam como “pastores” modernos, que direcionam a conduta dos fiéis e regulam suas escolhas políticas; que não apenas informam, mas também instruem e direcionam, posicionando o fiel de acordo com os ideais da liderança religiosa, ao mesmo tempo que integra a dinâmica política e econômica contemporânea.

A espiritualidade, nesse caso, não é apenas uma vivência interna e da alma, mas uma força organizadora da vida pública e privada dos sujeitos, que são convocados à disciplina por meio de enunciados de fé e moralidade. Nesse processo, o poder de formação das subjetividades religiosas vai além das esferas privadas, atravessando os campos políticos e sociais, por meio da mídia digital. A internet e as redes sociais digitais, assim, são a base material para a circulação desses enunciados, um espaço de disputa de produção de verdades, no qual os líderes religiosos exercem um poder sobre seus seguidores.

As análises empreendidas ao longo desta tese propuseram refletir sobre como o Sujeito Político é uma posição sujeito que se constitui discursivamente nas postagens de líderes neopentecostais no Instagram, especialmente no contexto das eleições presidenciais brasileiras de 2022. Ao operar em um campo simbólico no qual religião, política e mídia se entrelaçam, os enunciados dos líderes materializam um discurso que reforça preferências políticas e mobiliza afetos, crenças e práticas em torno de um projeto de poder.

O Sujeito Político, dentro da lógica neopentecostal, atua conjuntamente com o Sujeito Espiritual e Neoliberal que é um agente de transformação social, moral e nacional pela e na política. A presença de elementos visuais, como as cores verde e amarelo, e de referências bíblicas funcionam como elementos que legitimam o que é dito e produzem o efeito de um projeto nacionalista em que, na ocasião, Jair Bolsonaro era a referência. O caráter desses enunciados fortalece a ideia de um sujeito que se percebe como parte de uma luta espiritual e cívica, na qual seu posicionamento e sua conduta são determinantes para o destino da nação. Os fiéis são convocados a se afastar das forças políticas e culturais percebidas como contrárias aos valores defendidos pelos neopentecostais, por meio de um regime disciplinar que reforça a autoridade dos líderes religiosos e garante perpetuação de um determinado exercício de poder. O poder exercido pelos líderes neopentecostais não apenas orienta as decisões de voto, mas

também configura o modo como os fiéis entendem sua própria identidade política, espiritual e social.

Dessa forma, o Sujeito Político emergente desse contexto não se restringe à esfera eleitoral, mas se consolida como uma posição discursiva contínua, que organiza condutas, orienta percepções e estabelece relações de poder. Sua constituição não ocorre de maneira isolada, mas em articulação com efeitos de verdade que operam tanto no campo religioso quanto no político, tornando a fé um meio de engajamento e de regulação social.

Frente a isso, a tese buscou compreender a forte e intrínseca ligação entre o discurso religioso neopentecostal e o discurso político, especialmente em momentos de polarização e crise, como as eleições presidenciais brasileiras de 2022. Os enunciados dos líderes religiosos mobilizam comunidades na defesa de valores específicos e no apoio a candidatos a partir de estratégias discursivas assentadas na moral e na religião. Vimos que existe uma instrumentalização da fé para fins políticos e econômicos, sendo utilizada como um mecanismo eficaz de controle e mobilização dos fiéis. A fé é apresentada como um recurso poderoso para superar desafios e alcançar bênçãos, com a escolha política sendo retratada como um ato de obediência a Deus e seus representantes, no caso os líderes neopentecostais, na Terra. Observamos como os líderes neopentecostais utilizam as redes sociais, especialmente o Instagram, para exercer o governo das condutas dos fiéis. Por meio de *posts* que combinam elementos religiosos, políticos e midiáticos, são produzidas subjetividades no processo de condução de condutas dos seguidores.

A análise dos enunciados imagéticos no Instagram mostrou como as estratégias discursivas presentes nessas materialidades objetivam os fiéis, buscando atuar sobre suas condutas, demonstrando como o poder se exerce em diferentes dimensões da vida social. Ao responder às questões que motivaram a pesquisa, espera-se ter oferecido uma contribuição significativa para a compreensão do papel das imagens e dos discursos religiosos neopentecostais na formação de subjetividades do corpo social, especialmente em um cenário de crescente polarização política e intensa atividade digital.

Em particular, a tese buscou descrever e interpretar o funcionamento do Discurso Religioso Neopentecostal na Mídia Digital (DIRNEOMID). Esse funcionamento se caracteriza pela articulação entre elementos visuais e textuais, combinando referências bíblicas com enunciados motivacionais e apelos diretos ao engajamento político. O DIRNEOMID utiliza a lógica das redes sociais digitais para amplificar sua estratégia discursiva, criando um espaço interativo e dinâmico de relação de saber-poder e compartilhamento que fomenta o pertencimento e a adesão aos valores defendidos pelos líderes. Além disso, o DIRNEOMID se

vale da imagem como ferramenta de persuasão, utilizando a fotografia para construir uma identidade visual que reforça a autoridade e a credibilidade dos líderes religiosos, bem como a legitimidade de suas mensagens.

Diante do *corpus* analítico, observamos que o DIRNEOMID nessa materialidade analisada opera a partir das seguintes estruturas enunciativas: (1) Personalização e Proximidade, (2) Apelo às emoções, (3) Construção de inimigos, (4) Uso de símbolos nacionais e (5) Promoção da Teologia da Prosperidade. Na “Personalização e Proximidade”, os líderes se apresentam como figuras acessíveis, compartilhando momentos de sua vida pessoal e interagindo com seus seguidores. Isso cria uma sensação de proximidade e confiança, facilitando a aceitação de suas mensagens. O “Apelo às Emoções” lida com recursos como mensagens inspiradoras, testemunhos pessoais e referências a experiências religiosas para tocar as emoções dos fiéis e gerar identificação com as materialidades apresentadas. Já a “Construção de inimigos” apresenta a formação de “adversários” que representam ameaças aos valores e crenças dos fiéis. Essa estratégia busca fortalecer a união dos “servos de Deus” e justificar a necessidade de um engajamento político ativo. O “Uso de símbolos nacionais” com frequência reforça o sentimento de patriotismo e identificação com os valores defendidos, mesmo que o verde-amarelismo bem como os semióforos os desloquem para um grupo de brasileiros que negam ou desprezam os que são “descrentes” aos valores que defendem. A “Promoção da Teologia da Prosperidade” associa a fé à prosperidade material, incentivando os fiéis a buscarem sucesso e riqueza como manifestações da bênção divina como gesto de “sacrifício” de amor a Deus.

A materialidade imagética, que coloca em circulação os discursos religiosos na esfera midiática digital, constitui um importante campo de disputa por produção de verdades e de exercícios de poder na contemporaneidade. Os enunciados dos líderes neopentecostais que circulam no Instagram atuam como produtores de verdades e na condução de condutas de seus seguidores e desempenhando um papel fundamental no cenário político brasileiro. O estudo da relação entre o neopentecostalismo e a mídia digital, portanto, torna-se cada vez mais relevante para entendermos as dinâmicas da sociedade contemporânea e os desafios da construção de uma esfera pública democrática.

7 - REFERÊNCIAS

A REFORMA Protestante. Direção: Filipe Breder. Produção: Escola do Discípulo, Primeira Batista de Campo Grande, Seminário Batista Sul-Mato-Grossense. Roteiro: Filipe Breder, Yuri Breder, Jéssica Machado. [S. l.]: Escola do Discípulo, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fx4f1B8kbA0> . Acesso em: 11 mar. 2024.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas – SP, Papirus, 1993

BANDEIRA, Alexandre Dresch. **Valdemiro Santiago parte para o abraço: Estratégias midiáticas e interacionais envolvidas na Mundial Igreja do Poder de Deus**. 2017. 256 f. Tese (Comunicação) - Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

BERGER, Peter. O dossel sagrado: **elementos para uma teoria sociológica da religião**. Tradução de José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulus, 2004.

BERTI, Marcelo. **Josefo e a Historicidade de Cristo**. Teologando, 29 abr. 2011. Disponível em: <https://marceloberti.wordpress.com/2011/04/29/josefo-e-a-historicidade-de-cristo/> . Acesso em: 18 mar. 2024.

BIANCHI, Ana Clara Magnago. **Discurso fotográfico no Instagram: a cidade de Vitória sob o olhar de seus usuários**. Orientadora: Ruth de Cássia dos Reis. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/7073> . Acesso em: 24.jan.2023.

BÍBLIA. **Jeremias, capítulo 25**. Tradução Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 845.

BRONZO, Carla; ARAÚJO, Edgilson Tavares de. **Desmonte da Política de Assistência Social no Brasil pós 2016: uma tragédia anunciada**. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, v. 43, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/yswnrP7bqXsh7HvgjnYRhfq/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 05 fev. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

CASTILHO, Daniela Ribeiro; LEMOS, Esther Luíza de Souza. **Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira**. Revista Katálisis, Belo Horizonte, v. 27, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/TyMKscqwjWfwpbScmWpwCvc/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 05 fev. 2025.

CASTILLO, José María. **Declínio da religião e futuro do Evangelho**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2024.

CASARÕES, Guilherme. O movimento bolsonarista e a americanização da política brasileira: causas e consequências da extrema direita no poder. **Journal of Democracy em Português**, [s. l.], v. 11, ed. 2, p. 7-44, 11 nov. 2022. Disponível em: <https://www.cech.ufscar.br/pt->

br/news/imagens/artigo-casaro-es-americanizacao-journal-of-democracy-1.pdf . Acesso em: 5 out. 2024.

CASTRO, Felipe. Ativismo político: como se tornar um cidadão mais engajado. In: **Rabisco da História**. [S. l.], 11 nov. 2024. Disponível em: <https://rabiscodahistoria.com/ativismo-politico-como-se-tornar-um-cidadao-mais-engajado> . Acesso em: 2 dez. 2024.

CASTRO, Sid. **Edir Macedo**: biografia do fundador da Igreja Universal. [S. l.]: Segredos do Mundo, 13 mar. 2019. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/quem-e-edir-macedo-conheca-a-historia-do-fundador-da-igreja-universal/> . Acesso em: 21 mar. 2024.

CENTER FOR THE STUDY OF GLOBAL CHRISTIANITY (Estados Unidos). **History**. [S. l.]: Center for the Study of Global Christianity, 2017. Disponível em: <https://www.gordonconwell.edu/center-for-global-christianity/about/history/> . Acesso em: 11 jul. 2023.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHAUÍ, Marilena. A TERRA É REDONDA. **A Terra é Redonda** Entrevista - MARILENA CHAUÍ - Parte 1. YouTube, São Paulo, 25 out. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/2F6-imiQawk> . Acesso em: 15 mai. 2024.

CLICKSIGN. **Big techs**: O que são, como funcionam e importância. Disponível em: <https://www.clicksign.com/blog/o-que-sao-big-techs> . Publicado em: 03 nov. 2023. Acesso em: 05 fev. 2025.

COSTA, Fábio Luciano Oliveira. As reformas políticas e econômicas neoliberais no Brasil nas décadas de 1980 e 1990. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados/MS, v. 5, ed. 09, p. 1-27, 28 jun. 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/1154> . Acesso em: 12 maio 2024.

COSTA, Haloana Moreira; FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. **Discursividades em fotografia**: notas sobre a constituição do corpo feminino na história. Revista Ícone. Goiânia, v.18, nº02, p.174-188, set.2018. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/8251> . Acesso em: 17.jan.2023.

COUCHOT, Edmond. **A tecnologia na arte**: Da fotografia à realidade virtual. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003

COURTINE, Jean-Jacques. **Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário**. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (orgs.). Discurso, semiologia e história. São Carlos: Claraluz, 2011, p. 145-162.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A Explosão Gospel**. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico contemporâneo. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. <https://doi.org/10.11606/t.27.2004.tde-29062007-153429>

CUNHA, Magali do Nascimento. **Quem tem moral entre os evangélicos?** Observatório da Imprensa, nº848, 28 abr.2015. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/quem-tem-moral-entre-os-evangelicos/> . <https://doi.org/10.5151/despro-ped2016-0153>

CUNHA, Magali do Nascimento. **Do púlpito às mídias sociais**. Evangélicos na política e ativismo digital. Curitiba: Primas, 2017a.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal; tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault: O Poder**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020. Tradução de Mario A. Marino e Iracy Ferreira dos Santos Júnior. ISBN 978-85-94444-10-3. Disponível em: https://editorapoliteia.com.br/arquivos/michel_foucault-o_poder_1.pdf. Acesso em: 13 ago. 2024.

DI FELICE, Massimo (Org.). **Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

DOURADO, Bruna. **Ranking**: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2025, com insights, ferramentas e materiais. [S. l.]: RD Station, 11 fev. 2025. Disponível em: <https://www.rdstation.com/blog/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 13 fev. 2025.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 3ª ed. Tradução de Marina Appenzeller, Campinas: Papirus, 2000.

EBERT, Clarice; SOBOLL, Liz Andrea Pereira. **O trabalho pastoral: uma análise da psicodinâmica do trabalho**. Aletheia, v. 30, p. 1-18, 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000200016. Acesso em: 14.abr.2024

EINSTEIN, Mara. **Brands of faith: marketing religion in a commercial age**. New York: Routledge, 2008. Disponível em: https://www.culturaldiplomacy.org/academy/pdf/research/books/nation_branding/Brands_Of_Faith_-_Mara_Einstein.pdf. Acesso em 06.ago.2024.

EMOJIPEDIA. **Folded Hands**. Emojipedia.org, 2010. Disponível em: <https://emojipedia.org/folded-hands>. Acesso em: 12 jan. 2023.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. 3. ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

ERTHAL, Ana. **A comunicação multissensorial**. [Entrevista concedida a] Carolina Messias e Michelle Prazeres. Projeto Humanizar a Comunicação. São Paulo, DesaceleraSP, 14 ago.20. s. p. Disponível em: <https://www.desaceleraSP.com.br/comunicacao/ana-erthal-a-comunicacao-multissensorial/>. Acesso em: 12.dez.2024

ESCOBÁR, Pepe. **A silenciosa ditadura do algoritmo**. Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/561332-a-silenciosa-ditadura-do-algoritmo>. Acesso em: 13 jun. 2024.

FAUSTO NETO, Antônio. **A Igreja Doméstica**: estratégias televisivas de construção de novas religiosidades. São Leopoldo: Cadernos IHU, ano 2, n.7, 2004.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: Reflexões introdutórias. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FLORENCE, Maurice. FOUCAULT. IN HOUISMAN, Denis. Dicionário dos filósofos. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 388-391.

FLUSSER, Vilem. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2002.

FONSECA, Bruno; CORREIA, Mariana. **Deus e o diabo na terra do voto**. Agência Pública, 3 out. 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/10/deus-e-o-diabo-na-terra-do-voto/> . Acesso em: 2 out. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. v. 2.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Ética, sexualidade, política. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. v. 5.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos**: VII Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina. (Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Renato Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. Curso dado no Collège de France. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Verdade e subjectividade (Howison Lectures)**. In: Revista de Comunicação e linguagem. Lisboa: ed. 19, 1993.

FRESTON, Paul. **Evangélicos na política brasileira**: história ambígua e desafio ético. Curitiba: Encontro Publicações, 1994.

GOLDSTEIN, Ariel. **Jair Bolsonaro e os políticos evangélicos**. Em Tese. Florianópolis, v.19, nº01, p.01-20, set.2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/81371/47346> . Acesso em 16.jul.2022.

GONÇALVES, Renata Mendes. **Big techs: o que são e quais integram as Big Five**. Olhar Digital, 18 Jan 2024. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2024/01/18/pro/big-techs-o-que-sao-e-quais-integram-as-big-five/> . Acesso em: 05 fev. 2025.

GROUP, Barna. **Our Story**. Disponível em: <https://www.barna.com/about/> . Acesso em: 14 ago. 2022.

GUEDES, Simoni Lahud.; DA SILVA, Edilson Márcio Almeida. (2019). **O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais**. Cuadernos de Aletheia (3), 73-89. En Memoria Académica. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.9691/pr.9691.pdf . Acesso em 20.Dez.2024

GUIAME (Brasil). **Brasil é o quarto país com mais cristãos evangélicos, aponta pesquisa**. Guiame.com.br, 19 fev. 2020. Com informações do La Lumière Du Monde. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/noticias/brasil-e-o-quarto-pais-com-mais-cristaos-evangelicos-aponta-pesquisa.html> . Acesso em: 20 set. 2024.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. **Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história**. In: ORLANDI, Eni (Org.). Gestos de leitura: da história no discurso. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014, p. 169-191.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2002. 223 p.

HELLERMAN, Jason. **The Psychology of Color in Film**. No Film School. Disponível em: <https://nofilmschool.com/color-psychology-in-film> . Acesso em: 15 jan.2025

History - Center for the Study of Global Christianity. Disponível em: <https://www.gordonconwell.edu/center-for-global-christianity/about/history/> . Acesso em: 06 mar. 2023.

HOGUE, John. **O Último Papa: Declínio e Queda da Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Publicações Europa-América, 1999.

HUTCHEN, Jean-Claude. **O matrimônio no protestantismo: uma abordagem teológica**. [S. l.]: Instituto Humanitas Unisinos, 23 mar. 2015. Disponível em: <https://www.i.hu.unisinos.br/noticias/541078-o-matrimonio-no-protestantismo-uma-abordagem-teologica3> . Acesso em: 17 mar. 2024.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

IVO, Diego. **Hashtag: o que significa e como usar na sua estratégia de Marketing Digital**. [S. l.]: Conversion, 20 abr. 2023. Disponível em: <https://www.conversion.com.br/blog/hashtag-o-que-significa/> . Acesso em: 4 set. 2024.

JACOB, Cesar Romero. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. São Paulo, Loyola, 2003.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KARHAWI, Issaaf. **Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão**. **Communicare**, São Paulo, v. 17, n.12, p. 46-61, 2.set.2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Issaaf-Karhawi-2/publication/341983923_Influenciadores_digitaes_conceitos_e_praticas_em_discussao/links/5edc396245851529453facb9/Influenciadores-digitaes-conceitos-e-praticas-em-discussao.pdf . Acesso em 07.mar.2024

KEMP, Simon. **Digital 2024: Brazil**. Data Reportal, 23 fev. 2024. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil> . Acesso em: 24 mar. 2024.

KOREN, Jonas Christmann. **Ministério Silas Malafaia: evangelizando à direita (2000-2013)**. 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2016. Disponível em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3153/5/Jonas_Koren_2016 . Acesso em 17.abr.2024.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Edição revista.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Tradução: Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

LIBERTY. **A história do protestantismo – Religião – Documentário – HD 720p**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9BzCo3TM-Gw> . Acesso em: 12 set.2023.

LOBO, João.; SANTOS, Raphael.; FINCH, Manuela; COUTINHO, Paulo. **Vai na fé! O impacto eleitoral do crescimento dos evangélicos**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.marasset.com.br/site/wp-content/uploads/2025/01/ae2ec850efc5a135f02cdb4b92491842-1739221245.pdf> . Acesso em: 2 mar. 2025.

LUNN, Nicholas. **The Ark of the Covenant: Its History and Significance**. Journal for the Study of the Old Testament, vol. 42, no. 5, 2018, pp. 25-42. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0309089218778585> . Acesso em: 06 fev. 2025.

MACEDO, Edir. **Bispo Macedo fala sobre o dízimo como uma aliança com Deus**. Produção: Edir Macedo. YouTube: Igreja Universal, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=m_npqcOXbbU . Acesso em: 21 mar. 2024.

MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** Rio de Janeiro: Editora Universal, 2000.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Política e religião: a participação dos evangélicos nas eleições**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MARASSET. **Vai na fé! O impacto eleitoral do crescimento dos evangélicos.** 2025. Disponível em: <https://www.marasset.com.br/site/wp-content/uploads/2025/01/ae2ec850efc5a135f02cdb4b92491842-1739221245.pdf> . Acesso em: 19 fev. 2025.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014

MARIANO, Ricardo. Poder 360. PoderDataCast #15: **o papel de líderes religiosos nas eleições.** 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SWw5twOAd74> . Acesso em: 07 out. 2024.

MARIANO, Ricardo. **Os Evangélicos na sociedade e na política.** Gravação de YouTube. [S. l.]: Fundação FHC, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CSzupLqu_18 . Acesso em: 1 fev. 2024.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu André. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 120, p. 61–76, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i120p61-76. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/155531> . Acesso em: 26 jan. 2025.

MATOS, Alderi Souza de. **O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário.** Fides Reformata, v. 11, n. 2, p. 23-50, 2006.

MEYER, Birgit. **Aesthetic formation: media, religion and the senses.** Palgrave Macmillan, 2009.

MIGUEL, Luís Felipe e BIROLI, Flávia (Orgs.). **Mídia, representação e democracia.** São Paulo: Hucitec, 2010.

MORAES, Gerson Leite de. **A força midiática da Igreja Internacional da Graça de Deus.** 2008. 236 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/2093/1/Gerson%20Leite%20de%20Moraes.pdf> . Acesso em 20.mai.2024.

MUNARI, Bruno. **Design e comunicação visual.** São Paulo: Fontes, 2001.

NASCIMENTO, Misael Batista do. **A identidade e as funções do pastor.** PRIP, 01 de agosto de 2008. Disponível em: <https://www.prip.com.br/a-identidade-e-as-funcoes-do-pastor/> . Acesso em: 27 nov. 2024.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e se funcionamento: as formas do discurso.** Campinas: Pontes, 2008.

PARETO. **Tudo o que você precisa saber sobre o seu público digital.** Blog.pareto.io, 3 mai. 2019. Disponível em: <https://blog.pareto.io/publico-digital-hootsuite-we-are-social/#:~:text=%E2%80%9CHootsuite%E2%80%9D%20e%20%E2%80%9CWe%20are,para%20o%20gestor%20de%20marketing> . Acesso em: 24 mar. 2024.

PERENCINI, Tiago Brentam. **O enunciado no pensamento arqueológico de Michel Foucault.** Kinesis, Assis, v.7, nº15, p.135-150, dez.2015. Disponível em

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/5709/3922> . Acesso em 14.mai.2024.

PETERSEN, Luciana; PACHECO, Ronilso. **Lagoinha: conheça a família Valadão, clã por trás da igreja.** Intercept, 19 jul. 2023. Disponível em:

<https://www.intercept.com.br/2023/07/19/lagoinha-conheca-familia-valadao-cla-por-tras-da-igreja/> . Acesso em: 05 fev. 2025.

PINHEIRO, Daniela. **Vitória em Cristo:** Com uma leitura singular da Bíblia, o pastor Silas Malafaia ataca feministas, homossexuais e esquerdistas enquanto prega que é dando muito que se recebe ainda mais. Anais da Religião, Revista Piauí, Edição 60, setembro de 2011, disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/vitoria-em-cristo/> Acesso em 10.agosto.2024.

PRANDI, Reginaldo. **Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização.** In: CAROSO, Carlos e Jaferson BACELAR (orgs). Faces da tradição afro-brasileira. Rio de Janeiro, Pallas e CEAQ, 1999.

QUITÉRIO, Moyses Naftali Leal. **A hipérbole do neopentecostalismo brasileiro:** estudos a respeito da Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus, o líder apóstolo Agenor Duque e suas inscrições midiáticas no cenário religioso brasileiro. 2018. 142 f. Dissertação (Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/bitstreams/21f3e442-e80c-4764-97e6-7aa60ca4380e/download> . Acesso em 09 ago.2023

RAMOS, Luiz Carlos. **A pregação na idade média:** os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea. 2005. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

RAMOS, Penha Élide Ghiotto Tuão; MARTINS, Analice de Oliveira. **Reflexões sobre a rede social Instagram:** do aplicativo à textualidade. Texto Digital, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 117-133, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/2726/4ca20ffc2545f5eb4cfad5b0b4d6bcb7f9f8.pdf> . Acesso em: 26 set. 2024.

RELIGIONS Of The World (1998) | Episode 2 | Orthodox and Roman Catholic Christianity. Produção: Ben Kingsley. [S. l.]: Grapevine Documentaries, 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yIJyx1XOOiQ&list=PLoqChUd6x7YxBsvcLrxuVa6bpUPPxbx4K&index=2> . Acesso em: 14 maio 2024.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. **O que um cristão precisa saber sobre a teologia da prosperidade.** Centro de Estudos Anglicanos. Disponível em: https://www.centroestudesanglicanos.com.br/bancodetextos/diversos/cristao_teologia_prosperidade_ribeiro.pdf . Acesso em: 09 fev. 2024.

RODOVALHO, Robson. **Deus não te criou para um salário mínimo.** Produção: Robson Rodovalho. Intérprete: Robson Rodovalho. Youtube: Bispo Rodovalho, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YIwDbC2Xgd8> . Acesso em: 21 mar. 2024.

RODOVALHO, Robson. **Olhos da Alma.** São Paulo: Editora Vida, 2007

ROGÉRIO, Thiago. O que é ativismo religioso? **Glossário Bíblico**. 20 ago. 2024. Disponível em: <https://www.glossariobiblico.com.br/glossario/o-que-e-ativismo-religioso-e-seu-impacto-social/> . Acesso em: 01.dez.2024

ROSA, Nina Gabriela Moreira Braga de Castro. **Dominação evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/download/43069789/Dominacao_evangelica_no_Brasil_Nina_Rosas_2015.pdf . Acesso em: 05 fev. 2025.

SARGENTINI, Vanice. **O arquivo e a construção de memórias**: o caso do apagão. In: ROMÃO, Lucília M. S.; GASPAR, Nádea Regina. (Org.). Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008a, p.131-142.

SIQUEIRA, Márcia C. **Bolsonarismo, redes digitais e economia política do ressentimento**. In: FREITAS, André (org.). Fé, Política e Redes Digitais. São Paulo: Cortez, 2020.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Tradução: Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SANTOS, Rone Eleandro dos. **Genealogia da Governamentalidade em Michel Foucault**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 242. 2010.

SILVA, André Luiz de Castro. **Estratégias argumentativas no auditório midiático neopentecostal**, 2016. Dissertação (Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

SILVA, Valdirene Matos da; VILLAS-BOAS, André. **Verdeamarelismo**: a narrativa estética das manifestações pró-impeachment. Colóquio Internacional de Design. p.1-13. 2020. Disponível em: <https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/cid2020/119.pdf> . Acesso em 10.ago.2024

SODRÉ, Muniz. **A salvação cotada em dólar**. Observatório da Imprensa. Jul/2001. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/a-salvao-cotada-em-dolar> . Acesso em 01 mar.2024.

SOUSA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo**: de onde vem, para onde vai? um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira. Viçosa: Ultimato, 2004.

SUBIRÁ, Luciano. A Ceia do Senhor. In: **Orvalho.com**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://site.orvalho.com/a-ceia-do-senhor/> . Acesso em: 5 ago. 2024.

STARK, Rodney; FINKE, Roger. **Acts of faith: explaining the human side of religion**. Berkeley: University of California Press, 2000. p.64-102

STOLOW, Jeremy. **Religião e mídia**: notas sobre pesquisas e direções futuras para um estudo interdisciplinar. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v.34, nº02, p.146-160, set.2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/T7SX7fNRjkhFSM9kzGtP6Zh/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em 11.nov.2022.

UOL, Portal. **Foi reclamar da Igreja Católica e causou Reforma:** quem foi Martinho Lutero. São Paulo: UOL, 31 out. 2023. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2023/10/31/foi-reclamar-da-igreja-catolica-e-causou-reforma-quem-foi-martinho-lutero.htm> . Acesso em: 7 fev. 2024.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 1ªed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2013.

WE ARE SOCIAL; MELTWATER. **Digital 2024:** 5 billion social media user. Wearesocial.com, 31 jan. 2024. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2024/01/digital-2024-5-billion-social-media-users/> . Acesso em: 24 mar. 2024.

WOOD, Ralph. **Protestants and Pictures:** Religion, Visual Culture, and the Age of American Mass Production. [S. l.]: First Things, 1 set. 2000. Disponível em: <https://firstthings.com/protestants-and-pictures-religion-visual-culture-and-the-age-of-american-mass-production/> . Acesso em: 11 fev. 2023.

ZYLBERKAN, Mariana. **Evangélicos devem ultrapassar católicos no Brasil a partir de 2032**. Veja.com.br, 4 fev. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/evangelicos-devem-ultrapassar-catolicos-no-brasil-a-partir-de-2032> . Acesso em: 10 mar. 2024.

ANEXOS



bispomacedo

Seguir

Enviar mensagem

4.039 publicações

1,5 mi seguidores

25 seguindo

Edir Macedo

Figura pública

"Não escolhemos vir ao mundo, mas temos o direito de escolher onde viver a eternidade"

bispomacedo.com.br

10 postagens



blspomacedo • Seguir

blspomacedo GUERRAS E RUMORES DE GUERRAS...NÃO VOS ASSUSTEI!

Curtido por OUTUBRO 24, 2022

Adicione um comentário...



blspomacedo • Seguir

blspomacedo AVISOS DE DEUS!

34 sem · Ver tradução

Curtido por OUTUBRO 24, 2022

Adicione um comentário...











missionariorrsoares

Seguir

Enviar mensagem



2.503 publicações

536 mil seguidores

43 seguindo

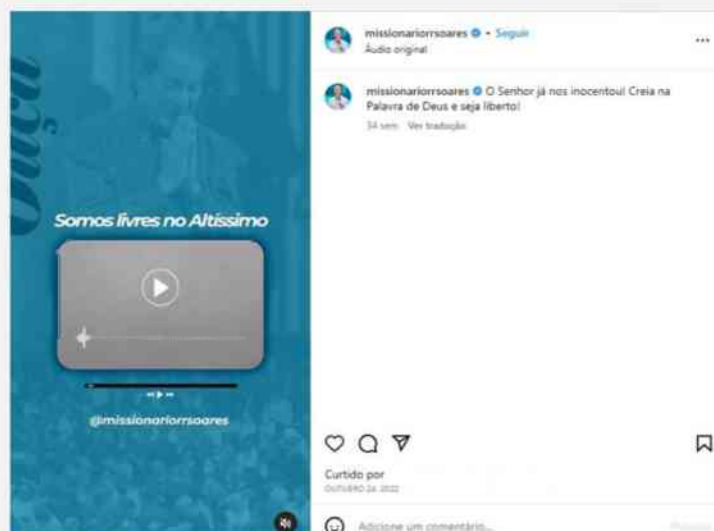
Missionário R. R. Soares

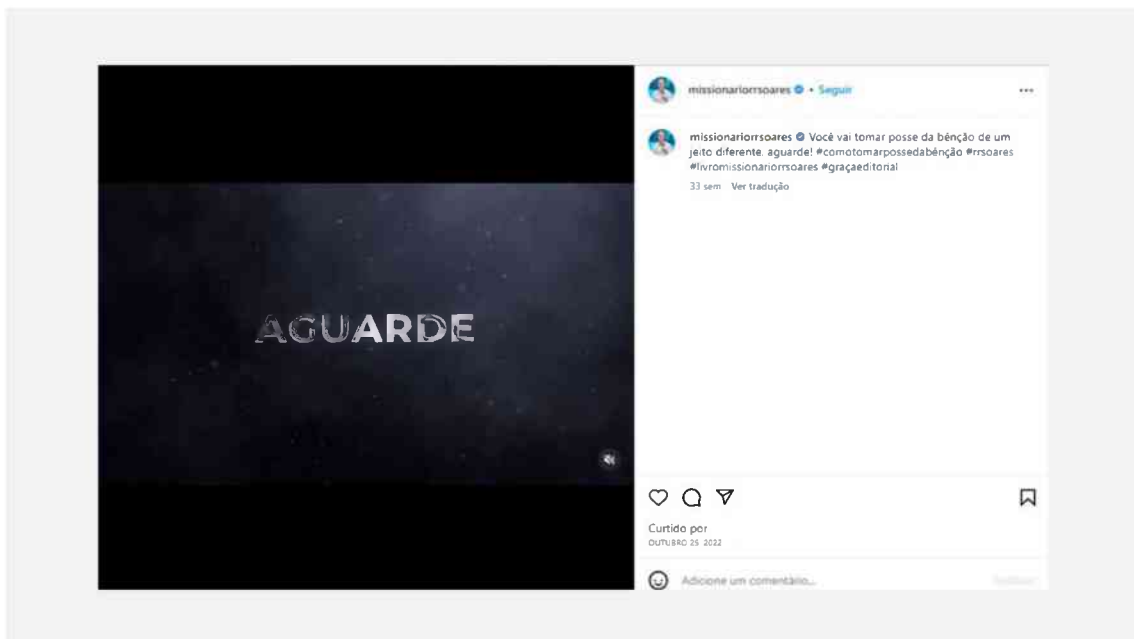
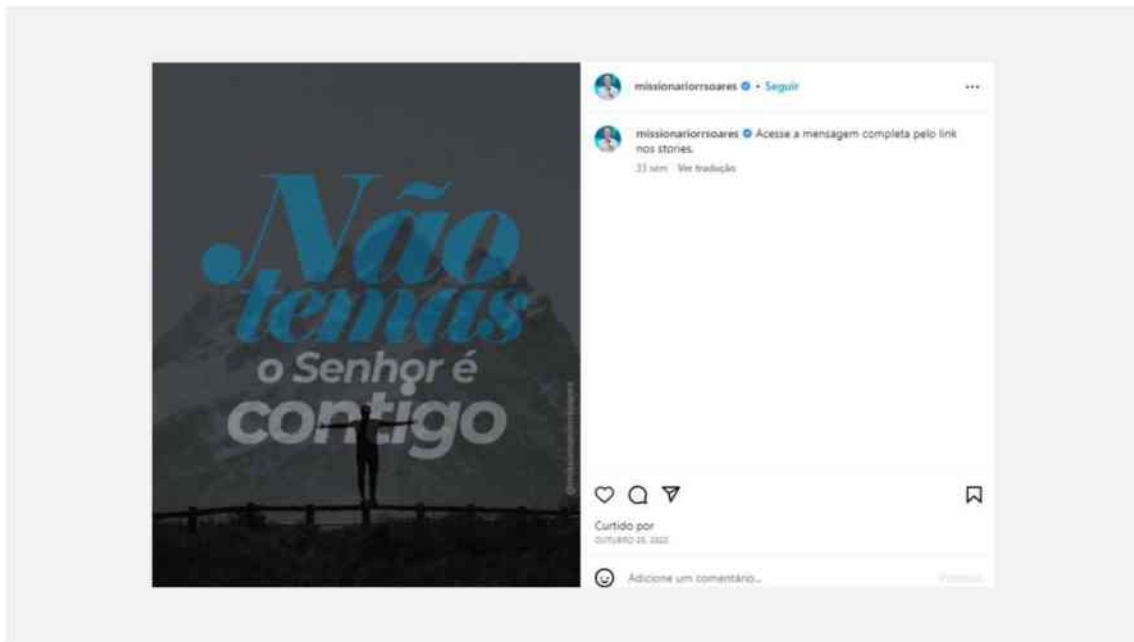
@missionariorrsoares

Perfil do Missionário R. R. Soares. Siga e acompanhe os ensinamentos pautados na Palavra de Deus, que contribuirão para a sua edificação espiritual.

linktr.ee/missionariorrsoares

10 postagens









Faça valer os seus direitos em Cristo
Depois da entrada triunfal em Jerusalém, Jesus foi ao templo e viu o que acontecia ali...

missionariorrosores • Seguir

missionariorrosores • Depois da entrada triunfal em Jerusalém, Jesus foi ao templo e viu o que acontecia ali. Algo precisava ser feito, por causa da deterioração da fé naqueles dias: resultado da radical falta de temor ao Senhor. Na minha coluna "Carta Viva", da Revista Graça Show da Fé, você compreenderá a grande lição contida nesta passagem bíblica. Acesse o link da bio!

33 sem • Ver tradução

Curtido por outubro 27, 2022

Adicione um comentário...

Como recebemos força do Senhor?

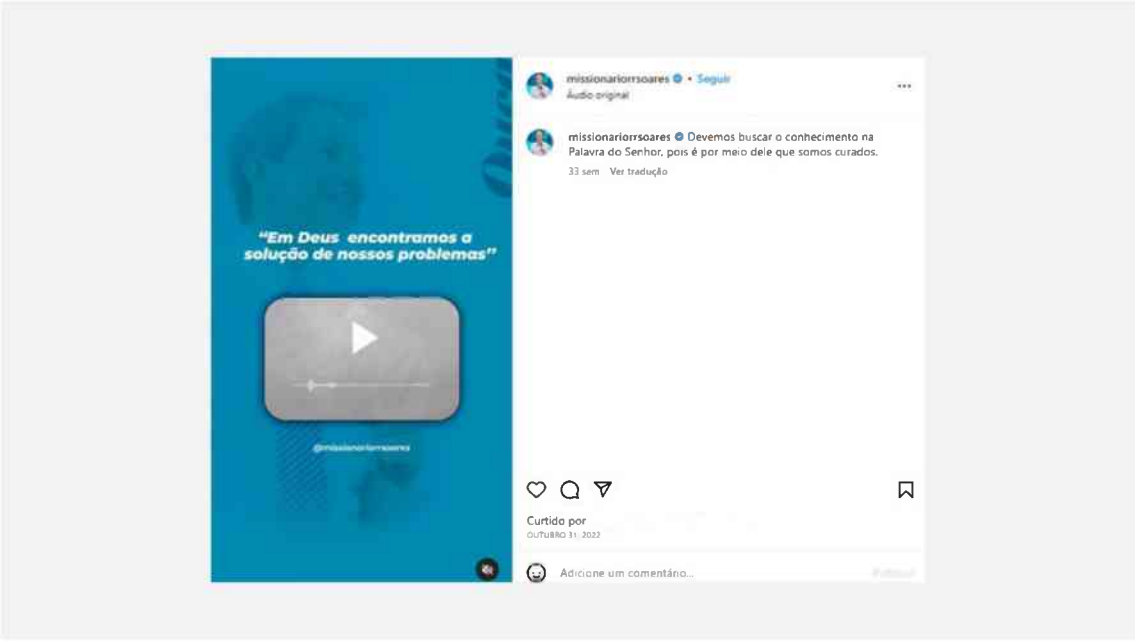
missionariorrosores • Seguir

missionariorrosores • Quando passamos pelo processo do novo nascimento, recuperamos a nossa comunhão com Deus, que foi perdida com o pecado de Adão.

33 sem • Ver tradução

Curtida por outubro 16, 2022

Adicione um comentário...





bispasonia 

[Seguir](#) [Enviar mensagem](#)  

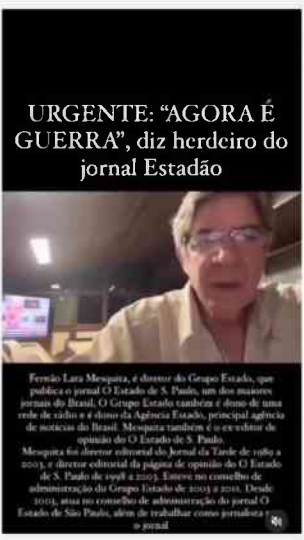
24.244 publicações 927 mil seguidores 1.554 seguindo

Bispa Sonia Hernandez

 [bispasonia](#)

Figura pública
SERVA DE JESUS CRISTO 
Bispa @igrejaenascercristo | @maisqv
Lider de Louvor @renascerpraiseoficial
Casada @apostoloestevam
linktr.ee/bispasonia

44 postagens



URGENTE: "AGORA É GUERRA", diz herdeiro do jornal Estadão

Ferreiro Lata Mesquita, é diretor do Grupo Estado, que publica o jornal O Estado de S. Paulo, um dos maiores jornais do Brasil. O Grupo Estado também é dono de uma rede de rádios e é dono da Agência Estadão, principal agência de notícias do Brasil. Mesquita também é o ex-editor de opinião do O Estado de S. Paulo.

Mesquita foi diretor editorial do jornal da Tarde de 1989 a 2013, e diretor editorial da página de opinião do O Estado de S. Paulo de 1998 a 2013. Entre no conselho de administração do Grupo Estado de 2013 a 2020. Desde 2013, atua no conselho de administração do jornal O Estado de São Paulo, além de trabalhar como jornalista no jornal.

bispasonia  • [Seguir](#)

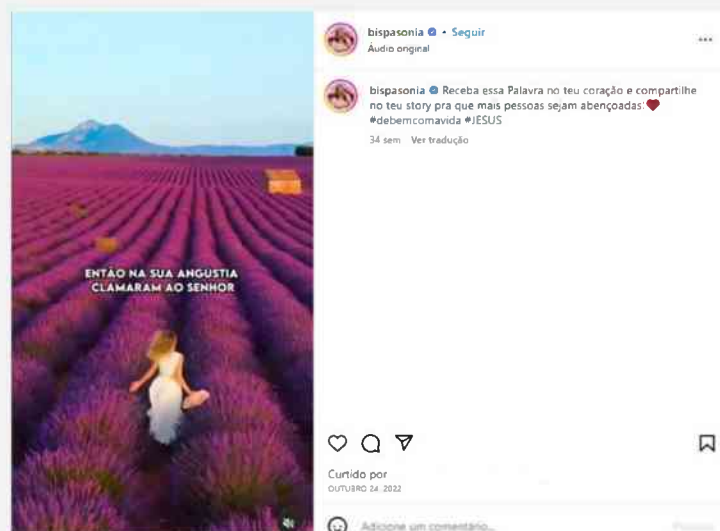
Audio original

Curtido por  e outros 10

OCTUBRO 24, 2022

 Adicione um comentário...





maisqv e bispasonia
Cicero Euclides • Fundo Musical Oração e Pregação Forte 1

maisqv É assim que vamos encerrar este ano... Declarando: DEUS AGIU EM MEU FAVOR 🙌

Não pare de crer, não pare de lutar... Deus tem muito para realizar ainda 🙌

Deixe o seu "Amém" nos comentários, se você crê nisso 🙌

#jesus #deus #fé #frase #frases #oração #esperança #biblia #motivacional #frasesinspiradoras #reflexão #igreja #bispafe #confiança #confiaremdeus #bispasonia #maisqv #frasesmotivacionais #maisqv #mulher

34 sem Ver tradução

Curtido por
OUTUBRO 24, 2022

Adicione um comentário...

Eu pedindo confirmação para Deus:



fernandahermendesoficial e bispasonia
Áudio original

fernandahermendesoficial Quem nunca né?! 🤔

Deus está falando o tempo inteiro, mas é necessário calar a nossa carne e aprender a ouvir o que o Senhor está dizendo.

Se os seus planos estiverem alinhados com os planos dele, não tem como dar errado! 🙌

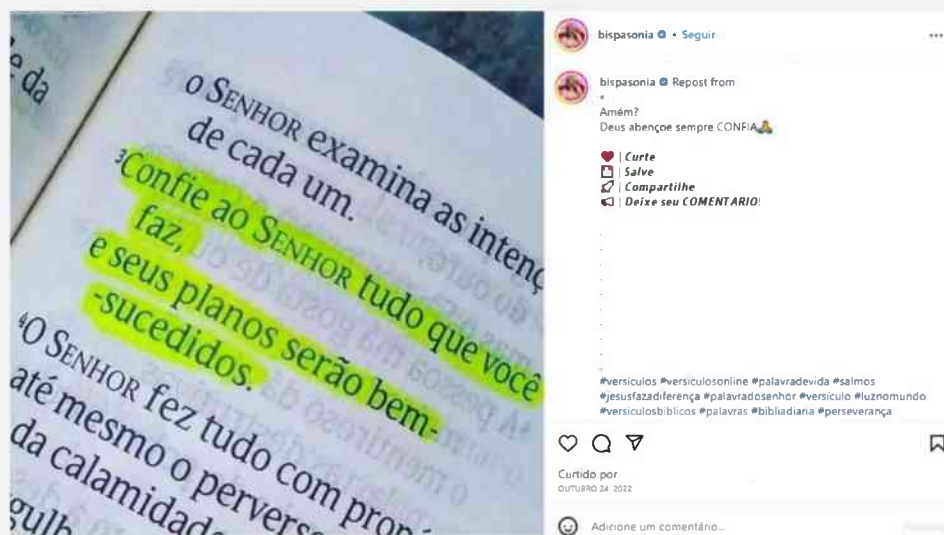
Envie este post para uma amiga que precisa ler isso 🙌

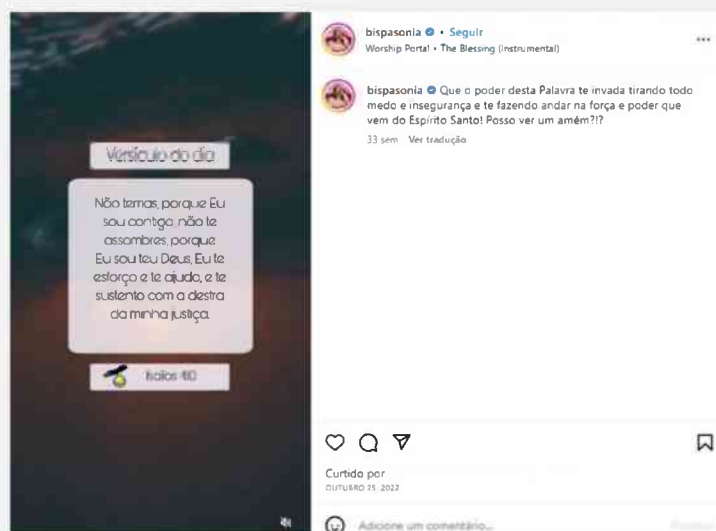
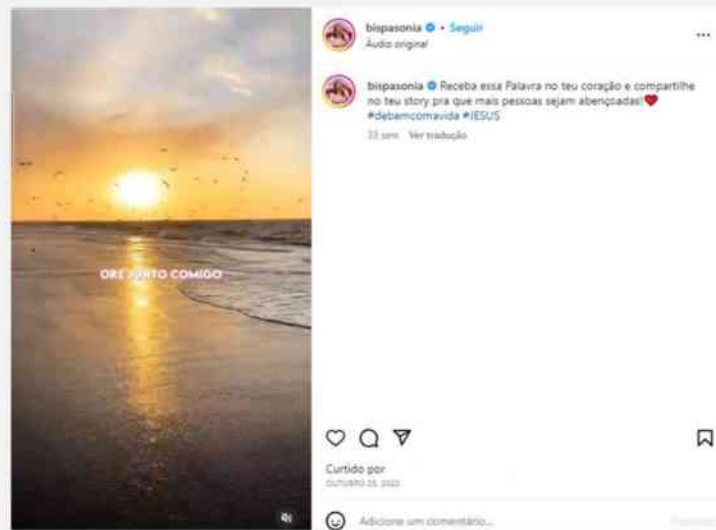
#jesus #deus #fé #frase #frases #oração #esperança #biblia #motivacional #frasesinspiradoras #reflexão #igreja #bispafe #confiança #confiaremdeus #fernandahermendes #maisqv #frasesmotivacionais #bispasonia

34 sem Ver tradução

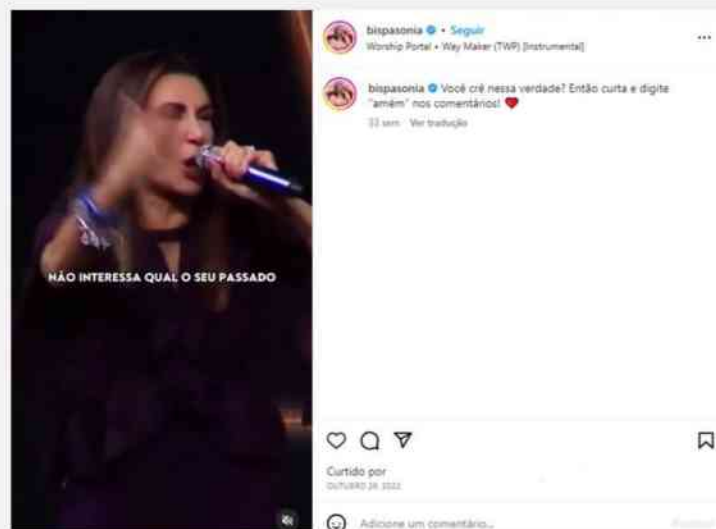
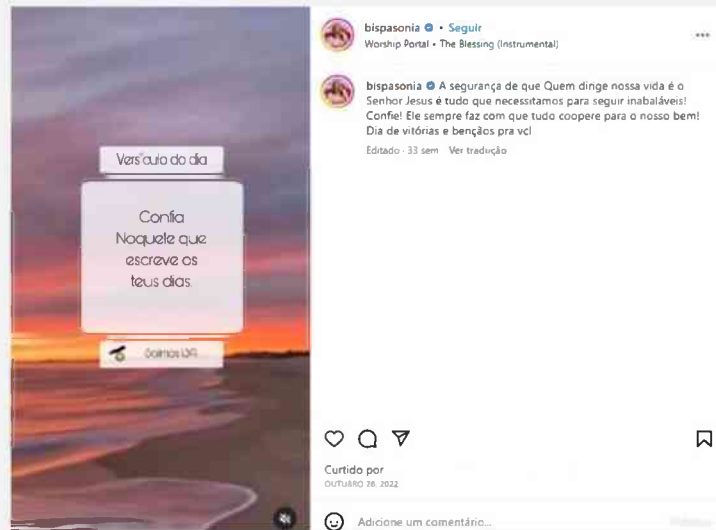
Curtido por
OUTUBRO 24, 2022

Adicione um comentário...

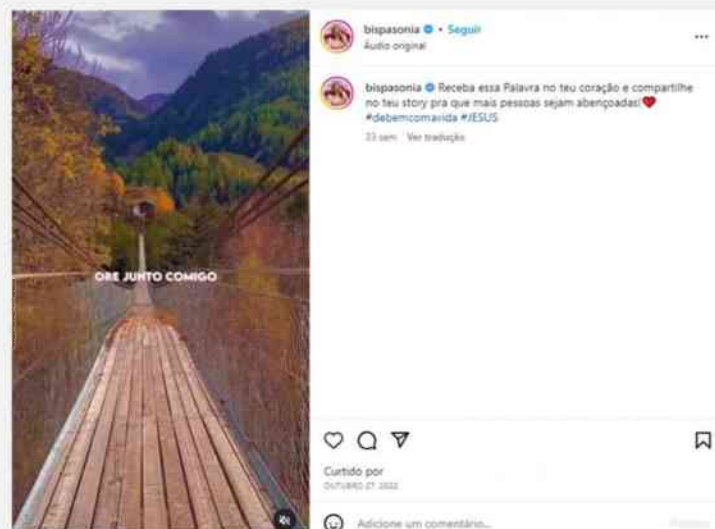


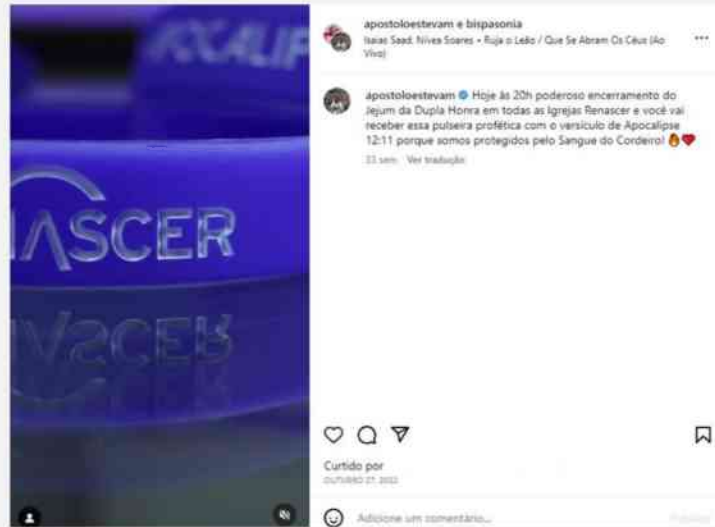


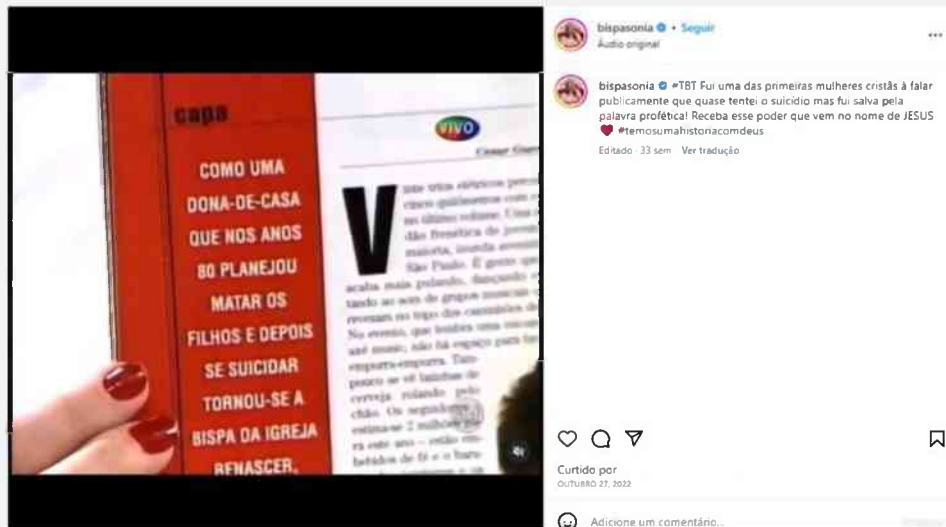


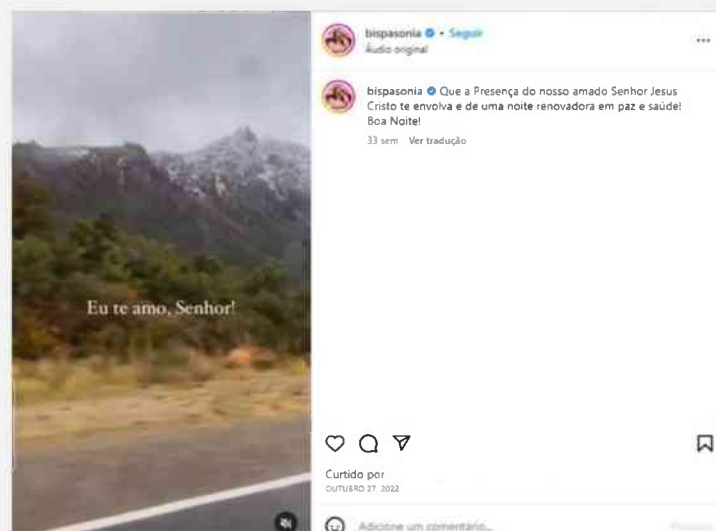














NOVA DATA
28 DE OUTUBRO
ÀS 20H R\$ 100

**MENTORIA COM BISPA SONIA
CONCORRA UMA VIAGEM PARA ISRAEL**

CARAVANA +QV EM ISRAEL DE 13 A 21 DE NOVEMBRO

RUA GENERAL GUCÉRIO, 412- RENASCER SANTO ANDRÉ

TCV RENASCER

bispasonia • Seguir
Santo André

bispasonia • Hoje estarei em Santo André para uma noite muito especial! Anda dá tempo de você estar conosco nessa mentoria comigo. (Últimos Ingressos na porta da igreja) ❤️

33 sem Ver tradução

Curtido por
OUTUBRO 28, 2022

Adicione um comentário...



aproveite o máximo que
você puder da vida

bispasonia e fernandahernandesoficial
Áudio original

bispasonia • Deus tem coisas extraordinárias reservadas para
você 🙏

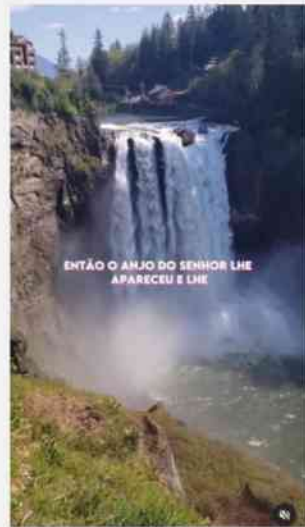
Deixe o seu like se você crê nisso ❤️

#jesus #deus #fé #frase #frases #oração #esperança #biblia
#motivacional #frasesinspiradoras #reflexão #igreja #bispafe
#confiança #confiarendeus #fernandahernandes #maisqv
#frasesmotivacionais #reelsviral #viral

Editado · 33 sem Ver tradução

Curtido por
OUTUBRO 28, 2022

Adicione um comentário...



bispasonia • Seguir
Áudio original

bispasonia • Receba essa Palavra no teu coração e partilhe no teu story pra que mais pessoas sejam abençoadas! ❤️ #debemcomavida #JESUS

23 sem · Ver tradução

Curtido por
OUTUBRO 08, 2022

Adicione um comentário...



bispasonia • Seguir
Rede Gospel de Televisão

bispasonia • Mais um super convidado no Bispa Sonia Talks. Nosso querido Marcão do Povo estará conosco nessa super entrevista! (Link na bio) ❤️

23 sem · Ver tradução

Curtido por
OUTUBRO 08, 2022

Adicione um comentário...







igreja renascerem cristo e bispasonia
 Kenel • Algo Novo (Ao Vivo) (feat. Lukas Agustinho)

igreja renascerem cristo QUE ENCONTRO MARAVILHOSO!!!
 Um grande mover com vidas transformadas e restauradas pelo poder de Deus!!!
 Marque aqui quem não pode ficar de fora do próximo encontro!!
 #encontrocomdeus #festadojordão #renasceremcristo
 33 sem Ver tradução

Curtido por
 OUTUBRO 29, 2022

Adicione um comentário...

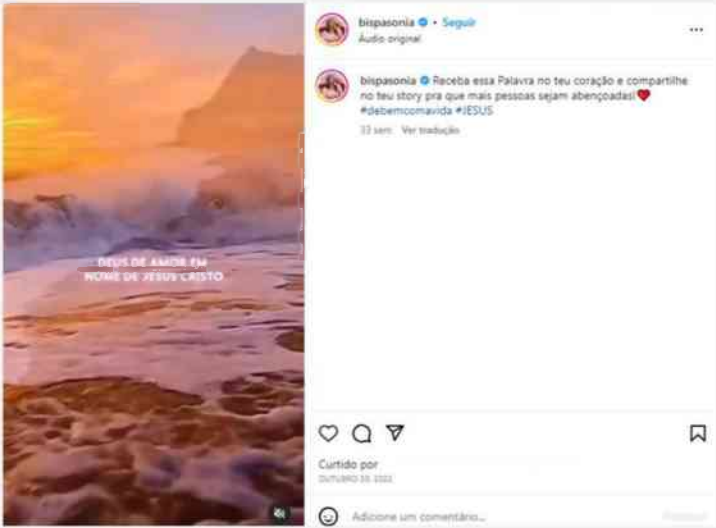


bispasonia • Seguir
 Elevation Worship • UCN (feat. Chlöe Brown, Brandon Lake)

bispasonia Ainda sobre ontem na nossa mentoria Reencontro com a Vida na Renascer Santo André. Uma noite de cura interior e salvação. Tempo de Deus para vencermos todo o luto em nossas vidas. ❤️
 33 sem Ver tradução

Curtido por
 OUTUBRO 28, 2022

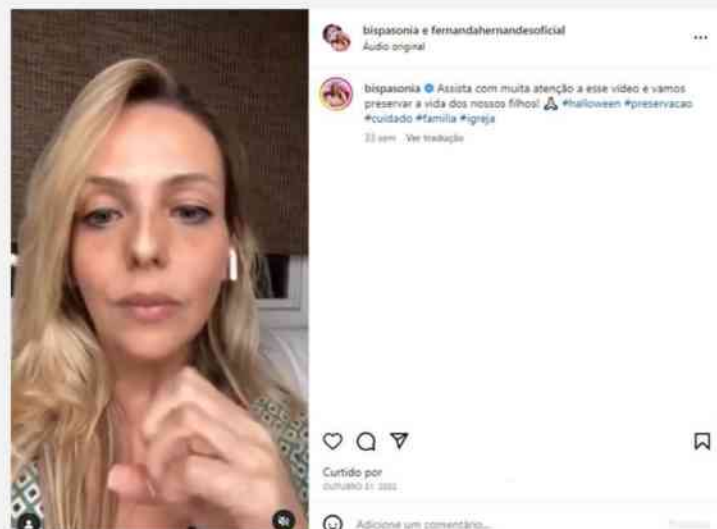
Adicione um comentário...















bispasonia

• Seguir

Audio original



bispasonia

#consagrandoonovodia Receba essa Palavra nessa madrugada. Você crê no poder de Deus? Curta e digite "amém" nos comentários. ❤️ #debemcomavida #pensamentodia #JESUS

33 sem

Ver tradução



Curtido por

OUTUBRO 31, 2022

 Adicione um comentário...





bprodovalho 

[Seguir](#) [Enviar mensagem](#)  

8.937 publicações 479 mil seguidores 598 seguindo

Robson Rodovalho

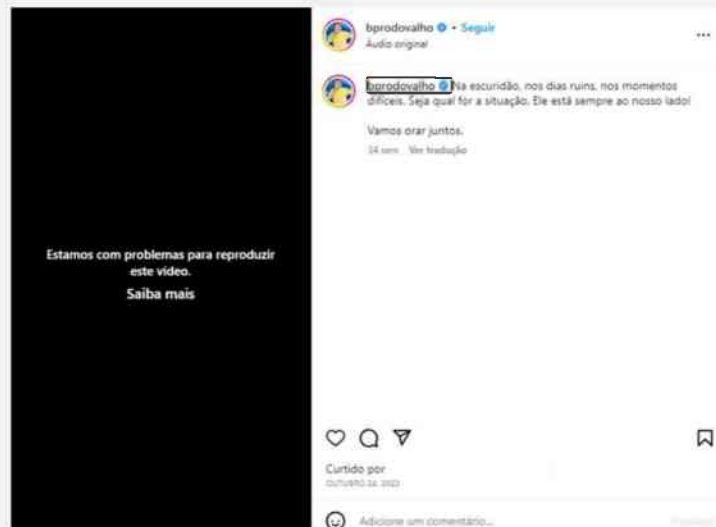
 [bprodovalho](#)

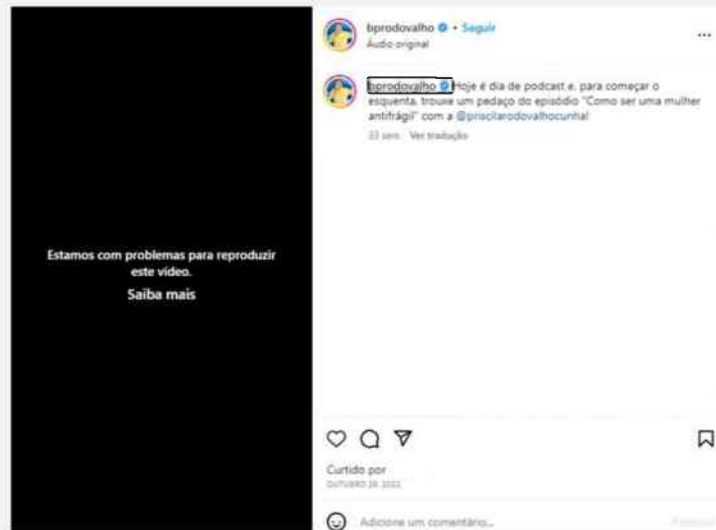
- Fundador da @sntoficial
- Físico, escritor, filósofo, apresentador e cantor

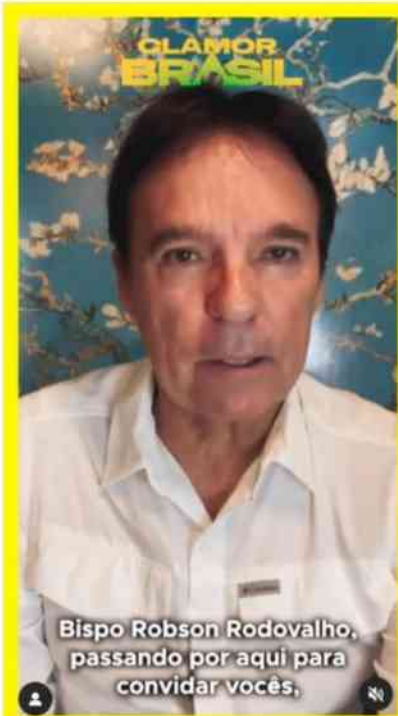
 [Acesse meus conteúdos completos](#)

 linktr.ee/bisporobsonrodovalho

22 postagens







Bispo Robson Rodovalho, passando por aqui para convidar vocês,

bprodovalho e clamorbrasil.official ...
Áudio original

bprodovalho A unidade do Corpo de Cristo existe e ela precisa ser expressada! Na sexta-feira, 28 de outubro, você é o meu convidado de honra para o nosso Clamor pelo Brasil, na Esplanada.

Quem estará conosco?

BRVEM PRA RUA!!!

Editado · 129 sem · Ver tradução

27 de outubro de 2022

Adicione um comentário...



Quem manda em um país é a sociedade, certo ou errado?

bprodovalho • Seguir ...
Áudio original

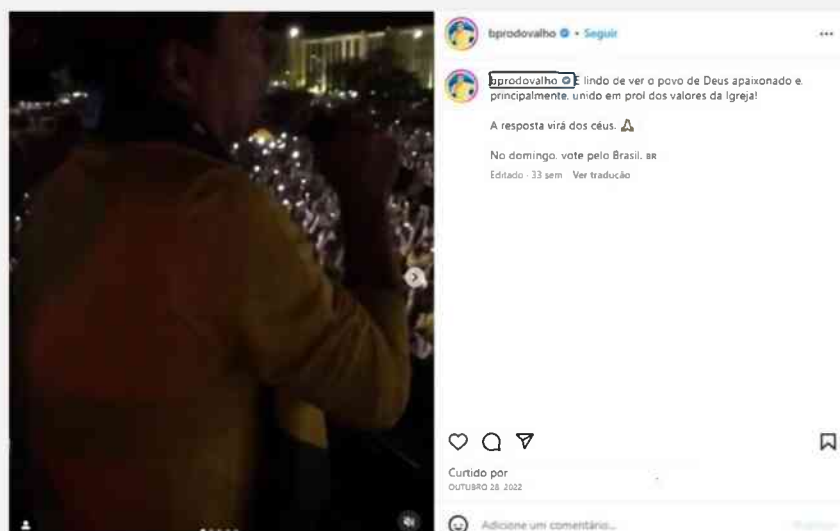
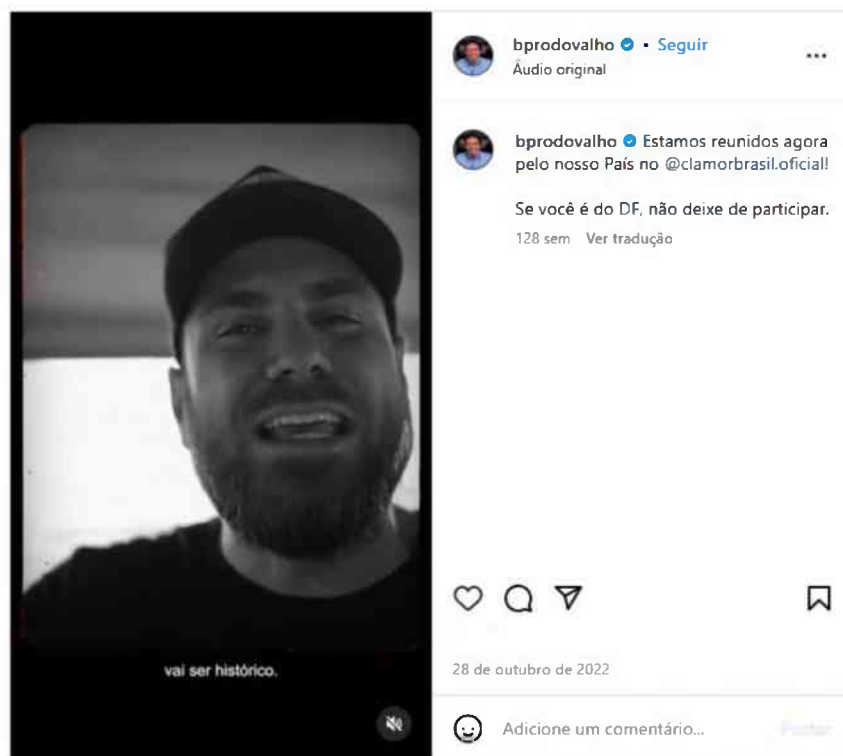
bprodovalho Seja firme...
Seja firme na hora de votar.
Seja firme na hora de cobrar dos políticos.
Seja firme na hora de julgar o trabalho deles.
Seja firme na hora de falar sobre política.
Não negocie seus valores! BR

128 sem · Ver tradução

27 de outubro de 2022

Adicione um comentário...















5 Solas da Reforma Protestante

1. *Sola Scriptura* = Somente a Escritura
2. *Solus Christus* = Somente Cristo
3. *Sola Gratia* = Só a Graça
4. *Sola Fide* = Só a Fé
5. *Soli Deo Gloria* = Somente a Deus a Glória

bprodoválho e luciarodoválho

bprodoválho 🇧🇷 Hoje, celebramos o Dia da Reforma Protestante. Há 505 anos Martinho Lutero mudou a nossa história. Em suas 95 teses havia uma base de pensamento, as 5 solas.

Essa mesma base continua sendo uma verdade sobre as nossas vidas. A Palavra de Deus é a nossa fonte. É nela que encontramos o alimento diário e por meio dela nos conectamos com o Pai. Ele por sua vez é o nosso único Salvador, por Ele recebemos a graça. Jesus é o motivo da nossa fé e somente a Ele toda a glória.

Esse é um tema muito rico, compartilhe com os seus líderes e discípulos. Você conhecia as 5 solas?

Editado · 33 sem · Ver tradução

Curtido por OUTUBRO 31, 2022

Adicione um comentário...



O QUE A PALAVRA DE DEUS DIZ SOBRE O HALLOWEEN?

bprodoválho • Seguir

bprodoválho 🇧🇷 Halloween, ou como chamamos aqui no Brasil "Dia das Bruxas", é uma data que celebra um novo ano para os celtas. A comemoração vem do Samhain, um festival pagão celebrado por esse povo há mais de 2.000 anos. O tema? O culto aos mortos!

O que será que a Bíblia diz sobre essa data? Te conto hoje!

33 sem · Ver tradução

Curtido por OUTUBRO 31, 2022

Adicione um comentário...



apvaldemirooficial 

[Seguir](#) [Enviar mensagem](#)  

4.182 publicações 237 mil seguidores 30 seguindo

Apóstolo Valdemiro Santiago

 [apvaldemirooficial](#)

Blog pessoal

 [Trecho de pregações TikTok: apvaldemirooficial](#)

 [#orecomigo](#)

 www.youtube.com/c/ApóstoloValdemiroOficial

03 postagens



apvaldemirooficial • Seguir
Igreja Mundial do Poder de Deus

apvaldemirooficial • Uma visita presidencial! 🇺🇸

Ontem tivemos uma visita do nosso presidente.

Estamos nos preparando para o que Deus tem derramado sobre o Brasil, onde Ele mostra que é o Senhor!

#brasil #nacao #impe #igreja #palavra #propósito #apvaldemiro #saopaulo #bras #presidente
34 sem · Ver tradução

Curtido por
OUTUBRO 24, 2022

Adicione um comentário...



apvaldemirooficial • Seguir
Igreja Mundial do Poder de Deus

apvaldemirooficial • Meu netoi

Você tem honrado sua família? Fruto das minhas filhas é uma riqueza para mim...

33 sem · Ver tradução

Curtido por
OUTUBRO 18, 2022

Adicione um comentário...





apostoloagenorduque ✓

[Seguir](#) [Enviar mensagem](#)  

16.675 publicações 509 mil seguidores 380 seguindo

Ap Agenor Duque

 apostoloagenorduque

 Jornalista

 Embaixador da Paz da ABFIP

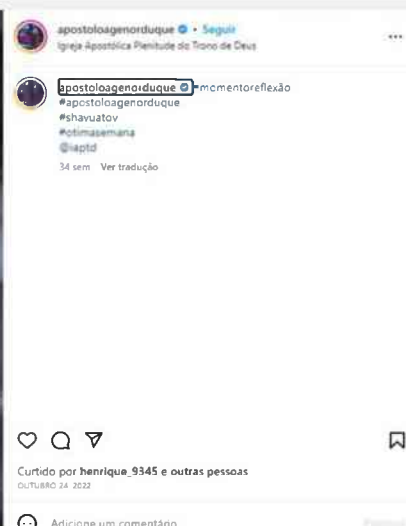
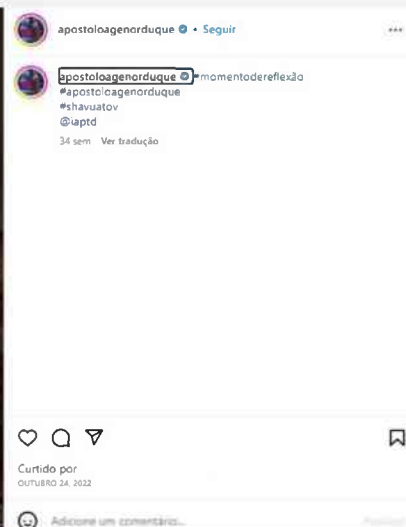
 Doctor em Teologia

 Líder da @iaptd

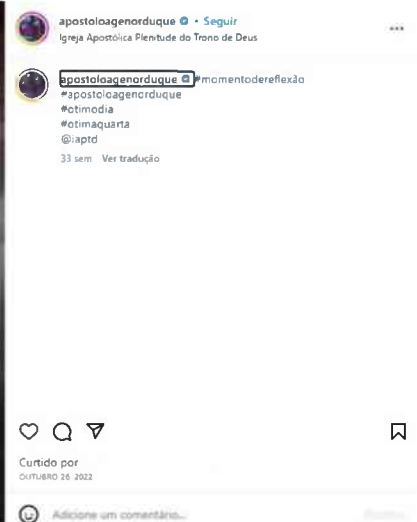
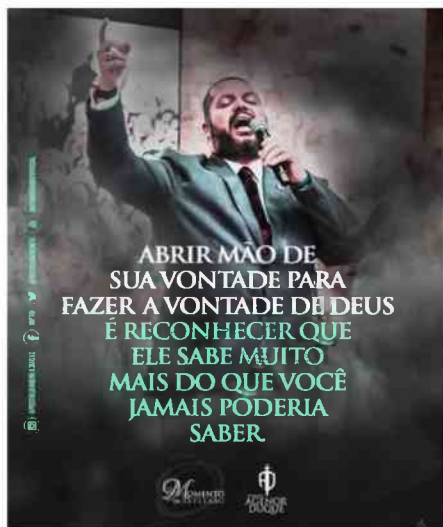
 Autor de +20 Livros

 Casado com @bispaingridduque

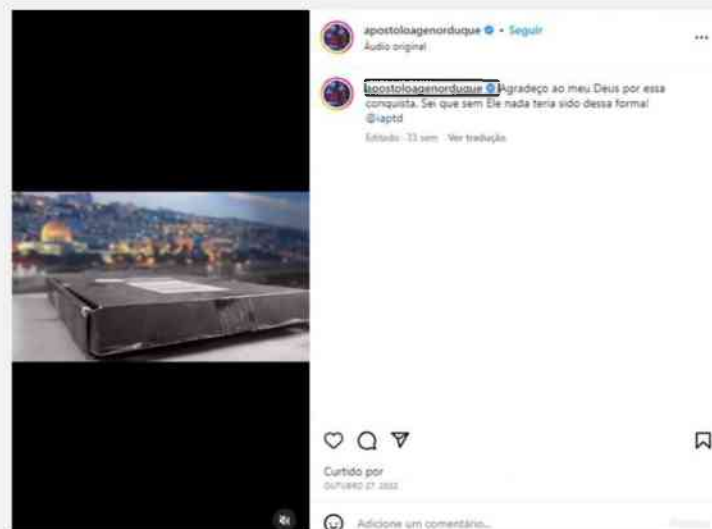
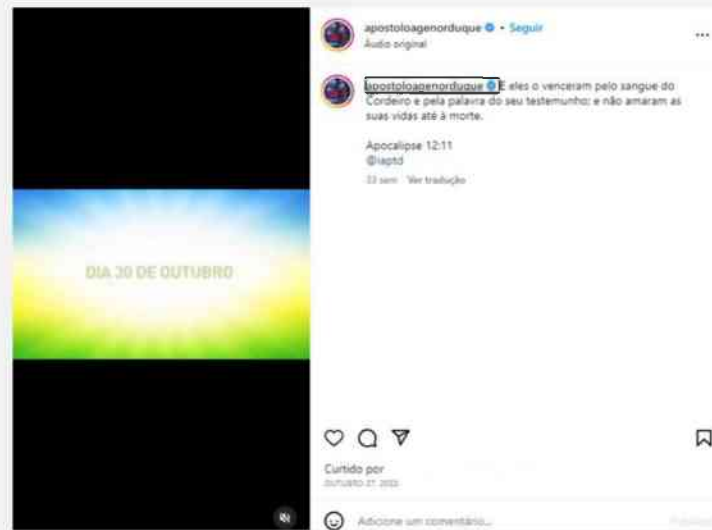
 linktr.ee/Apagenorduque













apostoloagenordugue • Seguir
Áudio original

apostoloagenordugue • Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais.

Eféios 6:12
@naptd
12 sem · Ver tradução

Curtido por outubro 28 2022

Adicione um comentário...



apostoloagenordugue • Seguir
Áudio original

apostoloagenordugue • Provérbios 15:30
O olhar de amigo alegra ao coração: as boas-novas fortalecem até os ossos.
@mauricio_pelucia
@dmproducoesoficial
@bispaingridduque
@naptd
Editado · 12 sem · Ver tradução

Curtido por outubro 28 2022

Adicione um comentário...



apostoloagenordue • Seguir
Áudio original

06:28 Acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne: vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos anciãos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões
#gratidão #confirmação #bennyhinn #congresso #fogo #avivamento #brasil @iaptd

33 sem · Ver tradução

Curtido por
OUTUBRO 29, 2022

Adicione um comentário...



apostoloagenordue • Seguir
Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus

João 8:32 E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará".
#averdade #festa #palavra #instagram #iaptdoficial @iaptd

33 sem · Ver tradução

Curtido por
OUTUBRO 29, 2022

Adicione um comentário...





apostoloagenordue • Seguir
Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus

apostoloagenordue #momentoreflexão
#apostoloagenordue
#bomdiaespintosanto
#umaboasemanaatodos
#shavua_tov
@iaptd
33 sem Ver tradução

Curtido por
OUTUBRO 30, 2022

Adicione um comentário...



apostoloagenordue • Seguir
Áudio original

apostoloagenordue QUANDO O JUSTO GOVERNA, O POVO SE ALEGRA. MAS QUANDO O ÍMPIO DOMINA, O POVO GEME* - Provérbios 29:2
#liberdade #brasil #amominhapatria
#iaptdoficial
@iaptd
33 sem Ver tradução

Curtido por
OUTUBRO 30, 2022

Adicione um comentário...



Acesse o site da Justiça Eleitoral para encontrar informações oficiais sobre as eleições de 2022.

apostoloagenordue • Seguir

apostoloagenordue • Daniel 2 vrs 21
Ele muda as épocas e as estações; destrona reis e os estabelece.
Dá sabedoria aos verdadeiros sábios e entendimento aos que buscam discernir e conhecer.
@iaptd
33 sem Ver tradução

Curtido por
OUTUBRO 30, 2022

Adicione um comentário...



apostoloagenordue • Seguir
Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus

apostoloagenordue • Recordo-me do que a história do povo de Deus nos apresenta. Em 586 a.C. O povo foi levado para o cativeiro Babilônico, por não ouvirem os profetas, principalmente, o profeta Jeremias.
@iaptd
33 sem Ver tradução

Curtido por
OUTUBRO 31, 2022

Adicione um comentário...





silasmalafaia

Seguir

Enviar mensagem

10.475 publicações

4,4 mi seguidores

118 seguindo

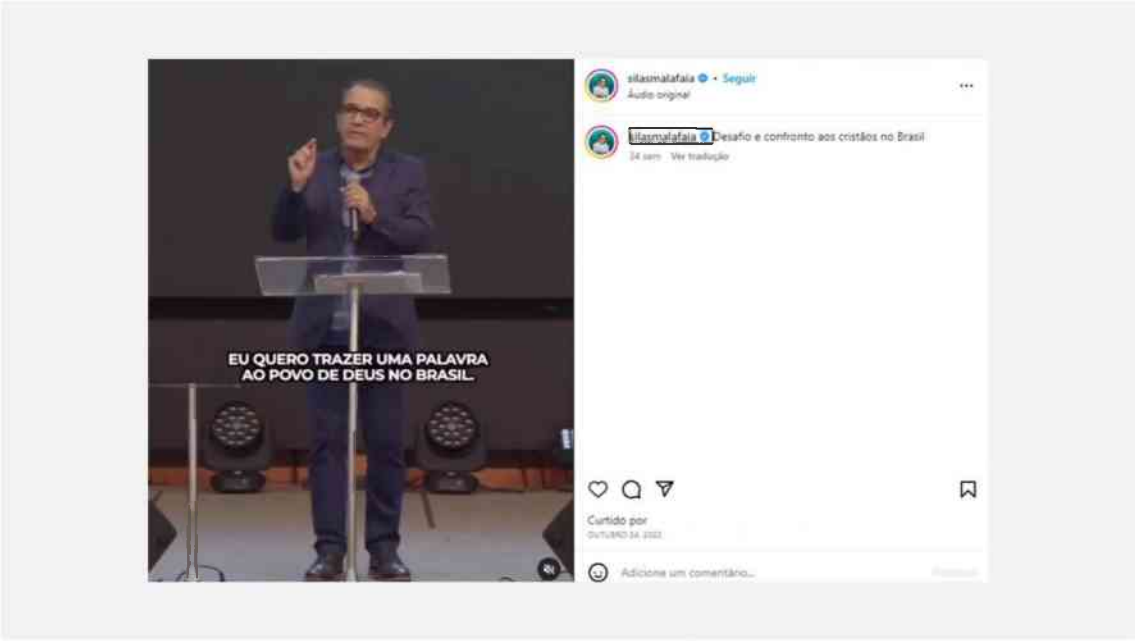
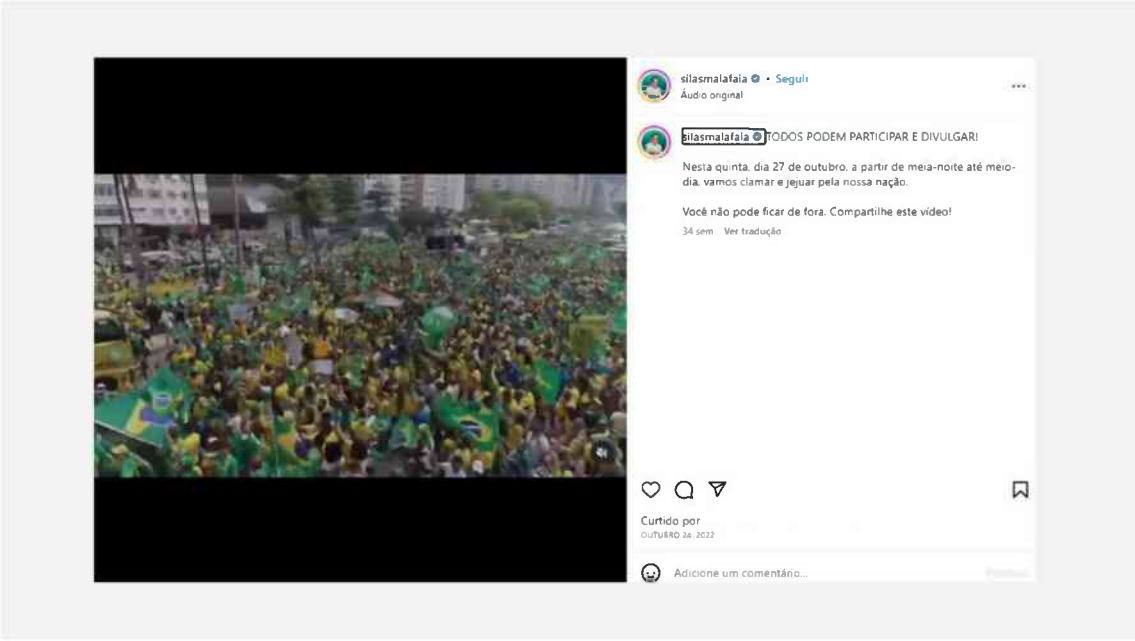
Pastor Silas Malafaia

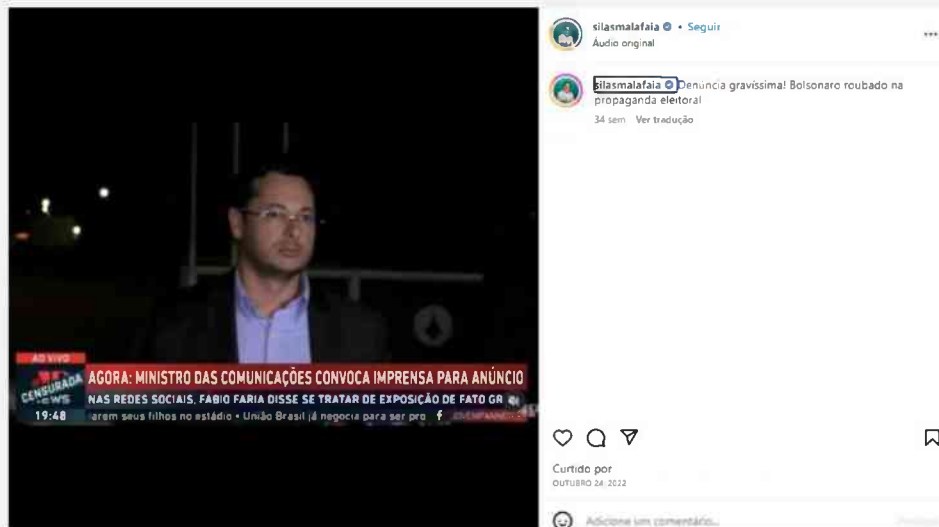
silasmalafaia

• Uma voz em defesa da Verdade

• Pastor presidente da @advecoficial

keepo.io/silasmalafaia

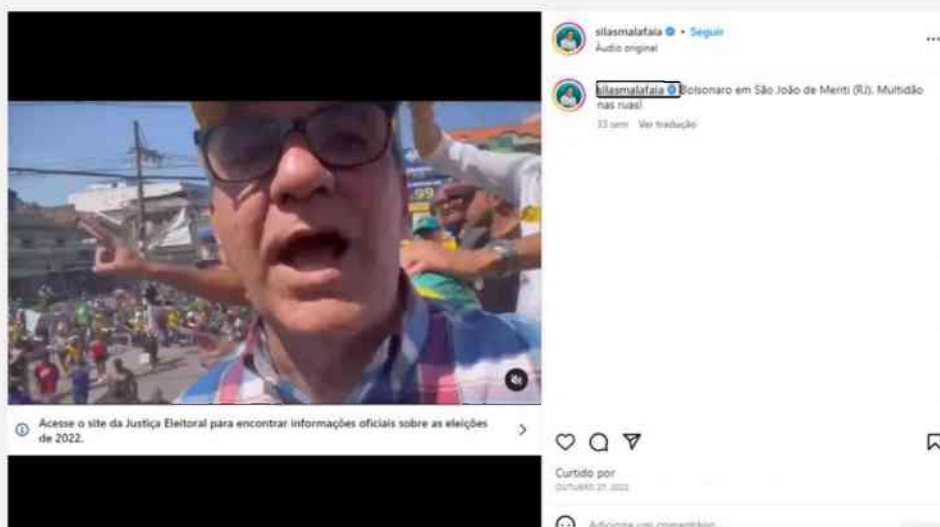


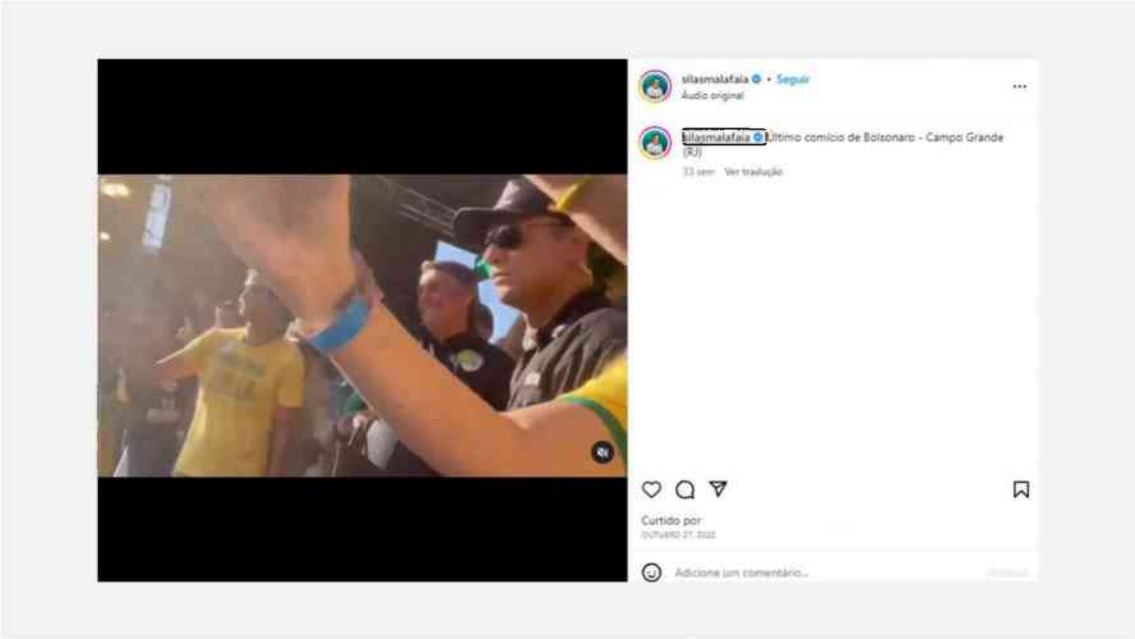
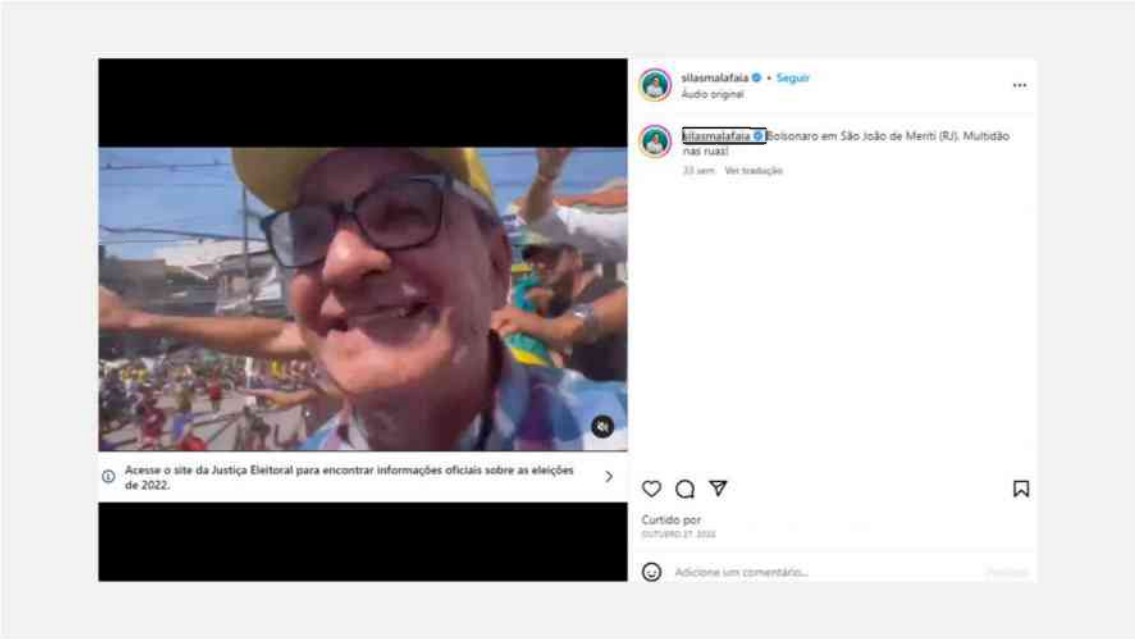




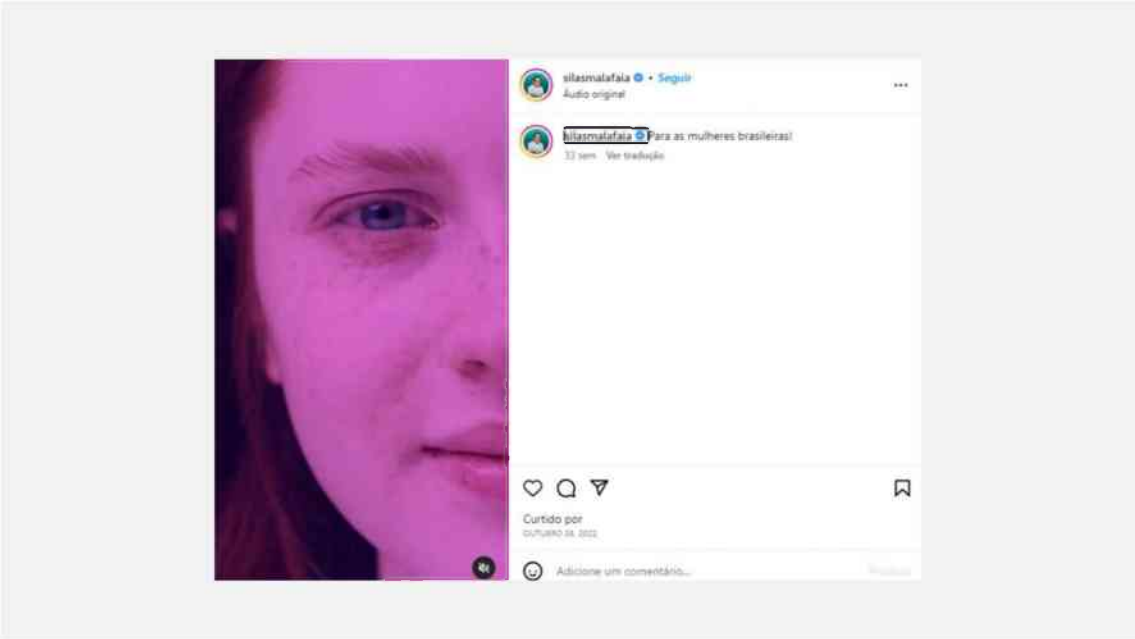
















LULA DESCONVERSOU SOBRE GEDDEL, MAS VEJA QUEM É ELE!



...a hora que levantar o carpete da sala, vocês não ver a podridão que tem lá

EX-MINISTRO DE LULA, COORDENADOR DE CAMPANHA DO PETISTA E PRESO POR 51 MILHÕES DE CORRUPÇÃO!

silasmalafaia • Seguir
Áudio original

silasmalafaia • Bolsonaro, Lula, pastores e o ex-ministro Guedes
33 sem · Ver tradução

Curtido por
OUTUBRO 29 2022

Adicione um comentário...

BOLSONARO ESTÁ NA FRENTE DE LULA!



silasmalafaia • Seguir
Áudio original

silasmalafaia • Bolsonaro está na frente de Lula!
33 sem · Ver tradução

Curtido por
OUTUBRO 29 2022

Acesse o site da Justiça Eleitoral para encontrar informações oficiais sobre as eleições de 2022.

Adicione um comentário...



